△
53609

Δ 53609

A Monsieur Ferdinand Denis.

en témoignage de profond respect et d'admiration

Offert

par son dévoué confrère et ami

Dr Antonio Henriques Leal

Lisbonne - le 15 février - 1874.

Δ 53609 FA

LOCUBRAÇÕES

A

SCIENCIAS E LETTRAS

LOCUBRAÇÕES

DE

ANTONIO HENRIQUES LEAL

(Natural do Maranhão)

Doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro
commendador da Imperial Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico
Geographico e Ethnographico do Brasil
da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, etc.

BIBLIOTHECA PUBLICA

Á VENDA NO MARANHÃO

LIVRARIA POPULAR DE MAGALHÃES & C.ª

EDITORES-PROPRIETARIOS

23 LARGO DO PALACIO 23

1874

Reservam-se os editores todo o direito de propriedade, e perseguirão, como as leis lhes facultam, a quem expor á venda exemplares da presente edição d'esta obra sem a sua assignatura.

IMPRESSO EM LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31—Rua da Cruz de Pau—31

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL

ADVERTENCIA

Trabalhar e luctar — eis o destino da humanidade. A condição mais essencial e nobre do contracto tacito e permanente que firmou o homem com a propria consciencia e com a sociedade é a do trabalho.

Acorrentado qual Prometheu, nem por isso me lastimo da enfermidade que, originada no ardor e excesso com que dedicava-me á profissão de medico e aos negocios de minha provincia natal, invalidou-me e tolhe-me que prosiga n'elles; mas já que a Deus aprouve, na sua bondade summa, conceder-me fôrças bastantes, procuro ainda assim prestar a meu paiz serviços, dado que menos proficuos, ao alcance de certo de minhas posses intellectuaes e na medida de meus modestos intentos.

Não consentindo-me o animo que malbarate o tempo que posso empregar sem perigo no recolhimento do espirito e no estudo reflectido, tra-

balho com a penna, e n'esse lidar, postoque sem enthusiasmo e alacridade para a ceifa das flores da litteratura, por vir já tarde, compraz-me ao menos restolhar em alheios campos.

É documento d'isto o livro que hoje dou á estampa. São estas *Locubrações* um composto de inéditos que escrevi adrede para com elles dar certo ar de novidade a alguns trabalhos que escolhi d'entre os muitos artigos e relatorios que andam dispersos por jornaes. Apparecem elles n'este volume concertados, augmentados e em parte melhorados para accommodarem-se ao molde a que ora os affeiçoei.

Desculpar-me-hão, porventura, esta publicação, quando souberem que não fui levado a ella por especulação, visto como cedi de proprio motuo a propriedade da presente edição a um laborioso e honesto comprovinciano meu, sem outra mira senão a da íntima satisfação de ter tentado concorrer de alguma fórma para o incremento de sua industria.

Lisboa, 2 de dezembro de 1873.

O Author

SCIENCIAS

QUESTÃO

MEDICO-FORENSE

A LOUCURA INSTANTANEA E TRANSITORIA[1]

É para mim ponto inconteste e fóra de toda a dúvida que, entre as mil enfermidades que atormentam e dizimam a humanidade, não só figura, porém com mais frequencia do que talvez se julgue, *a loucura instantanea e passageira*. Esse mal, que perverte e aniquila as faculdades moraes, accommettendo a uns individuos uma só vez na vida, e a outros com intermittencias, de tempos a tempos, e fazendo explosão ás subitas. Como um raio que, atravessando o espaço, assombra, fulmina e mata, ou derrue, estraga e reduz a cinzas tudo quanto encontra, e contrares-

[1] Pelas dez horas da manhan de 22 de janeiro de 1866, quando estavam as salas da casa da residencia do dr. Antonio Borges L. Castello Branco cheias de cavalheiros e damas, que acudiam para se despedirem d'elle e da familia, que partiam para Caxias, foi ahi accommettido o sr. dr. Gil Castello Branco por seu primo o sr. dr. Raymundo B. L. Castello Branco, que, de rewolver em punho, disparou-lhe cinco tiros á queima-roupa, acertando-lhe, porém, apenas só o último no braço, tão a esmo e desatinadamente foram elles dirigidos!... Por estas circumstancias, occasião e hora, por se ter dado o crime na praça mais pública da cidade, na proximidade de uma numerosa guarda, qual a do palacio do governo, em local em que estava agglomerada mais de uma centena de pessoas, quando o poderia ter feito no escuro da noite e em logar deserto; e mais que tudo pelos motivos futeis que o poderiam ter compellido a practicar tão nefando attentado na pessoa de um parente tão chegado e amigo, tudo induzia-me

ta-lhe a marcha violenta e destruidora, para desapparecer com a mesma rapidez, assim esses infelizes caminham ás cegas, dominados e impellidos por um ataque de furor, que, com a violencia com que se manifesta, tambem se esvae — fugaz como a luz electrica.

Não apresentarei, no entanto, em materia de tanta ponderação e magnitude, meu parecer só por só e desacompanhado; mas ahi estão os homens especiaes da sciencia, os alienistas mais celebrados e conspicuos, encanecidos na perscrutação d'estes factos, que a vigoram e confirmam, definindo, descrevendo, caracterisando a molestia e corroborando sua existencia com observações práticas estudadas com o paciente espirito de investigação e consummado criterio e intelligencia que honram tão authorisados práticos; e, por derradeiro, os tribunaes, que teem aceitado taes factos como prova inconcussa e poderosa de circumstancia attenuante para a absolvição de reus, julgados loucos no momento em que commetteram os crimes por que são processados.

Entre tantos especialistas, da plana de Esquirol, Dieffenbach, Marc, Heim, Leuret e outros, e authores de não menor nota, como Devergie, Orfila e Briand, que se occuparam da materia, em seus tractados de medicina legal, expla-

a attribuir esse facto a um accesso de loucura. Vieram depois ainda mais robustecer-me essa opinião as discussões, e em especial os argumentos da accusação, que se deram no primeiro julgamento, que o condemnaram. Suppuz desde logo que teria elle sido favoravel ao reu se a questão fosse posta no seu verdadeiro terreno — no da medicina legal. Logo que soube que o sr. dr. Raymundo Borges ia ser submettido a novo jury, e a despeito da brevidade do tempo, fui-me voluntariamente offerecer ao dr. Fernando Vieira de Sousa, patrono do reu, para formular um parecer sobre a questão, convencido como eu estava da inculpabilidade moral de seu cliente. Serviu esse trabalho, que vae aqui impresso, de fundamento á defeza, conseguindo esse talentoso advogado levar a convicção ao espirito do tribunal, que absolveu o sr. dr. Raymundo B. L. Castello Branco, restituindo assim á sociedade um prestimoso cidadão, e deixando-me a satisfação de ter concorrido para isso de algum modo com o meu mesquinho contingente.

nando-a com argumentos e factos convincentes, apenas apoiar-me-hei n'alguns, para não fatigar a attenção dos que me leem.

Esquirol, um dos mais notaveis alienistas e companheiro de Pinel na creação da eschola moderna d'esta especialidade, appellidando essa enfermidade de *monomania impulsiva* ou *instinctiva*, assim a descreve: «O enfermo é impellido a commetter actos que nem a razão, nem o sentimento lh'os determina, e que a consciencia reprova, *mas que a vontade não tem fôrça bastante para reprimir;* são suas acções involuntarias, instinctivas, irresistiveis.» (*Traité des maladies mentales* — 1838, tom. I, pag. 332.) Acrescenta em outro logar da sua obra: «N'esses casos (nos da loucura impulsiva ou transitoria) o monomaniaco homicida não apresenta notavel alteração da intelligencia e das affeições. É impellido por um instincto cego, por qualquer coisa inexplicavel que o arrasta e o compelle a matar.» (Obr. cit. — tom. II, pag. 90.)

Marc, authoridade não menos respeitavel, comprehende sob a denominação de loucura transitora, passageira ou temporaria «não sómente qualquer desordem mental que, manifestando-se *subitamente*, *desapparece em pouco tempo*, como tambem os accessos de loucura que offerecem intervallos lucidos e *intermittencias* regulares ou *irregulares*.» (*De la folie considerée dans ses rapports avec les questions medico-légales* — 1840, tom. II.)

Classificando Fabre na pag. 515 do tom. IX da sua *Bibliothèque du medécin praticien* os differentes modos por que se manifesta o desarranjo das faculdades mentaes, expressa-se quanto á terceira especie: «Irrompe instantaneamente, e *a vontade não póde resistir á fôrça da impulsão.*»

Devergie, que dá a esta especie o nome de *loucura intermittente irregular*, assegura que ella não patenteia os

seus effeitos senão no proprio momento da acção, não porque a idéa dominante talvez tenha acudido ao espirito no instante em que foi aquella realisada; mas porque, subjugada até então pela razão do infeliz por ella atormentado, deu-se a final um momento em que a inclinação para leval-a a effeito foi *mais forte do que a vontade.*» (*Médicine légale*—1838, tom. III, pag. 954.) Depois de exemplificar suas proposições com casos de similhante enfermidade, diz o author o seguinte na pag. 954 do tom. III: «Admittiremos que ha circumstancias em que o homem, que *mostrou-se no decurso da vida de espirito sempre são, póde, sem causa conhecida e bem averiguada dos mais, ser affectado de monomania variavel, como a idéa dominante que a caracterisa, e por isso mesmo capaz de o despenhar em uma acção criminôsa.*»

Briand, no *Manuel complet de médecine-légale*—1852, expressa-se de pag. 545 a pag. 546: «A alienação irrompe algumas vezes *de repente*, sem causa conhecida, ou, pelo menos, sua invasão segue immediatamente á acção da causa occasional.

«Por que, pois, estabelecer sobre este ponto differença entre as affecções mentaes e as physicas? Falla-se constantemente em mortes succedidas umas empoz outras e em poucas horas, de mortes subitas, de apoplexias fulminantes, por que deixará, pois, de haver *loucuras instantaneas?* Sentimos a miudo dores vivas, pungentes, que nos apparecem e somem-se de improviso, como um relampago, por que se não hãode dar tambem assim *loucuras repentinas* e *passageiras?* Ha, diz o célebre magistrado Bellart, loucos a quem a natureza condemna á eterna perda da razão, e *outros que não a perdem senão repentinamente:* a differença entre estas duas loucuras está só na sua *duração.*»

No *Tractado elementar de medicina legal*, escreve Fur-

tado Galvão o seguinte: «Mas tambem póde a mania romper sem terem precedido phenomenos premonitorios que a annunciassem.

«Deverá admittir-se a fórma de alienação, dita *mania instantanea e transitoria?* Póde um individuo, que está no uso pleno da razão, ser atacado de mania, commetter, em virtude d'ella, desatinos ou actos violentos, e logo, em seguida, recuperar a razão?» (Tom. I, pag. 161.)

Depois de citar factos que confirmam a existencia da loucura instantanea, conclue na mesma pagina citada: «Todos estes factos *comprovam assaz a existencia e a verdade da mania instantanea.*»

De quantos escriptores que tractam d'esta materia e tenho á vista, só Casper (*Traité pratique de médecine-légale*) afasta-se do pensar quasi unanime dos medicos e jurisconsultos allemães por achar similhante classificação perigosa e anti-scientifica (obr. cit., tom. I, pag. 331), sem, comtudo, poder eximir-se de reconhecer a existencia do facto, tanto que confessa na pagina anterior que a «*monomania* póde manifestar-se *subitamente* em um *homem são de espirito*, sob a influição de qualquer causa e *sem que sua marcha seja ordinaria;* e n'estes casos esvae-se ella, por assim dizer, *em um só accesso.*»

Se as theorias e a práctica de abalisados sabios, que teem cavado e esclarecido a materia, instigados pelo bem da humanidade, e de maneira a que a *loucura transitoria e instantanea* seja aceita na nosologia, não bastam para convencer nossos juizes de facto da existencia d'essa enfermidade, creio que o exemplo de tribunaes e magistrados insuspeitos, que teem admittido como circumstancia attenuante para absolver em os infelizes que são d'ella atacados no momento de commetterem crimes, hade-lhes desvanecer qualquer dúvida que paire em seu espirito, e nem vacillarão suas consciencias em admittil-a

no caso vertente como prova de irresponsabilidade do reu.

De ha muitos annos que é isso praxe corrente no fôro da Allemanha e no da França; e ainda mesmo no de Portugal teem havido ultimamente sentenças consoantes a esses principios scientificos. Não entrando nos fundamentos que fizeram com que o jury da corte absolvesse, vae em poucos mezes, o medico dr. José Marianno da Silva e o magistrado dr. Cerqueira Lima, accusados ambos de terem assassinado as proprias esposas, suspeitas por elles de infieis, cito apenas o facto da absolvição dos reus para demonstrar que a allegação de estarem dominados por accesso de loucura no acto de perpetrarem o crime foi sufficiente para que o jury os absolvesse; e que, portanto, no nosso paiz já é reconhecida essa doutrina.

Se na Inglaterra e nos Estados Unidos absolvem os infelizes que commettem violencias em similhante estado, sem darem-lhes, comtudo, plena liberdade, fazendo-os antes recolher por isso a um hospicio de loucos, não é que não reconheçam a *loucura transitoria e instantanea*, tanto que serve para modificar o rigor da penalidade; e se n'esses paizes não imitam n'este ponto os que lhe são pares em civilisação, é porque ainda não reformaram estas disposições legislativas de harmonia com os progressos da sciencia e os hodiernos principios humanitarios.

* * *

Temos provas ainda mais cabaes nos casos de loucura instantanea e passageira observados pelos alienistas já citados, e dos quaes adduzirei os mais frisantes, resumindo-os, para com elles fixar melhor e completar este ponto.

Refere Casper na *Observação* 173 (obra já citada), que Blaich, sem causa sabida, deu morte subita a seus dois filhos, um de quatro e outro de anno e meio de edade, decepando-lhes as cabeças! Todos quantos conheciam Blaich, ficaram pasmos de surpreza, por quanto seu caracter, vida anterior e a excessiva affeição, que sempre mostrára pelos filhos, não podiam por fórma alguma fazer prever um acto tão horrivel. Sendo, porém, as testimunhas incontestes em que o accusado era homem pacifico e honesto, e ouvida a opinião do proprio Casper, de que Blaich, «por occasião da perpetração do crime estava privado de sua liberdade moral, e, por conseguinte, sem responsabilidade», foi elle absolvido.

Levantou-se o tecelão Dietrich (*Obs.* 174, obr. cit.) uma manhan, e em quanto sua mulher trabalhava em outro quarto, foi buscar á cozinha um machado, e, aproximando-se do leito onde dormia seu filho mais novo, partiu-lhe a cabeça ás machadadas. Era no entanto homem laborioso, affavel, brando de indole, e nunca notaram a menor contenda ou violencia no sèio d'esse casal tranquillo, de quem era o menino assassinado o filho querido.

Marc, na *Observação* 195 (obr. cit.) refere que Florent Meunier passára alguns dias a carrear estrume, cantando e dansando em quanto trabalhava, e que na vespera de commetter o acto de carnificina d'onde lhe resultou a prisão, fallára de sanctos, e na mesma manhan do crime fôra com a mulher a uma romaria. De volta, dirigiu-se pelas nove horas do dia a alguns visinhos, convidando-os a virem a sua casa; chegado, porém, que foi a ella lançou mão de um machado, e em um accesso de furor inaudito foi á estrebaria e matou a vacca; passando-lhe pela porta uma mendiga atirou-se a ella, e tendo-a derribado logo ao primeiro golpe, ainda lhe desfechou mais tres; ferindo empoz sua mulher no hombro; endireitou-se em seguida para casa do

seu medico, onde encontrou só a mulher d'este, que conseguiu acalmal-o um tanto; mas não tardou que entrasse de novo em furor e a tentasse ferir. Não o conseguindo, porém, partiu a continuar pelas ruas na perpetração de novos crimes, até que o poderam capturar.

O pedreiro Gueth (*Obs.* 3), depois de restabelecido de uma ulcera syphilitica e no dia em que lhe participaram que ia ter alta do hospital, com o que se mostrou bastante satisfeito, accommetteu-o, no entanto, poucas horas depois, accessos de furia, e entrou a quebrar tudo e a espancar quem d'elle se acercava, com visiveis mostras de terror. Foi impossivel descobrir a causa d'esta situação horrivel, que cedeu completamente a uma sangria e a fortes dóses de tartaro emetico, e nunca mais voltou.

Michu, na these de 1826 (*Discussions médico-légales sur la monomanie homicide*), conta que uma camponeza de vinte e quatro annos, lhana e bondosa, mas pouco communicativa, havia dez dias que dera á luz seu primeiro filho, quando ao amamental-o sentiu grande desejo de o afogar. Treme, deita-o de novo no berço e sae de casa. Passadas horas volta já serena; mas levando-o outra vez ao seio reapparece-lhe a idéa de matal-o. Corre ao presbyterio, confessa ao cura o seu damnado proposito e pede-lhe que a separe do filho, o que feito, e passados tempos, recebeu-o contente e livre da monomania homicida.

Conta Georget, na sua *Discussion médico-légale sur la folie*, que em outubro de 1826 foi ter com elle a mulher de um sapateiro, pedindo-lhe remedio contra o intento que d'ella se apoderára de matar seus quatro filhos, que estimava mais do que a si propria e que a ajudavam a viver. Nada em seu aspecto ou em sua saude indicava que estivesse louca; entretanto, apesar de medicada, continuou por algum tempo a persistir em tão funesto proposito.

Marc, tantas vezes por mim citado, diz que uma criada

do barão de Humboldt dirigira-se um dia toda debulhada em prantos á sua ama, instando para que a dispensasse do serviço, porque todas as vezes que despia o filhinho d'aquella dava-lhe impetos de lhe arrancar as entranhas.

«Uma joven senhora, acrescenta elle, que se recolhêra a uma casa de saude, sentia frequentes desejos homicidas, cuja causa não podia indicar.

«Um distincto chimico, poeta estimado, de caracter naturalmente brando e social, recolhêra-se á casa de saude, atormentado de inclinação homicida.

«Não se encontram na sociedade, diz ainda o mesmo author, pessoas razoaveis e de reconhecida moralidade que confessam ter sido, ao menos uma vez na vida, surprehendidas por um accesso de extravagancia ou mesmo de atrocidade?»

O proprio Marc confessa ter tido uma vez, ao passar pela Pont-au-Change, o impulso de precipitar na agua um pedreiro que estava sentado no parapeito da ponte; e que Talma tambem lhe affirmára ter tido identica impulsão, assim como Lichtemberg, célebre professor de Goettinga, que deliciára-se por vezes ao imaginar nos meios de privar tal ou tal individuo da vida, ou de incendiar certo e determinado edificio!

Terminarei esta serie de factos por este que, vindo muito ao caso, foi levado por Devergie ao conhecimento da Academia de medicina de Paris, na sua sessão de 1 de março de 1859. Em 1855 um joven bordelense de dezenove annos de edade, matára com um tiro de pistola, e sem causa averiguada, sua madrasta. Tendo Devergie provado no jury que fôra um acto de loucura transitoria que compellira este mancebo a commetter similhante crime, foi elle absolvido, militando, comtudo, contra o reu a circumstancia de que vivêra retirado de sua madrasta desde a edade de nove annos, quando seu pae contrahíra segundas nupcias, e que

este *afastamento* tornou-se pelo tempo adiante em *aversão* contra ella, de modo que se poderia attribuir o assassinato a esta *causa*. Dois dias antes, porém, da sessão acima referida, escrevêra-lhe um irmão da victima annunciando-lhe a morte do mancebo e as circumstancias que então se deram, e que eram no interesse da sciencia e da verdade.

Retirára-se em 1855 esse mancebo para Bruxellas, onde vivia segregado de todos. A 29 de janeiro de 1859 deixou repentinamente a sua residencia, vindo para Bordeus, onde em vez de procurar o pae a quem estimava, foi para um hotel onde pernoitou. Na seguinte manhan, comprou um par de pistolas, e, mettendo-se n'uma sege, foi ter ao cemiterio, onde jaziam os despojos mortaes da madrasta. Ajoelhado ali sobre a sepultura d'esta, escreveu algumas linhas na carteira, e, depondo-a sobre o tumulo, disparou em si as pistolas, fazendo saltar os miolos.

Entre outras palavras que continha a folha escripta notavam-se estas: «Quero morrer sobre a sepultura d'aquella a quem tanto amei e de quem tenho vivas saudades!»

«Como conciliar, pois, exclama Devergie, e eu com elle, esta declaração feita no momento de suicidar-se, com *a aversão que por dez annos nutrira contra sua madrasta*, e que davam como causa do assassinato?

«Não ha duvidar que tanto esta linguagem, como o termo da vida d'este mancebo por meio do suicidio, são obra de um louco. Assim que, não poderá hoje aninhar-se a mais leve sombra de dúvida, ainda nos espiritos mais prevenidos, contra a sentença de absolvição e o parecer medico que a provocou.» (*Abeille médicale*, tom. XVI, pag. 77.)

* * *

A natureza do mal como que está inculcando as causas efficientes que podem facilmente produzil-o para que as enumere por miudo. Origina-se, pois, a *loucura transitoria* ou *instantanea* nos profundos pezares, em uma paixão violenta, nos desgostos domesticos, e, sobretudo, nos que entendem com a honra ou procedem de decepções, esperanças perdidas sem regresso, d'essas feridas do coração que não ha balsamo para guarecel-as; em resumo, de qualquer d'esses soffrimentos moraes ou affectivos tão communs na vida do homem, e que todos são cabaes para apagar as luzes da razão em qualquer individuo. Acresce a estas as causas physicas, taes como a hereditariedade, temperamento bilioso e nervoso, enfermidades das visceras thoracicas e abdominaes, quédas e ferimentos, em especial na cabeça, etc.

D'entre todas estas causas individualisarei a predisposição hereditaria, para não cançar a attenção dos leitores com desenvolver as mais.

São os alienistas uniformes em affirmar que quando apparecem em certas familias amiudados casos de loucura, ha vehementes presumpções de que tal membro, cujos actos na sua maioria são fóra do commum, acha-se mais ou menos soffrendo do mal.

Não ha que oppor objecção a esta doutrina consagrada pela sciencia e em que é unisono o parecer dos alienistas, affirmando com innumeros factos que a hereditariedade da loucura vae não só de paes a filhos, mas de tios, de avós, de irmãos, sendo mais para observar que, em manifestando-se tão lastimoso mal em um, quasi sempre, em tempos mais

ou menos proximos, apparece elle em outros parentes, ou que alguns, quando menos, dão testimunho de que suas faculdades mentaes funccionam com irregularidade.

Tendo por ocioso adduzir o que allegam os authores para assim corroborar estas proposições tão comesinhas para quem entende da materia, apontarei apenas como dignas de consulta as seguintes obras:

Des maladies mentales, pag. 38 e 64 do tom. I, e pag. 278 e 302 do tom. II; as *Recherches statistiques sur l'hérédité de la folie*, por Baillarger, e que vem no *Boletim da Academia real de medicina*, 1847, tom. XII, pag. 760; *Des maladies mentales*, por Farlet, 1864, pag. XLIV da introducção; *Existe-t-il des signes particuliers de la predisposition héréditaire dans les affections mentales?*—memoria apresentada em 1851 á Academia por A. D. J. Moreau.

* * *

Estribado nos dados acima expostos, bem como no apoucado cabedal scientifico de que disponho, e fazendo applicação d'elles ao facto que deu logar á prisão e processo do sr. dr. Raymundo Borges L. Castello Branco, sou de parecer que elle soffre, com espaçadas intermittencias, de desarranjo tanto das faculdades intellectuaes como das affectivas, e isto pelo menos desde as suas desavenças com o juiz de direito de Sancta Catharina; e se outros actos de sua vida não me induzissem a affirmar similhante proposição, bastava agora o da tentativa de homicidio contra a pessoa do sr. dr. Candido Gil Castello Branco com todas as circumstancias que o acompanharam e precederam, para que d'isso me convencesse.

Vejamos, portanto, se os precedentes de sua vida, seu

caracter e índole, os exemplos da casa paterna, a educação recebida, e, finalmente, se o motivo e a maneira por que commetteu o attentado não provam exuberantemente que o practicaria só em um accesso de loucura transitoria, explicada e confirmada por seu temperamento, herança collateral e procedimento mais ou menos excentrico e irregular.

Seus paes, o dr. Miguel de Sousa Borges L. Castello Branco e D. Maria da Luz Castello Branco eram, por suas virtudes peregrinas e bondade summa, adorados e venerados em todo o Piauhy e comarca de Caxias. Resume-se em poucas palavras o maior elogio que se possa tecer ao dr. Miguel Borges Castello Branco, dizendo-se que nas quadras calamitosas e semi-barbaras do Piauhy, quando ninguem ousava andar de dia senão armado, e á noite só em casos urgentissimos e cercado de homens tambem armados, percorria elle todo o sertão espurio e inerme, e isto a qualquer hora que lhe comprazia ou em que tinha de acudir a algum doente no desempenho de sua profissão. Quanto á sua virtuosa mãe, com aquelle espirito angelico, possuia cofre inextinguivel de consolações para os afflictos, e a bolça sempre aberta para os famintos e nus. Até os nove annos foi este o ensino, foram estes os exemplares e as práticas que teve presentes, e por onde guiou-se o sr. dr. Raymundo Borges; foram os sãos principios de moral e de religião, que bebeu e manifestou sempre até ali no transcurso de sua existencia.

Depois do fallecimento de seus paes esteve, com exepção de anno e meio, em que frequentou o collegio do dr. Domingos M. Perdigão, na companhia do sr. dr. Antonio Borges L. Castello Branco, seu irmão, a quem todos conhecemos e acatâmos, e cujos excellentes predicados são devidamente apreciados e admirados. Foi aconselhado e guiado assim até os dezesete annos quando partiu então para a

academia; não consta que nem no collegio, nem em Olinda, nem em S. Paulo, onde estudou o último anno do curso juridico, nem no termo do Bananal, onde exerceu com louvor o cargo de promotor público, nem em Sancta Catharina, onde foi juiz municipal, désse mostras de caracter violento, rancoroso, vingativo ou exaltado, por onde se podesse presumir que fosse dado ou viesse a practicar atrocidades. O que sempre se lhe notou foi algum amor proprio, foi certa pertinacia em sustentar suas opiniões, foi um toque de melancholia que com os annos e as vicissitudes da vida veiu de dia para dia augmentando cada vez mais. Como estudante, como homem feito, como orgam da justiça, como juiz, não se aponta um só facto que o deslustre, nem um acto de rudeza ou má indole. Eis os seus precedentes até ás desagradaveis occurrencias que se deram entre elle e o juiz de direito da sua comarca. Deshouveram-se elles por causa da politica, e desde então estabeleceu-se lucta mesquinha e desegual entre o que era superior em posição e o que o era em talentos e saber, resultando d'ahi que o sr. dr. Castello Branco tinha frequentes occasiões para vencer o juiz. Foram n'estas renhidas e acerbas disputas offendidos a miudo os melindres do sr. dr. Raymundo B. L. Castello Branco, e creio que d'isso resultou-lhe ora padecimentos do figado, ora exaltações do cérebro, ou concurrentemente uns e outros. O certo é que só á conta de aberração da intelligencia é que se póde attribuir a *resposta* por elle escripta no processo monstruoso e irrisorio que lhe foi movido pelo juiz de direito, quando, findo o seu quatriennio, estava de partida de Sancta Catharina para a corte. Magistrado recto e irreprehensivel, não podia o sr. dr. Raymundo Borges escrever tal acervo de insensatez e disparates, principalmente quando aspirava um juizado de direito, se porventura não estivessem pervertidas as suas faculdades mentaes. Chegado ao Rio de Janeiro, descobriram n'elle seus amigos

uma inconstancia de idéas, uma perplexidade em tudo, e tal contradicção no que dizia e projectava fazer, que lhe não pareciam de bom agoiro. Ora dizia-se victima de perseguições de certo individuo, que d'ahi a pouco dava como seu protector nas pretenções que trazia encaminhadas; ora tencionava ir residir n'esta ou n'aquella provincia do sul, e breve mudava de intento, querendo vir para sua provincia natal, etc.; como estes poderia accumular factos da mesma ordem que me foram transmittidos por um amigo a quem dirigi-me n'estas indagações.

Cumpre notar que para estes e os factos que vou indicando, servi-me principalmente da propria accusação, e de documentos e impressos que foram vulgarisados pelo author e seus parentes por occasião do primeiro julgamento.

Cinjamo-n'os a elles. Após tantos projectos e fantas irresoluções, partiu, a final, o sr. dr. Borges para o Piauhy, onde casou com uma joven senhora a quem consagrava entranhado amor. Na propria noite do casamento, segundo nol-o affirma, além das testimunhas, o proprio sogro, que em uma correspondencia publicada no *Paiz* de 1 de outubro do anno passado diz: «foi elle (palavras textuaes) quem maltractou minha filha *desde a sua primeira noite de nupcias;* fica n'essa noite e nos dias subsequentes recolhido no seu quarto, sequestrado de todos e prohibe que a mulher tomasse parte nas bodas», deixando assim pairar vehementes suspeitas de que fôra maculada a virgindade da noiva, porque outros juizos se não podem e nem devem inferir da abstenção e ausencia do noivo, quando é muito natural mostrarem-se elles a quem os obsequeia, quando mais não seja senão pelo orgulho que leva o homem n'estas occasiões a apavonar sua victoria e felicidade. Mas o sr. dr. Borges, muito pelo contrário, desde a propria noite do noivado maltracta, em vez de affagar, a noiva, e só conviveram durante quinze dias sob os mesmos tectos!

O que prova tudo isto? Não são documentos irrefragaveis de que o intellecto do sr. dr. Raymundo Borges, que tem eclipses e se conturba de tempos a tempos, foi affectado de novo com a viva commoção que o abalou com a posse do bem amado, salteando-lhe de repente a allucinação de julgar a esposa maculada? Fulminado por tão horrivel decepção, postoque filha de sua imaginação superexcitada, mas coisa muito fativel de succeder a quem não tem a razão segura, a illusão apoderou-se d'elle, e essa idéa dominou-o e o desvairou. Não será isto motivo cogente para esconder-se a vistas curiosas, para deixar de concorrer a uma festa que para elle era leito de Procusto? E como explicar de outro modo que na propria noite de nupcias e mais de uma vez maltractasse a joven esposa com palavras e actos offensivos, e até tentasse contra os dias d'aquella a quem se ligára para sempre, levado por amor que lhe tinha, tornando de fel, e bem amargo, o que para os mais dos conjuges é de mel dulcissimo?! É bem sabido que poucos dias depois de casado recolheu-se á casa do sr. dr. Almendra, seu amigo da infancia, abrindo-se com elle e instando que o aconselhasse; mas tão incoherentes lhe pareceram a este suas idéas, tal agitação e tão pronunciada mudança notou-lhe na physionomia e no olhar espantadiço e fixo, que o teve por louco, e este estado não foi tão passageiro que não désse tempo para que o amigo convocasse medicos. Contrapõem á carta do sr. dr. Almendra convocando os facultativos, os attestados em que declaram estes que não acharam symptomas de loucura no sr. dr. Borges, que negára, além d'isso, que tivesse estado fóra do uso de suas faculdades intellectuaes. Pergunto agora qual é esse que, ainda debaixo do accesso de loucura, e, muito mais ainda, quando tem voltado á razão e com a consciencia de seus actos, se confessa louco?! Para que fingir-se tal para com seu amigo, a quem ia pedir conselhos e consolação, e

ficar n'esse estado por muitas horas e a ponto de o assustar sériamente? Repellem a idéa de que fosse isso uma farça a seriedade de seu caracter, a gravidade do objecto e os nobres sentimentos que tanto o preoccupavam.

Vem ainda mais reforçar a opinião, que fórmo, de que o sr. dr. Raymundo Borges tem tido por diversas vezes desarranjos mentaes mais ou menos violentos e bruscos, o testamento que fez ao sair do Piauhy, e que foi presente aos jurados no primeiro julgamento, e ahi reconhecido que lhe não faltava nem uma formalidade legal que denunciasse ter sido ante-dactado, ou envolver outro qualquer ponto de nullidade por onde se descobrisse artificio preparado para a occasião. Pois bem, esse documento valioso é a melhor prova do enfraquecimento de sua razão, e ninguem ousará suspeitar, por certo, que houvesse n'essa dacta e occasião premeditação ou fosse obra feita de caso pensado. Confirmam mais esse enfraquecimento mental do sr. dr. Borges o isolamento em que vivia aqui, evitando dar-se com quem quer que fosse, sem procurar seus collegas de academia, sem communicar com qualquer outrem a não ser com seu irmão, e as cartas incongruentes e mal escriptas que tem dirigido á esposa e que se acham publicadas em um folheto mandado distribuir pelo sogro, e nas quaes a má redacção e a falta de nexo desmentem o talento e saber de quem publicou em S. Paulo a critica humoristica *Os zoilos* e o folheto sobre a instrucção pública. Não são tambem outros tantos documentos d'isso as incertezas e hesitações em que fluctuava, já querendo partir para o Rio, e mudando de resolução quando a viagem estava prestes a realisar-se, e já tractando de ir estabelecer-se no Pará; e, finalmente, esta tentativa de homicidio contra seu primo e amigo, o sr. dr. Candido Gil, homem inoffensivo, estimavel por suas qualidades benemerentes, e sobreposse amigo intimo de seu irmão? Dar por moveis d'esse attentado a ambição e a vingança, como

quer o orgam da justiça pública, sobre serem razões inconsistentes e em nada plausiveis, são de todo o ponto infundadas. Se procurasse o sr. dr. Raymundo Borges vingar-se de alguem, sería do sogro, sería do primo de sua mulher, de quem tinha ciumes, como se deprehende dos autos, sería, finalmente, do individuo que na sua imaginação enferma se lhe afigurava o seductor e perpetrador da supposta violação, e nunca de quem lhe era tão conjuncto pelo sangue e pela amizade, e que se alguma queixa poderia ter d'elle sería pelo facto, sem importancia, de procurar n'esta cidade advogado para tractar da questão do divorcio; e tanto não lhe tinha rancor por isso, que dois dias depois de chegado aqui o sr. dr. Gil Castello Branco, apressou-se a escrever-lhe o reu em termos de boa amizade, como está provado tambem dos autos, desculpando-se por não o ter até então visitado. Se havia desejo da parte do sr. dr. Raymundo Borges de vingar-se dos que se interessaram pelo processo de divorcio, movido no fôro ecclesiastico, mais depressa e com maioria de causa saciaria essa paixão no advogado, ou melhor ainda no juiz que lavrou a sentença de separação; e a querer-se rastrear ahi o motivo que compelliu o sr. dr. Borges a commetter o attentado de que o inculpam, sería constituil-o um facinora célebre nos annaes dos crimes famosos! O outro motivo, o da ambição, é ainda mais absurdo que o da vingança; porque attentar contra a vida do tio de sua esposa significaria irreconciliação para todo o sempre com aquella e seus parentes, e é rematado dislate esse meio de pôr termo ao divorcio e já por si denunciadora aberração das funcções dos orgams encephalicos. Se a ambição o incitasse a tanto, assassinaria de preferencia o sogro, que não um terceiro e de cuja morte lhe não podia advir senão o desbarato completo de suas esperanças e exacerbação de suas dores. Se essas razões subsistissem, seriam por si sós valentes testimunhos de loucura.

Vamos agora ao facto material da perpetração do crime, que é ainda uma prova de accesso de loucura; porque se elle estivesse com o espirito lucido e premeditasse esse crime, não iria commettel-o, repito, a uma hora em que está toda a população em movimento, em local tão proximo á secretaria de policia e de outras repartições, de uma guarda numerosa, como a que estaciona no palacio do govêrno, na propria casa de seu irmão, de seu segundo pae, e quando estava repleta de gente que se ia despedir d'elle e de sua familia, de partida n'aquella mesma hora! Torna-se singular que estando na mesma sala com a victima, não lhe acertasse um só dos quatro tiros que disparára sobre ella, indicando os logares superiores onde foram bater as balas o desvairamento de quem as descarregára, vindo por último a ferir o sr. dr. Gil no braço, quando este fugia pela escada abaixo, e tornou-se mira natural e facil, e o ferimento a consequencia inevitavel da posição de ambos. Como se sabe, quem desce por uma escada de largura regular occupa o centro d'ella, e portanto entre o aggredido, que fugia, e o aggressor que o perseguia, devia ter-se estabelecido uma vertical, e logo a bala projectada da pistola, que aquelle desfechára, devia necessariamente ir tocar no braço direito do que ia adiante

Executado o crime, não procurou o sr. dr. Borges fugir ou esconder-se, antes deixou-se quedar como que succumbido.

Se não fosse a razão desvairada ou a vontade subjugada por fôrça estranha que o impellisse fatalmente, procuraria, de certo, local escuso, quando o sr. dr. Candido Gil fosse em demanda da praia onde costumava tomar banhos salgados, ou nas horas mortas da noite, quando elle se recolhesse do Largo dos Remedios, ou de outro qualquer ponto onde seroava, ou, em summa, pagaria a um sicario sertanejo para o fazer a seu salvo do mandante e em-

sigillo quando o sr. dr. Gil Castello Branco viajasse pelo Piauhy.

Resumindo, direi, em conclusão, que o sr. dr. Raymundo Borges L. Castello Branco, de um temperamento bilioso-nervoso e dado á melancholia, padece, segundo creio, de desorganisação das faculdades mentaes em estado latente; mas que dadas certas circumstancias e sob influencias extraordinarias, rebenta com violencia o mal, sendo comtudo os accessos de furia de curta duração e irregulares; e que o attentado de 22 de janeiro de 1866 é uma d'essas explosões. Portanto, conformando-me com a definição de Marc, capitulal-a-hei de *loucura subitanea e transitoria*, cujas causas primordias que originaram esse estado mental não posso bem assignalar por faltarem-me dados positivos e que só se adquirem acompanhando e estudando por algum tempo o individuo antes e depois do apparecimento d'ella; mas quanto ás proximas são de feito as dores pungentes que teem aculeado seu coração, os desgostos acerbos que lhe teem travado a vida domestica, e, sobretudo, os que respeitam a honra, que se lhe afigura ultrajada.

Tal é minha humilde opinião em negocio de tamanha gravidade e ponderação, e para o qual me não julgo habilitado, e que só distinctos especialistas podel-o-hiam estar.

S. Luiz do Maranhão, 22 de abril de 1867.

HYGIENE PÚBLICA

EXAME DO CEMITERIO DA SANCTA CASA DA MISERICORDIA[1]

Pelas investigações escrupulosas e detidas a que procedi, examinando as condições hygienicas e telluricas do cemiterio da Sancta Casa da Misericordia, situado junto á egreja de S. Pantaleão, aconselhei que fosse quanto antes fechado e abandonado, e para assim o indicar fundei-me: 1.°, em estar dentro dos limites da cidade; 2.°, contiguo a tres estabelecimentos pios; 3.°, sem a capacidade correspondente á mortalidade ainda em tempos normaes, tanto que dá-se accumulação de cadaveres na mesma sepultura antes da completa decomposição d'elles; 4.°, em

[1] Dou á estampa o relatorio que apresentei a 30 de março de 1855 ao chefe de policia do Maranhão, que então era o ex.mo sr. desembargador Viriato Bandeira Duarte, não tanto porque ligue importancia a este trabalho, senão para tornar bem patente a distancia que vae da prohibição dos enterramentos no antigo cemiterio da Sancta Casa da Misericordia, á que ha pouco deu-se com respeito ao da irmandade do Senhor dos Passos. Áquella ordem precedeu a nomeação de peritos, que cada um de per si formulou um relatorio, respondendo e sete quisitos explicitos e que tocavam em todos os pontos da questão; e a esta bastou uma simples lei provincial sem base nem razão de ser. Dos estudos e investigações minuciosas a que procedi por essa occasião, organisei o relatorio, de que é este escripto uma cópia, a que conservo as mesmas idéas e argumentos, alterando só a phrase que lhe tira o caracter e feições de peça official.

ser nocivo o systema de catacumbas, fóco poderoso de abundantes emanações putridas; 5.°, em razão do processo de enterramentos; 6.°, em conter tão limitado tracto de terreno cêrca de 40:836 cadaveres nos quarenta annos e tres mezes, que tantos conta este cemiterio desde a sua fundação até hoje; 7.°, finalmente, em estar o solo saturado de materias organicas, e, por conseguinte, incapaz de decompor perfeita e rapidamente os corpos, como tentarei demonstral-o.

I

Se fossemos attender sómente, e no sentido absoluto, á collocação e exposição d'este cemiterio, chamado vulgarmente de S. Pantaleão, achal-as-hiamos irreprehensiveis e optimas. E de feito, no pendor de uma collina, que por sua elevação superior aos pontos que lhe demoram ao norte, léste e oéste, varrido pelos ventos que sopram mais constantes sobre a cidade de S. Luiz do Maranhão, foi por esse lado acertada a escolha do local. Por esse mesmo motivo não póde ser elle invadido por innundações, e nem ainda conservar as aguas pluviaes estagnadas, por mais copiosas que sejam as chuvas, ou sequer embaraçar seu prompto e rapido escoamento. Jazendo a nordéste dos logares onde é mais densa a população, não saem d'ahi a derramarem-se sobre os nucleos populosos os miasmas putridos que com frequencia e em grande cópia se desenvolvem n'elle; porque a direcção mais frequente dos ventos, que visitam esta cidade, é entre os rumos de léste e norte, expellindo, portanto, os gazes que ali encontram para o Bacanga e arvoredos que embastecem o rumo do sul, onde

suas infestas propriedades, ao passo que se modificam pela metamorphose que ahi soffrem, tornam-se inuquas.

Não posso, comtudo, dizer o mesmo quanto á distancia que medeia entre elle e o centro da cidade, que é nenhuma; por isso que está dentro na linha que a limita, e mui pouco afastado da rua Grande, que reputo o ponto central d'ella, e de mais a mais encostado a tres estabelecimentos pios: a Casa dos Expostos e o Hospicio dos Lazaros, que são d'elle separados pela largura de uma rua, e o Hospital de Caridade, que lhe fica nas proximas immediações.

Nos paizes cultos, a despeito do preço excessivo e da falta de terrenos desoccupados nos arredores das povoações, desapparecem taes difficuldades ante os reclamos da saude pública; e no entretanto aqui, onde ha todos os meios e facilidades de se os adquirirem sem custo, nem ao menos conservâmos os cemiterios afastados, pelo menos trezentos pés, de poços, vertentes e de toda e qualquer habitação! Vejamos agora, para dar mais fôrça a este cauteloso preceito da sciencia, o que está prescripto na práctica. Marcam-se na Prussia 1:000 passos, em Sigmaringen 275, em Baden 117, etc., entre seus cemiterios e os centros populosos. Recorrendo á authoridade dos sabios, vem ella corroborar práctica tão sensata. Gmelim, por exemplo, exige a distancia de 2:000 pés, Atkinson e o dr. A. Rienke admittem 500, Copland e Walker 2:000, MM. Mont Falcon (*Traité de la salubrité*, etc.) e A. Chevalier (*Rapport*, etc.), adoptam as referidas distancias como as mais seguras e salutares.

II

Deve-se tambem ter muito em vista que as construcções circumdantes ou contiguas aos cemiterios públicos não lhe fiquem á cavalleiro, nem que a altura dos muros que os resguardam e as arvores que lhes purificam o ambiente embaracem a livre circulação d'elle; porque as camadas athmosphericas impregnadas de emanações mephiticas e de miasmas são, por seu maior peso, as mais inferiores e rasteiras, e por essa razão importa que os muros dos cemiterios sejam de uma altura sufficiente para vedar que a morada dos mortos seja devassada e profanada a toda e qualquer hora, não impedindo ao mesmo tempo a livre entrada e deslocação do ar para que se renove de contínuo n'aquelle recinto.

Considerado, pois, o cemiterio de S. Pantaleão sob este aspecto, não ha notar-lhe pécha; por quanto a altura dos seus muros é a seguinte: o que corre pela frente ou rumo de oéste mede 20 palmos de alto (4m,4); o do fundo, ou de léste, 8 (1m,76); e os lateraes, ou do norte e sul, 12 (2m,64) na sua parte anterior, e 10 (2m,2) na posterior. Tendo, por conseguinte, aquelles por onde sopram os ventos mais constantes de 8 a 12 palmos, ha tal ou qual facilidade nas invasões do ar exterior; mas cabe-me lembrar aqui que, a fazer-se novo cemiterio, como julgo e é indispensavel, por exigir a salubridade pública tenham as muralhas que o circumdarem apenas 3 palmos de alto, sobrepondo-se-lhes grades de ferro: isto dá-lhe mais elegancia e facilita ao mesmo tempo a renovação do ar, venha elle muito embora de qualquer rumo que seja [1].

[1] Construiu-se, com effeito, outro cemiterio, porém não se respeitaram n'elle estes e outros alvitres que aventei n'este trabalho.

III

É insufficiente o espaço marcado para as sepulturas geraes; por isso que os enterramentos de um anno de mortalidade normal exigem o triplo d'esse ambito, e para que se convençam d'isto, basta descrever suas proporções, que não estão, repito, em proporção á mortalidade annual d'esta cidade.

Tem o cemiterio da Sancta Casa da Misericordia 490 palmos de extensão sobre 214 de largura (107m,8 e 47m), sendo cortado este quadrilongo por uma rua vertical á capella, e destinada para os enterramentos dos irmãos mesarios em exercicio, e onde não se tem effeituado ha annos um só; e por outra rua longitudinal, chamada *Jardim das Flores*, reservada para as sepulturas de 20$000 réis, e onde só ha logar para 84. Vê-se por esta disposição das ruas que é o terreno subdividido em outros quatro quadrilongos, tendo cada um dos dois da frente 226 palmos de extensão sobre 90 de largura (49m,72 e 19m,8), e os posteriores egual comprimento com um pouco menos de largura.

Ficam, portanto, reservadas n'este cemiterio, deduzido o espaço occupado pela capella, por alguns tumulos, etc., 1:578 sepulturas. Eliminadas d'estas 182 catacumbas, para onde vão uns annos por outros 30 cadaveres; 84 sepulturas no *Jardim das Flores*, onde apenas sepultam-se annualmente *quatro;* e 161 de 4$000 réis, onde o número dos enterramentos nunca excede de 30, restam para as sepulturas communs 1:151 covas. Ora, sendo o termo médio da mortalidade annual d'esta cidade, em tempos ordi-

narios, de 900 pessoas [1], segue-se que, abatidos os 64 cadaveres que vão para as catacumbas, *Jardim das Flores* e quadrilatero destinado ás sepulturas de 4$000 réis, destinam-se 836 para as covas communs. Deprehende-se, por conseguinte, d'aqui, que apenas sobra, no fim de um anno de mortalidade, terreno para 315 sepulturas; logo, teem-se rigorosa e necessariamente de revolver as covas do anno findo no segundo trimestre do seguinte anno, e pôr a descoberto cadaveres que estão ainda muito longe do termo de sua perfeita decomposição, e hãode seguramente exhalar abundantes miasmas e emanações pestiferas, que viciarão de todo em todo o ar athmospherico e darão logar senão a epidemias, certo aggravarão as que porventura estiverem a flagellar a população da cidade.

[1] Note-se que dou aqui uma média assaz inferior, o que provo com o número de cadaveres que teem sido enterrados em tão pequeno trecho de terreno e de tempo:

Annos	Cadaveres	Annos	Cadaveres	Annos	Cadaveres	Annos	Cadaveres
1805	784	1818	683	1831	1:058	1844	876
1806	725	1819	767	1832	1:050	1845	947
1807	850	1820	682	1833	1:031	1846	1:009
1808	441	1821	536	1834	979	1847	964
1809	406	1822	568	1835	1:039	1848	922
1810	408	1823	620	1836	1:366	1849	968
1811	382	1824	335	1837	962	1850	854
1812	329	1825	560	1838	946	1851	1:191
1813	439	1826	543	1839	1:169	1852	998
1814	456	1827	394	1840	1:669	1853	908
1815	523	1828	316	1841	2:016	1854	937
1816	622	1829	345	1842	1:293	1855	619
1817	862	1830	448	1843	921	Janeiro a Março	

Total 40:836 cadaveres em quarenta e nove annos e tres mezes! Cumpre observar que de 1805 a 1830 eram sómente ali enterrados escravos africanos, na sua maioria não baptisados.

Collige-se d'estes dados que, tendo eu marcado a média de 900 cadaveres por anno, tomei-a acinte muito baixa, querendo passar por diminuto antes do que exaggerado.

IV

Se algum espirito rebarbativo se não der ainda por vencido, diga-me em consciencia se em um anno mortifero como o que corre (1855), ou em um dos que vão de 1839 a 1842, cujo menor algarismo da mortalidade annual foi de 1:169 victimas, não se reabriram por cogente necessidade as sepulturas antes que os cadaveres sepultados n'ellas se achassem consumidos, e não traz comsigo a abertura temperan d'essas covas graves perigos á saude pública, e não tem contribuido efficazmente para a saturação das terras do cemiterio, onde superabundam materias organicas?!

Cae completamente por terra a allegação de que no anno subsequente são os enterramentos feitos nos espaços que medeiam entre uma a outra cova; por quanto para cada sepultura, adoptando-se mesmo o pernicioso systema ali seguido, ficam 2 ½ palmos de largura, e esse espaço terá quando muito 2 palmos (0m,44), logo hãode revolver-se á fina fôrça as covas ainda recentes. Ainda mais, qual o espaço livre, n'esse caso, para auxiliar a decomposição do último corpo? Será o terreno adjacente, saturado de materia organica em elaboração, e que, em logar de decompor, obstará de todo o ponto essa nova metamorphose?

Creio que do exposto hade concluir-se necessariamente que a massa da terra do cemiterio não está em proporção com a dos cadaveres; que o espaço marcado para os enterramentos de um anno nas sepulturas communs é difficientissimo, ainda em quadras normaes; por isso que é um terço menos do que o exigido pelas regras de uma boa e discreta hygiene. Apesar de addicionarem-se a elle o terreno que por antithese se appellida de *Jardim das Flores*, e o destinado para as sepulturas de 45000 réis,

haverá apenas o augmento de 245 covas, que não alcança o numero conveniente de sepulturas; porque são precisas $870 \times 3 = 2610$ [1] para que haja o triplo das inhumações de um anno.

Por essa extraordinaria agglomeração de cadaveres e desleixo dos coveiros, todos escravos, anda-se ali por sobre ossos humanos e terra meio unctuosa. Não se dá um passo no cemiterio, como fiz observar aos que me acompanhavam no exame a que procedi, sem depararem-se vertebras, rótulos, tibias, cubitus, etc., disseminados pelo solo, e isto ainda mesmo nas ruas do cemiterio e seus escoadoiros!

Ao presenciar ali a abertura de algumas sepulturas, figurava-se-me presente a descripção que fez o dr. Southerland do cemiterio de Whitecross-street. Tambem n'este, como n'aquelle, é o terreno formado de ossos humanos: «a cada enxadada do coveiro reduzem-se a fragmentos ou espalham-se pelo solo ossos humanos!» Como elle, vi extrahirem-se de uma cova tres craneos inteiros e alguns ossos que, de frescos, pareciam ha pouco destacados das partes molles que os revestiam!

Querem porventura mais provas de que o acrescimo constante da acção desorganisadora fez com que em quarenta e nove annos e tres mezes este cemiterio tocasse os limites da saturação de materias organicas? Pois esforçar-me-hei por apresental-as, senão taes e tantas como estão-me a fornecer os elementos da analyse e pede o assumpto grave de sua natureza, consoantes ao menos a meus bons desejos e consciencia.

[1] Este algarismo é o da mortalidade de um anno, tomada a média de 900 cadaveres, eliminados d'elle os 30 que vão para as catacumbas, e que, portanto, é bastante limitado. Marco n'este calculo de tres em tres annos a abertura das sepulturas occupadas, e não de cinco em cinco, como querem alguns hygienistas e é praxe em muitos paizes que são aliás tão activamente favorecidos, como o nosso, por estes dois grandes agentes da putrefacção — calor e humidade.

V

Começarei pelo exame das catacumbas, que, pelo systema absurdo de sua construcção, são outros tantos fócos e mananciaes de infecção, e por isso tornam-se prejudicialissimas á saude pública e é fôrça banil-as de vez. Vejamos os fundamentos que me assistem para assim affirmar.

Formam estas sepulturas verdadeiras cellulas, sotapostas umas ás outras, em tres ordens, e arrimadas ao muro da frente e á metade dos lateraes. Dividem-n'as paredes de alvenaria de um palmo de espessura, e quando occupadas por corpos, fecham-n'as outras eguaes áquellas; porém, mal construidas e cedendo facilmente á fôrça expansiva dos gazes que desenvolvem os cadaveres contidos nas catacumbas. Acresce que por similhante disposição anti-hygienica só a ordem inferior d'ellas está posta em contacto com o solo.

Ha 182 catacumbas em todo o cemiterio, sendo 134 para adultos e 48 para parvulos. Teem aquellas 9 palmos (1m,98) de comprimento, 4 de largura (0m,88), 1 e 4 pollegadas de altura nas extremidades, e 3 palmos e 4 pollegadas no centro, differença esta devida a serem as paredes superiores em arco ou abobada, o que corresponde a uma superficie de 10 palmos e 4 pollegadas (2m,31); logo, a superficie total de cada uma catacumba grande é de 111 1/3 palmos quadrados (24m,5). Mede cada uma das pequenas 2 1/2 palmos de comprimento, 2 palmos e 1 pollegada de altura no centro, e 4 de largura, o que dá para cada uma d'estas, reduzidas as dimensões a superficie, uma totalidade de 47 1/2 palmos quadrados (10m,45). Não é sem motivo que insisto e mostro-me miudo n'estas medidas, porque vou servir-me d'ellas como base de argumentação.

Deve conceber-se á *priori* que estas construcções são impedimento á regular decomposição das materias organicas; mas não me pagando de simples inducções, apesar de podel-as fundamentar, passei a mandar abrir duas catacumbas; uma occupada desde 1846 (8 annos) e que apenas aberta, exhalou de si cheiro ammoniacal assaz nauseabundo. Encontrei o caixão carcomido, porém inteiro, pedaços de galão, todos os pellos do cadaver, e os da cabeça ainda unidos ao craneo, os ossos intactos e em parte articulados, e na face interna do *sacrúm*, nas articulações dos membros inferiores, aqui e ali, e mesmo no fundo do caixão muita materia pultacea. Ás primeiras pancadas da picareta na parede externa de outra catacumba, fechada em 1851, foi por todos os circumstantes sentido o mau cheiro que d'ella desprendeu-se e diffundiu-se por todo o recinto do cemiterio, tal era a intensidade e abundancia dos gazes! Estava tambem aqui inteiro o caixão e o esqueleto coberto de partes molles na caixa thoraxica e bacia; postoque em completa desorganisação. Tractei depois de colher alguma caliça do revestimento interno não só d'estas, como tambem de outras catacumbas que estavam abertas e expostas á acção immediata da athmosphera por dois e tres annos, acondicionei-as separadamente, em garrafas hermeticamente fechadas, para proceder em minha casa a rigorosa analyse chimica e conhecer de suas propriedades.

A caliça ou rebôco das catacumbas occupadas por cadaveres, tractadas pelo ether puro, produziu uma dissolução amarello-avermelhada e de cheiro nimiamente fetido, tornando-se oleosa por meio da evaporação lenta e condensando-se o ether na retorta resfriada. Saturei este producto com ammonia e saponificou-se; passei a dissolvel-o, n'este estado saponacio, em agua do poço (calcarea) e obtive um precipitado branco grumoso. Aconteceu-me o

mesmo com a caliça das catacumbas abertas a dois e tres annos, dando-se com estas apenas a differença em haver com egual peso de materia menor quantidade de producto animal ou *gordura de cadaver*, por terem estado em contacto prolongado com o ambiente e assim modificado suas condições. Triturei uma porção d'esta caliça com potassa caustica, e tendo-a introduzido em um pequeno matraz de gargalo comprido, aqueci-a a uma alampada de alcool, e saiu d'elle então vapores ammoniacaes e gazes com o cheiro caracteristico de materia organica em putrefacção; mas isto em tamanha cópia que invadiu toda a casa! Reconheci a presença da ammonia não só pelo cheiro que lhe é proprio, como por mudar a côr do papel reagente de turnesol, que introduzi pelo gargalo do matraz, tornando-se-me de rubro-azul. Para determinar a materia organica contida só na caliça das catacumbas, calcinei-a e deu-me em 100 partes 18,114 d'ella, o que é uma quantidade espantosa!

Basta para isso ponderar-se que, regulando por anno 30 catacumbas abertas, 20 de adultos e 10 de parvulos, segue-se d'ahi que temos a totalidade de 30:400 palmos quadrados de superficie (748^{m}); pois já fica dito que cada catacumba grande aberta corresponde a uma superficie de 116 1/3 palmos quadrados, e cada pequena a de 47 1/2 palmos quadrados; logo temos para as 20 primeiras uma superficie de 2:327 palmos (511^{m},9) e para estas a de 477 palmos quadrados (104^{m},94). Continuando com o mesmo cálculo, addicionarei a superficie externa de cada catacumba fechada, que é para as grandes de 26 1/3 palmos quadrados, e para as pequenas de 8 1/2 palmos quadrados. Ora, havendo ali 114 catacumbas grandes occupadas por corpos de adultos, e 38 de parvulos, isto é, franqueando sómente a superficie externa ás exhalações, conclue-se que temos para aquellas a superficie total de 3:002 palmos

quadrados (660m,44), e para estas a de 323 palmos quadrados (71m), o que, sommados aos resultados das superficies já conhecidas, dão um total de 6:127 *palmos quadrados de superficie*, ou, por outros termos, 1:347m,94 quadrados, ou quasi 8 braças (17m,6) de cada lado, a emanarem constantemente de si um enorme volume de gazes putridos e pestiferos, cujos principios deleterios infeccionam o ar e o tornam mui nocivo á respiração!

Infere-se d'aqui, pois, que para favonear-se mal entendida vaidade procura-se estabelecer distincções ante a grande niveladora, encerrando-se os despojos mortaes dos que tinham em vida haveres ou cathegoria superior, na primeira, segunda ou terceira ordem d'essas cellulas, conforme os desejos e importancia dos parentes ou amigos do finado! Contribue, portanto, tão estulto preconceito para a viciação do nosso primeiro alimento, d'esse verdadeiro e melhor *pabulum vitæ!* Acresce ainda mais que nas catacumbas não podem os corpos ser convenientemente decompostos; porque para isso convem sejam cobertos por uma camada de terra de 3 pés de altura, pelo menos; porque resulta tambem d'ahi que os miasmas mephiticos que desenvolvem os cadaveres não subam para diffundirem-se pela athmosphera. É tambem de rigor que repoisem e ponham-se em immediato contacto com a *terra movel* para que os liquidos d'elles infiltrem-se por ella, em vez de produzirem gazes que irão misturar-se em grande abundancia com o ambiente respiravel.

Como se deprehende do exposto, ha pessimas condições de salubridade nas catacumbas; por isso que ficam ali os corpos em um vacuo, isolados entre quatro paredes, e os liquidos dissorados dos corpos retidos por ellas, succedendo por isso não raro que as externas venham a fender-se e a esboroar-se, impellidas pela fôrça elastica dos gazes.

Julgo, por conseguinte, de indeclinavel e absoluta neces-

sidade que se dê de mão e prohiba tão obnoxia práctica, passando todos os corpos sem distincção a serem enterrados em sepulturas rasas. Uma cruz, uma lapide ou qualquer inscripção são distinctivos mais que sufficientes para assignalarem onde jaz o finado de quem se queira saber a sepultura para depois erguerem-lhe monumento duradoiro que atteste a dor ou vaidade do vivo que o venera.

Não faltará de certo quem clame e offereça resistencia a esta egualdade de sepulchro, que vae collocar o titular ao nivel do simples e honrado operario. Não creiam, porém, esses meticulosos que caem em pena as almas de seus chorados finados, e demais ahi estão os cemiterios públicos do Rio de Janeiro e do Pará para apoiarem o meu alvitre. No cemiterio de S. Francisco de Paula vêem-se singelas lapides cobrindo os restos mortaes de um Bernardo de Vasconcellos, de um Paula Souza (isto escrevia eu em 1855), e no mesmo plano, ao lado de cinzas tão venerandas, sepulturas communs e desconhecidas. Devem tranquillisar, por sem dúvida, os melindres dos mais orgulhosos estes exemplos de casa; e sobretudo porque no livre imperio do Brasil não temos essa parvoa e enfatuada aristocracia de sangue, e assim podemos de animo forro adoptar medida tão favoravel á salubridade da nossa capital, pondo em práctica no novo cemiterio, que se pretende construir, as medidas que aqui aponto [1].

[1] Não foi sem grande custo e porfiada discussão que consegui ver adoptado o regulamento de 15 de outubro de 1855 sobre os cemiterios públicos, e onde vem consignado este preceito (art. 1, cap. 11); e ainda assim, foi preciso consentir-se nas paredes divisorias, de modo que os carneiros do cemiterio do Gavião, assimilhando-se a cisternas continuas, deixam os cadaveres em contacto com a terra movel; mas não sei se hoje ainda, antes de as fecharem hermeticamente com as tampas de cantaria, lançam sobre elles as camadas de tarra exigidas no mesmo regulamento.

VI

Peccam por egual as sepulturas rasas, a que faltam as proporções exigidas pela hygiene, quer quanto á profundidade d'ellas, ou á sua superficie, que nem póde ter mais largueza em razão da diminuta capacidade do terreno. Para que me não restasse a menor dúvida com respeito á irregularidade do serviço dos enterramentos, fui por diversas vezes assistir a elles, notando, como o mostrei ás pessoas presentes, que as covas tinham 7 palmos de comprimento, $2\,1/2$ de largura, 4 de profundidade e 2 de distancia de cova a cova, sendo abertas as sepulturas dos parvulos n'estes intervallos que ficam entre as dos adultos, portanto, com 2 palmos de largura, 5 de comprimento e 3 de profundidade. Não lançam *cal* sobre os corpos que baixam ás sepulturas geraes, reservando sómente para as especiaes, que são mui poucas, o emprêgo d'esse efficaz agente de decomposição!

Os meios para obviar abuso tão prejudicial são: determinar por um regulamento severo que se deite indistinctamente sobre cada corpo uma quarta de cal, tendo a sepultura do adulto uma superficie de 8 pés sobre 9, em cujo centro se abrirá a cova com 5 pés de profundidade, 7 de comprimento e 3 de largura, e a do menor de doze annos de edade deverá ter a superficie de 6 pés sobre 5 com a profundidade de 3 [1].

É a sciencia que determina taes dimensões; porque sendo de 25 pés, pouco mais ou menos, a área dentro da qual corrompem o ar em derredor os miasmas emanados de

[1] Acham-se todas estas providencias, e outras que julgo não menos salutares, consignadas no regulamento de 15 de outubro de 1855, em que collaborei (Vid. os art.^{os} V, VI, VII, e seguintes, do cap. II).

cada cadaver em putrefacção, segue-se que o raio miasmatico diminue 3 pés por cada 1 de camada de terra socada que elle atravessa; logo 7 pés de camadas de terra sobre um corpo em putrefacção reduzem as exhalações miasmaticas, acima da superficie do solo, a 4 pés; mas isto calculando-se cada uma camada de per si; porque se as tomarmos em relação á totalidade da espessura, ou, por outra, dando-se-lhes o equivalente das camadas em espessura, vê-se que 3 pés de terra sobrepostos uns aos outros produzem triplicado effeito, isto é, vem a corresponder a 9 pés tomados cada um de per si. Segundo o que acabo de emittir, é evidente que tanto maior será a refracção dos raios miasmaticos quanto mais espessas forem as camadas de terra que teem de atravessar; logo, se as covas tiverem 7 pés de profundidade, aproximar-se-hão esses raios da perpendicular, sendo assim quasi parallelos entre si. Não se lhes póde, comtudo, dar mais de 4 pés de profundidade, a menos que se não impeça o contacto do ar com o cadaver, contra cuja acção já ha a pressão exercida pelo solo, que retarda a putrefacção (Vic. de Azyr, Orfila, o dr. A. Riecke), por isso que quanto mais profunda for aquella, tanto mais lenta será esta: d'onde se deprehende que tem de se remediar a este grave inconveniente espaçando muito mais as covas umas das outras a fim de evitarem-se que os raios miasmaticos de uma sepultura, por pouco refractados, reunam-se aos da immediata e augmentem-lhes a densidade. Isto posto, é claro que se não póde dar menor capacidade a cada sepultura, e em abono d'esta opinião tenho os hygienistas que adoptam em geral 10 metros quadrados para cada uma. O decreto de 23 prairial do anno XII (13 de junho de 1804) da fecunda revolução franceza, e o qual ainda rege o serviço dos cemiterios de França, por ter sido feito com tanta sabedoria que até hoje não soffreu modificação alguma em sua essencia, sem embargo dos pro-

gressos dos conhecimentos humanos, e foi apenas completado em algumas de suas disposições pelo regulamento de 6 de dezembro de 1843, esse decreto, digo, dá para cada cova de 4 a 6 pés de profundidade; na Austria exige a lei 6 pés e 2 pollegadas; em Londres de 4 a 5, e na Russia de 6 a 12 pés. Estas differenças que se notam são á conta dos climas e terreno diversos, que não das divergencias de doutrinas scientificas.

A fórma, pois, por que são talhadas as sepulturas entre nós compromette séria e grandemente a saude pública.

VII

Entrando agora em outra ordem de considerações, apresentarei o resultado de minhas analyses chimicas, que tenho pela última ratio, pelo argumento capital, e que vem exigir, ainda mais que os outros, o abandono do cemiterio de S. Pantaleão.

No intento de proceder a um exame rigoroso nas terras do cemiterio, fiz colher porções d'ellas em varios logares e a differentes profundezas, e isto não só quanto ás do recinto, como ás do exterior d'elle, para por estas verificar a composição d'aquelle terreno antes de alterado pela decomposição dos cadaveres.

Cavada a terra exterior com muito cuidado em differentes logares, procedi com ella como é de uso na sciencia quando se pretende determinar sua quantidade de argila, e o resultado obtido foi este para 100 partes de terra:

Areia.....	85,792
Argila.....	14,208
	100,000

Passei a dissecar a terra a banho-maria de azeite, elevado ao último grau de ebulição, e por mais de vinte e quatro horas, com o fim de determinar a humidade do terreno, e foi este o resultado:

Terra.....	91,200
Humidade.....	8,800
	100,000

É sabido que a agua é o primeiro elemento das metamorphoses dos corpos azotados, não só por favorecer o seu movimento molecular, como tambem em virtude da affinidade de seus elementos pelo dos da materia organica. Se dadas as mesmas condições e circumstancias de exposição não encontrassemos em geral nos nossos terrenos identicos graus de humidade, fallaria de certo isto em abono do cemiterio da Sancta Casa; mas, como é conhecido de todos, não está ahi a difficuldade na escolha.

A mais de um tenho ouvido dizer, e ainda ha pouco o li em um relatorio [1], que o terreno do antigo cemiterio é *calcareo;* mas isto sem o mais leve exame e por simples inducção. Desmente essa proposição a chimica, e prova que a cal contida n'elle é nas proporções que se encontram em todas as terras que o não são, e para attestar este asserto eis a porção de carbonato de cal que achei, procedendo á sua extracção em 100 partes de terra *sécca:*

Terra sécca.....	99,198
CaO, CO^2.....	0,802
	100,000

[1] Refiro-me ao do dr. José Sergio Ferreira.

As proporções do ferro n'esse terreno são:

Terra sêcca aquecida a rubro...	97,218
$Fe^2 o^3$	2,782
	100,000

Mas no terreno o ferro está hydratado; logo:

$$Fe^2 o^3, 3H = (2,782 + 0,9601) = 3,7421$$

Eis em resumo a composição da terra da parte exterior do cemiterio, extrahida a 6 pés de profundidade; em 100 partes acham-se:

Humidade	8,800
Carbonato de cal	0,802
Sesqui-oxydo de ferro hydratado.	3,742
Areia	85,792
Perdas	0,864
	100,000

Como se vê, é este terreno ao que Orfila appellida de *sable de carrière*, essencialmente silico-ferruginoso, contendo mui pouco carbonato de cal, e, portanto, convindo addiccionar-se-lhe *cal* para que a putrefacção não fique retardada em sua evolução.

Passando a apresentar a analyse da terra interior ou propriamente do cemiterio, não darei por miudo a marcha que segui n'estas investigações por temor da prolixidade,

e só o resultado das diversas e trabalhadas operações a que appliquei-me com todo o empenho e zelo:

Humidade	8,800
Sub-phosphato de cal	0,992
Carbonato de cal	0,793
Sesqui-oxydo de ferro hydratado.	3,698
Materia organica	0,178
Areia	84,788
Perdas	0,751
	100,000

Evidencia-se d'esta segunda analyse que as proporções de carbonato de cal são *as mesmas*, quer dentro, quer fóra do cemiterio, e nem podia deixar de ser assim; porque nas 836 sepulturas geraes não se lança a minima parcella de cal; logo não é esse terreno *artificialmente calcareo*, como com leveza dizem alguns.

Para robustecer ainda mais minha convicção a este respeito, triturei com potassa caustica a terra do cemiterio que colhi nas alturas já indicadas de 3 a 6 pés de profundidade, e seguindo o mesmo processo empregado para com a caliça das catacumbas, houve desenvolvimento de gazes putridos e ammoniacaes que tornaram insuportavel o ar contido no salão em que trabalhava.

Espanta a quantidade enorme de materia organica contida no cemiterio de S. Pantaleão! Anda por 13,402 arrobas (196.794^{k},968)! Note-se que n'este cálculo considerei todo o terreno em repoiso por dois annos, equiparando-o pelo de uma sepultura que estava para ser de novo aberta como apta para n'ella enterrar-se, e d'onde tirei a terra que serviu-me n'esta analyse, sem metter em linha de conta as sepulturas de um anno, as de menos tempo e as recentes.

Demonstrarei o meu asserto: sendo a densidade do ter-

BIBLIOTHECA NACIONAL

reno do cemiterio representada por 1,6103, segue-se que 1 metro cubico d'esta terra pesa 1610,3 kilogrammas. Mas o volume d'esta mesma terra até 6 pés de profundidade é de 8598 metros cubicos, d'onde $8589 \times 1610{,}3^{k} = 13845359{,}4$ kilogrammas ou 8.653,349 arrobas. Ora, já vimos que 100 partes d'esta terra contém 0,178 de materia organica; logo em 8.653,349 arrobas haverá $8.653{,}349 \times 0{,}178 = 13402$ arrobas ($196794^{k},968$) de materia organica em decomposição!... Deve de assustar similhante fóco de envenenamento a quem o considera com o espirito esclarecido, ainda que ao de leve, pelos mais comesinhos e fracos conhecimentos scientificos.

VIII

Se se tiver de construir outro cemiterio público, como me persuado, é de toda a conveniencia que se escolha para esse fim um terreno que, demorando para o sul, na extremidade da nossa cidade, fique sobre o mar, portanto afastado de toda a agglomeração de população, não podendo ella extender-se para além d'elle [1]. Deve ter 82 braças de comprimento sobre 52 de largura ($180^{m},4$ sobre $114^{m},4$). Dando-se 1 braça quadrada para cada sepultura, e sendo de 900 cadaveres a média por mim estabelecida para a mortalidade annual da nossa capital, temos a extensão de $900 \times 3 = 2700$ braças ou 594 metros quadrados, ou 52 braças para cada lado do quadro ($114^{m},4$). Acrescente-se mais no comprimento 30 braças (66^{m}) para a capella, deposito

[1] Foi assentado o novo cemiterio na ponta do Gavião, indicado por mim a um dos membros da commissão de hygiene. Por suas condições e proporções satisfaz completamente á hygiene pública.

de ossos, ruas, terreno para mausoléus, casa mortuaria ou de exposição (*morgue*) e espaço para enterrar os não baptisados, abortos, etc. [1], que não teremos as dimensões supracitadas por exaggeradas. De espaço a espaço convem uma arvore; porque é recommendada, como de summa utilidade, a arborisação tanto dentro como nos arredores dos cemiterios por meio de arvores pouco copadas e despidas de ramos na parte inferior dos troncos. Não ha purificador que as eguale, por decomporem as plantas a materia organica, absorvendo pelas raizes o acido carbonico, o hydrogenio e materias azotadas, reterem e assimilarem o carbono e expellirem de si pelas folhas e flores o oxigenio, primeiro elemento do ar athmospherico e seu purificador. Embora seja de primeira intuição e corriqueiras estas doutrinas para quem tem alguns conhecimentos e leitura, não quero que se louvem em minhas palavras, podendo para isso consultarem Priestley, o dr. Justo Liebig, MM. Tardieu e Pellieux, e, sobretudo, o célebre relatorio já citado, o *General board of health*, que todos á uma preconisam a conveniencia da arborisação nos cemiterios. Vem mais em apoio d'esta idéa o dr. Paula Candido (roubado á sciencia vae em alguns annos depois de escripto este trabalho), que no relatorio de 1854 da commissão de hygiene pública, de que era presidente, diz: — «que deve haver vegetação sufficiente nos cemiterios, porque d'esta sorte virão pelas raizes vegetaes os elementos materiaes do corpo humano tomar a modesta fórma do cypreste ou da humilde relva em vez de infectar o ar respirado por aquelles que no turbilhão da vida esperam pelo seu turno. Esta práctica quadra com a sanctidade do dever religioso: lembra ao homem o seu nada pelo tocante emblema que nivella condições e jerarchias, transformando a todos em vegetal; por-

[1] Todas estas idéas acham-se consignadas no regulamento de 15 de outubro de 1855, já citado (art.º 11).

que a herva rasteira do campo, beijando o pé da cruz sobre a campa do pobre, é tão significativa, tão sancta como o verde-negro cypreste que marca o mausoléu do potentado. D'esta maneira se harmonisa o sentimento inalienavel do respeito aos mortos com a *saude dos vivos.*» (pag. 17)

Por tudo quanto acabo de expor, parece-me ter demonstrado a todos as luzes que concorrem para que se abandone este cemiterio o estar elle hoje em dia dentro dos limites da cidade; por sua proximidade de poços e vertentes (as do Apicum ficam no valle immediato), e dos tres estabelecimentos pios que possuimos; pelo mau systema adoptado para as inhumações; pela falta de espaço para as sepulturas geraes, e, mais que tudo, por acharem-se essas terras nimiamente saturadas de materias organicas e se não prestarem mais a consumir os cadaveres!

Portanto opino para que se mande fechar quanto antes o cemiterio de S. Pantaleão, que deve ficar em repoiso por dez annos, sem que se permitta n'elle em todo esse decurso excavações ou se o applique para outro qualquer uso, plantando-se, comtudo, n'elle arvores de modo que deixem livre a ventilação, e só passados mais trinta annos sobre elle é que se lhe póde dar o destino que se julgar conveniente.

Sei que entrarão a vozear contra estas idéas os piégas e carpidores de tudo quanto é velho, só porque o é, e se comprazem com preconceitos, com o caruncho, e aceitam o meio em que vivem como o melhor, por não quererem ter o trabalho nem ao menos de reflectir. Para esses é pessimo, é sacrilego o abandono do antigo cemiterio, é o esquecimento e profanação das cinzas de nossos antepassados, e tudo mais quanto vem á mente dos improvisadores de estafadas nenias.

Tambem eu prezo-me de saber respeitar as cinzas dos mortos, e é por isso mesmo que reclamo e insto pelo encerramento d'essa necropole. Por demais teem ellas ali sido

revolvidas, vindo assim a servirem de jazida a novos cadaveres. Já é tempo que o alvião do coveiro deixe de profanal-as e o *requiescat in pace* seja para ellas uma verdade!

S. Luiz do Maranhão, 28 de março de 1855.

QUESTÕES

ECONOMICAS E ADMINISTRATIVAS[1]

I

Os nossos indigenas

Attrahir á communhão christan e civilisar os indios bravios, que erram embrenhados nos nossos sertões, fazer-lhes participar dos beneficios da vida social para que assim contribuam com o seu trabalho para a prosperidade pública, sobre ser medida altamente economica e util, é obra humanitaria, por que está a reclamar imperiosamente a caridade evangelica, é divida secular e de honra até hoje não satisfeita, e negocio, em summa, serio, de grande momento e de interesse para nós, parecendo-me além d'isso sua solução urgente e indeclinavel.

Motejem, muito embora, de quem se occupa d'elle, e apodem-me de philo-tapuya, quando assim já qualificaram Gonçalves Dias, e o ex.mo barão de Araguaya (o poeta Magalhães), que estão em alturas onde não podem chegar nem ao menos com a vista, que dou-me por contente do ridiculo se logro ouvida pelos poderes competentes minha debil voz em favor de tantos infelizes.

Ouso, pois, erguer por minha vez um brado de commiseração, implorando olhem por nossos indigenas, por essa

[1] Inédito.

raça malfadada, votada ao exterminio, á diffamação e ao desprezo, expoliada de suas terras, acossada e preada outr'ora como feras, explorada como machinas e escravisada, emfim, pelos conquistadores que, assenhoreando-se de seu territorio e d'elles pela astucia e pela fôrça, não procuraram ao menos cohonestar esses attentados, suavisando-os com a brandura, com a generosidade, com o amor do proximo; nem ao menos os jesuitas, que se apregoavam propagadores da religião e milicia de Christo, doutrinavam os naturaes, os *Brasis*, como os denominavam a principio, arreigando-lhes no espirito os verdadeiros preceitos christãos, esforçando-se por civilisal-os, e d'esta arte compensando alguns dos males da conquista com os muitos beneficios que lhes podia dar um povo mais adiantado e superior. Não foi, porém, isto o que succedeu na America Hespanhola e no Brasil, onde as atrocidades de todo o genero, a traição e a má fé eram os meios correntes e que tinham os invasores por efficazes e faceis na reducção dos pobres gentios!

Não é isto mera declamação; pois que ahi estão os factos que o certificam — o procedimento criminoso havido desde remotas eras, e que se vae reproduzindo como herança, de geração em geração, até os nossos dias, postoque com menos intensidade e frequencia, o testimunho insuspeito dos proprios chronistas portuguezes e os documentos historicos que nos ficaram, e que unisonos confirmam essas enormidades que deixam os espiritos reflexivos attonitos e horrorisados.

E o que tem feito o nosso imperio em prol dos desherdados do solo brasileiro n'estes cincoenta annos em que somos nação livre e independente e caminhâmos nas vias do progresso para o engrandecimento e prosperidade? Que providencias beneficas e acertadas teem havido n'este empenho? Percorrendo nossa legislação, notâmos com dó a ausencia d'ellas, provando esse silencio o indifferen-

tismo dos legisladores; e se alguma coisa ha, é servil imitação do que fez Portugal, cujos regimentos e leis attestam o que ha de erros n'essas disposições absurdas, casuisticas e que se revogavam umas ás outras, conforme os interesses oppostos que as determinavam; sendo umas obtidas pelos jesuitas, outras pelas ordens suas adversarias ou pelos colonos, mas redundando todas em prejuizo dos infelizes indigenas. E d'ahi, quizera saber de que tem servido o decreto n.º 426, de 24 de julho de 1845, senão para conferir mais um titulo de brigadeiro ao director geral dos indios de cada provincia, e de tenentes-coroneis aos directores parciaes de cada localidade, todos elles influencias politicas, cujos serviços eleitoraes são retribuidos com o fardalhão e as dragonas? Se, porém, os directores geraes contentam-se com essas vaidosas apparencias, não assim alguns dos parciaes, que promovem as violencias e injustiças que se commettem todos os dias contra os indigenas. Arrancam-se-lhes por meio do engodo as mulheres e filhas para satisfação de torpes paixões, e os filhos para distribuil-os pelas pessoas a quem são affeiçoados, como tambem pela ameaça, pelo terror, pelos tormentos e castigos obrigam os indios mansos a trabalhar para elles. Se attentarmos, por outro lado, na magrissima verba destinada em cada provincia para catechese e civilisação de indios, torna-se ainda mais irrisoria e inutil similhante providencia. Era maravilha que se podesse colher vantagens da quantia annual de 500$000 réis, pouco mais ou menos, que se applica em cada provincia para tal fim! Não é inteiramente perdida pelo nenhum resultado que se tem até hoje tirado d'ella em razão da sua mesquinhez? De que servem esses meios insignificantes e incompletos senão para desacreditar o systema e radicar cada vez mais a falsa opinião dos que affirmam, sem profundo exame, que os nossos indigenas não são susceptiveis de sociabilidade e ci-

vilisação? Mas tambem reduzirmo-l'os á fôrça, a ferro e fogo, como propõe o sr. barão de Porto Seguro (F. A. Varnaghen) por julgal-os indomaveis [1], é querermos retrogradar para os tempos coloniaes, e renegarmos dos principios modernos e preceitos constitucionaes a que obedecemos ha meio seculo!

Desculpa-se o author da *Historia geral do Brasil* de um alvitre tão barbaro com a ferocidade e caracter intractavel dos nossos indios. Se assim fossem, absolutamente fallando, por certo que os missionarios não teriam ido sós e inermes aos mais impervios sertões sem que ahi soffressem violencias dos aymorés, dos camecrans, dos caités e de outras tribus reputadas ferocissimas, sobretudo quando lhes contrariavam seus usos e costumes, e nem os arrebanhariam aos centos, aos milhares, como elles proprios o declaram nas suas chronicas, trazendo-os para as aldeias, ou antes fazendas de lavoira [2], onde os padres jesuitas e de outras ordens regulares os obrigavam a duros e continuados trabalhos, empregando para com os remissos a tortura do *tronco*, dos *anginhos* e do azorrague, e ensinando-lhes como compensação, não as doutrinas purissimas do Evangelho, mas as práticas exteriores do christianismo e as mais reprovadas superstições; porque assim conseguiam facilmente incutir o temor e a admiração do incomprehensivel em almas innocentes e ingenuas, a quem abalavam e conturbavam com o sobrenatural dos milagres, e aterravam com a perspectiva dos tormentos do inferno e das vinganças de um Deus cruel e implacavel.

Se eram essas feras descriptas pelos navegantes e chronistas portuguezes, como, pois, receberam e agasalharam

[1] Vid. *Indios bravos* (1867) e a *Historia geral*, tom. II pag. 22 e n'outras passagens d'esta mesma obra.

2 Vid. as *Chronicas* de Balthasar Telles, de Simão de Vasconcellos, de F. Sachino, de José Juvencio, etc.

com afago e alegria os primeiros descobridores, antes que maltractassem e perseguissem aos naturaes? Não se póde, de certo, admittir idéas tão irreconciliaveis — indole feroz e sanguinaria e o respeito e bondade com que acolhiam a tantas centenas de missionarios que os procuravam, contando-se a dedo os que foram mortos ou martyrisados ás mãos dos nossos indigenas, segundo verifica-se mesmo dos catalogos da *Synopsis* do padre A. Franco, das *Chronicas* de Simão de Vasconcellos, de Balthazar Telles, de José de Moraes, de Sacchino, de José Juvencio; e d'essas poucas victimas, algumas d'ellas, como o padre Francisco Pinto, foram em represalia ás barbaridades que Pedro Coelho e outros invasores commetteram contra os incautos selvagens.

É, todavia, para sentir que no nosso paiz, onde o espirito bemfazejo, generoso e caritativo, leva-nos a todos os actos que manifestam as virtudes que o fomentam; onde procura-se com alacridade expungir a nodoa da escravidão na raça africana; quando desde 28 de setembro de 1871 nascem em toda a vastidão do territorio brasileiro só cidadãos livres; onde se amparam e instruem os cegos e os surdos-mudos, se agasalham os loucos, os enfermos desvalidos e as crianças abandonadas; quando em todo o mundo civilisado seguem-se eguaes práticas e procura-se rehabilitar a peccadora arrependida e o criminoso, e abolir a pena de morte; quando as distincções de raça e de nascimento vão desapparecendo e nivelam-se os homens ante a lei e outorgam-se-lhes direitos que outr'ora lhes recusava uma politica tyranna e acanhada, é n'este seculo, é nos nossos dias, emfim, que vem negar-se ao infeliz indigena, despojado de seu territorio, perseguido e calumniado, a capacidade moral, innata na especie humana, e julgal-os inferiores ás proprias feras, e ha quem aconselhe que em vez de os attrahirmos com mimos e lenidade, com dedi-

cado e paciente esforço ao gremio social, empreguemos a violencia para reduzil-os á domesticidade!!...

É revoltante injustiça affirmar-se que não ha outros meios de os civilisarmos; por quanto não foi empregado em tempo algum, nem mesmo pelos jesuitas no auge do seu predominio e explendor, um systema perfeito, complexo e harmonico para os fixar, para lhes desenvolver idéas sociaes e arreigar-lhes nos espiritos as sans doutrinas da verdadeira religião e de moral. Não convem só brindal-os, attrahil-os e acaricial-os, senão deixarem-lhes, depois de aldeiados, certa liberdade, não os constrangerem, nem os perseguirem com sevicias e trabalhos forçados, com a mira de aproveitarem-se d'elles, abusando para isso de sua ignorancia e inferioridade. Não se atenham só n'isto; que cumpre tambem educal-os, ensinando-lhes a pura religião evangelica em toda a sua plenitude, e depois esperarem da acção, não immediata, porém lenta, do tempo os beneficos resultados da catechese; porque não é ella o sôpro divino que basta apparecer para illuminar tudo. Fundem-se nas aldeias mais populosas modestos e pequenos seminarios, como intentára Abbeville; ponham-se á testa de cada um d'elles dois ou tres padres animados de verdadeiro espirito evangelisador, e sejam ahi criados e ensinados os filhos dos indios para que se tornem um dia os civilisadores de seus pares. Se da primeira geração pouco se deve esperar, os que vierem apoz, já habituados a verem seus congéneres proceder como homens civilisados, a ouvirem suas prégações, a procurarem os gosos e confortos da civilisação, a sentirem as necessidades que gera o tracto social, reconhecerão que, sem produzirem, não poderão satisfazel-as, e d'ahi nascerá n'elles o amor ao trabalho, e do trabalho a ordem, a economia, a previdencia e a ambição, e como remate de tudo isto a idéa de propriedade. Desde esse momento estará regenerada e rehabilitada a raça indigena, e oxalá que ainda em nossos

dias veja eu dado o primeiro passo para essa grande obra, para o saldo de contas tão atrazadas e vergonhosamente addiadas, para a extincção completa d'essa mácula que, depois da da escravatura, é a que ainda anuvia o limpido firmamento da nossa patria, abençoada por Deus e admirada dos homens.

Na nossa provincia temos mais de um exemplo de que os indigenas, mesmo bravios, podem viver reunidos, trabalhando para sua subsistencia e sujeitos a uma direcção estranha. A aldeia de Pindaré, quando dirigida por um honrado e virtuoso sacerdote, o padre Farinha (creio que era o seu nome), prosperou e ia todos os dias engrossando com novas levas de indios, que vinham a ella incorporar-se; no Alto-Mearim ainda hoje existe a aldeia *Leopoldina*, sob a direcção de um philantropo fazendeiro, o sr. Lourenço A. da Silva; e o engenho de assucar do sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal é visitado duas e tres vezes no anno por hordas selvagens, que não practicam ahi sequer um acto, já não direi de selvageria, mas de desacato. Tudo isto prova clara e exuberantemente que elles são susceptiveis de sociabilidade, tanto que se colloquem na dianteira d'essa cruzada civilisadora homens affaveis, dedicados e cheios de abnegação, paciencia e caridade.

Pois bem, apesar d'estas ligeiras mostras da reconciliação dos indigenas com a gente civilisada, o mais censuravel indifferentismo continúa a deixal-os mergulhados na ignorancia, na selvageria, na vida errante, e até hoje não houve um presidente de minha provincia que ao menos tentasse pôr em execução a lei n.° 772, de 2 de julho de 1866, cujo projecto, por mim apresentado na sessão legislativa d'esse anno, contém estas disposições:

«Artigo 1.° Fica o govêrno da provincia authorisado a contractar para a colonia *Leopoldina*, e por conta dos rendimentos da mesma, um missionario nacional ou estran-

geiro, que exercerá cumulativamente as funcções de cura d'almas e mestre eschola, percebendo annualmente a gratificação de 1:200$000 réis.

«§ 1.º Logo que as rendas da colonia forem inferiores a 2:000$000 réis por anno, será julgada esta authorisação de nenhum effeito e extincto o logar.

«§ 2.º Ficará o missionario sob a inspecção do director da colonia, que se guiará n'essas novas attribuições por um regulamento que para tal fim organisará o governo.

«§ 3.º A providencia d'este artigo será extensiva a todas as colonias de indigenas da provincia, assim que haja para isso possibilidade, devendo o govêrno com as sobras da receita de umas realisar taes melhoramentos em outras.

«§ 4.º Sendo estrangeiro o missionario contractado, será preferido o da ordem dos trappistas francezes, ou de qualquer outra regular que se dedique á agricultura, pagando-lhe o governo, por conta das sobras existentes no thesouro público provincial e pertencentes á colonia, o valor da passagem de vinda e volta.»

Não precisa de commentos para que se collija d'estes itens que com este ensaio não ha nenhum sacrificio pecuniario da provincia, e saem as despezas com o seu custeio dos rendimentos do trabalho dos proprios indigenas, a quem iria elle beneficiar, dando-lhes os missionarios cultura ao entendimento, amansando-lhes as bravezas e affeiçoando-os ao tracto civilisado e social, para que tantos desgraçados, curados de sua nativa cegueira, se convertessem á verdadeira religião de Christo, e contribuissem com seus braços e intelligencia para a exploração e augmento da riqueza pública, em vez de assustarem de continuo, com suas correrias e depredações, os pacificos moradores dos logares mais remotos.

São incapazes de perfectibilidade, persistem em affiançal-o os incredulos e os que repetem superficialmente o que leram nos fanaticos e crendeiros escriptores dos seculos

passados! D'onde provém e deprehenderam asserções tão gratuitas quanto falsas? Da estructura e caracteres physicos d'esses indigenas? Tão pouco; que a anatomia e a craneologia o contestam, demonstrando que não ha ahi differença sensivel entre essa e a raça europêa. Se fosse admissivel similhante proposição, ainda assim não aproveitaria; porque se temos admirado nos circos cavallos, cães, macacos, ursos e outros animaes adestrados ao ponto de obedecerem a signaes convencionaes e executarem simples operações arithmeticas; hyenas, tigres e leões submissos aos domadores, que entram em suas jaulas e procuram irrital-os, sem que por isso recebam d'elles aggressões, como, pois, não conceder ao selvagem, homem racional como nós, dotado das mesmas faculdades, que educado venham ellas a desenvolver-se e funccionar como as do commum dos homens; quando aliás escriptores que os teem observado, despreoccupados ou com a luz da sciencia, attestam que os seus caracteres moraes estavam no tempo da conquista de algum modo aperfeiçoados; que tinham uma religião com ceremonias de culto exterior, que obedecia cada aldeia a um principal, e uma aggregação d'ellas, da mesma tribu, a um chefe, como se fossem pequenos estados confederados, ouvindo em casos graves de guerra, de paz ou de mudança de habitações, um conselho composto dos mais velhos, considerados por seu valor e feitos, e dos principaes das aldeias alliadas, e que practicavam no mais elevado grau virtudes taes como a da hospitalidade, a do amor paternal, filial e fraternal?! E é a um povo que tinha algumas noções de moral e de govêrno que se contesta ser susceptivel de domesticar-se por meio do raciocinio, do conselho e dos afagos! Acharam, comtudo, n'elles os colonos poderosos auxiliares para os ajudarem a edificar cidades, fortalezas e templos, a abrir estradas, navegar rios, lavrar terras para enriquecel-os e conserval-os na mais completa

ociosidade, para, emfim, concorrer e expor suas vidas na guerra e expulsão dos francezes do Maranhão, e depois dos hollandezes d'aquella parte do Brasil, da Bahia e Pernambuco, e assim de todo o territorio limitrophe a estas provincias. D'entre esses selvagens sairam um Poty (D. Antonio Filippe Camarão) e sua mulher, D. Clara, que se celebrisaram tanto por seus feitos e acrysolada dedicação á causa portugueza; e antes d'elles Tibireçá e outros, que tambem prestaram valiosos serviços aos primeiros exploradores das capitanias do sul. Quem serviu de guia a Amador Bueno e aos ousados paulistas na exploração dos centros desconhecidos e remotos do Paraná, de Matto-Grosso, de Goyaz e de Minas-Geraes? Não foram elles tambem os que contribuiram com suas flexas para a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro? E em que povo, por mais civilisado, se podem apresentar muitos exemplos de fidelidade e dedicação que se egualem ao do indio Jaguarary, conhecido mais commumente nas chronicas pelo nome de Simão Soares? Elle, que a despeito da mais injusta e revoltante prisão em que o faziam jazer os portuguezes, nem por isso quando os hollandezes, tomando posse do forte do Rio Grande do Norte; lhe deram a liberdade, de agradecido ajudou seus libertadores, ou offendido dos que o haviam lançado em ferros pretendeu vingar-se, antes correu logo a apresentar-se a seus perseguidores e tomou pronunciada parte na guerra contra os hollandezes, arriscando em mais de uma brilhante façanha a liberdade e mesmo a vida! Não o desvairou, portanto, o odio ou desejo de retaliações contra aquelles que devia ter por inimigos. D'estes exemplos de patriotismo e lealdade dos nossos indigenas ha muitos, se bem que menos notaveis.

Considerando agora a aptidão dos indigenas para as artes de imitação, não carecemos citar os chronistas da Companhia de Jesus que encarecem a facilidade com que

aprendiam e se tornavam pedreiros, carpinteiros, pintores e constructores peritos; basta vermos que quando ahi chegaram os primeiros colonos encontraram os indigenas cultivando as terras por meio da derriba das arvores e queima d'ellas, como ainda até hoje practicâmos a gente civilisada! Quem lhes ensinou a fabricar a farinha, o vinho de cajú e de outros fructos, a tiquira, a aguardente de palmeira, a extrahir oleos, a conservar carnes por meio do *moken*, a empregar tinctas naturaes e vernizes para adereçarem com elles suas cuias e outros utensilios, a fiar o algodão e a embira, a tecer suas redes de dormir, adornando-as com tamanha arte, a usar tantas traças para caçar e pescar, a applicar mineraes e hervas medicinaes no curativo de suas enfermidades, o preceito hygienico da mudança do local da aldeia de tantos em tantos annos? E a perfeição com que esculpem suas armas e remos, vidram seus vasos de barro; e que dirão de sua lingua geral, admiravel na estructura grammatical? não são irrefragaveis provas de que os indigenas do Brasil estavam em um grau de adiantamento muito superior ao dos povos europeus nas remotas eras, e que seus conquistadores, obsecados pela intolerancia e fanatismo religioso, pela avareza e pela cobiça, não procuraram congraçar-se com elles, senão que os barbarisaram com seus vicios e com tantos e tão horrorosos actos de crueldade e exterminio?

Por onde soube o ex.^{mo} sr. barão de Porto Seguro (F. A. Varnaghen) que no momento da conquista iam os indios em decadencia moral? O que ha de conhecido e averiguado é que os colonos açulavam as tribus umas contra as outras para enfraquecel-as e poderem mais facilmente comprar d'ellas os prisioneiros, que escravisavam, e no que «punham mais esperança do que no Deus vivo», como dizia o padre Manuel da Nobrega.

É mui natural e desculpavel o odio e o rancor que os in-

dios conservavam e conservam á raça branca, trahidos, como foram, pelos europeus, que os arrancaram de suas *tabas* para os captivar, e até vender fóra da sua patria; portanto, foram fazendo n'elles morada a desconfiança e o desejo de vingança, e para lograrem esta usavam de aleivosia e traição, armas do fraco. D'ahi foram estes resentimentos aggravando-se cada vez mais com a vida errante, com as contínuas assaltadas dos colonos, que na sua insaciavel cubiça iam dar-lhes caça no mais recesso dos matos e em longinquas paragens, para ahi preal-os e trazel-os como captivos para o cançado serviço das suas roças. A tradição conserva entre elles tudo isso.

Não dar quartel e perseguir os indigenas era o modo de proceder dos colonos, essas as idéas aceitas e vulgares, e, o que é mais para surprehender, o que sustentavam os missionarios portuguezes, até mesmo o padre Manuel da Nobrega, apesar do seu espirito evangelisador, o angelico Anchieta e o propugnador da liberdade dos indios, o padre Antonio Vieira, que todos á uma aconselhavam o rigor e a oppressão para converterem e trazerem sujeitos os indios. [1]

Os capuchinhos francezes, que foram com La Ravardière na sua expedição á ilha do Maranhão, pensavam e obra-

[1] O padre Manuel da Nobrega, escrevendo ao governador Thomé de Sousa, dizia-lhe: «*em mentes o gentio* não for senhoreado *por guerra e sujeito*, como fazem os castelhanos nas terras que conquistam, *nada se faz* com elles.» Affirmava por seu lado o padre Ruy Pereira: «ajudou grandemente a esta conversão (a dos indios) cair o governador na conta e assentar que *sem temor não se póde fazer fruito.*»

Abundando o padre José Anchieta nas mesmas idéas, expressa-se assim a respeito do modo de converter os indios: «sobre estes indios já temos sabido que por *temor* se hãode converter mais que por *amor.*» O proprio padre Antonio Vieira, com ser ferveroso defensor da liberdade dos indios, não se eximiu de aconselhar os meios violentos, empregando para isso uma figura e comparando-os ás estatuas de murta «que nos jardins facilmente se *talham á tesoura;* mas como as deixam algum tempo á vontade, logo volvem ao natural tortuoso e agreste.»

ram em sentido diametralmente opposto, e por isso tambem viram seus esforços coroados do mais completo exito. Claudio d'Abbeville, que havia observado os tubinambás e tabajáras com animo calmo, desprevenido e philosophicamente prescrutador, diz na pag. 316 da sua muito apreciavel *Histoire des missions des pères cupucins en l'isle de Maragnan* — Paris, 1614: «C'est un peuple à la vérité qui ne veut estre conduit par la *rigueur*, ains seulement par la *douceur* et par la *raison.*» O padre Ivo d'Evreux diz tambem na pag. 16 da sua *Suite de l'histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan* (reimpressa em 1864): «Si vous pensez les rodoyer et les faire travailler par *ménaces*, ils ne feront *rien que vaille*... jamais ils ne contraignent leurs fils, ni leurs esclaves, ains ils les *ont par douceur.*»

Eram estes os pareceres de tão sisudos e despreoccupados observadores, que viveram entre os indigenas quando elles estavam ainda em toda a singeleza de seus costumes, e se bem que profugos para evitarem as perseguições que os portuguezes lhes moviam ao sul do Maranhão, ainda não de todo eivados do espirito de vingança e profundamente resentidos de tantas injustiças e atrocidades. Hoje, portanto, mais do que outr'ora, só poderemos conseguir d'elles alguma coisa pela brandura e pela persuasão, afagando-os e tractando-os bem, mas com franqueza, sem exigencias e sem dolo; mas ensinando-os e doutrinando-os, sem exercermos pressão sobre elles, sem os atemorisarmos, mas com muita caridade, com affecto, com tenacidade, sem impaciencia nem atropello, de um modo permanente e gradual, para que venham a convencer-se que ha da nossa parte sinceridade e desejo de lhes melhorar a sorte.

Ninguem calcule d'ahi que succeda logo ao emprêgo d'estes meios os desejados resultados; que esses hãode vir aos poucos, como a medo, e só depois de muitas tentati-

vas baldadas, de pausas e mesmo de retrocessos inesperados. Só com o transcorrer vagaroso dos annos é que teremos radicado esse systema, que me parece aliás adequado á indole dos nossos indigenas, e d'onde devemos esperar perduraveis fructos. Não me cançarei, pois, de repetir que a catechese é meio lento, difficil e penoso, cheio de contrariedades, de obstaculos e de desenganos, mas seguro, e é por isso que devemos insistir n'elle com fé e constancia, proporcionando o nosso govêrno com mão liberal todos os recursos aos catechistas, e remunerando bem seus serviços, que estou que dia virá em que não teremos mais indios bravios em o nosso paiz, sendo todos os nascituros n'esse dilatado territorio cidadãos brasileiros, gosando dos direitos e recebendo a protecção que lhes concedem e garantem nossas instituições e leis tão liberaes.

II

O canal do Arapapahy [1]

Em quanto vão prosperando a olhos vistos e de dia para dia as provincias convisinhas da do Maranhão, esta descae rapidamente. Tal estado de decadencia material asssusta e desanima os filhos mais enthusiastas da Athenas brasi-

[1] Apparecem agora reduzidos a um só os artigos dos n.os 42 e 54 da *Imprensa* de 1858, em parte ampliados, e em outra decotados do que havia n'elles de espirito de partido, de allusões politicas, que as luctas e as necessidades momentaneas impunham e tornavam imprescindiveis.

Como está, espurgado no todo de seu caracter pessoal, sem que se lhe possa quiçá rastrear vestigios d'elle, ainda que leves, ou de outros interesses que não sejam o do bem da nossa bella provincia, é provavel que tenha na essencia alguma utilidade, quando mais não seja senão a de ventilar e revocar do esquecimento assumpto tão vital e importante para nós maranhenses.

leira. Tenho para mim que por isso mesmo se não devem deixar vencer pelo desalento, que é caminho da aniquilação e da morte; antes cumpre-lhes cobrar novos espiritos em presença do mal e forcejar por acertar com o remedio que o guareça, servindo-lhes de nobre emulação a prosperidade de nossas irmans. Investiguem os homens pensadores e patriotas as causas d'essa desgraçada situação e proponham meios que a façam desapparecer. Estou que não as originam nem as entreteem sómente as transacções directas do Pará, do Ceará, e em parte do Piauhy, com os mercados estrangeiros, desapressando-se, de annos para cá, da intervenção e tutela da praça do Maranhão. Se esta soffreu com a ausencia d'esses consumidores, que a abandonaram para sempre, tem a provincia ainda recursos em si propria para readquirir sua perdida importancia e posição, se forem explorados convenientemente seus ricos mananciaes de producção, aproveitadas com intelligencia e economia, e despendidas productivamente suas rendas. Procurem tambem derivar para elle a corrente emigradora, attrahindo e fixando os trabalhadores agricolas por todos os meios e modos possiveis, para que tiremos da fertilidade do solo todo proveito, que está ahi a base real e fecunda da nossa riqueza pública. Concurrentemente com isto, abramos e ponhamos em estado de regular e desempedido transito as vias de communicação que abbreviam as distancias, e facilitam e barateiam os transportes. Realisemos a abertura de uma estrada de ferro entre Caxias e a Therezina, para conservar o commercio do centro do Piauhy, outra do Rozario para a capital, ligando esta á terra firme por meio de uma ponte sobre a Estiva, e concluamos o canal do Arapapahy, que as estradas não dispensam, como procurarei demonstral-o mais adiante, e assim teremos dado um passo agigantado. Não se exasperem os pessimistas nem entrem a vozear que não tem a provincia dinheiro para taes emprezas e que está,

além de pobre, individada; porque as vias de communicação, quando sabiamente traçadas, teem o magico condão de fazer brotar e amarellecer searas, onde eram charnecas e marneis, e formarem-se cidades, villas e nucleos populosos e activos, onde desertos e solidões; de modo que os encargos do thesouro, por excessivos, nem por isso deixariam de desapparecer em poucos annos, dobrando, triplicando, e até centuplicando mais para o futuro as rendas da provincia, e compensando assim gradual e prodigamente os sacrificios pecuniarios que não seriam mais do que um adiantamento com esperanças de grandes reembolços. Não são proposições gratuitas e de imaginação; mas factos reaes e todos os dias comprovados e conhecidos de quem tem viajado, ou sabe a história contemporanea e lê as obras de economia politica, se é que a razão de per si não basta para convencer d'esta verdade. Animemo-nos, pois, com o exemplo dos Estados Unidos, que na construcção de estradas de ferro e canaes, e na realisação de outras emprezas gigantescas e arrojadas teem excedido de muito á velha e civilisada Europa.

O canal entre Nova York e o lago Erié, que percorre uma extensão de 45 leguas e ½ ou 227 kilometros, foi concluido em oito annos, dispendendo n'elle o estado que o projectou e executou, sem auxilio de nenhum outro, nem dos cofres da Confederação, a quantia de 1.620:000$000 réis no todo, ou 146:520$000 réis por legua; convindo observar que foi esta empreza praguejada por muitos homens eminentes do paiz, que agoiravam mal d'ella, quando menos por julgarem-n'a muitissimo superior ás fôrças de um só estado, que teria seguramente de abandonal-a em meio ou de declarar no cabo d'ella ruinosa fallencia; mas veiu o progresso desmentir os incredulos e hoje não tem só o estado de Nova York esse extenso canal, como muitos outros que cruzam seu territorio, e são acompanhados lateralmente

de caminhos de ferro que os auxiliam, tornando espantoso o movimento que ha n'elles. Philadelphia e Baltimore, querendo rivalisar com Nova York, que tornou-se desde a navegação do seu grande canal o segundo porto da America, não se deixaram ficar atraz, e construiu o primeiro d'estes estados o canal de Pensylvania, que tem um trajecto de 158 leguas e 1/4, que tantas vão da cidade de Philadelphia á de Pittsbourg, no Ohio, e só bastaram tambem oito annos para a conclusão d'essa obra emprehendida e realisada por um só dos estados da Confederação, sem mais outra ajuda! Hoje partem d'elle ramaes para todos os rios que banham esse territorio. Em resumo, tem a Pensylvania executado 47 leguas e 1/4 de estradas de ferro para facilitarem as communicações com os seus canaes, que medem 242 leguas e 1/4, em que gastou-se a média de 153:840$000 réis por legua. O canal de Chasepeake, no Ohio, vencendo as difficuldades de um terreno extremamente accidentado pelas montanhas do Alleghamys, e em uma extensão de 74 leguas e 3/4, andou por mais de 159:730$000 réis cada uma das leguas atravessada por esse magestoso canal.

O Estado da Virginia, que logo depois da independencia dos Estados Unidos era o primeiro da Confederação, veiu a ceder o passo aos outros, que iam em constante progresso, em quanto que elle estacionava, e depois recuou para o quarto logar. Vendo-se o Ohio atraz dos outros, envergonhou-se de sua inercia e esforçou-se por imitar os mais estados florescentes, e elle que se julgava d'antes incapaz e sem fôrças para emprehender obras, fez depois construir um canal, que une Richmond a Charlestown, e como auxiliar a este uma estrada de ferro pelas montanhas que se lhe interpoem, e, a final, o canal Richelieu entre o lago de Hudson e S. Lourenço, que distanceia d'aquelle mais de 190 leguas.

A idéa de ligar o caudaloso Itapecurú ao Bacanga por

meio de um canal, que não tem mais de 4 kilometros de extensão, e facilitaria as viagens, encurtando ao mesmo tempo as distancias e evitando a navegação difficil e perigosa por bahias inçadas de parceis e sempre alteradas, e por onde teem de atravessar até hoje os barcos do interior da provincia, dacta de 1742, quando o governador José de Abreu Castello Branco mandou orçar as despezas com a obra. Desde então entrou tão util idéa a ter curso, a tomar vulto e a apossar-se de todos, e ninguem mais deixou de reconhecer a necessidade e vantagens d'esse canal, tanto que, reunindo-se juncta geral do senado da camara a 23 de fevereiro de 1755, foi resolvido levar-se a effeito a obra por meio de donativos. Reconhecendo, porém, outro governador, Joaquim de Mello e Povoas, espirito nimiamente creador e fadado para reger povos, que a quantia obtida por esse meio era mui deficiente, convocou de novo juncta geral para deliberar sobre o assumpto e d'ella conseguiu estabelecesse um imposto de 160 réis (prata) sobre cada arroba de algodão, e a 18 de julho de 1776 deu-se começo á abertura do canal, a que elle poz o nome de *Passagem de S. Joaquim*. Foram, todavia, abandonadas as obras no cabo de quatro annos por falta de engenheiro que as dirigisse; mas o imposto para a abertura do canal, apesar d'isso, sempre cobrado d'ahi em diante, e as avultadas quantias arrecadadas passaram depois para os cofres geraes. A idéa ficou, todavia, incubada, como as marmotas que enterradas nos gelos polares só aguardam os duvidosos raios do sol estivo para sacudirem o lethargo do regelo, e assim essa obra, de que nem se tractava ou cogitava mais, veiu a dar-lhe impulso, um seculo depois, outro administrador pão menos audaz e emprehendedor do que Joaquim de Mello e Povoas. Em 1 de fevereiro de 1848 teve o dr. Joaquim Franco de Sá a satisfação de ver a enxada do operario cavar essa terra e emprehender-se pela quarta vez essa

obra, que ora foi inaugurada com o enthusiasmo e a fé de quem estava convencido de que a concluiria se presidisse por mais algum tempo os negocios da provincia que dirigia com tanto zelo e intelligencia.

Vieram as paixões politicas e os abusos, e com estes os desperdicios e a delapidação sem rebuço dos dinheiros públicos, e em vez de extirparem-n'os com hombridade e vigor, os successorees de Franco de Sá curvaram-se ás conveniencias de partido, e acharam mais acertado sobr'estar na obra quando pouco faltava para sua conclusão e já se haviam dispendido n'ella o melhor de 500:000$000 réis! Hoje, que o maravilhoso invento de James Watt corre veloz por nossos rios, parece-me ainda mais util e necessario esse canal, e nem se cuide que as estradas de ferro que venham ainda algum dia a estabelecer-se entre o Rozario e a nossa capital, dispensarão ou diminuirão as vantagens que hãode provir do canal do Arapapahy. Succederá como nos paizes que são cortados por vias ferreas, que, margeando os canaes que todos os dias se abrem n'esses territorios, lhes dão mais vida; porque pelo concurso de todos esses meios de facil e segura communicação é que se desenvolve e toma rapidas e extraordinarias proporções a livre concurrencia, os mercados abastecem-se abundantemente, e as transacções ganham incrivel e admiravel incremento. Enumeremos por alto algumas das muitas conveniencias que advirão da abertura e navegação do Arapapahy:

1.ª Os mesmos barcos de vapor, para se prestarem sem riscos e com vantagem aos reboques, que servirão tambem n'esse caso para accommodação dos passageiros, que os preferirão, de certo, como o fazem nos rios, por mais commodos, não podem prescindir do canal;

2.ª O transporte de todos os passageiros que por motivo de molestia, ou por outras causas, não possam esperar a passagem dos barcos a vapor, por isso que não é diaria;

3.ª O transporte de madeiras de construcção, de marcenaria, de tinturaria e dos generos alimenticios empachantes, que exigem largo espaço e não podem comportar fretes correspondentes ao logar que occupam nos barcos a vapor ou nos de reboque, e que assim viriam em balsas;

4.ª Todos os demais generos d'esta natureza, como porcos, carneiros, gallinhas, outras aves, etc., que, além de chegarem d'este modo ao mercado por preços mais baratos, exigem tracto diario e a vista e cuidados de seus proprios donos;

5.ª As fructas, hortaliças e outras miudezas de constante tráfico;

6.ª O transporte de familias numerosas e pobres, que não podem pagar passagem em barcos estranhos, e que em suas proprias canoas conseguirão transportar-se commodamente e quasi sem despeza;

7.ª A lenha empregada nas fabricas de cal, de telha e de outras industrias, e para consumo domestico, a qual vindo em botes e igarités chega muitissimo mais em conta, e nem é possivel que seja transportada pagando frete;

8.ª Todo o producto da lavoira da ilha, do Iguará e do Mony, que nada lucra com a linha de barcos a vapor;

9.ª Os pobres lavradores, que teem um ou dois escravos, esses moradores do Rozario, de S. Miguel, de quasi toda a ribeira do Itapecurú, que possuem seu escaler, e ajudados de seus filhos podem trazer n'elle até á capital o peixe, as laranjas, as bananas e outros muitos productos de seu pequeno tráfego. Esses não teem porventura direito a gosarem das vantagens que só o canal do Arapapahy lhes poderá proporcionar? Suas circumstancias não estão exigindo que o legislador e ainda mais o administrador da provincia se interessem e curem d'elles?

Poderia proseguir no desenvolvimento d'este ponto, apresentando um cento de vantagens; mas quem entre nós

póde desconhecer a conveniencia que resulta a cada habitante do interior da provincia de metter-se no seu barco, quando e como lhe parecer, e vir sem custo algum desembarcar n'esta cidade? Quem póde contestar a utilidade que resulta ao lavrador de metter a colheita no seu bote ou em balsas quando souber da alta do preço, e transportal-a ao mercado quasi que á tona da agua e com pouca despeza?

Sommae a economia que deve de resultar da diminuição de todos estes fretes; comparae-a com os juros da quantia que é mister dispender para completa conclusão do canal, ou mesmo com os juros de todo o capital desembolçado desde o principio da obra até sua finalisação, e dizei-me se esse juro não fica muito áquem do capital annualmente economisado, pondo mesmo de parte a commodidade dos viajantes que não poderem ou não quizerem utilisar-se dos barcos a vapor, ou de extranhas conducções.

Nem por isso ficarão prejudicadas as emprezas de navegação; pois que acima de nós ha quem tenha harmonisado os legitimos interesses da humanidade. A lei do progresso é providencial, e d'essa mesma facilidade de transporte e communicação originar-se-ha tanta actividade no transito de cargas e passageiros, que hãode os ter de sobra, ellas e o caminho de ferro que se realisar algum dia. Quando lhes não bastasse a grande receita dos fretes das mercadorias de retorno e dos passageiros, na volta, rio acima, teriam os do algodão, assucar, tabaco, coiros, aguardentes, carne e outros productos que, por seu preço, possam supportar os fretes, além dos demais generos que não poderem transportar-se de outro modo.

Os viajantes crescerão indefinidamente, e a producção ha-de augmentar por egual com a commodidade, segurança e certeza dos transportes, e os vapores e estradas terão muito que fazer, sem que o canal se torne menos frequentado.

Uma das fontes principaes da receita dos barcos a vapor que navegam o Mississipi é o transporte para cima dos conductores das jangadas que descem com madeiras.

Não trepidaram, comtudo isso, os nossos legisladores provinciaes em decretar na sessão de 1858 a paralysação e abandono das obras, sem attenderem aos 500:000$000 réis já gastos, e estar o canal aberto em toda a sua extensão e com a largura sufficiente, faltando apenas aprofundal-o para que as aguas das duas bahias se encontrassem e offerecesse o Arapapahy livre passagem aos nossos barcos. Dependia isso quasi que sómente do emprêgo de uma draga; mas não foi completado acto tão escandaloso, vandalico e revelador de consummada protervia sem que eu da minha humildade protestasse contra elle no n.° 54 da *Imprensa*. Entre outras razões que ponderei então, disse que era essa verba votada todos os annos pela assembléa provincial para similhante obra um obstaculo desconsolador aos que se banqueteavam na mesa do orçamento, importando a falta da mesquinha distribuição de mais fatias o mesmo que a defecção de algumas potencias eleitoraes a quem se negava um prato, allegando-se as imprescindiveis despezas do canal.

«Sei, dizia eu adiante, que alguns individuos que acompanharam na votação os proponentes, foram levados por uma idéa falsa de pôr barreira ás delapidações que teem ali havido. Admitto que assim seja: então o meio de cortar por abusos, de fazer cessar os disperdicios e a desidia, será o de abandonar uma obra utilissima e importante? será o de perder para sempre as grossas quantias que foram ali gastas, e que representam o suor do povo, que paga tributos? Por alguns empregados mal cumprirem seus deveres, em vez de os punirdes, de legislardes de modo que ponhaes aquella obra a coberto de machinações politicas, e embaraceis os presidentes a que abusem constantemente

fazendo regulamentos especiaes, marcando ordenados fixos e pingues aos afilhados, e commettendo outras malversões que sería longo aqui enumerar, parece-vos mais facil e razoavel matar essa obra!

«Não tendes coragem bastante para affrontar as iras dos concussionarios, não quereis malquistar-vos com vossos partidarios, e não temeis aliás a reprovação da opinião pública, e nem tereis vergonha do vosso acto ou receios de que no futuro a consciencia vos remorda e vos accuse de terdes deitado fóra tanto dinheiro e arruinado uma obra reclamada de seculo!!

«Direis talvez, para vos desculpardes, que a suspensão dos trabalhos é momentanea e em quanto se dá outro destino aos actuaes empregados, e se nomeia pessoal idoneo para com zelo e honradez administral-os.

«Ignoraes, porventura, que o abandono n'este caso equivale á obstrucção completa do canal? Não tendes visto que sempre que se tem interrompido a excavação quasi que se começa a fazer de novo a abertura; porque uma obra d'aquellas, abandonada ás violentas enxurradas de nossas copiosas chuvas e aos successivos desmoronamentos das barreiras, obtroe-se totalmente? Agora mesmo podeis verificar nosso asserto: desde que cessaram os trabalhos de excavação que o canal tem-se esbarreirado em varios pontos, vindo a ficar entupido n'elles.

«Construi uma casa com toda a solidez, e, quasi ao terminal-a, deixae-a descoberta ao tempo, e d'ahi a annos o que achareis? um montão de ruinas e nada mais. Um terreno pouco consistente como esse, talhado em plano inclinado até grande profundeza, se o entregaes á acção destruidora do tempo, e depois de annos procuraes esse canal começado, certo que não encontrareis d'elle mais do que vestigios, marcados por barrocaes, e nos cofres públicos um desfalque de 500:000$000 réis, e na memoria do povo

a execração d'esses que irreflectidamente decretaram o aniquilamento de uma obra desejada por todos e julgada util e necessaria de avós a netos».

Se minhas palavras sem prestigio e aqui de tão longe fossem porventura attendidas por algum dos presidentes de minha provincia que tivesse fôrça de vontade e animo tão esclarecido e emprehendedor como o do ex.mo sr. dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, implorar-lhe-hia que pozesse com firmeza peito e convergisse suas vistas administrativas para a conclusão da abertura do canal do Arapapahy. Terá esse por si a lei n.º 812, de 2 de julho de 1867 [1],

[1] Eis as disposições de supracitada lei:

Artigo 1.º Fica o govêrno da provincia authorisado a contractar com qualquer pessoa, ou companhia nacional ou estrangeira, que a isso se propozer, a abertura do canal do Arapapahy, sob as seguintes bases:

Art. 2.º O canal terá tal profundidade que na preamar de marés médias admitta a navegação livre e desembaraçada de embarcações de calado de agua egual aos dos pequenos vapores actualmente empregados pela companhia de navegação a vapor d'esta provincia, e largura sufficiente para passarem uma pela outra, sem se tocarem, as maiores canoas da carreira do Itapecurú; e será revestido de alvenaria onde for necessario.

Art. 3.º Todas as suas obras serão começadas e concluidas dentro de dois annos improrogaveis, contados da dacta em que se assignar o contracto.

Art. 4.º Concluido que seja o canal, o govêrno o fará examinar escrupulosamente por engenheiros, a fim de virificar se foram cumpridas todas as condições do contracto ordenado pela presente lei; e só o receberá se estas não lhe faltarem, em cujo caso permittirá que comece immediatamente a ser navegado.

Art. 5.º O govêrno se obrigará a ceder gratuitamente á pessoa ou companhia com quem contractar toda a obra que já existe no canal, o direito de perceber um imposto de todas as embarcações que por elle passarem, devendo este imposto ser estipulado de modo justo e proporcional combinado entre o govêrno e o emprezario, e a propriedade do canal e do imposto por espaço de sessenta annos, e lhe garantirá, além d'isso, durante os primeiros vinte annos d'este prazo os juros de 8 por cento ao anno, calculados sobre a quantia de 200:000$000 réis, em quanto o canal não tiver rendas, sendo obrigado sómente a completar-lh'os logo que elle comece a têl-as.

Art. 6.º Findos os sessenta annos, de que tracta o artigo antecedente, o canal passará a pertencer á provincia, devendo ser-lhe entregue em bom estado de conservação e será então franqueado ao uso público, sem *onus* algum.

de cujo projecto fui um dos mais insignificantes signatarios e logrei approvado em sessão legislativa do predito anno. Authorisa ella ao presidente da provincia a contractar com qualquer pessoa ou companhia nacional ou estrangeira a conclusão d'essa obra, mediante garantia de juros, a cessação das obras já feitas, e o privilegio e percepção de imposto de passagem durante sessenta annos. Mãos, pois, á obra com fervor e perseverança; façam-se bem conhecidas dentro e fóra do paiz as condições vantajosas concedidas por essa lei; que não faltará, de certo, quem se embarque em empreza que promette tão bons resultados e seguros lucros. Não haja receios nem hesitações por parte do administrador da provincia; que se não hãode passar muitos annos sem que o Maranhão venha a gosar dos beneficios que d'ahi se lhe derivarão, perdurando na memoria agradecida d'esses povos, de par com os de Joaquim de Mello e Povoas e Franco de Sá, o nome do que houver realisado esse desejo incessante dos maranhenses. Demais, é forçoso e de nossa honra que esta herança, que vae passando de geração em geração sem cumprimento, ache na actual quem adhira a ella.

N. B. — A este devia de seguir um outro artigo sobre alimentação, que publiquei no n.º 41 da *Imprensa* de 1859, quando se discutia na assembléa provincial um projecto taxando o preço das carnes verdes; mas como não tenha chegado até hoje a cópia que d'elle mandei tirar ao Maranhão e não queira retardar o trabalho typographico, dal-o-hei, talvez, no fim da obra em additamento.

LETTRAS

LETTRAS

TENTATIVAS HISTORICAS

I

Francezes no Maranhão [1]

SUMMARIO: — Doação feita do Maranhão e tentativas para colonisal-o. — Seu mallogro. — Jacques Riffault descobre a ilha do Maranhão e ahi deixa Carlos des Vaux. — Tornada d'este á França, d'onde parte com La Ravardière e Rasilly, nomeados logares-tenentes d'esta conquista pela regente Maria de Médicis, depois de certificada pelo senhor de La Ravardière da importancia do descobrimento. — Capuchinhos que acompanharam a expedição. — Viagem e chegada á ilha de Sanct'Anna, e d'ahi á do Maranhão. — Visita ás aldeias. — Indigenas que as habitavam, costumes, crenças e indole d'estes. — Morte do padre Ambrosio e volta á França do padre Claudio d'Abbeville e de Rasilly. — Tem noticia os de Pernambuco ao mesmo tempo que o govêrno de Madrid da occupação da ilha do Maranhão pelos francezes. — Ordena este ao governador Gaspar de Sousa que os expilla. — Determina o governador a Jeronymo d'Albuquerque que marche contra estes. — Mallogro d'esta expedição. — Vae de Portugal o sargento-mór Diogo de Campos Moreno com munições de guerra e juncta-se com Jeronymo d'Albuquerque dão começo ás hostilidades. — Feitos de Jeronymo d'Albuquerque e de seus companheiros. — Vem Alexandre de Moura substituil-o. — Acção geral. — Rendição e retirada dos francezes e ulterior destino de seus chefes. — Considerações finaes.

Navegava Pedro Alvares Cabral em 1500 para as Indias, quando os ventos e correntes oceanicas o impelliram para Porto Seguro. Não ligou importancia, nem procurou Portugal conhecer e povoar o novo e vasto territorio com que o capricho do acaso o opulentára, divertido com as glórias e riquezas que colhia no Oriente. Divididas as terras descobertas em doze capitanias, que serviram apenas para testimunhar a munificencia real, foram com ellas remuneradas serviços ou protegidos talentos. Coube assim por sorte ao historiador João de Barros, trinta e quatro annos depois que avistára Cabral o Monte Paschoal, a capitania do Ma-

[1] Inédito.

ranhão, ou antes cincoenta leguas de costa, que nem a carta de doação, ou o foral de direitos, passado em Evora a 11 de março de 1535 e a carta de privilegios de homizio, da mesma dacta, designam-lhe o nome [1]. Encravado o territorio doado ao historiador das Indias nos que pertenciam a Fernão Alvares de Andrade, thesoureiro-mór do reino, e a Ayres da Cunha, a quem foi passado foral de direitos do mesmo theor e dacta do seu, intendeu João de Barros que, reunidos os esforços dos tres donatarios, sortiria o negocio melhor exito; portanto associou-se a elles e conseguiu apparelhar com extraordinario sacrificio de cabedaes dez embarcações, em que metteram-se novecentos homens, sendo d'estes cento e dez de cavallo, munições de guerra e de boca, e grossa fazenda. Tão fervorosos e empenhados andavam elles, e taes esperanças anteviam nos resultados d'esta empreza, que lhes levava os olhos, que um d'elles, Ayres da Cunha, dois filhos de João de Barros, e uma pessoa de confiança do thesoureiro-mór do reino foram da jornada. Em outubro de 1535 partiu este poderoso comboio, mui superior a posses particulares e o mais pujante de certo que até ali navegaram mares da America Portugueza. Ao entrar a barra do Maranhão sossobrou esta armada nos baixos que a tornam tão perigosa e difficil, escapando com vida d'este naufragio mui poucos, e entre estes os filhos do historiador, que abrigaram-se a uma ilha designada por elles da Trindade, e que parece-me ser a de Sanct'Anna. Conseguiram, a final, d'ahi partir, ganhando terras de Portugal empoz trabalhos e perigos sem conta.

Arruinados os socios, e desgostosos de tão lastimoso successo, abandonaram de vez o que lhes fôra desbarato total, e João de Barros fez desistencia da doação, a despeito das promessas de riquezas que aquellas remotas pla-

[1] Vejam-se na nota A esses dois curiosos documentos, que descobri no Archivo da Torre do Tombo, e tenho por inéditos.

gas lhe estavam a negaciar e dos favores com que o rei animára aquelle emprehendimento, não sendo o menor o de franco homizio que concedêra aos criminosos que fossem povoar o Maranhão, e de que só exceptuava os accusados de heresia, sodomia, traição e moeda falsa. Permittia mais áquelles dedicarem-se ao genero de vida de sua escolha e a virem de quatro em quatro annos ao reino. Volveram, todavia, vinte e tres annos, até que em 1554 foi premiado Luiz de Mello e Silva, filho do alcaide-mór de Elvas, com essa capitania [1]. Veiu em auxilio d'este novo donatario o proprio rei, e assim pôde partir n'esse mesmo anno com tres embarcações de maior porte e duas caravellas, trezentos homens de pé e cincoenta de cavallo; mas ao chegar á costa do Maranhão soffreu desgraça egual á que tiveram seus predecessores, naufragando nos baixos da *Coroa Grande*. Salvou-se, porém, a muito custo em uma das caravellas, em que tornou-se com os naufragos a Portugal para em 1573 ir perder-se na nau *S. Francisco*, caminho das Indias, onde ganhára grossa fazenda. D'ahi em diante ninguem mais cuidou em solicitar a posse ou emprehender jornada a regiões que tinham sido a ruina e sepultura de tantos infelizes!

As tentativas por terra não foram melhor succedidas. Um Gabriel Soares, que não está averiguado se é o mesmo author do *Roteiro* ou outro individuo de egual nome, foi o primeiro a commetter a exploração d'aquelle territorio; mas tendo chegado ao rio S. Francisco, depois de trezentas leguas de uma jornada, em que as difficuldades se

[1] Rocha Pitta nas pag. 89 e 90, §§ 40 e 41 da sua *Historia da America Portugueza*, referindo que Luiz de Mello e Silva já conhecia aquellas paragens, levado a ellas pelos ventos (1554), confunde aliás as epochas d'estas doações e dá a d'este anterior á de João de Barros, o que é manifesto erro, como outros em que cae n'esse trabalho; pois que está bem averiguado que por desistencia de Barros é que veiu a recair em Luiz de Mello e Silva a concessão d'aquellas terras do Brasil.

lhe não deparavam menos que os perigos, viu-se obrigado a retroceder, minguada pela morte sua expedição.

Nomeado Pedro Coelho de Sousa, capitão-mór pelo governador geral do Brasil, tentou em 1603 a exploração d'aquellas paragens. Para isso partiu por terra com oitenta portuguezes e oitocentos indios alliados, e caminhou pelo litoral até o Ibyapaba, onde soffreu tenaz resistencia dos naturaes. Depois de varios successos, uns felizes, outros contrarios a suas armas, conseguiu por fim estabelecer-se em Jaguaribe. Exerceu, porém, sobre os pobres indigenas crueldades taes e tantas, até sobre os proprios visinhos e alliados, que os indios, de exasperados, revoltaram-se contra elle, que, não encontrando protecção nos proprios portuguezes do Pernambuco, deu-se ainda por feliz em poder fugir d'ahi com a familia.

Conservavam os indigenas do Ceará tão vivaz a lembrança do muito que padeceram das atrocidades e violencias de Pedro Coelho, que indo ter com elles, em 1605, os padres jesuitas Luiz Figueira e Francisco Pinto, apesar de acompanhados sómente de quarenta indios amigos, e revestidos de seu caracter religioso, que era tão respeitado dos selvagens, nada lhes valeu. Chegados ao logar abandonado por Coelho e M. Soares Moreno, os dois missionarios, descalços, rotos, famintos, sem outras armas que o bordão e palavras de paz e de amor, encontraram ahi o principal dos *potyguáras*, que mostrou regosijar-se com a sua vinda. Convocou então *Amanay*, que era este o seu nome, os demais principaes, que, mudados já de conselho, arremetteram contra os padres. Era o padre Pinto perito na lingua geral e empregou, segundo Moraes *(Historia da Companhia de Jesus*, pag. 32), preces e eloquencia cabaes para persuadir e commover outros que não esses selvagens, dominados de odio e espirito de vingança. Cresceram para elle quatro dos mais encruecidos, e, descarregando sobre

cabeça do padre a mortifera arma dos sacrificios — o *pau de jucá* — o estenderam morto. Póde, no entanto, fugir seu companheiro, o padre Luiz Figueira, auxiliado por alguns dos indios que os haviam acompanhado n'esta baldada e infeliz missão.

Estava reservado aos francezes estabelecerem-se primeiro nas terras do Maranhão. O capitão Jacques Riffault, que já pirateava nas costas do Brasil ao cheiro das madeiras de tinturaria e de outras preciosidades que havia dos naturaes, conhecia a ilha do Maranhão, explorada desde 1524 por navegantes de Dieppe, e estava em boas relações com um dos principaes, *Uirá-piyá* (arvore sêcca). Confiado na amizade d'este indio e promettendo-se vantajosos resultados, apercebeu tres embarcações, e a 15 de maio de 1594 fez-se de volta da ilha do Maranhão. Não surtiu o commettimento facil e prospero, como imaginára. Houve no decurso da viagem e por mais de uma vez altercações entre seus companheiros de aventura, e ao aportar a seu destino, experimentou tambem os perigos d'aquella barra, perdendo uma das embarcações, e vendo-se obrigado por isso a abandonar em terra parte dos naufragos. Foi um d'elles Carlos des Vaux, natural de S. Mauro, na Turenne, moço nos annos e bem apessoado no aspecto.

Tiveram estes tamanha entrada na vontade dos indigenas, sobretudo des Vaux, que não tardou alcançasse este meios para voltar á França. Maravilhado do que vira no Maranhão, representou ao rei, que então era Henrique IV, procurando convencel-o das vantagens que adviriam ao estado da posse d'esse territorio, e não descançou até que logrou ser attendido d'elle. Desconfiado, porém, o cauteloso monarcha das maravilhosas narrativas de des Vaux, mandou em sua companhia La Ravardière, habil official de marinha e pessoa de sua confiança, para que procedesse ali a detido exame e désse conta do que visse na ilha do Ma-

ranhão. Chegado La Ravardière a salvamento á referida ilha, demorou-se n'ella cêrca de seis mezes, e de volta a França, succedeu que era já morto o rei pela mão regicida do jesuita Ravaillac, e na regencia Maria de Médicis, tutora de seu filho, Luiz XIII, e, portanto, desfeitas as esperanças d'estes aventureiros. Não desmaiaram, todavia, em presença de similhante contrariedade, antes La Ravardière soube attrahir o almirante Rasilly, que era bem visto n côrte, e a quem confiou seus planos. Acolheu-os este com alvoroço e se lhe associou de grado na empreza.

Decidido o negocio, consumiram quinze mezes nos preparativos da viagem, combatendo palmo a palmo a reluctancia e incredulidade dos que os podiam valer com capitaes, até que por derradeiro obtiveram o apoio de pessoas poderosas, taes como o barão de Sancy, que entrou socio para a empreza.

No desempenho de desobrigar-se da vontade manifestada pelo defuncto monarcha, nomeou a rainha regente a La Ravardière e Rasilly seus logares-tenentes das terras que iam povoar. Conseguiram mais que os acompanhassem os padres capuchinhos Claudio d'Abbeville, a quem Berredo por mal informado dá como superior d'elles, Ivo d'Evreux, Arsenio de Paris e Ambrosio d'Amiens, todos quatro do convento de Sancto Honorato, de Paris. Com esta pequena caravana religiosa, alcançada por diligencias de Rasilly, que era catholico, se partiram a 19 de março de 1612 do porto de Cancale em tres embarcações: a capitania de nome *Regente*, em honra de Maria de Médicis, a immediata *Carlota* e o patacho *Sanct'Anna*. Combatida esta frota de tormentas desde que sairam de França, arribou a differentes portos de Inglaterra, primeiro o patacho, depois a vice-capitania e no dia 23 a capitania.

Reparadas as avarias e reunidas as embarcações em Plymouth, fizeram-se de véla para seu destino ás sete horas

da tarde de 23 de abril. Tendo na sua derrota aportado á ilha de Fernando de Noronha, onde refrescaram, ahi praticaram seus companheiros, os padres capuchinhos, actos religiosos, como o de baptisarem alguns indios e casarem dois. D'estes os acompanharam alguns, que muito os ajudaram no Maranhão. Velejando depois pela costa, avistaram o Ibypaba, e reconhecido depois o rio Camossy, ancoraram os francezes a 26 de junho no porto da ilha, a que os naturaes chamavam *Upaon-merim*, e pozeram-lhe áquelles o nome de Sanct'Anna, que ainda hoje conserva. Erguendo a 29, na collina que demora a mil passos do seu ancoradoiro [1], uma cruz talhada grosseiramente e conduzida a essa paragem nos hombros dos cabos francezes e dos indios, seguiram depois d'ahi des Vaux e Rasilly com boa porção de francezes em demanda da ilha do Maranhão, onde encontraram dois navios de Dieppe, commandados por Demanoir, que muito contribuiu de sua parte para que fossem recebidos dos habitantes com vivas demonstrações de regosijo e benevolencia. Mostrando-se os indios anciosos por verem os padres capuchinhos, e accedendo estes a suas instancias, vieram para a ilha a 6 de agosto, e erguida que foi uma capella de pindobas á maneira dos *tejupábas* d'aquellès selvagens, disseram a 12 a primeira missa que foi celebrada n'aquellas partes.

Desejando os francezes ir sempre de accordo com a vontade dos indios, por comprehenderem que era esse o meio de conseguirem muito d'elles, explicaram-lhes, por intermedio de des Vaux, quaes seus designios e prometteram-lhes efficaz protecção, no que convieram os principaes da ilha. Tendo os logares-tenentes ganhado a confiança dos habitantes da ilha, procuraram o local onde assentarem as

[1] Não se póde hoje determinar qual fosse essa posição, se houvesse n'isso interesse archeologico; porque sendo a ilha formada de areias, tem ella perdido terreno com as invasões do mar.

fortificações, e escolhida a posição para o forte, começaram a construil-o com todo o ardor, auxiliados n'esse empenho pelos proprios naturaes, que foram incansaveis no trabalho.

Servindo-me das palavras do Claudio d'Abbeville, passarei a descrever o terreno onde ainda hoje se vê o forte do baluarte: «Escolheram (Rasilly e La Ravardière) o terreno apropriado ao fim; por isso que demora no sopé de uma alta montanha, na ponta de um rochedo inaccessivel e que domina todos os demais pontos e descobre a perder de vista quanto o rodeia; fortificado do lado de terra, é inexpugnavel, e tanto mais forte, por isso que o circumdam dois rios mui profundos e espaçosos (em 1612) que desaguam juncto d'este rochedo» (*Histoire de la mission des pères capucins*, pag. 66). D'esta simples descripção collige-se que o local escolhido pelos francezes para o seu forte não é aquelle em que está edificado o palacio do govêrno, como foi levado a dizer por inadvertencia o aliás escrupuloso escriptor João Francisco Lisboa na pag. 70, tom. II de suas *Obras;* porque esse edificio occupa o cume e não as faldas da collina.

Tão satisfeitos e contentes mostravam-se os indios com os seus hospedes, que era tudo festejal-os e ajudal-os na construcção de casas para o alojamento d'elles, de um armazem para as mercadorias, e do forte, onde foram cavalgadas vinte peças.

A mil ou mil e duzentos passos d'este, e onde havia uma fonte de aguas vivas e purissimas, fundaram os padres, coadjuvados pelos indios, duas casas pelo feitio e modo das mais, sendo uma para vivenda e outra para a celebração dos officios divinos, formando ambas o convento de S. Francisco, no mesmo sitio onde vemos hoje o de Sancto Antonio. Conforme a politica dos commandantes, não ficaram todos os francezes aposentados no forte e nas ha-

bitações convisinhas; mas repartidos em lotes de dez e doze, e alojados nas diversas aldeias, para assim irem habituando os indios á sua presença e convivencia, até submetterem-se por si mesmos ao dominio dos francezes. Era acertado o plano e cabal para d'elle obterem-se proveitosos resultados.

Estavam divertidos n'estes lavores, quando veiu recado a Rasilly que o principal *Japy-assu* desejava tractar com elle de negocios importantes. Annuindo ao convite, mandou aquelle armar a sua rede na casa das reuniões, e na hora aprazada para este conselho entrou para ali e deitou-se n'ella, como usavam os naturaes em casos identicos. Do discurso do principal *Japy-assu*, ainda que evidentemente floreado, como se acha na *Histoire de la mission* do padre Claudio d'Abbeville, ressumbra o odio que votavam os *tupinambás* aos portuguezes, usurpadores de suas terras, e de quem se queixavam e promettiam fugir, embrenhando-se pelos mais longinquos e impervios sertões logo que apparecessem no Maranhão, como já o tinham feito no sul do Brasil. N'esta reunião, como em outras occasiões, mostravam-se sempre satisfeitos das relações com os francezes, sobretudo por terem trazido os padres para doutrinal-os, a elles que pareciam ter taes ou quaes crenças religiosas, ainda que imperfeitas e apenas delineadas; mas que concorriam com sofreguidão ás práticas do culto exterior da nossa religião, cujas pompas e ceremonias os maravilhavam e davam grande prazer.

Entaboladas e em bom andamento as negociações com os indios, fez-lhes Rasilly comprehender que antes de qualquer outro procedimento cumpria levantar a cruz do Redemptor como testimunho do ardente desejo que mostravam por abraçar a religião de Christo e estar sob a protecção do rei de França. Reuniram-se então os principaes em conselho, e convindo na proposta do logar-tenente tra-

ctou-se de construir essa cruz, e na ante-manhan de 8 de setembro, ouvida a missa solemne na capella dos capuchinhos, foi arvorada pelos francezes e indios ao som da artilheria e da grita e esgares jubilosos d'estes. Celebrada que foi a bençam da cruz, era de ver, segundo Abbeville, a devoção d'estes selvagens! Prostraram-se de joelhos com apparente respeito e recolhimento, como viam practicar aos francezes. De toda a ilha acudiu gente e foi extraordinaria a concorrencia dos indigenas, que vieram pressurosos e em chusma assistir a este acto religioso, attrahidos pela novidade d'elle.

Terminada esta solemnidade, passou-se a benzer a ilha, tambem ao som da artilheria do forte e dos navios, dando Rasilly por essa occasião áquelle o nome de fortaleza de *S. Luiz*, em homenagem ao rei de França (Luiz XIII), e ao porto o de *Sancta Maria*, já por ser o de Maria de Médicis, regente, como o da Virgem Santissima, cuja natividade é n'esse dia commemorada pela egreja. D'ahi estendeu-se o nome do forte a toda a cidade, que ainda hoje o conserva, cabendo depois á bahia o de *S. Marcos*.

Mostravam-se os indios, em especial as mulheres, attentos ás prégações dos padres e inteiramente dispostos a seguir sua doutrina d'elles e receber o baptismo. Em virtude de tão boas disposições, aguardavam os padres mais reforços religiosos para estabelecerem casas onde recolhessem e instruissem as crianças (ob. cit., pag. 93). Era, pois, pela catechese e instrucção, pelo amor e brandura que pretendiam ganhar a estima e confiança d'essas simples e rudes creaturas, cujos erros eram motivados pelo entendimento em espessas trevas. Não arrefeciam os padres capuchinhos, no entanto, nas práticas religiosas, antes iam de dia para dia ganhando terreno nos animos d'esses gentios, cuja presença reclamavam á competencia para suas aldeias, anciosos de receberem o baptismo, principalmente depois

que houve ensejo de celebrar-se este acto á maneira da Europa em uma criança que havia dado á luz uma das indias trazidas da ilha de Fernando de Noronha, e que foi levada á pia baptismal da capella de S. Francisco com todas as cerimonias do ritual. No dizer d'Abbeville isto edificou sobremaneira os indios que o presenciaram.

Não havia momento de repoiso para estes incançaveis obreiros: os sermões, as missas, os casamentos, os baptisados enchiam-lhes todas as horas, e a conversão dos indigenas ia correspondendo a este insano labor, como affirmam Ivo d'Evreux e Claudio d'Abbeville. Se quatro missionarios era numero deficientissimo para attender ás necessidades de tanta gentilidade, considerem como se viriam elles assoberbados e afflictos com a perda do padre Ambrosio d'Amiens, que no meio de tão gloriosa tarefa rendeu ao Creador os espiritos abatidos de fadiga superior a seus adiantados annos e molestias que adquiriu no cutilvo d'esta vinha tão bravia!

Não penseis que afrouxassem com este revez, antes procuraram novos e maiores trabalhos, acompanhando os exploradores nas excursões ás aldeias da ilha e terra firme, a que os induzia a curiosidade nativa e a piedade christan. Assim que, embarcaram-se a 28 de setembro (1613) na praia de Sancto Antonio *(Iaviré)* em canoas equipadas por indios, os padres Claudio d'Abbeville, Arsenio de Paris, e os srs. de Rasilly e de Sancy, o irmão d'este, Carlos des Vaux, tres ou quatro criados de Rasilly e alguns indios. Subindo pelo rio *Mayuba* (Anil), aportaram ao Turu (*Toroup*, escreve Abbeville), e tomando ahi guia, seguiram a pé caminho de Juniparan, que era a mais importante aldeia da ilha [1]. Ao meio-dia eram chegados a Januarém, recebendo-os o principal e mais habitantes d'esta aldeia

[1] Será Guarapiranga?

com a alegria e satisfação que já haviam mostrado os das outras por onde passaram. Eram as mulheres a prepararem-lhes as comidas, os homens a offerecerem-lhes caça e peixe, e o principal a lavar-lhes os pés e armar-lhes redes na sua propria *oca*, collocando a de Rasilly ao pé da sua como prova de distincção e estima. Para não descontentarem aos moradores d'essa aldeia, baptisaram os padres uma india de dois annos, promettendo na volta administrar o baptismo a todos os que se achassem nas condições de recebel-o. Tiveram em Juniparan identico acolhimento, saindo-lhes ao encontro *Japy-assu*, principal da aldeia e chefe supremo dos mais, que o respeitavam e seguiam-lhe em tudo os conselhos e alvitres. Diz d'elle Abbeville «que era cordato, prudente, notavel por seus discursos, sobretudo quando fallava de Deus, do diluvio e das crenças que haviam recebido por tradição. Lastimou-se tambem da dura dominação dos *peros* (portuguezes), que os obrigaram a fugir para os matos, abandonando a terra de seu nascimento e onde estavam os ossos dos seus maiores (ob. cit., pag. 99). Continuando n'esta visita, percorreram com egual bom exito *Carnapió*, a uma milha de Juniparan, *Itapary*, *Yassáuap*, e de volta aonde ficára o padre Arsenio occupado na catechese, celebraram baptisados e casamentos, e ouviram de confissão a alguns indios. D'ahi vieram á aldeia de *Cuiyp* (Cutim), á *Mayoba* (Maïouve, escreve Abbeville), e por ultimo a *Timbohu* (Vinhaes). Tinha a ilha ao todo vinte e sete aldeias, calculando o padre Claudio d'Abbeville de quinhentos a seiscentos moradores em cada uma, e de dez a doze mil almas a população indigena da referida ilha.

Não de todo descançados d'esta peregrinação, foram-se a *Tapuytapera* (hoje Alcantara), na terra firme, e discorreram por suas dez aldeias, mais habitadas do que as da ilha, e d'ahi abalaram para o *Cumã* (Guimarães), onde

havia quinze aldeias tambem mui populosas, sendo os habitantes tanto d'estas como d'aquellas alliados e amigos entre si e dos da ilha do Maranhão. Fizeram os francezes, além d'estas, duas viagens ao rio *Meary*, cujos habitantes são chamados pelo padre Ivo d'Evreux de *miiarigoms* (*Mearyguaras* é a verdadeira ethymologia do nome. que hoje por corruptela se diz, *Mearioara*), e os dá como bravos, robustos, generosos e complacentes para com os criminosos de caso fortuito e sem malicia... «Je tiens qu'ils sont beaucoup plus aisés à civiliser que le commum de nos paysans de France (*Suite de l'histoire de la mission des pères capucins, etc., par Ives d'Evreux*—1864, pag. 64). Não ficaram só n'estas explorações e nas dos rios Itapecurú (*Taboucourou*—*Tabucurú*—escrevem os capuchinhos), e Piuaré, afoitaando-se por fim a visitar o grande Amazonas. Partiram com esse proposito a 8 de julho de 1613 em canoas tripuladas por quarenta e dois soldados e onze marinheiros, além dos indios remadores. Chegados a Cumã reuniram-se-lhes vinte principaes d'estas aldeias e das de Tapuytapera, e assim navegaram para os Cahetés, onde se demoraram perto de um mez, entrando depois no rio Pará, onde repelliram o ataque dos habitantes de uma aldeia. Não proseguiram n'estas diligencias, porque La Ravardière foi avisado por Pezieu de que fôra vista embarcação portugueza na ilha de Sanct'Anna, sendo provavelmente a de Martim Soares Moreno, que por mandado de Jeronymo de Albuquerque foi tomar lingua entre os francezes; mas a quem os ventos desgarraram para as Antilhas. Deu de mão a esta empreza e voltou La Ravardière para o forte de S. Luiz, mediando entre a saída do mensageiro de Pezieu e a tornada do commandante francez alguns mezes, de modo que se não fosse a morosidade e desidia que empregámos nós e os portuguezes em todos os actos, teriam tido occasião de apossar-se com summa facilidade da ilha

do Maranhão, ausentes como estavam os dois chefes d'esta nascente colonia, Rasilly, em França a prover-se de recursos e meios de defeza, e La Ravardière no Pará. Não ficou este ainda assim inerte no seu empenho de descobrir novos territorios, tanto que despachou uma expedição para explorar o rio *Urupy* (Gurupy), em que se dizia haver minas de oiro e prata.

Se por um lado esforçavam-se os francezes por estabelecerem relações com os indios, tornando-os seus alliados e christãos, conheciam por outro insufficientes os meios de que dispunham para colherem todo o fructo de seus esforços. Foi por isso que no 1.º de dezembro partiram da ilha Rasilly e o padre Claudio d'Abbeville com destino á França para ali munirem-se de soccorros materiaes e espirituaes. Chegados á ilha de Sanct'Anna a 4 do mez, d'ahi se passaram para a capitania, que fez-se immediatamente de véla. Navegaram com vento de feição e feliz viagem até a altura dos Açores, onde foram assaltados por uma tormenta. Nem bem recobravam-se d'ella, que ventos ponteiros e rijos obrigaram a capitania a arribar a Falmouth, e depois a Darthmoutha, de modo que só a 16 de março do seguinte anno (1613) é que ancoraram no Havre. Ahi mesmo os salteou novo temporal, e teriam seguramente soçobrado se os não tivesse soccorrido a tempo o governador da cidade.

Com a estada de Rasilly em Paris, mui pouco melhoraram os negocios da colonia quanto á protecção e favores com que elle contava. Se os seis indios que trouxeram comsigo, como amostra d'aquella conquista, excitavam a curiosidade dos parisienses; se a côrte os adereçou e festejou, servindo-lhes o proprio rei de padrinho quando se foram a baptisar e casar, não passaram estas vans demonstrações de meras diversões para quebrarem o que havia de sediço nos regios passatempos. Não foi tão in-

feliz o padre Abbeville; porque, se teve o desgosto de ver morrer tres de seus neophitos, coube-lhe entretanto a dita de ser attendido em suas requisições e mandados na expedição de Pratz dezeseis capuchinhos de seu convento de Paris, que se teriam desvelado na catechese e obtido grandes resultados, se ao chegarem ao Maranhão não encontrassem a colonia já ameaçada pelas armas portuguezas.

Na ausencia do padre Abbeville, não deram seus companheiros somenos provas de zelo e devoção. Escrevendo o superior Ivo d'Evreux ao provincial de Paris, a 15 de julho de 1613, por um navio de Dieppe, chegado á França a 7 de outubro, dá-lhe conta de innumeras conversões e de uma nação de *tabajáras*, arredados d'ali obra de cincoenta leguas, e que estando em contínua guerra com os da ilha, foram por fim induzidos por alguns dos seus ali captivos e dedicados aos padres. Foram, pois, com alguns francezes de embaixadores aos seus e lograram seu bom intento. Inclinavam-se tambem os de Pinaré a pazes. Confirma o padre Arsenio de Paris, em carta ao reverendo Archangelo de Penbrock, os progressos da conversão e as sympathias de que gosavam os francezes entre os *tabajáras* do Itapecurú. Luiz de Pezieu, escrevendo ao padre Claudio d'Abbeville, abundava nas mesmas noticias e dizia mais que preparava-se a acompanhar os padres em novas excursões pelo interior do paiz.

Espiritos audazes e activos, não se deram por contentes com a posse do logar onde assentaram o forte e a capella, e tinham os lineamentos da cidade e colonia, tanto que foi o primeiro cuidado dos francezes, gente curiosa e amiga de aventuras, perlustrar o territorio, estudal-o, conhecel-o e a seus habitantes. Sem torcerem o rosto ás difficuldades naturaes, á opposição que lhes podiam offerecer os moradores, antes enfeitiçados pelo desconhecido e pelo impre-

visto, não descançaram um momento nas expedições ora a um, ora a outro ponto do Maranhão.

Ao aportarem á ilha acharam n'ella, não seus primitivos habitantes, mas os *tupinambás*, que a ella se haviam acolhido, fugindo dos invasores portuguezes, senhores da Bahia, de Pernambuco, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, e que os expelliram dos *cahetés*, isto é, do paiz das florestas, assenhoreado por elles, que os queriam sujeitar ás suas leis e costumes, direi—á escravidão. Esses indigenas, porém, livres por condição e natureza, tiveram por melhor abandonar sua terra e relegarem-se á espessura das mais inextricaveis matas. Não se julgando ainda ahi seguros, porque os vinha procurar n'ellas a cobiça dos invasores, metteram-se a caminho em busca de solidões remotas até que lhes impediram o passo—o Oceano do lado direito e o Amazonas do esquerdo. Derramaram-se, portanto, pelo litoral e margens dos rios. Eram, de certo, todos estes da mesma familia, tanto os da ilha e territorio convisinho, como os de Tapuytapera e Cumã—*tupinambás* em summa, e assim as demais populações ribeirinhas. Confirma-me ainda mais n'esta opinião o não ler em Claudio d'Abbeville nem em Ivo d'Evreux, profundos e atilados observadores, que fallassem esses indios lingua diversa, antes os nomes dos logares, rios e montanhas que visitaram, e os que até hoje conservâmos, são todos na sua integra, ou em suas raizes, de origem *tupy*.

As denominações das diversas tribus procediam do sitio occupado por ellas, e a que ajunctavam-lhes como dissinencia o termo—*jára*, *goara* ou *enguara* (senhor, habitante), conforme melhor soavà aos ouvidos tão harmonicos d'aquelle povo; assim, os da montanha de Ybiapaba eram *ybiapabaenguára*, os da costa do mar, *paranáguara*, os de Meary, *mearyenguára* ou *maeryoara* (por brevidade), os do Pará, *paraoaras*, e os do Maranhão, *mara-*

nãguara [1], notando Abbeville com muito acerto que embora se dispersassem pelo valle do Amazonas, todos eram *tupinambás* (ob. cit., pag. 26).

São d'estas tribus que originam-se as reliquias que temos, hoje mescladas, confundidas e degeneradas, mais bravias e desconfiadas pela vida errante, e desgraçadas no seu aviltamento, até que os caminhos de ferro e novos e mais proximos centros de população civilisada as afugentem de todo ou as extinguam, absorvendo-as. D'esses *tupinambás*, *tabajáras* e *potyguaras*, matrizes das tribus que transformaram seus nomes com o correr dos tempos ou conforme as querem denominar os povos civilisados em contacto com ellas, é que derivam os nossos actuaes gentios. Distinguem-se estes ou podem ser classificados em tres grandes divisões: Os *crans (pomecrans, camecrans* e outras tribus com a mesma dessinencia), que habitam a Carolina, a Chapada, a Barra do Corda e as cabeceiras do Meary, e são de estatura avantajada, robustos, corpulentos, de aspecto mais feroz, intractaveis e difficeis de domesticarem-se. Os *gês (cractegês, augês, payagês, pobegês* e outros) para leste, nas raias do Pará; mais humanos, dados a relações com

[1] Vem de molde ventilar aqui de passagem a ethymologia do nome Maranhão, em que devirjo de todos quantos têem tractado d'este ponto; porque a mim me parece que não passa elle de uma corruptela do nome *Paranã* o que era aliás vezo mui commum nos descobridores e chronistas, trocando o *p* em *b* ou *m*, o *v* em *b* ou vice-versa, e o *b* em *m*, etc., conforme lhe toava o som ou o modo de pronunciar estas lettras. Era mui vulgar denominarem os indios os sitios do litoral com a radical *Paraná* (mar) ou por abreviatura, *Pará*. Assim, diziam *Paraná-bue* (Pernambuco), *Para-hy ba*, (Parnahyba), *Paranaguá*, (Paraná), etc. Que não vem elle nem de *Mar* ou *non*, como quer Orellana e os que o seguem, nem de *Maranha Grande*, como diz o padre Antonio Vieira no seu despeito ou por facecia, não ha duvidar. Parte do rio Amazonas é chamado Maranhão, e os francezes, primeiros europeus que habitaram a ilha, ali acharam os naturaes, chamando-se *Maranãguaras*, ou talvez *Paranãguaras*, ou porque o som da primeira lettra era nasal, confundindo se o *p* com *m*, como creio, ou porque assim o parecesse aos descobridores.

gente civilisada, de baixa estatura e aspecto mais sympathico. Para o sul da provincia os *tymbiras*, e nos rios Pindaré, Guajahú e Meary os *guajajaras*, em geral relacionados com os agricultores e negociantes de Monção, Vianna, Penalva e Baixo-Meary, e mais para o centro os *gamellas*, mais rudes e de physionomia desagradavel.

Esses indios, a quem nos tempos primitivos da colonisação européa na America pintavam as chronicas e relações dos missionarios e navegantes da Peninsula Hispanica com côres tão terriveis, comparando-os a feras, que nos seus instinctos sanguinarios se compraziam só com o sangue de seus similhantes, apparecem nas singelas narrações de Claudio d'Abbeville, de Ivo d'Evreux, de Thevét e de João Lery conforme aos instinctos naturaes da especie humana, na simpleza da ignorancia. Não os qualificavam estes, que se pozeram em contacto com os selvagens, e os observaram de perto, extremes de todo o fanatismo e prejuizos que lhes obdurassem o entendimento, de brutos quasi irracionaes sem lei, nem rei, nem fé. Acharam, pelo contrario, entre elles um tal ou qual govêrno; por isso que obedecia cada aldeia a um *morobixaba*, escolhido por seu valor, destreza e temeridade, provados nas luctas:—é o reconhecimento da fôrça physica, primeiro movel nas sociedades pouco desenvolvidas. Acima de todos os principaes de uma tribu havia um chefe, com poder e mando sobre os demais; porém não tomando por si decisão alguma em casos graves de guerra, de paz, de alliança ou de mudança de sitio e fundação de nova aldeia sem que ouvissem primeiro a um conselho, composto não só de todos os principaes a quem dirigiam, como dos homens mais experimentados e respeitados pela edade e feitos de valentia. Aceitavam e submettiam-se ao que era ahi assentado. Este systema denuncía um povo na infancia da civilisação e não de todo o ponto barbaro e feroz. Á theogonia, que Thevét descobriu nos nos-

sos selvagens, vem junctar-se as noções de Deus, da immortalidade da alma, de um diluvio, e de um como que propheta, de cuja passagem entre elles fallavam por tradição, segundo nos referem alguns dos supracitados escriptores.

Deus na lingua geral é *tupan*, radical de *tupy*, a tribu mãe e por excellencia; o trovão, prenuncio da tempestade, manifestação do poder do Creador, é *tupan ramimanhãn* (Deus fez isto). A polygamia era entre elles como uma necessidade e conveniencia. Em continuas luctas, excedia o numero das mulheres ao dos homens, e para satisfazel-as na lei providencial da multiplicação da especie, e terem quem lhes cuidasse da lavoira e serviços domesticos, casavam os indios com tantas mulheres quantas lhes aprazia e cabiam em suas posses, sendo considerada a fôrça viril e pujança de cada um na razão directa do maior numero d'ellas; mas nem por isso tinham ciumes umas das outras, nem se travavam em rixas sob o tecto marital. Quando algum indio dispunha-se a casar, pedia a rapariga de sua eleição ao pae ou ao irmão d'esta, e sem o consenso d'elles não havia realisar-se o consorcio, maravilhando-se o padre Ivo d'Evreux d'esta submissão e respeito aos progenitores, que serviam de élo á harmonia e união da familia. Não era a edade impedimento ao ajuste nupcial, tanto que, accordadas as partes interessadas no enlace, era a menina tida como mulher do que a requestára, e em attingindo á puberdade ia para a companhia do marido. Entre os actos de seu culto, sobresae o dos funeraes, que excepto a fogueira onde queimam os das Indias Orientaes a viuva do morto, arremedam seu tanto ao que estes usam; porque tambem entre lamentos, gritos e cantos, relembrando os altos feitos do morto, mettiam-lhe o cadaver acocorado na cova, talhada em fórma oval, com todas as armas e ornatos que trazia o guerreiro em vida,

pondo-se-lhe ao lado das flechas e do *tacape* uma pucara com agua e alimentos. Para os que tinham practicado a seu modo actos de virtude e de valor, e para os bons de animo havia na outra vida, emfim, como recompensa, a fruição das dilicias de uns como Campos-Elysios situados para além dos Andes, nas montanhas azues, sitio de prazeres e de paz. Eis ahi provas evidentes de que criam na immortalidade da alma. Havia tambem entre elles uma classe de homens privilegiados, os *pagés*, especie de sacerdotes e medicos, com suas visões e vaticinios, e suas supersticiosas práticas, Esses cenobitas sujeitos a convulsões nervosas, como todos os ascetas, e que passavam por uma iniciação dolorosa, ingerindo depois uma infusão de folhas de tabaco, cujos principios venenosos prostram e convulsionam, não lembram os augures, os prophetas, os *vates* dos principios da Roma pagan?

Se a lucta era n'elles uma instituição, um exercicio necessario para alimentar-lhes o valor, nem por isso deixavam os da mesma tribu de viver na melhor harmonia, sendo o amor entre paes e filhos, a hospitalidade para com os estrangeiros, cultivados com extremado desvelo. São amigos dos seus e dedicados aos alliados, diz Claudio d'Abbeville nas pag. 285 e 286 da sua citada obra. A anthropophagia era entre elles como um preceito e habito inveterado, e por essa razão nem lhes podia abalar as fibras do coração, ou as victimas votadas a esse cruento sacrificio o evitavam ou se tomavam de terror quando lhes cingia o corpo a terrivel *mussarana*, antes affrontavam arrogantes a arma que os havia em breve de destruir. Comparados os tempos e os graus de civilisação, pouco vae d'esse barbaro costume ao espectaculo dos gladiadores, o dos circos romanos em que os leões e tigres despedaçavam os primeiros christãos ao som dos applausos phreneticos do povo-rei; ou o das touradas tão estimadas dos povos da Peninsula

Hispanica. Os escravos (prisioneiros) tinham toda a liberdade de ir onde bem lhes parecia — á pesca, á caça, etc., recebiam mesmo por mulher uma das indias da aldeia que os detinha, mas nem por contarem ser um dia sacrificados, procuravam fugir, abandonando o senhor a quem serviam. Corajosos, sobretudo no exterminarem os inimigos, não eram os indios, todavia, turbulentos, antes dentro das suas *tabas*, mostravam-se de um natural bondoso e doce; mas quando offendidos, a indignação não lhes limitava a vingança. Occupa-se o padre Ivo d'Evreux nos cap. XVIII e XIX da sua obra de encarecer as qualidades dos indigenas do Maranhão, sua aptidão para as artes e officios, suas virtudes, principalmente a da generosidade (obra citada, pag. 74). Não eram, porventura, tão barbaros os povos da antiga Germania, descriptos por Tacito, os hunos e vandalos, e não vieram d'elles os actuaes europeus?!

Já é mais que tempo de levantar mão d'estas considerações, que me levariam longe, para tractar dos últimos periodos da occupação franceza na nossa ilha.

Não tardou que não fosse sabido em Portugal o estabelecimento dos francezes na ilha do Maranhão, fosse porque não houvessem estes procurado occultar similhante empreza, fosse porque Martim Soares Moreno, que tivera d'isso conhecimento pelos *tupinambás* d'aquellas partes em constante communicação com os do Ceará, houvesse avisado ao governador geral, Gaspar de Sousa, o certo é que ao mesmo tempo que aquelle dava-lhe de viva voz noticia do facto, recebia este ordens do govêrno de Madrid para que se esforçasse por conquistar aquelles dominios do poder dos francezes, tendo por conveniente a transferencia da séde do govêrno para a cidade do Recife, por ser assim mais facil prover de prompto remedio ao que fosse occorrendo ali. Tanta pressa deu-se Gaspar de Sousa em obedecer ao que lhe era ordenado, que em 1 de junho de

1613 saía d'aquelle porto Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio Grande do Norte, com cem praças em quatro embarcações. Homem já avançado em annos, era teimoso como quasi todos os septegenarios, e demais vaidoso do seu valor, grande experiencia e preponderancia sobre os indios. Estes defeitos por mais de uma vez iam perdendo a expedição que lhe fôra confiada, se a Providencia não houvesse determinado que a nossa provincia, como o mais do territorio brasileiro, fosse povoada pelos portuguezes e fizesse um dia parte do grande imperio do Brasil.

Costeando a expedição para o norte, aportou ao Ceará, onde recebeu Martim Soares Moreno, que, já de volta de Pernambuco, a aguardava no presidio de Nossa Senhora do Amparo, com reforço de indios [1]. D'ahi seguiu a expedição para o *Buraco das Tartarugas*, em Jericoacara, onde fez Jeronymo de Albuquerque levantar um arremedo de fórte de pau á pique e a que deu o nome de fortaleza de Nossa Senhora do Rozario, para d'essa posição reconhecer a dos francezes. Para esse fim destacou a Martim Soares Moreno, que, encontrado n'esta diligencia pelos inimigos, desculpou-se que estava á procura de terras proprias para sentar um engenho d'assucar. Não caindo os francezes na conta do verdadeiro intento do explorador, o deixaram livre. Pôde este por fim entender-se com um indio da ilha, que de tudo o informou; mas ao tornar-se ao fortim de Nossa Senhora do Rozario foi sua embarcação

[1] Segui n'isto, como em tudo quanto se refere á expulsão dos francezes, a narrativa de Diogo de Campos Moreno, como testimunha ocular dos factos e que n'elles figurou. Deve-se por isso presumir suas informações como mais exactas do que as do padre José de Moraes, claudicando em muitos pontos a *Historia da Companhia de Jesus* na extincta provincia do Maranhão, como n'este em que diz que Jeronymo de Albuquerque seguira da Parahyba, ao passo que a *Jornada* de Diogo de Campos fal-o sair do porto do Recife, o que é mais razoavel.

assaltada por ventos tão contrarios que o obrigaram a arribar, como já disse, a uma das Antilhas, d'onde conseguiu passar-se, não sem muitos perigos e miserias, a Sevilha.

Cansado, no entanto, Jeronymo de Albuquerque de esperar Martim Soares Moreno, e suspeitando da prolongada ausencia que fosse victima de algum naufragio ou preza dos francezes, não quiz proseguir no emprehendimento. Deixando no fortim seu sobrinho Gregorio Fragoso de Albuquerque com quarenta homens, partiu para Pernambuco, indo uns por mar e outros por terra; d'est'arte frustrou-se este primeiro tentamen de expulsão dos francezes da ilha do Maranhão.

Os desgraçados que ficaram presidiando Nossa Senhora do Rozario padeceram durante tres mezes muita penuria e fome, sendo até obrigados a alimentarem-se de hervas. Para cúmulo de infortunio viram-se uma manhan accommettidos por trezentos indios, que foram, todavia, completamente rechaçados por aquelles. Logo, porém, que foi Gaspar de Sousa informado de tão tristes occurrencias, mandou apparelhar um caravelão com a morosidade que então se punha no que eram negocios publicos, e mettendo n'elle um destacamento á ordem do capitão Manuel de Sousa d'Eça, natural de uma das ilhas dos Açores, e que exercia em Pernambuco o officio de provedor de defunctos, fel-os d'ali partir a 28 de maio de 1614. A 10 do seguinte mez chegava este soccorro ao presidio, acudido tão a proposito, que dois dias depois (12 de junho) arribava a elle um navio francez, commandado por de Pratz e em que iam para a colonia, por diligencias do almirante Rasilly, um auxilio de tropas e os dezeseis capuchinhos da ordem de S. Francisco, de que já fallei, notando-se entre elles o padre Archangelo Penbrock, de reputação feita e venerado por suas virtudes e lettras. Ao divulgar de Pratz indicios de povoação, calculou que fosse de gente de sua nação e

inclinou confiadamente para ali sua derrota; mas ao tomar terra desfez-se-lhe o engano, e reconheceu que tinha de haver-se com portuguezes, e fez então desembarcar duzentos homens. Era mingoada a guarnição do presidio para affrontar o inimigo; mas em tão apertadas conjuncturas soccorreu-se Manuel de Sousa d'Eça de um estratagema que lhe estava a indicar a natureza do sitio, e dispondo quarenta homens, um a um, de distancia em distancia, e occultos pelo denso arvoredo que sombreava o caminho, assim pôde com segurança dar sobre os francezes, que viam rarearem-se-lhes as fileiras sem que descobrissem os inimigos, cujas fôrças se lhes afiguraram mui numerosas. Tomados de panico, debandaram, procurando com tamanha precipitação recolher-se a seu navio, que foram muitos d'elles tragados pelo mar.

Dá o chronista da Companhia (o padre José de Moraes) esta acção como passada na ilha de Sanct'Anna, o que é desmentido na *Jornada* de Diogo de Campos. Se o ter sido este último contemporaneo e parte n'estes acontecimentos me não indicasse preferil-o, para que adopte esta indicação, basta considerar que, entre uma ilha mais proxima do inimigo, portanto mui exposta a seus ataques, e um logar em que pódia com toda a facilidade receber auxilio e communicar-se com Pernambuco, havia o commandante da expedição de eleger este ponto, como mais apropriado; além de ser natural que, descorrendo pela costa, escolhesse sitio que, sobre ser proximo do alojamento dos francezes, pertencia aos indios que viviam em boa amizade com Martim Soares. Os navios que demandavam então portos do norte do Brasil reconheciam primeiro a ilha de Fernando de Noronha, e aproando o cabo de Sancto Agostinho procuravam depois avistar o Ibyapaba. Sería, portanto, esta a róta de de Pratz para que acertasse logo com o presidio portuguez.

A 26 de maio era chegado de Lisboa o sargento-mór Diogo de Campos com soccorros e ordem terminante de conquistar a todo o custo o Maranhão aos francezes; por isso quando o governador Gaspar de Sousa soube d'este feliz acontecimento, poz ainda maior empenho em levar ao cabo tão bem auspiciada empreza. Foi n'este proposito que Jeronymo de Albuquerque partiu a 2 de junho de Pernambuco para ir levantar na Parahyba indios com que reforçasse as tropas expedicionarias, ficando ainda em Pernambuco o sargento-mór Diogo de Campos a cuidar das provisões de boca. No entrementes chegaram tambem de Lisboa, onde tinham por último ido parar, Martim Soares Moreno, o piloto Sebastião Martins e seus companheiros. Recebida do Rio de Janeiro alguma farinha e com tão bons guias, práticos da costa do norte do Brasil, e em especial do porto do Pereá, e instruidos das fôrças e posições dos francezes, largou-se o sargento-mór Diogo de Campos do porto do Recife a 23 de agosto, levando-os comsigo e a mais cem homens. Determinára o governador geral, ouvido para isso Martim Soares e o piloto Sebastião, demandasse a armada, depois de reunidas todas as fôrças, o porto de Paranã-mirim, da Tutoya ou do Pereá, onde, emfim, julgasse mais conveniente ás operações militares. A 26 d'esse mez avistaram-se os dois commandantes. Diogo de Campos, soldado experimentado nas guerras de Flandres, não a comprehendia senão por meio de fortificações e ataques campaes, e para isso só confiava na tropa européa, disciplinada e munida de todos os meios de acção. Decidido e emprehendedor, diversificavam suas idéas, seu caracter e planos, dos de seu companheiro de commando. Desde que se reuniram, começaram as divergencias entre ambos, querendo aquelle que fossem todos embarcados, e insistindo Jeronymo de Albuquerque em ir por terra com os seus por lhe parecer que os navios não comportariam tanta gente; mas

só na mente de ir arrebanhando na jornada levas de indios, que na sua fatuidade julgava ser bastante apresentar-se-lhes, para que corressem logo arrolar-se sob seu pendão. Dissuadido, a final, d'esse proposito, partiram todos a 3 de setembro; mas em tão mofina hora que, ao sairem do porto, deram em um baixo de areia, d'onde safaram-se a custo, e só dois dias depois seguiram viagem. Aportando a armada em Iguapé, desembarcou ahi Jeronymo de Albuquerque com os indios, desculpando-se que o enjôo do mar os abatia em extremo; porém encasquetado de que com sua presença levantaria os indigenas da capitania do Ceará. No dia 8 poz-se em marcha, indo reunir-se de novo no presidio de Nossa Senhora do Amparo ao sargento-mór Diogo de Campos, que já ali o aguardava. Nada conseguiu o teimoso capitão-mór, como já previa seu prudente companheiro. Mandando aviso aos do presidio de Nossa Senhora do Rozario de sua chegada com reforços, foi n'esse comenos ter com elles o celebre Poty (D. Antonio Filippe Camarão), ainda no verdor dos annos e já dedicado aos portuguezes, sem que jámais desdissesse d'isso o seu proceder em todo o transcurso da vida. Viera das partes do Rio Grande do Norte com um troço da sua tribu, mas tão quebrados de fôrças e molestados do caminho, que foi de mister ficarem a recobral-as em companhia do principal *Jacauna*, irmão d'aquelle, seguindo seu sobrinho Madeira apenas com vinte que estavam em estado de continuar a viagem. A 29 aferrou a armada no porto do presidio de Nossa Senhora do Rozario, onde demorou-se até 12 de outubro, e, demolido o fortim, a que pozeram fogo, fez-se ella de véla para o Pereá, fundeando ahi no seguinte dia. Desembarcou parte das fôrças e ficou outra a bordo para occorrer a qualquer eventualidade imprevista. Foi outro motivo de larga e porfiada contenda entre os dois commandantes qual o logar a escolher para fundação da fortaleza.

No intuito de explorar terreno, expediram o fluminense Belchior Rangel de Lima, que demorando-se a dar cópia de si, causou isso receios, imaginando os commandantes que teria sido tomado por alguma embarcação franceza, e assim tiveram elles por conveniente emprehender a exploração. Era noite cerrada quando de bordo do barco em que iam lobrigaram uma luz e com pouco viram abeirar-se-lhes Belchior Rangel de Lima, que os informou de haver encontrado em Anajatuba, a quatro leguas da margem direita do rio Mony, sitio talhado para o intento e com abundantes mananciaes de agua. Navegando pelo canal de *Mamuna*, aportaram os commandantes ao indicado logar e ordenaram ao engenheiro-mór Francisco de Frias levantasse a fortaleza. Não foi sem novas contestações entre os commandantes, preferindo, e com razão, Diogo de Campos um dos pontos culminantes da boca do Pereá. Nem bem haviam concordado, que outra questão suscitou-se sobre o nome que se devia dar a essa fortificação, vindo a sorte por fim decidir que se chamasse de Sancta Maria de Guaxenduba, por ser este último conhecido dos naturaes e indicativo da muita *guaxima* que havia ali. Mas descobertos estes preparativos pelos indios, deram logo d'isso rebate aos francezes, accendendo fogueiras de espaço em espaço, até poder ser visto o signal da fortaleza de S. Luiz, conforme haviam combinado de antemão. Attribuiu, porém, Jeronymo de Albuquerque na sua mania de grande influencia sobre os indios, estes fumos á aproximação de tribus que se lhe vinham offerecer para ajudal-o. Não se deixou, porém, illudir Diogo de Campos, antes ordenou ao engenheiro que pozesse todo o empenho e actividade nas obras do forte, e mandasse erguer um morro de terra para encobrir os trabalhos, em que fez montar algumas bocas de fogo para protegel-as de qualquer ataque repentino.

La Ravardière não estava menos attento a tudo, e desde

que soube que os portuguezes tomariam a offensiva, não descançou mais, empregando todos os meios, ora os da astucia, ora aprisionando indios, para que por qualquer maneira se informasse das fôrças inimigas.

Escasseavam, entretanto, os mantimentos nos arrayaes de Jeronymo de Albuquerque e com isso afrouxava a disciplina. A insubordinação estava imminente, se o sargento-mór Diogo de Campos, avisado a tempo, não contivesse os cabeças da revolta, estygmatisando com vehemencia seu procedimento anti-patriotico e revel.

Para remediar os males presentes e prevenir que vissem cortadas as communicações com Pernambuco, perseguidos como já estavam por frequentes escaramuças, procuraram fortificar o Pereá, por onde podiam receber com toda a segurança provisões e reforços. Dispunham-se para isso, quando ao amanhecer do dia 19 de novembro (1614) deram vista de sete embarcações de alto bordo e quarenta e seis canoas com quatrocentos francezes e quatro mil indios, se não ha exaggeração na narrativa de Diogo de Campos, interessado em dar proporções grandiosas á resistencia para que os loiros colhidos correspondessem a ellas [1]. Dirigiu-se esta flotilha para a fortaleza e facil lhe foi lançar em terra parte da fôrça, apoderar-se das embarcações ancoradas no porto e desguarnecidas. La Ravardière, que se deixára ficar na capitania, observando que havia uma eminencia á cavalleiro da fortaleza, fez desembarcar, acobertados por ella, duzentos soldados e dois mil indios, sob o commando de Luiz Pezieu. Foram para a eminencia os indios alliados e poucos soldados com La Faux e Canonville, e assestadas ahi algumas peças de campanha, começaram a inquietar os portuguezes e a distrahil-os, em quanto des-

[1] Vid. a *Jornada do Maranhão* por ordem de sua magestade, feita no anno de 1615. Saiu em uma collecção impressa em 1842 pela Academia real das sciencias de Lisboa.

embarcavam sem opposição a mór parte das fôrças. Foi então o proprio Jeronymo de Albuquerque reconhecel-as, levando comsigo oitenta homens e seguindo-o de perto Diogo de Campos com doze arcabuzeiros. Logo que se reuniram, fez lhe este ver a imprudencia do seu acto, vindo reforçar mais suas justas observações um tiroteio que tiveram com os francezes e de que sairam mortos tres d'estes e ferido um dos portuguezes. Recolhido Albuquerque á fortaleza concertou com os officiaes e passou depois a dividir sua gente em tres corpos, entregando o da reserva, composto de indios, ao capitão Gregorio Fragoso, deixando no forte trinta soldados doentes, dirigidos pelo capitão Manuel de Brito Freire, que tomára comsigo no Ceará. Arremetteu Diogo de Campos com o outro corpo contra o inimigo, que se havia intrincheirado na praia, em quanto Jeronymo de Albuquerque, encaminhando-se com um terceiro, torneava, encoberto pelo basto arvoredo, para fazer juncção com este e atacarem todos ao mesmo tempo o inimigo. Quando preparava-se Diogo de Campos para romper fogo, chegou-se a elle um trombeta de La Ravardière com carta para Jeronymo de Albuquerque. Percebeu aquelle pelo contheudo astucioso e ao mesmo tempo arrogante d'ella que não passava de ardil para dilatar a peleja; portanto prendeu o mensageiro, e caiu com tal furia sobre os contrarios que dentro em pouco forçou suas trincheiras. Em virtude do plano concertado, acudiram Gregorio Fragoso pelo flanco do lado da praia, e Jeronymo de Albuquerque pelo outro. Tentou La Ravardière em balde desembarcar com oitenta homens para valer aos seus [1]; mas não pôde

[1] Sendo o padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus* conforme com a descripção de Diogo de Campos no que respeita a esta acção, diverge, comtudo, da *Jornada* em dar os francezes desalojados da eminencia antes de travado o ataque das trincheiras da praia, que parecendo-me circumstancia de nenhuma importancia, escuso occupar-me em refutal-a.

vencer os estorvos naturaes do terreno lodacento que nas marés baixas fica descoberto em uma grande extensão. Concluida esta brilhante acção em menos de uma hora, marcharam contra a eminencia, investindo-a com o enthusiasmo e confiança que dava o primeiro triumpho e sem custo desalojaram o inimigo; porque os indios, seus alliados, amedrontaram-se com o resultado do ataque da praia e tanto que viram as armas portuguezas voltadas contra este ponto, precipitaram-se desordenadamente pela collina abaixo e não houve sustel-os na fuga. Como caisse a noite, entenderam os dois commandantes ser prudente recolherem-se ao forte, guardando para o outro dia a derrota definitiva dos francezes; o que porém não succedeu; porque estes, aproveitando-se do escuro da noite, retiraram-se á formiga para suas embarcações. N'esta facção, que durou desde as dez horas do dia até quasi noite, e em que colheram os vencedores viridentes laureis, morreram, segundo a affirmativa de Diogo de Campos, cento e quinze francezes, ficando alguns feridos e outros prisioneiros, e dos portuguezes apenas dezoito sobre o campo da batalha e poucos feridos.

É digno de nota o êrro que houve na escolha do local para fortaleza, por ficar afastado de todo o soccorro de Pernambuco, e no caso de derrota sem poder retirar-se para ali o exercito. O não terem occupado e guarnecido a eminencia, d'onde os francezes poderiam ter feito todo o mal ao forte, foi um desleixo e inepcia eguaes ás hesitações e delongas que houve em toda esta expedição, desde a partida de Pernambuco até este combate, cujo resultado feliz deveram á precipitação e ardor dos francezes, que trataram logo de atacar, quando por meio de um bloqueio, postoque mais demorado, teriam obrigado as fôrças acampadas a renderem-se á fome.

No dia immediato descortinou Jeronymo de Albuquerque

dezeseis canoas grandes equipadas por uns seiscentos indios do Cumã, de que tinha já noticia pelos prisioneiros, que lhe haviam communicado que esperava La Ravardière esse soccorro. Isto mesmo confirmou-lhe outro indio que se passára da ilha para o acampamento de Guaxenduba. Expediu elle sem detença o capitão Manuel de Sousa d'Eça com cem arcabuzeiros para que os perseguissem; mas logo que aquelles os presentiram, tomaram terra na parte opposta do rio Mony, onde souberam por alguns extraviados do desbarato dos francezes. Avistado isto metteram-se de novo nas canoas e volveram para suas aldeias.

No dia 21 escreveu La Ravardière a Jeronymo de Albuquerque, instando pela entrega do trombeta e censurando proceder tão desconforme ás praxes da guerra. Rebatidas as proposições do general francez, continuaram as explicações de parte a parte, cada vez em termos mais comedidos e cortezes, até que terminou a correspondencia por annuirem em temporaria suspensão de hostilidades. Para tractarem das condições de treguas, enviou La Ravardière da capitania, em que se conservava, ao campo de Albuquerque o cavalleiro Rasilly, irmão de seu consocio, e Matheus Maillart, acompanhados de alguns mais, e o general portuguez, de sua parte mandou ter com La Ravardière ao sargento-mór Diogo de Campos e Gregorio Fragoso. Recebidos por La Ravardière os emissarios portuguezes com toda aquella cortezania e affabilidade proprias dos de sua nação, obsequiou-os com largueza. Uma vez que foram ajustados os artigos de treguas, submetteu-os a Jeronymo de Albuquerque, que, depois de ouvidos seus officiaes, que foram accordes em admittil-os, visto que a necessidade de proverem-se de alimentos os coagia a isso e era o unico remedio a tamanha penuria, tanto mais que um dos artigos do tractado estabelecia o levantamento immediato do bloqueio e suspensão de armas por um anno,

em quanto davam tempo a consultarem seus respectivos govêrnos.

No dia 16 de dezembro partiram para França os dois emissarios, Gregorio Fragoso por parte dos portuguezes, e de Pratz, pelos francezes, e a 4 de janeiro do seguinte anno (1615) Diogo de Campos e Matheus Maillart para Lisboa.

É de notar que os rasgos de generosidade e cortezia de La Ravardière não ficaram só na correspondencia com Albuquerque e bom acolhimento aos seus emissarios. Sabendo que em Guaxenduba era grande a penuria, e que os feridos dos ataques pereciam á mingua de medicamentos e de quem os tractasse, mandou viveres em abundancia, remedios e o cirurgião de Laistre, que se esmerou em cuidar dos enfermos.

Devolvidos alguns mezes no tranquillo goso d'essas treguas, apenas perturbadas por leves conflictos entre os mais turbulentos de um e outro campo, achava-se Jeronymo de Albuquerque provido de meios e reforçado com tropas frescas, e por isso tendo em pouco sua palavra comprometida, tentou romper as treguas, fingindo que o seu govêrno improvava o que fizera e instava pela continuação da guerra. Acreditou La Ravardière no que allegava, e como lhe não houvessem chegado reforços havia tanto esperados, não reclamou, antes propoz a Albuquerque novo accordo. Foi, pois, ter á fortaleza de S. Luiz o capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco, que tinha vindo de Pernambuco com soccorros mandados por Gaspar de Sousa. Obrigou-se então La Ravardière a entregar o forte de S. José de Itapary [1], e a evacuar dentro de cinco mezes e com to-

[1] É outro erro em que cae o padre José de Moraes; pois que dá este forte tomado pelos portuguezes antes da acção de Guaxenduba. O nome de Itapary ainda é hoje conhecido, se bem que já não existam vestigios do forte levantado pelos francezes.

dos os seus a ilha do Maranhão, indemnisando-o o govêrno portuguez da artilheria, munições e mais effeitos que deixasse, e facilitando-lhe ao mesmo tempo a elle e aos seus os meios de transporte para sua patria. Tomou, com effeito, Albuquerque posse d'esse forte a 31 de julho (1615) e as treguas continuaram.

Volvendo as vistas para os emissarios, encontrâmos em Lisboa Diogo de Campos e Matheus Maillart, ali postos desde 5 de março. O ministro portuguez não só desattendeu ás reclamações e propostas do emissario francez, como considerou piratas os francezes, sem embargo de que a doação do papa Alexandre VI devia de ter caducado de ha muito; por isso que eram passados mais de cem annos sem que os portuguezes povoassem aquellas vastas regiões. Não ficou só n'isso, e mandando apromptar um soccorro, que entregou a Diogo de Campos, recommendou-lhe que, chegado a Pernambuco, houvessem de empregar elle e o governador geral da expedição todo o esforço e perseverança na expulsão dos francezes. Ao aportar este ao Recife, encontrou o governador geral Gaspar de Sousa todo occupado em organisar nova expedição para auxiliar a conquista do Maranhão, d'onde recebêra empoz as boas novas da victória de 19 de novembro, e as do primeiro e segundo tractado de treguas, ficando com isto muito contrariado. Não tardou que apercebesse sete navios, um caravelão e uma caravéla, em que metteu novecentos homens. Foram n'esta armada como seu almirante o proprio Diogo de Campos, e Alexandre de Moura, que deixára ha pouco de ser capitão-mór de Pernambuco, como governador geral d'ella e da conquista.

A 13 de outubro deixava esta frota o porto do Recife, e seguindo com feliz viagem, dentro de poucos dias lançou ancora no porto de S. José de Itapary, onde foi ter Jeronymo de Albuquerque, resentido em verdade da injustiça

que acabava de soffrer, mas submisso ás ordens superiores e mostrando-se solícito em auxiliar a conclusão d'este emprehendimento. Protestou, pois, a seu successor a mais completa lealdade e dedicação. Fossem taes sentimentos superiores a seu despeito e vaidade offendida, ou influisse n'elle a promessa de Alexandre de Moura de entregar-lhe o mando d'aquella capitania logo que tomasse d'ella posse a coroa portugueza, o certo é que Jeronymo de Albuquerque não desmereceu até a última do bom conceito de bravo que adquirira. Combinado o plano de ataque á fortaleza de S. Luiz, marchou d'ahi Jeronymo de Albuquerque, e sem encontrar resistencia, fez alto a 31 de outubro na Fonte das Pedras, e no dia 1 de novembro (1615) dirigia-se Alexandre de Moura para a ponta de S. Francisco, onde levantou um forte de pau á pique, a que deu o nome de forte do *Sardinha*. Ahi deixou Bento Maciel Parente com uma guarnição do navio que este commandava, e com toda a armada poz em bloqueio os francezes, que acharam-se assim sitiados por mar e terra, debaixo do fogo das baterias do forte do *Sardinha*, dos navios inimigos e da infanteria dirigida por Jeronymo de Albuquerque. Vendo-se La Ravardière apertado por todos os lados, com fraquissimos meios de defeza, sem que houvesse em todo esse tempo recebido o menor soccorro de França a despeito de suas iterativas instancias, e sem esperanças por outro lado de que, a vir agora, podesse romper o bloqueio e dar-lhe a mão, julgou sua causa perdida sem regresso. Em tão difficeis conjuncturas quiz obter ao menos condições que lhe não fossem deshonrosas nem de todo desfavoraveis, e assim dirigiu n'esse mesmo dia (1 de novembro) aviso a Alexandre de Moura de que estava disposto a render-se, e no seguinte passou-se ao forte do *Sardinha* para fixarem os ajustes de paz. Prevalecendo-se o general portuguez da sua superioridade, não esteve pelas estipulações

a que se tinha obrigado Jeronymo de Albuquerque no derradeiro tractado de treguas, antes desprezando-as, não annuiu a pagar a artilheria e mais objectos que possuiam os francezes no forte e ilha do Maranhão, permittindo sómente que evacuassem com a roupa que tinham no corpo. No dia 3 fez embarcar a todos, em número de quatrocentos, incluindo n'elles dezeseis missionarios capuchinhos, e assim deixou de vez a ilha do Maranhão esta colonia, e lá se foi para França; ficando, porém, d'ella alguns que se tinham casado com indias ou pediram para continuar a habitar o Maranhão. N'essa mesma tarde tomou o commandante Henrique Affonso com cento e setenta homens posse da fortaleza de S. Luiz, e do govêrno interino da capitania Diogo de Campos. O convento fundado pelos capuchinhos francezes passou ao dominio dos religiosos de Sancto Antonio, que lhe mudaram o nome para o do orago de sua ordem, e por que é ainda hoje conhecido. Passando Alexandre de Moura a dar instrucções para a boa direcção dos negocios, e dispondo fôrças sufficientes nas diversas fortificações, cumpriu sua palavra, entregando o govêrno definitivo a Jeronymo de Albuquerque, cujo orgulho ficou assim satisfeito, e suffocados a murmuração e desgosto que lavravam entre seus companheiros de armas. Despachado o capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque para dar noticia em Lisboa do triumpho das armas portuguezas e total expulsão dos francezes da ilha do Maranhão, retirou-se a 9 de janeiro de 1616 para Pernambuco, levando em sua companhia La Ravardière. Ao chegarem a 5 de março á cidade do Recife foram acolhidos com as mais vivas demonstrações de respeito e contentamento.

Indagando o ulterior destino das principaes personagens d'esta abortada colonia franceza, não me foi possivel saber o que feito foi do padre Claudio d'Abbeville, que se

recolheu á França com o sr. de Rasilly em março de 1614, publicando n'esse mesmo anno a sua interessante e aprazivel narrativa *Histoire de la mission des pères capucins*, etc., nem tão pouco de Carlos des Vaux, que tanto contribuiu para este commettimento com suas enthusiasticas descripções das maravilhas que vira na ilha do Maranhão quando ali esteve abandonado por Jacques Riffault, e serviu de interprete, alliciador e guia dos seus em quanto permaneceram na colonia. O padre Ivo d'Evreux, superior dos companheiros que se passaram ao Maranhão [1], volveu á patria quando seus compatriotas, expulsos da fortaleza e ilha de S. Luiz, foram obrigados a retirar-se para França. Não recolheu-se, segundo mr. Ferdinand Denis (introducção á *Voyage dans le nord du Brésil par le père Ives d'Evreux* — 1864, pag. XL), ao seu convento de Paris, onde já o eclipsava então outro de egual nome, nativo d'essa capital, e em 1620 achava-se em Sancto Eloy, humilde e retirado convento de sua provincia natal. Parece que este bom missionario francez ainda vivia em 1629; mas não frequentava Paris, ou que os achaques proprios da edade lhe não consentissem jornadas, ou o desagrado real com que eram recebidos na côrte de Luiz XIII aquelles que haviam participado da empreza de La Ravardière, o que não padece dúvida é que nunca mais residiu na capital da França.

Reduzido á inactividade no secesso de um ermo, entregou-se todo ás controversias religiosas então em voga, entrando em lucta com os reformistas. Não limitava essas polemicas ao pulpito e a discussões com os que pretendia converter, senão que tambem publicou um ou dois opusculos sobre o assumpto e em resposta a João Maximiliano

[1] Berredo nos seus *Annaes historicos*, e os que o seguem, dão o padre Claudio d'Abbeville como superior dos capuchinhos que foram ao Maranhão, o que é manifesto engano.

de Baux, senhor des Langles, e a outros protestantes seus conterraneos. Acarretaram essas publicações do padre uma sentença condemnatoria contra o impressor, pelo que parece que se demasiára no calor das invectivas. Não coube melhor sorte á sua obra *Suite de l'histoire des choses plus remarquables advenues en Maragnan ès années* 1613 *et* 1614; por que, ignorada ou desconhecida, só veiu a vulgarisar-se em 1864, graças ao zelo e diligencia do sabio bibliothecario de Sancta Genoveva, que a annotou e fez publicar na collecção *Bibliotheca americana*, do editor A. Franck.

De La Ravardière sabe-se que de Pernambuco passou-se a Lisboa, naturalmente para reclamar o cumprimento das condições de treguas por que responsabilisára-se Jeronymo de Albuquerque em nome de seu govêrno a pagar a artilheria, munições e mercadorias que achasse em S. Luiz; foi preso e mettido na torre de Belem, onde jazeu até 1619. Diz fr. Agostinho de Sancta Maria na pag. 379 do tom. IX do seu *Sanctuario Marianno*, que sabida pelo govêrno da revolta dos indios do Pará, instigados a ella pelos de Tapuytapera, apesar de ter vindo ao mesmo tempo aviso de que fôra promptamente suffocada pelo sargento-mór Diogo Botelho da Vide, serviu isto de pretexto para que prendesse em 1617 o importuno reclamante. Berredo, querendo attenuar ou mesmo encobrir o que ha de vergonhoso para Portugal n'este iniquo e violento acto, que mareou a gloria adquirida por suas armas na conquista do Maranhão, diz que o levára a Lisboa «dependencias que ali o *detiveram perto de dois annos.*» (§ 140, liv. v.)

Portuguez, empregado do govêrno e patriota, quiz assim deixar em dúvida o facto. É de crer que La Ravardière não devesse a liberdade a reclamações do seu govêrno; porque Luiz XIII, casado com a filha de Filippe de Hespanha, procurava remir para com o sogro o erro de ter con-

sentido que seus subditos invadissem um territorio que pertencia á coroa da Peninsula Iberica por doação do papa Alexandre VI, e por isso deixou nos carceres de Belem um dos chefes d'aquella empreza. E tanto isto é plausivel, que o almirante Rasilly nunca logrou attendidas pelo rei suas pretenções, apesar da entrada que tinha entre alguns dos da côrte de França. Viram os dois logares-tenentes compensados seus infortunios com os loiros colhidos nos serviços prestados á sua patria, — Rasilly como almirante da marinha real, e La Ravardière seu immediato, combatendo com denodo na adusta costa d'Africa os piratas que infestavam a Barbaria com prejuizo do commercio.

La Ravardière, affirma mr. Ferdinand Denis (loc. cit., pag. XLV) «employa glorieusement et, nous le croyons, d'une façon toute chrétienne les denières années d'une vie active, consacrée antièrement á la gloire de son pays...» Pelo dizer de Diogo de Campos (*Jornada*) confiára-lhe La Ravardière, quando estivera na fortaleza a tractar de tréguas, uma memoria sobre sua viagem ao Amazonas. Se escreveu tambem sobre os factos relativos á colonia e os que deram em resultado a entrega da praça de S. Luiz do Maranhão, ignoro; mas deve julgar-se que, a existirem taes trabalhos, devem de ser de summo interesse para a historia e para a sciencia, porque La Ravardière era um militar instruido e acima do vulgar, como o mesmo Diogo de Campos o confirma pelo que observou no gabinete d'elle e pelas judiciosas reflexões que fez na conversa que tiveram ao percorrerem o forte e suas immediações.

Resta por derradeiro ventilar se as regiões que constituiram sob o dominio portuguez o antigo estado do Maranhão e hoje formam as vastas provincias do Amazonas, Pará, Piauhy, Ceará e Maranhão propriamente dito, seriam mais felizes se pertencessem á França. Vacillaria na escolha, se o espirito nacional não repellisse qualquer preferen-

cia, recuando ante a idéa de sermos os maranhenses de outra origem.

Povo enthusiasta, intrepido, generoso e ardente, ufano do brilho de suas armas e de sua civilisação; mas inquieto, inconstante, impaciente e pouco soffredor, com o ardor e alacridade com que o francez começa qualquer empreza, por mais ardua e gigantesca, assim afrouxa e abandona tudo ao prolongarem-se as difficuldades, ao descommodo da vida, ao ermo, e, tomado de fastio e desalento, não ha mais continuar ou conservar o que havia alcançado. Qual a colonia franceza que haja prosperado, progredido e attingido a um grau que a possa libertar da tutela da metropole?! Estariamos reduzidos, no dizer de João Francisco Lisboa (obr. cit., pag. 187), ás tristes condições de nossos visinhos de Cayena, obscuro presidio de degradados, arrojados áquellas plagas insalubres pela raiva das facções ephemeras que retalham a mãe-patria.

Adoptando estas conceituosas e patrioticas idéas do nosso insigne escriptor, concordo inteiramente com elle: «Se vingasse o estabelecimento francez, não existiria hoje esta nação brasileira a que pertencemos; ou, pelo menos, não fariamos parte d'ella, nós, os actuaes maranhenses, que certamente nunca teriamos aberto os olhos á luz.

«Os portuguezes, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantoada nos extremos confins occidentaes do velho mundo, podem com razão ufanar-se de ter fundado no novo, em um paiz ou deserto ou infestado de hordas ferocissimas, um imperio tão vasto como compacto».

Demais, se descendessemos dos francezes, nação forte e poderosa, ao menor symptoma de insurreição para quebrarmos as ferropêas da escravidão, acudiriam seus alterosos vasos a bloquear nossos portos, e a despejar nas nossas costas suas innumeras legiões de bravos, que suffocariam de prompto qualquer aspiração á independencia. Assim,

sujeitos a uma nação enfraquecida por tantas causas deprimentes que lhe exhauriram a substancia e abateram os brios, assistiu Portugal quasi que como espectador ao nosso resurgimento e liberdade, assignando sem contestação e apparente reluctancia a nossa carta de alforria. Hoje somos considerados a segunda potencia da America, tendo só por superiora os Estados Unidos, que se avantajam tambem a todos os demais povos do mundo, senão em população, em prosperidade, no derramamento da instrucção por toda a parte e por todas as classes da sociedade, em instituições de todo o genero, nas ousadias dos seus gigantescos commettimentos e realisação d'elles, e no completo goso da liberdade politica e religiosa. No nosso passado, que dacta de hontem, apesar dos erros, dos desfallecimentos e hesitações momentaneas, temos vencido um grande estadio, e mais de uma pagina gloriosa e brilhante tem vindo n'estes cincoenta annos de nossa existencia, como nação, aureolar os nossos fastos, de que temos só motivos de vangloria e desvanecimento.

II

A independencia do Maranhão e Salvador Corrêa de Oliveira [1]

I

As nações, como o individuo, já eu o disse algures [2], passam por transformações periodicas de fôrça e de desenvolvimento para depois cairem na decadencia, especie de

[1] Inédito.

[2] Na introducção que escrevi em frente á *Historia da independencia da provincia do Maranhão* (1860) pelo ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva.

marasmo ou de caducidade, até aniquilarem-se e desapparecerem algumas, deixando na historia registados seus nomes e os feitos que as illustraram ou perderam.

O Brasil, de mesquinha e inculta colonia de um povo fraco pelo numero, mas que já fôra respeitado por suas façanhas e vastas conquistas, podendo quasi dizer-se d'elle que o sol nunca se escondia em seus dominios, alcançou em tres seculos apenas de existencia emancipar-se da suspicaz e sombria tutela da metropole, e constituir-se nação cheia de viço, e que, pela munificencia e variedade de elementos com que o mimoseou a natureza, pela opulencia e uberdade de seu vastissimo solo, pelos thesoiros de riqueza que encerra, e, mais que tudo, pela robusta intelligencia e ardente imaginação de seus filhos, e pelas instituições livres que os protegem e estimulam, chegará com passos firmes e apressados á sua completa virilidade, tornando-se um dos mais florescentes imperios do mundo.

Desde 1789 que a noticia da independencia dos Estados Unidos, e as idéas que revolviam a França e faziam palpitar o mundo inteiro, atravessaram o Oceano e as barreiras erguidas pela mãe-patria, vigilante e precatada de todo o tráfego estrangeiro e sentimento de independencia. Como o pollen de certas plantas dioicas, que, levado pelo vento, vae em grandes distancias fecundar, assim foram essas idéas inocular-se em Villa-Rica no espirito de um grupo generoso, intelligente e aberto ás grandes idéas e disposto aos maiores emprehendimentos e sacrificios, porque era formado de poetas. Os primeiros germens da nossa emancipação e liberdade abrigaram-se n'essas almas candidas e imprevidentes, a quem a luz attrahia e abrazava, como á borboleta. Não conquista a humanidade um principio, um direito que não seja entre as dores do desterro e as agonias do cadafalso: Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Xavier e outros foram as victimas immoladas á pa-

tria n'esse incerto e vacillante passo para o progresso e para a nossa regeneração politica.

A semente regada por lagrimas e adubada com sangue tão generoso não podia ficar esteril. A entrada victoriosa das armas francezas no reino de Portugal occasionou a emigração da monarchia para o Brasil, e o franqueamento dos nossos portos ao commercio e á civilisação dos forasteiros. A residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro produziu a creação de academias e maior desenvolvimento na instrucção, o estabelecimento de tribunaes e de outras instituições que nivelou a colonia á antiga metropole. Veiu por fim a constituição de 1820 pôr fecho a estes lineamentos de liberdade.

Em 1817 nova tentativa de emancipação ousou apenas mostrar-se em Pernambuco; mas não estava ainda preparado o terreno; por isso abortou esse movimento, comprimido por todos os lados. Assim, em vinte e oito annos de distancia despontaram os symptomas da nossa transformação politica e a manifestação de que desejavamos tomar logar entre as nações do mundo.

II

Ha momentos na vida dos povos em que parece que uma nuvem tolda o intendimento d'aquelles que pretendem detel-os na sua marcha gradual para o aperfeiçoamento: a verdade brilha por toda a parte e os obstinados fecham os olhos para a não verem, ao passo que os acontecimentos vão destruindo as barreiras que intentam antepor-lhes. Na sua cegueira continuam a cavar o abysmo em que por último se precipitam. Castigo da Providencia ou lei fatal inherente á evolução da humanidade, é esta a historia das nações, embora se dessimilhem na linguagem, nos costumes e na indole, e no transcorrer dos seculos

tenham desapparecido ou arrastem hoje vida ingloria, alimentada só pelas tradições do que foram. Os escolhidos da nação portugueza, os homens mais eminentes da metropole, filhos de uma revolução liberal, foram, no entanto, os proprios a activarem com seus erros a separação da colonia. Esse congresso constituinte, usurpando todos os poderes, arremessou seus raios sobre o Brasil, manifestando desde o começo de seus trabalhos o espirito adverso de que estava animado contra elle. Ás exigencias da egualdade na partilha, responderam com providencias e leis vexatorias e de excepção. No açodamento de fazer a colonia retrogradar para o systema anterior a 1807, rouxeou-lhe cada vez mais os pulsos com as pesadas cadeias da escravidão, e começou de tomar medidas contrárias ao seu desenvolvimento e dignidade, offensivas de seus brios e proprias só para augmentar as rivalidades que já iam lavrando entre *filhos da terra e reinoes*. Eram, além d'isso, deliberados esses negocios na ausencia dos representantes do Brasil, e pretendiam até formar uma constituição diversa para a colonia, não a julgando digna de commungar nas idéas liberaes nem gosar os beneficios que d'ellas dimanassem.

A 28 de julho decretaram as côrtes constituintes a reforma do exercito, embora rebuçada com o machiavelico pretexto de fraternisação das tropas, mas unicamente para terem os militares brasileiros afastados das suas provincias e expostos ao clima devorador da costa d'Africa e de Goa, fazendo-os substituir por corpos europeus; os decretos, os alvarás, ou qualquer outra legislação na parte em que se oppunha ás disposições do decreto, que revogaram os tribunaes do Rio de Janeiro, ficaram desde então sem nenhum effeito. Se por um lado irritavam os animos do povo brasileiro, por outro tiravam ao principe regente toda a fôrça moral, reduzindo-o a um simples governador do Rio de Ja-

neiro, a quem o exercito nem as provincias eram subordinados, um e outras communicando-se e recebendo ordens só das côrtes. Os materiaes para a desunião já sobejavam. Ainda não satisfeitos de rebaixar e aviltar por todos estes modos o regente, herdeiro presumptivo da corôa portugueza, ordenaram mais que saisse do Brasil sob color de viajar por alguns estados da Europa.

Os laços que nos prendiam á patria de nossos maiores, frouxos de si pela distancia, frouxos ainda mais pela injustiça com que eramos tractados no regimen colonial, desataram-se de todo com estas medidas repressivas e iniquas do congresso, vindo as intrigas, as dissidias, as odiosidades, os desgostos e a indignação por fim a apressar a declaração da independencia, que era a preoccupação constante dos nossos homens illustrados, mas que até então não tinha ainda contaminado as camadas populares.

A desunião e desconfiança que reinava entre as provincias e era n'ellas alimentada pelas junctas governativas, abalavam o espirito do principe regente, que não menos offendido e queixoso do procedimento injusto e provocador das côrtes achava-se de todo conturbado [1]. Os elementos para uma conflagração geral estavam por demais predispostos; qualquer incidente, por mais tenue e insignificante, sería pois cogente motivo para que ella irrompesse e se propagasse. Um rumor surdo, como o que precede ás tempestades, uma vaga agitação, um queixume, postoque abafado, chegava até as altas regiões do poder. Ainda o principe real contemporisava e procurava occultar a colera que lhe refervia no peito. Quiz conhecer por si quaes as dis-

[1] Algumas d'estas causas acham-se tambem assignadas pelo habil diplomata portuguez marquez de Palmella (depois duque do mesmo titulo), ministro e secretario dos negocios estrangeiros, em um relatorio que apresentou em sessão de conselho de ministros de 9 de janeiro de 1824, explicando as relações e negociações ácerca do Brasil. Vid. na nota B, no fim d'esta obra, esse importante trabalho, cujo authographo original possuo.

posições do povo brasileiro. N'esse intuito dirigiu-se á provincia de S. Paulo; mas ao chegar no dia 7 de setembro ao arroio *Ypiranga*, veiu surprehendel-o novo cartel de desafio das côrtes portuguezas. Lembrado do que lhe dissera o pae ao deixar o Rio de Janeiro: «Meu filho, se algum aventureiro pretender usurpar a corôa do Brasil, ponde-a sobre a cabeça», encarou o que havia de critico na situação e não hesitou mais em aceitar aquelle alvitre paterno. A sua posição estava demasiado definida e não havia outra alternativa; ou pôr-se á frente da revolução imminente, ameaçadora e inevitavel, ou obedecer ás ordens do congresso e deixar o paiz entregue aos furores das facções que cada pretendente ambicioso capitaneasse. Intrepido e liberal por condição, não vacillou na escolha, e, antevendo os vastos e brilhantes horisontes que a exaltada phantasia de mancebo lhe desdobrava no futuro imperio americano, soltou o sublime brado de *independencia* ou *morte*, que fez estremecer de enthusiasmo e jubilo as fibras patrioticas de todos os corações brasileiros, achou echo nas provincias do sul, e foi-se repercutindo em seguida pelas da Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauhy, até que reuniram-se dentro em pouco todos os colonos em um só corpo e um só pensamento.

III

Estava passado o Rubicon e D. Pedro não ia, novo Cesar, avassallar Roma e pôr na fronte aureolada por tantos triumphos ensanguentados a corôa que conquistára á custa da liberdade da patria e com o apoio de suas victoriosas legiões. Ajudava-o um povo a quem ia livrar da condição de vassallos e colonos, um povo que se rebellava contra a oppressiva escravidão, e a queria despedaçar. O movimento revolucionario, ganhando adeptos por toda a parte, agitava o Ceará e já os valentes companheiros do capitão-

mór José Pereira Filgueiras e do major Luiz Rodrigues Chaves transpunham a fronteira do Piauhy para acudirem aos seus irmãos que se haviam insurgido na villa de S. João do Parnahyba.

A juncta governativa do Maranhão, composta do bispo D. fr. Joaquim de Nazareth, do brigadeiro Sebastião Gomes da Silva Belford, do chefe de esquadra Filippe de Barros e Vasconcellos, do desembargador João Francisco Leal, do coronel Antonio Rodrigues dos Santos, do tenente de milicias Caetano José de Sousa e de Thomaz Tavares da Silva, sectarios dedicados da metropole e pugnadores dos interesses d'ella, executava fielmente as ordens das côrtes, e empenhava todas as suas fôrças e prestigio em manter os maranhenses ficis e sujeitos ao reino de Portugal. Para isso sequestrava-os de todo o contagio independente, já derramando por toda a provincia proclamações em que se esforçava por incutir na população os mais falsos e terriveis juizos a respeito dos defensores da causa brasileira, a que pintava com sinistras côres, já mostrando-a pejada só de males que iriam assolar o paiz, que ficaria reduzido desde então á miseria, á degradação! O *Conciliador*, jornal official e orgam do partido lusitano, afinava pelas mesmas idéas e conceitos, e prégava a *união* como unico meio de prosperidade e allivio aos povos. As obras correspondiam ás palavras: instava a juncta com as côrtes por soccorros, explicando-lhes o estado vidroso da situação, que dava por perdida se não viessem acudir á provincia com promptos meios de defeza. Emquanto esperava soccorros de Portugal, ajustou ella com as provincias do Ceará e Piauhy um accordo para se auxiliarem reciprocamente no caso de rebellião, e tomou providencias tanto para isolar o Maranhão das idéas revolucionarias, como para fortalecer o Piauhy, que além de limitrophe, mantinha estreitas relações commerciaes com a provincia do Maranhão, a que

suppria de gados. Não era, portanto, sem razão que suppunha que se ella se decidisse a favor da independencia, arrastaria irremissivelmente comsigo esta. N'esse intento mandou para as aguas do Parnahyba o brigue de guerra *S. Miguel*, que estacionou nas Carnaúbeiras, guardadas já por um destacamento, que seguíra da capital. Foram tambem organisados no Brejo dois batalhões de infanteria miliciana, cujas praças estabeleceram um cordão militar desde as Carnaúbeiras e o porto da Repartição até o *Remanso do frade*. Contava a juncta n'esse districto com a dedicação e fidelidade do capitão de milicias Filippe José das Neves e de Severino Alves de Carvalho, commandante geral d'elle, e que levava o seu enthusiasmo ao ponto de dispender quantias de sua algibeira para supprir de munições e gente o major Cunha Fidié, que procurava aniquilar a insurreição de S. João do Parnahyba.

Caxias, ponto importante por ser o emporio do commercio do sertão e do rio Itapecurú, foi immediatamente fortificada, marchando para ahi em dezembro o major José Demetrio d'Abreu com fortes destacamentos de primeira e segunda linha e abundantes munições de guerra. Confiava a juncta governativa que com estas providencias impediria qualquer tentativa a favor da independencia e mesmo de invasão do territorio maranhense.

IV

Louco intento é querer aplacar por meio da fôrça as ondas populares quando os vento das revoluções, impellidos por estimulo tão forte e incoercivel como a liberdade e conquista de sua nacionalidade, as revolvem e agitam. Segreda-lhes o patriotismo encantadoras e doces palavras, que ouvidos de homem escutam sempre com prazer e al-

voroço, e que lhes fazem resoar nos corações as cordas mais sensiveis d'esse orgam de amor e de vida.

Não se deve levar á conta de tibieza ou reluctancia a adhesão mais tardia da nossa provincia á revolução nacional, e o não ter acudido desde logo em apoio do nobre pensamento de formar com suas irmans um só estado livre e independente, senão ás circumstancias peculiares que n'ella influiram desde o seu descobrimento.

Formando com o Pará por quasi todo o tempo colonial um estado que se não correspondia nem dependia do resto do Brasil, não tendo demais relações commerciaes com o Rio de Janeiro, ainda mesmo no tempo em que a côrte portugueza ali se achou, por serem as viagens muito mais demoradas para esse porto do que para o de Lisboa, seguia-se que os interesses, as dependencias, as recordações, as tradições, a educação de seus filhos, tudo estreitava os élos da cadeia que prendia o Maranhão á metropole.

O brasileiro, entorpecido em suas vocações e na escolha das carreiras, e ainda na das armas e da industria, via com maus olhos similhante regimen. Sem outras escholas de instrucção, além das da lingua patria; que as de latim eram cursadas quasi exclusivamente pelos que se destinavam ao sacerdocio, abraçavam esta carreira, apesar de mal remunerada, mas que lhes deixava lobrigar um futuro de legítima ambição. Esse clero, desapropriado dos dizimos pela corôa, e ferido, portanto, nos seus interesses, foi o missionario esforçado e ardente da propaganda revolucionaria, o instigador, emfim, do movimento em algumas provincias, mantendo acceso o fogo da revolta, brandindo com tenacidade e denodo seus fachos, fortificando os animos dos timidos, e fazendo redobrar de esforço os dedicados patriotas. Classe, porém, pouco numerosa na provincia do Maranhão, era quasi toda ella composta de naturaes de Por-

tugal, e sobreposse submissa á vontade de um bispo aferrado ás idéas absolutistas, como ultramontano que era, forte pela protecção illimitada do seu rei, e inimigo declarado de tudo quanto era liberdade humana; portanto, quando ousasse algum d'elles erguer a voz, seria fraca, sem repercussão, e até abafada immediatamente, e se insistisse na propaganda seria feita com os sobresaltos do medo e as interrupções e irregularidades do mysterio.

Tivemos, por conseguinte, esse poderoso elemento de menos. Não podia tambem ser-nos auxiliar o conhecimento dos direitos do homem, estando a instrucção concentrada e reduzida a um circulo mui limitado. Para mais retardar e embaraçar a nossa emancipação, ahi estavam os interesses individuaes, que aconselhavam muitos a adoptarem a causa da mãe-patria: os mercados, por assim dizer unicos dos productos da nossa lavoira, eram os do reino. A juncta governativa conhecia assaz quanto isso pesava na balança, tanto que sem calcular o poder que teem os sentimentos muito mais nobres e poderosos que se traduzem com as palavras, «liberdade e patria», fallava em termos persuasivos aos interesses materiaes: «A divergencia de votos e interesses entre as provincias septentrionaes e as austraes do Brasil dissolve os vinculos sociaes que as unia; tanto pelo fundamento geral de que a maior é sempre preferivel á menor parte, como pelas peculiares razões de consanguinidade e vantagens correlativas que ligam os portuguezes do Maranhão, do Pará e do Piauhy aos portuguezes da Europa. Vossos ascendentes, e nossos irmãos pela maior parte, nasceram e existem em Portugal, os habitantes austraes do Brasil apenas são vossos conterraneos; as proporções elementares e locaes que possue o Amazonas e o Itapecurú para se desenvolverem e prosperarem nada carecem das austraes provincias brasileiras; precisam, porém, muito da cooperação de Portugal. Seus generos abun-

dam no vosso paiz, supprem vossas privações; os d'aquellas provincias do sul tornam-se-nos inuteis porque os possuis em abundancia, e a sua importação até se nos faz prejudicial, porque vos embarga o progresso da agricultura e paralysa a industria. Em Portugal tem consumo vossas producções territoriaes; no sul do Brasil não teem mercado; uma franca e suave navegação facilita e perpetúa vossas relações com a Europa; a natureza dispoz ardua e perigosa barreira de ventos e torrentes entre estas e aquellas provincias do continente brasiliense. Estas transcendentes verdades, estas ponderosas circumstancias confundem os *demagogos* da independencia no embrião dos seus sinistros projectos, e em vez de razões innegaveis apontam prospectos ideaes, desenhados com o pincel da illusão».

A estas causas, por si sós cabaes para empecer o pronunciamento de nossa provincia, acrescia a carencia de connexão nos planos e nas reciprocas esperanças de bom exito da empreza e a pouca ou nenhuma communicação de provincia á provincia. Esse isolamento explica demasiado a perplexidade que houve da parte do Maranhão, e não que a idéa, innata no coração do homem, não repercutisse unisona e forte em peitos livres e que anhelavam crear uma patria para si e para seus filhos. Os espiritos estavam todos inclinados a essa idéa e suspiravam pelo momento feliz em que chispasse a centelha que os electrisasse e incitasse a quebrarem os grilhões coloniaes. A prova d'isso está na rapidez com que se effeituou ella, sem effusão de sangue, quasi sem lucta: foi uma insurreição bem aceita e que veiu gradual dos sertões para a capital.

Bem que se esforçou a juncta por salvar para a metropole esta terra que considerava como uma das joias da corôa portugueza. Inutil empreza! que o incendio lavrava por toda a parte, e os meios de que se serviu para extinguil-o, comprimindo-o, deu-lhe maior vigor para que sur-

gisse além mais violento e explendido. A idéa de independencia e liberdade, como as linguas de fogo que illuminaram os apostolos, tinha transformado cada colono em cidadão brasileiro e a despeito da influencia efficacissima do poder, «não pôde ella evitar, como diz o illustre author da *Historia da independencia do Maranhão*, que na capital, nas villas, em todos os povoados do interior, um rumor incerto, uma idéa vaga de liberdade e de regeneração percorresse todos os circulos, agitasse todas as classes. Nos salões do rico, na humilde choupana do rustico proclama-se a necessidade de adoptar-se o novo systema proclamado em S. Paulo e no Rio de Janeiro; e o ideal, o idylio da vida civil, se apresentava a todos os espiritos, brotando innumeras esperanças de um futuro glorioso e risonho».

Os estremecimentos, as sympathias, os jubilos, os votos, os corações eram, pois, pelo movimento nacional, que se não chegou a irromper ao mesmo tempo e com a mesma violencia por toda a provincia, foi por faltarem homens ousados e populares que dessem o exemplo e se combinassem para guiar o povo. Do interior da provincia—do centro para o litoral, como ia succedendo em quasi todas ellas, partiu a insurreição e foi propagando-se por toda a parte a idéa de nossa independencia: era essa a marcha mais segura e acertada para que o novo systema vingasse sem abalo nem grande opposição, e se outra fosse ella, seria destruida á nascença ou ao menos contrarestados seus passos. Ahi germinou a semente de regeneração, desenvolveu-se, bracejou e foi criando raizes por onde passava, até robusta e frondente arvore estender seus vigorosos ramos protectores sobre a cidade de S. Luiz, séde e cabeça de toda a provincia.

V

Sobresaltava-se, entretanto, a juncta governativa do Maranhão com as noticias que ia recebendo da visinha provincia do Piauhy e já imaginava as victoriosas armas independentes assenhoreando Caxias. Incançavel no proposito de servir com toda a fidelidade e zelo a corôa portugueza, não houve providencias a que se não soccorresse para conservar a provincia no gremio da mãe-patria. Assim expediu a 13 de fevereiro de 1823 o coronel Manuel de Sousa Pinto de Magalhães (fallecido não ha muitos annos em brigadeiro e barão do Tury-assú) com trezentas e sessenta praças de seu regimento para occupar aquella cidade, por julgal-a, com razão, o logar mais em perigo e para onde convergiam as vistas e planos dos independentes. Redobrando de actividade com a imminencia dos perigos, tractou tambem de arregimentar e municiar voluntarios, de distribuir armas e munições pelos milicianos da capital e do resto da provincia, e de prover de viveres a cidade. Não ficou só n'isso: as Carnaúbeiras, desfalcadas com o auxilio prestado ao major Cunha Fidié para reprimir a insurreição em S. João da Parnahyba, foram de novo reforçadas, como tambem outros logares até S. Bernardo. N'estas operações militares não foi esquecida a villa do Itapecurú-mirim, que recebeu guarnição de tropa de linha.

Não se temeram, todavia, os independentes á vista d'este movimento de tropas e dos esforços empregados pela juncta, antes como que a desafiavam. Affrontando-os, se não detinham e procuravam meios para escapar á vigilancia das guarnições da fronteira, tanto que Leonardo de Carvalho Castello Branco, um dos mais fervorosos independentes do Piauhy, sem descançar nos loiros colhidos em Campo Maior e Piracuruca, onde conseguira se procla-

masse a independencia, procurou penetrar no Maranhão. Evitando ás vedetas de Fidié, que guardavam todas as entradas da fronteira, e percorrendo-a até o porto da Repartição pertencente ao Brejo, para ver se sublevava aquelles povos, foi preso pelo proprio official d'este posto, a quem pretendia seduzir

Submettida a villa de S. João da Parnahyba por Cunha Fidié, no que foi coadjuvado pela guarnição do brigue de guerra *S. Miguel*, poz-se este official portuguez em marcha sobre Oeiras, capital então do Piauhy e que havia adherido á independencia.

Com estas noticias, redobrou de esforços a juncta governativa do Maranhão, e já que lhe faltavam fôrças militares, lançou mão dos meios arbitrarios e extremos que incutissem medo nos partidarios da causa brasileira. Os suspeitos de idéas patrioticas foram vigiados, presos os mais pronunciados, e d'estes alguns deportados para Lisboa. Indo por diante n'este declive illegal, publicou a 8 de abril (1823) um edital em que ordenava aos proprietarios ruraes, administradores de fazendas, emfim a todo e qualquer individuo, que prendessem e entregassem á justiça quem lhes fosse desconhecido e suspeito, sem guia militar ou mesmo com ella, mas que houvessem por emissarios dos *facciosos* do Piauhy e Ceará. Só o desvario partidario ou a cegueira do cervilismo poderia ter aconselhado esta medida, que teria produzido as mais funestas e tristes consequencias, se chegasse a ser effeituada; mas ainda bem que foi recebida essa ordem incendiaria com a indignação e o desprezo de um povo de indole branda e que já estava resolvido a abraçar a independencia, e para quem não havia mister de missionarios estranhos, quando as idéas liberaes eram applaudidas e propagadas por todos quantos sentiam bater-lhes nos peitos corações brasileiros, havendo sido já proclamada a independencia desde março em S. José

dos Mattões. Foi a iniciação da nossa alforria, e d'ahi a quatro mezes fez toda a provincia parte da nação brasileira!

Logo que em Caxias, cabeça do districto, recebeu-se aviso do que se passára ali, quiz o commandante d'este posto militar fazer marchar um destacamento para suffocar essa manifestação; mas sendo seu regimento composto em parte de officiaes e praças, filhos da provincia, soccorreram-se estes a pretextos com o fito de dilatar a partida da expedição. Por outro lado o commercio, portuguez na sua totalidade, não confiava n'elles e tinha mesmo queixas de alguns menos prudentes que se demasiavam em palavras offensivas á nacionalidade d'elles. Tinha aquella classe preponderancia no animo dos membros da camara de Caxias, e conseguiu portanto que ordenassem a immediata retirada para a capital do corpo do coronel Magalhães, e officiassem ao major Cunha Fidié, instando para que viesse com os seus em soccorro d'esse districto.

Obedeceu o coronel Magalhães e ao abicarem as embarcações, em que vinha com o seu regimento, á Ponta d'Areia, foi-lhes intimado pela juncta não passassem além, e depois fez baldear essas praças para alguns navios fretados para as transportar. No dia 28 de abril fizeram-se de véla para Lisboa levando esses trezentos e sessenta homens. Conhecia a juncta que assim desfalcava-se de tantos auxiliares; mas ella de algum tempo que obrava por influição do marechal Faria, commandante das armas, zeloso e intolerante partidario que só respirava rancor, e na desconfiança em que trazia a todos, não cogitava senão em medidas de rigor, como meio mais prompto de aplacar o movimento, que ia, a despeito d'ellas, ou antes por causa d'ellas, crescendo e propagando-se por toda a provincia.

VI

Reatando por sua ordem chronologica o fio d'esta tosca narrativa, vejamos agora o que se passava no Piauhy, cujos acontecimentos tiveram tanta influencia na proclamação da independencia em nossa provincia; por isso que estava a ella tão intimamente ligada pelos mais estreitos laços de familia e communidade de interesses, tendo além d'isso feito até 1812 parte da capitania do Maranhão.

Marchava Cunha Fidié contra os independentes de Oeiras, situada no coração do Piauhy, e para contrastar-lhe o plano, procuravam fazer junecção e accommettel-o com suas fôrças reunidas, o major Luiz Rodrigues Chaves e o tenente-coronel João da Costa Alecrim. Eram ambos cearenses e afamados em todo o sertão por seu patriotismo e valor, em especial Alecrim, cujo nome perdura ainda na lembrança dos maranhenses pela bravura com que se houve no morro das Tabocas, celebrado nos versos do nosso popular e mavioso Gonçalves Dias, que immortalisou o sitio com o appellido d'aquelle que se cobriu de loiros no memorando combate que libertou o berço do poeta.

Descançava o valoroso Alecrim no *Estanhado*; quando na manhan de 12 de março apresentaram-se-lhe oitenta homens a cavallo e armados de carabinas. Offegantes e cobertos de suor e poeira vinham cavallos e cavalleiros, denunciando assaz as marchas forçadas e rapidas que haviam feito para chegar a ponto a este acampamento, caminhando para isso por entre matas espessas no intuito de illudir a vigilancia dos inimigos que estavam álerta e guardavam as estradas. Guiava-os um homem, no parecer de trinta a quarenta annos, de estatura regular, corpolento, sem ser gordo, e reforçado de espadoas. Em seu rosto sympathico, franco e não vulgar brilhavam uns olhos pardos, vivos e

expressivos, que reflectiam o valor de que era dotada essa alma temperada pelo amor da patria e da liberdade. Emmolduravam-n'o barbas crescidas e bastos cabellos pretos em harmonia com a tez morena tostada pelo sol, a que diariamente se expunha na labutação do seu grangeio operoso. Era tambem esse sêllo do trabalho o brazão de nobreza a que viriam sobredoirar em breve os serviços e sacrificios feitos á causa nacional. Suas maneiras decididas e movimentos rapidos não destoavam d'éste conjuncto de fôrça viril e faziam adivinhar os singulares predicados de guerreiro destemido que tornaram Salvador Corrêa de Oliveira celebrado nas luctas da independencia da nossa provincia. Ao aproximarem-se os dois bravos commandantes, estenderam-se as mãos e lançaram-se nos braços um do outro, como impellidos pela mesma molla. Não se tinham visto até então; mas que importava isso, quando sympathicos effluvios giravam-lhes nas veias, e a mesmidade de idéas e de sentimentos os irmanavam?! João da Costa Alecrim e Salvador Corrêa de Oliveira firmavam com esse laço fraternal o juramento de lidarem nas mesmas fileiras e pela mesma causa, e nunca jámais o quebrantaram, ou mareararam, em um só feito menos digno, a reputação de corajosos que adquiriram desde a primeira peleja em que entraram.

VII

Quem era esse novo paladino da independencia da patria que apparecia de repente para tomar parte na pugna, enrostando mil perigos e pelejando sem descanço até que vingou a causa que esposára? Dil-o o ex.^{mo} sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva na sua *Historia da independencia do Maranhão* (pag. 66), e com mais indi-

viduação dizem-n'o os apontamentos que tenho debaixo dos olhos [1].

O capitão Salvador, oriundo de uma familia grada do sertão, nasceu na villa da Barra, outr'ora pertencente á provincia de Pernambuco, e actualmente á da Bahia. Veiu com sua familia para a provincia do Maranhão quando ainda se não cogitava da independencia do Brasil, estabelecendo-se com casa de commercio em Caxias; porém sempre maltractado da fortuna, procurou na Caxoeira Grande a protecção da familia Gayoso. Entrou a negociar em gados, adquirindo n'esse fatigante tráfego meios de subsistencia, que lhe deixavam antever um porvir tranquillo e desafogado.

Estava n'este moirejar insano em que todo o tempo é pouco para viagens ás feiras, quando em uma de suas excursões aos campos sertanejos em busca de gado, chegaram-lhe os echos de *independencia ou morte*. Soube então que a Bahia, Pernambuco e o Ceará estavam agitados pelas idéas de liberdade e que S. João do Parnahyba declarára-se tambem por ellas. Com estas boas novas que já o alvoroçavam, recebeu por egual uma carta de seu irmão Joaquim Bento Pereira, estabelecido em Campo-Maior, pedindo-lhe que coadjuvasse o emprehendimento de libertar a patria. Desde então não teve outro pensamento senão o de levar a effeito a proclamação da independencia no Maranhão. Voltando a Caxias, começou a manifestar as idéas que tanto o preoccupavam; mas receioso que ahi o detivessem as authoridades portuguezas, partiu, dominado do proposito sublime e sacratissimo de salvar a patria ou morrer por ella. Assim abandonou mãe, mulher, filhos, seus interesses, e, munindo-se do pouco dinheiro que havia em

[1] Devo-os á obsequiosa solicitude do meu amigo o sr. Manuel Corrêa Bayona do Lago, caracter nobre e estimado pelas boas qualidades que lhe ornam o espirito e o tornam estimado de quantos o conhecem.

casa, empregou-o todo em comprar munições de guerra e viveres.

Dirigiu-se no seu patriotico empenho a diversos amigos, que commungavam nas mesmas idéas, entre outros aos membros da familia que o tinha protegido na adversidade; mas pouco conseguindo, foi de povoado em povoado procurando arrebanhar gente, até que chegou á Chapadinha, d'onde possou-se ao Iguará e d'ahi ao Itapecurú-mirim, residencia de seu irmão, o alferes Thomaz Cardoso de Oliveira. Teve em seu trajecto a boa fortuua de chamar ao seu partido alguns patriotas, como seus irmãos Pedro Martins e Joaquim Bento Cardoso de Oliveira, todos pessoas qualificadas, bem intencionadas e decididas. Vendo d'ahi engrossar-se-lhe de dia a dia o grupo com novas adhesões, dirigiu-se para as margens do Parnahyba, e atravessou resoluto para a provincia do Piauhy sem que fosse presentido dos destacamentos portuguezes. D'ahi endireitou para o Estanhado, onde se reuniu ás fôrças de Costa Alecrim. Avisado este pelos de Campo-Maior de que Fidié ameaçava aquella villa, poz-se ás quatro horas da tarde d'esse mesmo dia em ordem de marcha com o seu corpo, e Salvador, a despeito da longa e precipitada viagem de que não estavam ainda recobrados os seus, o acompanhou. No outro dia, 13 de março, postavam-se em numero de dois a tres mil homens juncto ao rio Genipapo, duas leguas abaixo d'aquella villa. Emboscados nas matas que margeam esses dilatados campos, aguardaram impacientes o inimigo.

Ao descobrir Cunha Fidié as fôrças brasileiras, dividiu a sua gente em dois corpos, e em quanto a cavallaria seguia pela estrada da margem direita, elle com o grosso do exercito ia pela da esquerda. Encontrou-se aquella com um troço das tropas independentes e travaram um tiroteio, que ouvido pelos commandantes brasileiros julgaram que ali estava o exercito portuguez e encaminharam-se ra-

pidamente para esse ponto. Ficou então Cunha Fidié desassombrado dos contrarios, e pôde fazer o seu corpo atravessar o rio com todo o socego, e collocar-se em posição vantajosa para que a artilheria manobrasse e produzisse todo o effeito desejado. Quando os brasileiros cahiram em si, já estava a fôrça de Cunha Fidié disposta para o combate. Se eram aquelles valentes e superiores em numero, tinham de menos a disciplina, o hábito do aquartelamento e do exercicio das armas, e a obediencia passiva do soldado, e o não terem entrado nunca em fogo, além de mal municiados e sem armamento capaz; portanto a bravura sem nenhum d'estes predicamentos da tactica militar ou sequer os correctivos que a tornam invencivel, de nada lhes podia valer, ou antes tornava-os facil mira ás pontarias dos inimigos. Assim succedeu. Não esperando Fidié, como habil militar, que elles o accommettessem, rompeu com extremo vigor fogó vivo e continuado. Os companheiros de Alecrim, de Chaves e de Salvador precipitaram-se com furia e desordenadamente, e as suas fileiras iam desapparecendo comidas pelas balas inimigas, que certeiras os colhiam! Reinava já a confusão, e desattendendo esses bravos ás vozes de seus denodados commandantes, começaram a afrouxar. Desde as dez horas que durava essa lucta renhida e desesperada! Ao meio-dia os bisonhos patriotas já estavam derrotados e em fuga, deixando no campo da peleja—a mais memoravel e sangrada que houve em toda essa lucta—duzentos homens entre mortos e feridos, quinhentos e cincoenta e dois prisioneiros, uma peça, uma bandeira e munições, e os contrarios apenas dezoito mortos, sessenta feridos e a bagagem que ficou em poder dos nossos. Este resultado falla bem alto a favor dos esforços dos voluntarios da independencia e desculpa este desbarato, o unico que soffreram no Maranhão as armas independentes n'este periodo da nossa transformação politica.

Vendo Cunha Fidié esgotadas suas munições, não póde ir na perseguição dos fugitivos e acampou ali. Salvador, animado pelo baptismo de fogo, cobrou ainda mais alentadas esperanças e mais viva fé na causa que deffendia. Reunindo as reliquias do seu corpo, marchou para a villa de Campo-Maior, que achou abandonada, e, seguindo para Oeiras, encontrou no terceiro dia de jornada uma fôrça de cavallaria commandada pelo coronel Chaves, que se dirigia tambem para ali. Encorporando-se-lhes então alguns officiaes e soldados extraviados do ataque do Genipapo, achou Salvador acertado estacarem ahi em quanto iam elle e Costa Alecrim com perigo de vida ou da liberdade explorar as immediações á procura dos fugitivos. E de feito, encontraram na *Capella dos Humildes* boa porção d'elles, e no dia seguinte pozeram-se todos em marcha para Oeiras, cujo govêrno louvou muito os extraordinarios serviços prestados por Salvador. D'ahi volveram para Campo-Maior, onde o coronel Simplicio Dias, commandante do posto, dividiu esses destroços do Genipapo em tres guerrilhas, entregando-as a Salvador, ao alferes Pedro Paulo de Moraes Rego e ao tenente Joaquim de Carvalho.

Posto em campo Salvador, e ora só com os seus guerrilheiros, ora auxiliado pelo alferes Pedro Paulo de Moraes Rego ou por Joaquim F. de Carvalho, tomou o Porto da Repartição, depois S. Bernardo, e a 16 de maio (1823) entrou na villa do Brejo, que se rendeu por capitulação. Conseguindo que todo o districto do Brejo proclamasse a independencia, voltou-se para o do Itapecurú, para onde partiu logo. Na sua marcha para o Iguará encontrou a Manga occupada desde 25 d'esse mez pelo bando de João Ferreira do Couto, preto criolo por antonomasia *João Bunda*. Sabido de Salvador, de seu natural compassivo e bondoso, que elle commettêra excessos, não póde conter-se que não lhe exprobasse asperamente esse procedimento, des-

prezando assim as consequencias que poderiam advir de taes censuras, com tanto que se não manchasse a causa nacional. Humilhou-se o caudilho e reconheceu seus erros; que no interior, se lhe faltavam cultivo e noções de moral, era propenso ao bom. Nem se agastou com as admoestações de Salvador, como se offereceu para acompanhal-o com a sua gente. Veiu ao mesmo tempo reforçar as fileiras do bravo capitão Salvador, Sisnando José de Magalhães, que trouxe comsigo alguns homens. Com estes inesperados soccorros veiu acampar no sitio denominado *Jacú*, a uma legua da villa do Itapecurú-mirim, e no dia 10 de junho pol-a em cêrco. Logo que o coronel Ricardo José Coelho teve d'isso noticia, destacou n'essa mesma tarde uma guarda avançada de cavallaria, que, encontrando na estrada do *Pau de Arara* um destacamento ali postado, atacou-o com vigor; mas repellido, teve de recuar. Calcularam os commandantes da villa que seriam atacados n'essa noite e tomaram providencias n'esse sentido; mas Salvador, entendendo que reduzir a praça pela fome era mais seguro e humano, contentou-se em mandar tomar todos os pontos por onde podia ella receber mantimentos. As deffecções dos milicianos contribuiu tambem para desanimar o coronel Coelho, que no cabo de nove dias já pensava em abandonar aquelle posto e retirar-se com as fôrças para o Rozario, mais proximo da capital, que podia ser por elle facilmente soccorrida em caso de ataque. O tenente-coronel José Felix Pereira de Burgos (depois barão do Itapecurú-mirim) divergiu d'este alvitre, e contestou-o com alguma energia, como o havia feito em outras occasiões. Já o commandante Coelho desconfiava d'elle e dos officiaes da guarnição, nascidos no Brasil, e agora, com esta nova desintelligencia, quiz afastal-os e por isso ordenou a José Felix que partisse para o Rozario com os seus, e ao mesmo tempo officiou á juncta, aconselhando-a que o mandasse

prender como traidor! Foi o mensageiro preso pelos sitiantes, e conhecido o contheudo do officio, comprehendeu Salvador todo o proveito que podia tirar d'elle. Confiou-o, pois, ao alferes de milicias Raymundo Pereira e Sousa para que o fosse levar a José Felix, fazendo-lhe ver a sorte que o aguardava, se não se decidisse pela causa nacional, que era tambem sua. Conseguindo Raymundo Pereira e Sousa occultar-se ás sentinellas, foi ter no acampamento inimigo com o tenente-coronel José Felix Pereira de Burgos a quem apresentou o officio. Mostrando-se este agastado, principalmente com a injustiça que se fazia ás suas intenções, aproveitou-se d'isso o emissario de Salvador para ainda mais o irritar. Passou depois a persuadil-o apoiasse os sitiantes, concluindo os argumentos que lhe suggeriu o patriotismo, por parodiar as palavras de Robespierre no discurso ao directorio de Paris: «prefiro as procellas da liberdade a uma servidão tranquilla.» Apertando-lhe então José Felix de Burgos a mão, replicou: «Vá para o seu posto que á noite lá estarei com os meus bravos comprovincianos».

Como não apparecesse em toda a noite o commandante tenente-coronel Burgos, suppoz Salvador que havia elle mudado de pensar; mas qual não foi sua alegria e pasmo quando accommettendo a villa na ante-manhan de 18 de julho, entrou por ella sem resistencia e encontrou tractando de uma capitulação com o commandante das fôrças portuguezas ao proprio tenente-coronel José Felix Pereira de Burgos, que com o seu regimento se havia durante a noite declarado a favor da independencia! Não lhe agradaram, comtudo, as condições por nimiamente vantajosas aos sitiados, mas não querendo entrar desde o principio em contestações sempre prejudiciaes em taes conjuncturas, cedeu, insistindo, porém, em que só aos officiaes fosse permittida a retirada, ficando detidos a tropa de linha, armamento e mu-

nições. Passou-se em seguida ao acto da proclamação da independencia, e concordaram em que se tractasse de eleger quanto antes uma juncta governativa para dirigir os negocios. Reunida para isso a camara em juncta geral nos dias 19 e 20 de julho, passou-se a eleger, como se havia accordado, só quatro membros, reservando os outros tres, incluindo o presidente, para serem designados pelos da capital, que não tardaria a seguir o exemplo d'aquella e das villas do Brejo, Icatú, Tutroya e de outras demais paragens da provincia que já tinham entrado para a communhão do imperio brasileiro. Acto contínuo marchou d'ahi Salvador contra o Rosario. A juncta do Itapecurú-mirim por sua parte officiou no dia 23 á da capital, intimando-lhe que se rendesse; por isso que toda a resistencia era inutil e a cidade cairia dentro de pouco tempo em poder das fôrças independentes, atacada, como sería, por todos os lados, logo que se realisasse a proclamação da independencia na cidade de Caxias e d'ahi viessem os bravos expedicionarios e todas as tropas que se lhes fossem incorporando no trajecto e outros cidadãos que, desaffrontados da oppressão e dos receios de violencias, desejavam contribuir para a conclusão da grande obra emancipadora.

Surda, porém, a juncta governativa a esta intimação, empenhava-se ainda em pôr barreiras á onda nacional que crescia rapida, e bem cedo zombaria d'ellas! Aconselhada no entrementes por homens prudentes e cordatos, ou desgostosa do geito que os negocios politicos iam tomando em Portugal, ou por ambos estes motivos, convocou um conselho de militares e pessoas qualificadas, e por accordo que ahi houve, passou a convidar a camara para que ás oito horas da manhan de 14 se reunisse e assentasse sobre se devia adherir-se quanto antes á independencia.

Mal principiava a sessão da camara, e a população inquieta, esperava com anciedade a desejada deliberação,

quando vieram ancorar no porto as embarcações portuguezas com as tropas que, tendo capitulado na Bahia, iam em retirada para Lisboa. Com este soccorro com que não contavam, ainda que insignificante, alentaram-se os membros da juncta governativa e fizeram com que a camara suspendesse a sessão, ficando adiado o pronunciamento da população brasileira da cidade de S. Luiz, que comtudo não perdeu as esperanças de ver em breve luzir para ella radiante o sol da liberdade. Não se enganou; que no dia 26 entrava a barra a esquadra brasileira ao mando de lord Cochrane, que vinha perseguindo os navios fugitivos da Bahia. Aprisionou logo o brigue *S. Miguel* que a foi reconhecer, e no dia seguinte era o porto bloqueado. Comprehendeu a juncta que tudo conspirava para que a cidade acompanhasse o resto da provincia, e que melhor fôra ceder quanto antes, do que ser obrigada a isso pela população que tomára calor com o novo apoio e apresentava vehementes symptomas de rebellião imminente. Ainda assim convocou um conselho militar onde foi deliberado que no dia seguinte se proclamasse a independencia, e, com effeito, assim succedeu. Começada a ceremonia do juramento á independencia ás onze horas da manhan de 28, annunciavam ao meio-dia os rimbombos da artilheria, os repiques dos sinos e as acclamações enthusiastas da população que estava concluido esse acto tão anhelado por todos. Ás cinco horas da tarde já havia sido entregue ao lord o auto de adhesão, e continuando os vivas, os cantos patrioticos e os cem mil estrepitosos sons com que o povo costuma manifestar seu espontaneo regosijo, acabou por illuminar-se á noite a cidade como por encanto e a percorrer a multidão as ruas ao som de musicas marciaes e festivas.

Em quanto isto se passava na capital, as fôrças expedicionarias do Ceará e Piauhy punham n'esse mesmo dia a cidade de Caxias em apertado cêrco por cinco pontos,

e a 31 estava de posse d'ella. Em 1 de agosto, ao mesmo tempo que na cidade de S. Luiz elegiam-se tres membros para completar a juncta que se formára no Itapecurú-mirim, proclamava-se ali a independencia.

A parte que coube, pois, a lord Cochrane na adhesão da provincia do Maranhão á independencia foi a de apressar, com o apparecimento da sua esquadra nas aguas de S. Marcos, a proclamação d'ella na capital, pendendo aliás isso da aproximação das fôrças independentes, desapressadas de Caxias e dos pontos intermedios, se é que a população brasileira da cidade de impaciente não se levantasse antes contra a juncta governativa, desanimada, sem prestigio e reduzida a sua acção quasi que só á ilha. Não pretendo com este reparo agoirentar a glória do almirante, mas restabelecer a verdade dos factos, apresentando-os como elles se passaram. E nem se creia que é isto ócioso: sabem-n'o os maranhenses; porém em mais de um compendio que tem curso nas escholas do Brasil e anda por mãos da mocidade, e, o que é mais para estranhar, na *Historia da fundação do imperio*, do ex.^{mo} sr. dr. Pereira da Silva, vem repetido o erro de attribuir-se ao lord a proclamação da independencia *na provincia*, tomando sem mais exame a *parte* pelo *todo* em factos historicos que não consentem figuras de rhetorica. A provincia já estava em rebellião formal e tinha quasi toda ella aceitado o novo systema politico, e, portanto, não sería um facto isolado que viesse influir na realisação d'essa grande obra. É verdade que o nobre lord, marquez do Maranhão, veiu dar mais fôrça a similhante erro, affirmando em uma memoria que escreveu ha poucos annos e fez traduzir em portuguez, que a elle é que deve o imperio brasileiro o ter adherido a *provincia* do Maranhão á nova ordem de coisas; mas quem considerar que lord Cochrane emprehendeu esse trabalho para lavar a negra e indelevel nodoa de ter in-

timado, pouco tempo depois da independencia, ás authoridades do Maranhão, nomeadas por elle, que lhe entregassem as quantias existentes nos cofres públicos, apossando-se d'ellas a titulo de reembolso do que lhe deviam produzir as prezas, ha de dar-lhe o desconto que merece. Tal extorsão, já que a verdadeira qualificação d'esse delicto recusa a penna escrevel-a, apesar das proporções exaggeradas que pretendam dar a seus serviços [1], nunca haverá argumentos que attenuem, ou façam com que a glória do bravo marinheiro inglez se mostre pura e em todo o seu explendor.

Não se queiram despojar os bravos voluntarios da independencia do quinhão da herança que lhes toca na partilha das heroicidades, que a historia patria enregistra com orgulho nos fastos d'essa epocha.

Se muitos d'elles receberam o merecido galardão, parte volveu a seus lares e á vida privada e obscura que d'antes tinham; mas com a consciencia approvando seus actos e orgulhosos de terem contribuido para a liberdade da patria e fundação de um vasto imperio, com perigo da propria vida, com a perda da fortuna para alguns, e para outros com a miseria e a enfermidade por premio de tamanhos sacrificios e trabalhos. O valente capitão Salvador foi um d'esses últimos. Terminada sua gloriosa e patriotica tarefa, embainhou a impolluta espada, tão temida e respeitada dos inimigos, e a pendurou do tecto de palha de sua choupana, sem que d'ahi nunca mais a tirasse para tomar parte nas dissensões que por mais de uma vez revolveram a provincia, a não ser pouco depois da proclamação da independencia, quando a 14 de setembro d'esse glorioso anno (1823) tractaram de depor José Felix Pereira de Burgos do commando das armas, por contrariar as or-

[1] Consta-me que foi recentemente publicada uma auto-biographia de lord Cochrane.

dens da juncta, declarando que só devia obediencia a lord Cochrane, que o havia nomeado. Desforço pelo desprezo com que tinha sido por aquelle tractado no Itapecurú-mirim, como dizem alguns contemporaneos do facto, ou demaziado zelo e receio pela causa pública, como affirmam outros; o que não resta dúvida é que influiu para esse tumulto e seu resultado. Se este procedimento do lidador das pugnas da independencia, e em que acompanhou a maioria da gente grada da cidade de S. Luiz do Maranhão, perturbou momentaneamente a ordem, serviu tambem para cimental-a e impedir que se estendesse a agitação a outros pontos se permanecesse o tenente-coronel José Felix Pereira de Burgos no commando, oppondo-se ao govêrno legitimo, e desobedecendo ás suas ordens.

VIII

Arrastando Salvador com sua numerosa familia seus amargurados dias na miseria, esquecido e nem ao menos premiado, veiu com o peso de tantos males a cegueira tirar-lhe sem regresso toda a possibilidade de ganhar o pão, e prival-o de contemplar a natureza n'esse torrão que ajudou a conquistar para a liberdade. Não desesperou, ainda assim, da cruel sorte; quiz lançar mão do derradairo recurso, e partiu para o Rio de Janeiro para solicitar do govêrno imperial a remuneração de seus valiosissimos serviços, ja que era forçoso sujeitar-se ao papel de pretendente, quem devia estar a coberto de necessidades. Belisario brasileiro, bateu em vão ás portas dos poderosos do dia, que se chegavam a mandar-lh'as abrir, recusavam apparecer-lhe, ou o recebiam com o riso do desprezo ou da comiseração sem prestimo. Tornado ao Maranhão em 1855, trouxe uma carta do conselheiro Paulo Barbosa para o senador Costa Ferreira, então presidente da pro-

vincia, recommendando-o como um dos benemeritos da patria [1]. Se lhe valeu essa recommendação, não o pude saber; mas pacificada d'ahi a um anno a provincia do Pará, foi residir com sua familia em Bragança, vivendo ali de uma magrissima pensão que alcançára. Ainda era vivo em 1864, já na avançada edade de oitenta annos.

Infundia respeito e dó esse venerando ancião, cujo aspecto, como que intimava aos transeuntes a que se descobrissem ante elle e o saudassem. E quem passaria adiante sem lhe render homenagem? Sentado ao cair da tarde na soleira de sua humilde choupana, immovel e triste, magro, com as feições abatidas, barbas e cabellos brancos e crescidos, representava a estatua da pobreza na velhice resignada. Não descerravam-se aquelles labios para lástimas de desespero, para maldizer o dia de seu nascimento ou os homens que tão mal lhe haviam pago. Mas fallassem ao pé d'elle da epocha da nossa independencia ou lhe referissem algum feito de nossas armas no Rio da Prata, ou de outro qualquer facto que illustrasse o paiz e contribuisse para sua prosperidade, que esse velho, curvado e já sem fôrças, como que se pilha electrica o galvanisasse, erguia-se erecto e de repente, a expandir-se-lhe a alegria no rosto, e animado por ardente enthusiasmo, dava largas ao pensamento, e, todo occupado na conversa, esquecia-se de si e de suas máguas.

Se os serviços que prestou ao paiz, para cuja emancipação contribuiu em uma de suas provincias com seu sangue, com sua fazenda e com prejuizo de sua saude e do bem-estar de sua família, nunca foram retribuidos á medida do quanto valiam, ao passo que alguns d'esses que têem governado o paiz e chegaram ao poder por meio da intriga, da lisonja, ou d'isso a que os politicos cha-

[1] Vem essa carta publicada na pag. 330 entre as notas do 1 tom. do *Pantehon maranhense*.

mam *habilidade*, o desdenharam e desconheceram, exaltado Salvador na boca do povo, conserva-se o seu nome estimado e repetido na tradição dos que prezam as coisas patrias.

Importa, todavia, que o paiz resgate a divida que contrahiu com Salvador, saldando-a com seu filho, que vive pobre e honrado na cidade de Vizeu. Premeiem-se n'elle os feitos meritorios de Salvador Corrêa de Oliveira, pondo-lhe ao menos no peito uma venera que testimunhe n'aquelle quão gratos somos a este.

mam fidelidade, o declamaram e desconheceram, exaltado Salvador na boca do povo, conserva-se o seu nome estimado e repetido na tradição dos que prezam as coisas patrias.

Importa, todavia, que o país resgate a dívida que contrahiu com Salvador, saldando-a com seu filho, que vive pobre e honrado na cidade de Vizeu. Frequentam-se n'elle os fatos meritorios de Salvador Corrêa de Oliveira, pondo-lhe ao menos no peito uma vetera que testimunhe aquelle vulto grato comos a cele.

A GUERRA DO PARAGUAY[1]

I

Está chegada a seu termo a guerra sanguinolenta e porfiada do Paraguay (isto escrevia eu em Lisboa a 16 de fevereiro de 1870); os exercitos victoriosos e rareados pela morte retiram-se; o audaz e temeroso inimigo, foragido e acossado de montanha em montanha, desalojado de recesso em recesso, procura nos paroxismos da raiva e de uma obstinação insana macular por mais tempo o solo que inutilmente regou com tanto sangue generoso. Já agora contenta-se com representar de bandido quem era altanado dictador! O açoite d'aquelles povos ainda assim não cançou, e, debatendo-se nas agonias do desespero impotente, repasta-se de victimas.

[1] Estava ainda bastante doente e privado de applicar-me a trabalhos intellectuaes, quando veiu-me acaso ás mãos o folheto — *O Brasil e o Paraguay, carta a sua magestade imperial D. Pedro* II, em que eram desfigurados os factos relativos á guerra do Paraguay, e se nos injuriava grandemente, Já eu notava com mágua o açodamento e prazer com que certos jornaes davam as noticias, até mesmo telegraphicas, que nos eram desfavoraveis, e a demora e modo dubitativo com que referiam as victorias que alcançavamos. Com esta publicação transbordou a medida, que já estava cheia, e não podendo mais conter-me, transgredi a prohibição medica, e, com risco de se me aggravar a enfermidade ou de ter novo insulto apoplético, escrevi esta serie de artigos, que a redacção do *Jornal do Commercio* de Lisboa publicou com a melhor boa vontade e sem estipendio algum nos n.os de 16, 19, 23 e 24 de fevereiro de 1870, pelo que me confesso a ella em extremo agradecido.

Mas hoje, que estão bem patentes os intuitos generosos e civilisadores do Brasil n'esta guerra, a sua lealdade para com os alliados, as idéas humanitarias que dominaram o nosso exercito em toda esta lucta pugnacissima, é desculpavel, senão meritorio, a um brasileiro que venha em resumido quadro e a largos traços, como pede a estreiteza dos limites do folhetim de um jornal, rememorar com justo orgulho os feitos gloriosos e brilhantes que illustram essa campanha de seis annos, e arredar de nós calumnias e imputações de todo o ponto falsas, mandadas espalhar acinte pelo dictador do Paraguay, com a mira em attrahir as sympathias das nações e attenuar a impressão desfavoravel que poderia causar sua aggressão insolita e attentatoria das mais comesinhas praxes do direito internacional, mostrando desprezar ou desconhecer as leis que regem o equilibrio e harmonia das potencias. Pasma comtudo ver escriptores de paizes cultos e em relações amigaveis com o Brasil constituirem-se calorosos defensores de uma causa tão má; e assim, uns deslumbrados pelo oiro do dictador, que o tem espalhado ás mãos cheias, outros por espirito de imitação, ou por absoluta ignorancia das coisas da America (e d'estes é a maioria), se não envergonham ou cançam n'este empenho de desfigurar os factos em sentido favoravel a Lopez, e de amesquinhar-nos, lançando o ridiculo sobre nós.

Não causa tanta estranheza que em França, na Inglaterra e nos Estados Unidos appareçam corypheus e admiradores d'*El-Supremo;* mas é para sentir que os haja e em tamanha cópia mesmo em Portugal, onde os vinculos do sangue e da amizade, a reciprocidade de interesses, a identidade de lingua, de costumes e de indole, instam por que estremeça o imperio como filho primogenito, de quem depende e de quem deve ufanar-se, mutuando serviços e affectos. Teem, comtudo, alguns jornaes nos aggredido,

declarando-se parciaes, e exaltando as altas virtudes do dictador, por cuja sorte mostram-se interessados; quando deviam resentir-se das offensas e affrontas feitas á nossa honra e brios nacionaes, lastimando os males que ora nos perseguem. N'isto não fariam os portuguezes mais do que pagar parte de uma grande divida. E de feito, quando por vezes tem a guerra civil devastado este paiz; quando se tem visto insultado pelo estrangeiro orgulhoso de sua fôrça, como quando o almirante Requin veiu no Tejo aprisionar a armada portugueza; quando Napoleão III mandou buscar o navio *Charles et George*, que se acolhéra ao porto de Lisboa, e ainda quando ultimamente deu-se em Moçambique o morticinio de quinhentos soldados, que se deixaram aniquilar ás machadadas e por uma horda de negros selvagens, de que era chefe o Bonga [1], sabem todos que

[1] Atiravam-nos sempre á cara e em tom de mofa com a demorada guerra do Paraguay, armado como estava o inimigo de tão formidaveis meios de defeza e tendo a seu favor um terreno desconhecido e difficil de ser percorrido, ao passo que ha mais de cinco annos que luctam com selvagens mettidos na sua aringa (fortificação de madeira), e ainda pelas últimas noticias que se lêem no *Diario Illustrado* de 17 de agosto, a expedição não tinha adiantado um passo! como se vê d'estes trechos: — «Moçambique, 3 de junho de 1873. As noticias ultimamente recebidas da Zambezia são bastante desanimadoras.

«O Bonga continúa, soberbo e altivo, fortificado na sua aringa, zombando de nós e da nossa fraqueza, e suscitando-nos os mais serios embaraços! A sua aringa, situada na margem direita do Zambeze, seis leguas abaixo da nossa villa de Tete, intercepta os caminhos por essa margem, e como está collocada á beira do rio, estreito n'aquelle ponto, domina-o completamente e impede a navegação.

«As suas bellicosas phalanges de escravos, aguerridos hoje pelas victorias alcançadas sobre as nossas forças, estão augmentadas com centenares de negros das tribus proximas, que a nossa fraqueza induziu á rebellião. Destacaram gente para a margem esquerda do rio, fronteira á aringa, e, assenhoreando-se dos caminhos, impedem absolutamente as commnicações com Tete, e estendem as suas depredações a largas distancias.

.....

«É forçoso confessar que, no estado em que estão as coisas, nada se póde intentar. Nem o actual, nem nenhum outro governador geral fará assim coisa alguma.» — (*Diario Illustrado* de 17 de agosto de 1873.)

os brasileiros mostraram-se por egual offendidos, e doem-se do que vae pela antiga metropole, manifestando-o no seu jornalismo serio e de grande circulação. Quando o incendio devora qualquer edificio público, como o do Asylo de Maria Pia; quando uma epidemia, uma inundação ou qualquer desastre, e a miseria, e a fome affligem a somenos povoação de Portugal; quando se projectam aqui abrir estradas de ferro, levantar monumentos, acode logo o Brasil com donativos avultados, se é que de lá não vem toda a quantia, como succedeu com o monumento á memoria de Bocage.

Aqui em Portugal alguns jornaes teem-se tornado echos das emphaticas e aleivosas proclamações de Lopez; e o que mais é, já depois do assassinato do infeliz consul portuguez, que, a Portugal estar desafogado de tantas difficuldades, tractaria de desaffrontar-se, porque a barbaridade do acto e o insulto não foi feito a um simples cidadão, merecedor ainda assim da protecção do seu paiz, mas a um representante da nação portugueza. No entanto foi publicado, muito depois de ser conhecido aqui este facto horroroso, no mez de julho do anno findo (1869), um opusculo [1], condensando todas as injurias, reproduzindo um acervo de falsidades de origem paraguaya e bolçando atrevidos baldões sobre a nação brasileira e o seu imperante.

Ainda bem que não foi completo o attentado; porque o author teve algum pejo e occultou o nome, deixando no mysterio do anonymo pairar a dúvida sobre se é algum portuguez degenerado ou paraguayo disfarçado com a mascara e trajos portuguezes; mas para honra da nação irmã appareceram logo censores ao libello famoso, já contestando-o em outros opusculos, já em um artigo do *Diario Po-*

[1] Este opusculo tem por titulo *O Brasil e o Paraguay, carta a sua magestade imperial D. Pedro* II, e foi impresso em Lisboa — 1869 — na typographia Lisbonense.

pular de 22 de julho d'esse mesmo anno. O que cumpria a qualquer escriptor consciencioso e despreoccupado era perquerir as causas efficientes e reaes que nos compelliram a emprehender esta campanha ruinosa para nós; que não infamar a esmo uma nação, que até hoje não tem, mercê de Deus, desmerecido dos brios e valor dos exploradores da Africa e das Indiás, antes refinadas e rejuvenescidas estas qualidades pelo sol esplendoroso da America, dão testimunho irrefragavel e brilhante de que o sangue dos Albuquerques, dos Castros e dos Almeidas correm nas veias de Osorio, Andrade Neves, barão de Porto-Alegre, Tamandaré, Caxias, Argolo, Camara, Victorino, Inhaúma, Gorjão, Menna Barreto e de muitos outros bravos, cujos nomes são padrão de gloria para nós, e não ficam mareados nem offuscados de par com os de Salvador, de Benevides, de Estacio e Mem de Sá, de Fernandes Vieira, de Mathias de Albuquerque, do bispo D. Marcos e de Teixeira de Mello, que abrilhantam por seus feitos e acrysolado patriotismo as paginas da nossa história dos tempos coloniaes.

Percorramos de memoria as dactas e factos mais notaveis d'esta guerra, já que longe dos subsidios não posso miudeal-os ou entrar detidamente pelo assumpto. Remetto, por isso, para as correspondencias do Rio de Janeiro para o *Jornal de Commercio* a quem se interesse por elle ou pretenda collacionar sua exacção; pois que ahi conhecerá que tem sido essa campanha heroica uma lucta gigantesca, lucta desegual e imponente para onde convergimos nossas vistas, e onde temos empenhado nosso futuro. Ahi arcámos com um inimigo traiçoeiro e terrivel, que nos accommette só de surpreza, armando-nos ciladas e sem aceitar repto senão bem intrincheirado em suas formidaveis fortalezas. Desvantagem não menor provém da nossa organisação; porque é a nação brasileira um povo inclinado e afeito ás artes da paz, ao cultivo das terras, de indole

branda e pacifica, amante do conchego e dos commodos da vida domestica, com um pequeno exercito de nove mil homens e uma esquadrilha de vasos de madeira mui diminuta, quando muito apenas sufficientes uma e outra fôrça para manterem a ordem nas provincias e guardarem nossos portos. Distribuidos, portanto, de longe em longe os batalhões, incompletos e sem armamento moderno, e os navios mal artilhados, pequenos, e parte d'elles velhos e arruinados, tornava-se difficil e tardio reunir esses fracos elementos bellicos para qualquer operação, ainda dentro do paiz.

As commoções que precederam a quéda do primeiro imperador, e irromperam na menoridade do segundo, e por vezes tentaram abalar as instituições do imperio nos primeiros annos d'este reinado, desculpaveis aliás pela effervescencia das luctas apaixonadas, heterogeneidade da população, carencia de instrucção na massa popular, e, mais que tudo, pela inexperiencia do meneio complicado e difficil do mechanismo da monarchia mixta, desde 1849 que tinham a final cedido o passo ao progresso reflectido e pausado, tão necessario ao desenvolvimento do paiz.

Com um territorio tão vasto e rico em terras feracissimas, em parte com temperatura egual á de Italia e de Portugal, em parte á das regiões ardentes do Equador, produzindo com abundancia algodão, café, assucar, cacau, arroz, e na região austral trigo e uva, e por todas ellas tabaco, legumes grãos alimenticios, a natureza como que está indicando que o Brasil é essencialmente agricola, e que do aperfeiçoamento d'essa industria penderá sua grandeza. Suas minas de metaes preciosos, de diamantes, de carvão de pedra, não exploradas ainda, são outras tantas fontes de riqueza. Para dar saida aos nossos productos e alimentar a navegação e commercio com as nações extranhas temos na nossa extensa costa quarenta e dois portos,

na sua maioria amplos e abrigados, onde desembocam innumeros rios navegaveis e a que vão ter outros de curso não menos extenso, formando todos elles uma immensa rede de vias naturaes, que banham e fertilisam o nosso solo, facilitando ao mesmo tempo o transporte de generos de permuta.

Sem fallarmos nas duas grandes bacias do rio S. Francisco e do Paraná, que possuimos, bastavam-nos as quinhentas e oitenta leguas que percorre o Amazonas no nosso territorio, para que não invejassemos nação alguma, nem quizessemos mais um palmo de terra alheia. E na verdade o que ha de mais maravilhoso do que esse valle com proporções para um vasto estado?! Considerae, mesmo de relance, o que ha ahi de prodigios!... Os tres reinos da natureza esmeraram-se á competencia em aprimoral-o: ahi vicejam espontaneamente e sem nenhuma cultura a arvore da gomma elastica, cujo producto vale mais que oiro, a copahyba, a baunilha, o cravo, a salsa-parrilha, a castanha e outros fructos oleosos, e cópia de plantas uteis, quer á medicina, quer á arte culinaria; o urucú e pau-brasil, e tudo quanto ha de melhor para tinturaria, para construcção, para marcenaria; e o arroz e a canna do assucar pagam os cuidados do lavrador com duas colheitas annuaes. Logo na sua embocadura encontra-se a ilha de Marajó, com vinte e sete leguas de largura sobre trinta e sete de comprimento (quasi do tamanho de Portugal), coberta de campinas dilatadas e magestosas, onde o gado cria-se e reproduz-se de um modo fabuloso. A tanta abundancia e facilidade de alimentos, vem junctar-se uma infinidade de animaes que vivem n'essas mattas e apulentas aguas, dando a pesca e a caça resultados surprehendentes. Em vista, pois, do pouco que fica resumido, para que emprehendermos uma guerra de conquista, como adrede assoalham os panegyristas de Lopez, quando temos territorio

de sobra? Do que havemos de mister é de braços válidos para explorarem e darem incremento a todos estes elementos de riqueza, e povoarem tantos desertos cobertos de matas virgens e de campinas soberbas e a perder de vista pela extensão.

Estavamos em paz e boas relações com as nações visinhas, tendo além d'isso, ao norte a cordilheira dos Andes como antemural ás correrias do Perú, e o Amazonas que se lhe podia fechar a elle e a Venezuella, no caso de intenções hostis de uma d'essas republicas tão turbulentas.

Não podiamos suspeitar que do sul nos viesse mal, tendo as republicas do Prata presas pela gratidão que nos deviam da efficaz protecção e nimia generosidade que lhes haviamos dispensado por mais de uma vez, sem a mais leve sombra de predominio ou exigencia de retribuição de qualquer especie. Era, portanto, plausivel que a nação brasileira descurasse do manejo das armas, e de manter exercitos poderosos, divertida antes com o que podesse desenvolver-lhe as fôrças naturaes e contribuir para seu engrandecimento e prosperidade pública; pois são ellas que affirmam e apressam a civilisação, e opulentam o paiz.

Iniciados em 1849, progridem a olhos vistos os trabalhos pacificos de nossa organisação interior. Revelam-se elles em instituições de credito na côrte e nas provincias para alentarem e darem expansão ás emprezas industriaes, ao commercio e á agricultura; em efficaz auxilio á navegação, já permittindo livre ingresso aos barcos estrangeiros equiparados nos direitos e isenpções aos nacionaes no curso de cabotagem, já fomentando as emprezas de paquetes a vapor que hoje cruzam e devassam em todos os sentidos, os nossos rios e costas pondo em contacto rapido os centros populosos e maritimos com as regiões que são fertilisadas pelo S. Francisco, pelo Tocantins, pelo Amazo-

nas, pelo Parnahyba, pelo Mucury, e por tantas outras vias formadas pela natureza, e que abundam no nosso torrão abençoado; já abrindo estradas de ferro da capital do imperio para o valle do Parahyba do sul, e para os pontos mais agricolas e productivos das provincias do Rio de Janeiro, de Minas e de S. Paulo, e outras de Pernambuco e da Bahia, convergindo para as margens oppostas do rio S. Francisco [1]; por último declarando livre á navegação estrangeira o rio-mar — o Amazonas. Estavamos a ponto de estabelecer linhas telegraphicas e outros melhoramentos, e abalançámo-nos a estudar e investigar cuidadosa e detidamente as riquezas naturaes do nosso solo, organisando para isso em 1859 uma expedição scientifica composta de quinze membros, pessoas de reconhecido merito por suas luzes, sciencias e talento, mas que viu-se entorpecida no meio de seus uteis trabalhos por mal entendida economia. Antes d'isso foram enviados outros individuos a differentes paizes adiantados a fim de estudarem as penitenciarias, a instrucção publica primaria e superior, os estabelecimentos de caridade, as exposições universaes, as docas, etc., para imitarmos o que houvesse de melhor em taes instituições, e com applicação ás circumstancias peculiares do nosso paiz. D'est'arte parecia tudo conspirar para o nosso melhoramento material e moral, para a nossa felicidade em summa!

N'essa marcha ascendente e progressiva, a não vir embaraçar-nos esta guerra prolongada, estariamos hoje em tal alteza que poderiamos encarar afoitos o tremendo problema da emancipação dos escravos, que periclita pela ten-

[1] Hoje ha no Brasil como uma febre de estradas de ferro. Na provincia do Rio Grande do Sul, na de S. Paulo, na do Rio de Janeiro, propriamente dita, na do Amazonas e do Maranhão estão umas em via de construcção, outras projectadas. Em muitas de nossas cidades os trilhos americanos dão mais velocidade aos vehiculos de recreio e de transporte de marcadorias.

dencia irresistivel das idéas que vogam entre nós e que não estão longe de sua resolução.

Demais, para ella caminhâmos desde 1850 com a repressão do trafico, impedindo desde então se fizessem desembarques de africanos no nosso territorio, e por fim creando por toda a parte associações de manumissão de captivos, escrevendo no sentido de condemnar a escravatura e pintar seus horrores e os males que d'ella dimanam, e apresentando no parlamento medidas tendentes a melhorar a sorte d'estes infelizes; e a despeito dos extraordinarios sacrificios para sustentarmos a lucta que a honra e a dignidade nacionaes reclamavam imperiosamente, será esta medida tomada em praso que não deve de estar longe [1], e fico em que é ella a estrada aberta á emigração espontanea, nosso *desideratum*, e para o qual tendem todos os nossos esforços. Alcançado isto, persuado-me de que não tardará muito que venha a estabelecer-se correntes de emigração á similhança das dos Estados Unidos; que é, aliás, paiz inferior ao nosso no que respeita a variedade de climas, salubridade e fertilidade do solo. Nossas instituições liberaes, codigo penal tão humano, nossa indole, franqueza e bondade de tracto, genio bemfazejo e hospitaleiro, são outros tantos attractivos a convidarem os estrangeiros morigerados e laboriosos, que acharão n'elle as garantias de segurança individual e de respeito á propriedade.

Tão fagueiras e promettedoras esperanças do mirifico futuro que se nos antolhava proximo e para onde corria-

[1] Não me enganei: desde 28 de setembro de 1871 que vigora a humanitaria lei do ventre livre. Já não abrem os olhos á vida em todo o territorio brasileiro senão cidadãos livres. Os fios electricos cedo porão em rapida communicação as provincias entre si e com a Europa. Falta-nos só a separação da egreja independente do estado e a liberdade religiosa para que a corrente de emigração européa se incline e derive de per si para o Brasil de preferencia a quaesquer outros paizes; que desde então não poderão porfiar comnosco, que os avantajaremos de certo.

mos alvoroçados, esvaeceram-se ante os acontecimentos de 1865, para talvez reverdecerem mais virentes e robustas, passada que seja a tormenta que ora innubla a estrella da nossa patria.

Confrontemos agora o estado do Paraguay com o nosso. Se o exercito e a marinha dos alliados eram mui resumidos, mal armados e peior municiados, sem nenhum conhecimento da topographia do territorio, não succedia outro tanto com os d'este. Nos derradeiros annos do govêrno do pae de Lopez e em todo o decurso do d'este — o primeiro para salvaguardar-se das continuas tentativas invasoras da republica de Buenos-Ayres, e o último dominado de projectos ambiciosos de augmento de territorio, de predominio nos estados do Prata, e da fundação de um imperio grande e poderoso, pozeram todo o seu fito na guerra; por isso tractaram ambos de militarisar o paiz, convergindo todas as fôrças vivas da nação para esse intuito bellicoso. No estado do Paraguay, em que o despotismo sem limites tem imperado, todo o varão dos quatorze aos sessenta annos é soldado, disciplinado e affeito ao exercicio das armas, ao aquartelamento e aos trabalhos de acampamento; conservando-se em pé de guerra um exercito de cem mil homens aguerridos, adestrados, bem armados e habituados pela sua vida meio selvagem, rude e estreme dos mais simples confortos da civilisação, formados aos perigos e privações de todo o genero, practicos além d'isso em todos os recantos e posições estrategicas do seu paiz, e ao mesmo tempo obedientes ao mais leve senho do senhor, até com sacrificio da propria vida, convencidos que em morrendo no campo da batalha resuscitam no ceu entre os anjos. Ajuncte-se ao fanatismo a energia propria á raça guarauy e a acquisição de todos os inventos destruidores que a arte militar tem hoje em dia fabricado, accumulados de longa data, fortificações em todos os pontos culminantes e de

difficil accesso, correntes e torpedos formidaveis em todas as paragens de perigosa navegação, fundições e arsenaes em varios logares, etc., que fareis uma idéa aproximada, se bem que incompleta, d'esse desgraçado paiz de um milhão de habitantes, antes escravos, cujos soffrimentos e trabalhos tendiam a um unico fim, á guerra, sendo sua vocação a das armas e sua industria a bellica e exclusivamente a bellica: embarcações a vapor e á véla; fundição de canhões e balas, fabrico de armas, manobras no rio, revistas, exercicios, batalhas simuladas no campo, movimento de tropas, quarteis por toda a parte; e fóra d'ahi limita-se o tráfego á creação em vasta escala de gado para abastecimento do exercito e remonta de cavallaria, plantações de cereaes, de forragens, e mais as de herva-mate — monopolio, como os generos de importação, d'*El-Supremo*. Eis em que consistia toda a arte agricola n'este immenso laboratorio de guerra! O territorio tambem favorece á estrategia. É elle muito desegual e accidentado por innumeras eminencias, cortado pela natureza de profundos fossos, de grandes banhados, de medonhos tremedaes, e assim offerece todas as facilidades para cansar o inimigo e assedial-o em inextricaveis desfiladeiros e em matas densas e escuras, onde um punhado de soldados conhecedores da posição podem a seu salvo fazer frente e desbaratar invasores superiores em número. Agora comparem-se tantos e tão superiores meios aos limitadissimos de que dispunham os alliados e digam se esses soldados inexperientes não practicaram prodigios de valor, mostrando paciente perseverança, e sendo cada um um heroe!

Segundo a politica japoneza e em extremo suspicaz do govêrno paraguayo, era o paiz defezo ao estrangeiro, que não podia visitar as fortalezas, nem passar além das ruas de Assumpção. Isso não impedia, comtudo, Lopez de cer-

car-se de habeis engenheiros inglezes e de militares experimentatados nas luctas da Polonia, da Hungria, da Italia e da última guerra civil dos Estados Unidos. Foi com este apparato formidavel e tremendo que estava preparado o dictador para realisar os sonhos doirados da sua desmedida ambição!

Armazenou, pois, a barbaria de seu vagar e calculadamente os mais poderosos recursos para a invasão e a conquista: a féra carnivora aguçou com incessante diligencia as garras para cair inopinada sobre a preza incauta, sentindo antecipados jubilos em despedaçal-a sem custo; mas o dedo da Providencia não tinha marcado a hora d'esse eclipse para a America do Sul. Os vandalos e hunos cumpriram nos tempos remotos sua missão; hoje é a da civilisação e do progresso, e o mundo não retrograda. Se tinha os planos de Atila, faltou a Lopez a fortuna d'este, sobejando-lhe os instinctos de Nero, a quem procurou imitar em mais de um lance.

E é esta a causa, e é este o homem que acham defensores estrenuos! A estes meios e a este exercito é que aguarentam para seus fins a fracas e minguadas proporções, tomando-se de dó pelo celebre heroe do Paraguay e verberando-nos com o epitheto affrontoso de — *assassinos de um povo heroe!...* [1]

Povo heroe! Irrisão ou despejo na inversão dos termos? O que cabia ao libellista era condoer-se da sorte d'esses ilotas, que teem a razão e a consciencia entenebrecidas, o corpo e a alma agrilhoados á vontade e aos caprichos de um tyranno, e para os quaes não raiou sequer ainda o diliculo da civilisação nem coou-lhes pura a luz benefica do christianismo, pervertendo-se-lhes o espirito e imbuindo-se-lhes só doutrinas falsas e as mais grosseiras

[1] Palavras textuaes. Vid. *O Brasil e o Paraguay*, ob. cit., pag. 12.

práticas supersticiosas para assim captivarem-lhes os animos singelos e conservarem-lhes o entendimento em espessas trevas.

Povo de escravos, manietados ao carro do senhor, e sem vontade propria, teem passado de geração a geração como herança de familia. Explorados desde o descobrimento pelos padres da Companhía, foram estes os primeiros a infiltrar-lhes idéas erroneas e absurdas, submettendo-os a um jugo de ferro e fazendo-lhes ao mesmo tempo acreditar que todo o contacto e commercio com individuos que não vestissem roupeta, ou fossem filiados na ordem, conduzil-os-hia sem regresso ao inferno, cujas penas e tormentos descreviam-lhes com vivas e horripilantes côres. Assim viviam segregados, evitando espavoridos o tracto com os hespanhoes e portuguezes que se lhes avisinhavam. Quando em 1750 quizeram Portugal e a Hespanha estabelecer nas missões um govêrno regular, encontraram tenaz e forte resistencia nos indios.

Áquelles que apontam alguns revezes e a prolongação da actual campanha paraguaya, responderei com a historia na mão para provar-lhes que n'aquella lucta zombaram os indios do poder combinado de Hespanha e de Portugal, sem embargo de serem as fôrças das duas nações amestradas e compostas de veteranos, guiados pelos generaes Gomes Freire de Andrade e Andronaegui. Dois annos de marchas e contra-marchas, de recontros, de pelejas consummiu esta revolta antes que a conseguissem pacificar os exercitos da Peninsula, e o mais é que os indios rebellados não tinham á sua frente capitães exercitados, senão o padre Balda e outros jesuitas. O que prova tudo isto? que o valor e a pericia vê-se não raro tolhido e contrabalançado quando os contrarestam difficuldades do terreno, o fanatismo e o espirito de seita em povos semi-barbaros e sujeitos ao dominio absoluto.

Com a emancipação da metropole hespanhola, não melhoraram os paraguayos de sorte; mudaram apenas de senhor, passando para a dictadura sombria e sanguinária do dr. Francia, e d'este veiu a ser posse da familia Lopez, addindo a herança o actual marechal Solano Lopez, a quem as viagens aos paizes cultos e sua estada em Inglaterra não serviram de incitamento a idéas liberaes, e de lição para abrandar e humanisar-lhe a indole; que o coração perverso só o aconselhava a enfrascar-se nos vicios das grandes cidades e a abastecer-se de planos estupendos, maravilhado do poderio e opulencia dos grandes estados da Europa.

Não é que o Brasil ignorasse totalmente os aprestos militares do dictador do Paraguay; descançavamos, porém, na boa fé dos tractados e nos serviços desinteressados que haviamos prestado em epochas diversas e difficeis a esses visinhos, e, sobretudo, por termos em 1852 impedido a invasão de seu territorio, e os desaffrontado do minaz jugo do dictador de Buenos-Ayres, que os trazia em constantes sobresaltos pela independencia e autonomia do Paraguay, até ali sem exercito e sem fortificações. É mais que certo que a não terem as nossas armas destruido o poder de Rosas, talvez estivesse agora esse paiz encorporado áquella república do Prata.

Quando portanto declarámos em 1864 guerra ao govêrno do Uruguay, tinhamos confiança plena em que seria essa campanha uma marcha triumphal como a d'aquelle anno. O partido *colorado*, popular e numeroso, rebellára-se contra o despota Aguirre, e com o general Flores á frente implorava a nossa intervenção, que era sobreposse bem cabida, politica e exigida pela honra nacional, tão ultrajada por aquelle caudilho, que pretendia em vão dominar todo o Uruguay. Vendo-se, porém, circumscripto á cidade de Montevideu, e na impotencia, desafogava sua colera em decretar assassinos e proscripções á maneira de Sylla.

II

Cançados de exigirmos satisfações a esse governicho antipathico á Banda Oriental, que se via entregue a commoções violentas e sujeito a um homem sem principios e tyranno, recorremos á força, visto como, surdo e altanado, desattendeu sempre ás nossas justas reclamações, aliás bem fundamentadas; pois que os attentados eram commettidos tanto pelas hordas de malfeitores da Banda Oriental, como por suas proprias authoridades. Quizemos tentar ainda os meios que a prudencia aconselha, e por último enviámos em maio de 1864 como nosso ministro plenipotenciario o sr. conselheiro Saraiva, bem reputado parlamentar por sua illustração e cordura, e que havia pouco fôra ministro de estado do imperio, e ora deputado á assembléa geral. Por este acto deixava o govêrno bem patente que comprehendia a magnitude e delicadeza da missão, tanto que não foi buscar para ella um simples cidadão; mas quem tinha um nome feito no paiz. Munido o nosso ministro de um *ultimatum* cheio de attenções, e esperançado o govêrno imperial n'essa medida e no seu diplomata, e por outro lado attendendo ás difficuldades do estado convisinho, persuadiu-se chegasse a um accordo razoavel, dando-nos a republica cabal satisfação que bastasse aos nossos brios offendidos. Em logar, porém, de conseguirmos favoravel desenlace á nossa missão de paz, viu-se o ministro coagido pelas injurias e desattenções arrogantes do caudilho a declarar-lhe guerra, ordenando á nossa esquadra immediato bloqueio dos portos do Uruguay.

A longanimidade tem um limite, além do qual descamba em covardia vergonhosa; e demais militavam a nosso favor a justiça da causa, a tranquildade de nossas frontei-

ras do sul, todos os dias invadidas, e a segurança das propriedades brasileiras. Importava e era urgente pôr um paradeiro a esse estado irregular e perigoso; e a politica tambem reclamava nossa intervenção para auxiliarmos o movimento de um partido generoso, popular, e que constituia o nervo e a maioria da Banda Oriental, e nos offerecia segura garantia, apoiando-se Aguirre apenas na soldadesca e nos que viviam de rapinas. Fôra o poder esbulhado por elle; não tinha tambem por si as affeições da população da campanha, vivendo o paiz inteiro agitado, sem curar de seus interesses vitaes, que só prosperam á sombra da tranquillidade, da moderação e sob a acção de um govêrno morigerado, illustrado, sympathico e patriota.

Empenhada a lucta, houve-se n'ella a nossa marinha com toda a bizarria, rememorando mais uma vez os feitos gloriosos de Tonelero e Monte-Cazeros. Ganhamos perduraveis tropheus na rendição da fortaleza de Paysandú, que, apoz viva e heroica resistencia de cincoenta e duas horas, caíu a 21 de janeiro de 1865 em nosso poder, tomando-a de assalto e á bayoneta o nosso almirante visconde de Tamandaré, acompanhado apenas de um punhado de bravos. Poucos dias depois rendia-se Montevideu, capital do Uruguay, e deposto Aguirre, entregámos o poder nas mãos do general Flores, sem exigirmos nem augmento de territorio para darmos limites naturaes ao imperio, a fim de terminarem por uma vez as contestações de fronteiras, nem pagamento das despezas de guerra ou indemnisação das propriedades dos nossos concidadãos, defraudados pelos agentes subalternos da Banda Oriental. Quiz d'est'arte provar o govêrno imperial a todas as luzes que o seu fito estava preenchido com o restabelecimento da ordem no Uruguay.

Estavamos, porém, em meio d'esta campanha, quando

o dictador do Paraguay, contra todas as praxes do direito internacional, com uma arrogancia burlesca, descomedida e offensiva á dignidade de qualquer nação por mais humilde do que a do Paraguay, veiu interpor-se de permeio e declarar que não consentia na guerra que moviamos ao Uruguay; e seguindo a acção á ameaça, aprisionou a 11 de novembro (1864) com a maior aleivosia o nosso vapor mercante *Marquez de Olinda*, que estava ancorado no porto de Assumpção, infligindo castigos infamantes ao presidente da provincia de Mato-Grosso, limitrophe d'esse estado, aos empregados de fazenda e de secretaria, aos negociantes, ás familias d'estes, que vinham de passagem n'elle, e á tripulação do vapor, roubando por fim uma avultadissima somma que remettia o nosso govêrno para occorrer ás despezas d'aquella provincia.

Esse acto de audaz pirataria, revoltante ainda quando praticado entre povos de mean civilisação, fez estremecer e revoltar o coração de todos os brasileiros. A guerra era inevitavel, e estava declarada sem ambages nem regresso por esse despota sanhudo. Acto contínuo a esse attentado inqualificavel, invadiu as provincias convisinhas do Mato-Grosso e do Rio-Grande do Sul, saqueando, incendiando as povoações por onde passava, e aprisionando ou passando a fio de espada populações pacificas e inermes, que nem ao menos se lhe oppunham.

E depois de agressão tão inaudita e atroz deveriamos cruzar os braços, abandonando nossos concidadãos maltractados e nosso territorio manchado de sangue, deixando a nossa bandeira vilipendiada por hordas barbaras arremeçadas sobre nós por um homem que trazia todos amedrontados, e como móto inscripto no seu lábaro a morte e o exterminio? Se assim procedessemos teriam então todo o cabimento as qualificações com que pretendeu-nos enxovalhar o anonymo no seu opusculo, de que passo a citar este trecho: «*que os suc-*

cessos da guerra são a deshonra, e a ignomia para os exercitos das tres nações alliadas;» [1] e não teriamos o desvanecimento de descender de um Pacheco, dos Almeidas, dos Albuquerques e dos Castros, e em que peze ao anonymo e aos louvaminheiros das façanhas de Lopez, a historia imparcial hade fazer-nos justiça, dando-nos o nosso quinhão de gloria; e o povo portuguez cordato applaudiu, não ha duvidal-o, as felicitações que o parlamento da sua nação enviou ao nosso monarcha como testimunho de fraternisação e de jubilo pelos felizes resultados das nossas armas.

As malquerenças e invejas dos tempos da nossa independencia estão ha muito extinctas e já ninguem, que tenha algum senso, se lembra d'ellas, resgatando-as agora por mutuos affectos e provas inequivocas de cordealidade e de gratidão, crentes todos de que o Brasil florescente e novo é e será o orgulho de Portugal.

Estou que a nossa emancipação tem revertido toda em beneficio d'este reino, como succede á Inglaterra com a America do Norte. A não ter-nos a separação dado fôro de estado independente, estaria o Brasil no atrazo e decadencia das outras colonias de ultramar, em quanto que o oiro, que vinha para o erario real e que se dissipava improductivamente em templos, palacios e aqueductos, ora reverte para as mãos particulares que o empregam em emprezas industriaes e de utilidade pública, em hospitaes e asylos, em edificios soberbos e no melhoramento das terras lavradias por essas provincias do norte do reino, em instituições de credito, e demais são nossas praças commerciaes, theatro onde exerce a mocidade laboriosa de Portugal sua actividade; e por derradeiro somos os maiores consumidores dos productos materiaes e intellectuaes da antiga metropole. Reflexiona, por isso, com muito acerto o author

[1] Vid. pag. 11 da ob. cit.

do opusculo *Carta de um brasileiro a um portuguez:* «Dizer mal do Brasil só póde o que lá commetteu algum crime, ou o ingrato por natureza, porque todos aqui sabem que o Brasil é util a Portugal.» [1]

Quanto ao que se tem por ahi escripto em desabono do nosso monarcha pela sua obstinação em sustentar a guerra, para mim e para todo o brasileiro patriota é isso uma virtude digna de todo o encarecimento. Surdo aos clamores dos interesses feridos, só attendeu aos impulsos do seu coração verdadeiramente patriotico, e jogando a sua corôa, mostrou que acima de todo o interesse pessoal está para elle a honra e a reputação do povo que o proclamou seu soberano, e confiou-lhe os negocios e destinos do imperio.

O sr. D. Pedro II não degenerou da casa de Bragança, como diz o anonymo: [2] não é um simples amador de sciencias e de lettras, mas um sabio erudito, não na accepção banal com que se barateam estas qualificações, dando-se-lhes fôro de tractamento ceremonioso tão soez como a excellencia e a senhoria. Espirito investigador e activo, consagra as horas que lhe sobram das arduas questões do estado ao estudo aprofundado e reflectido dos ramos mais importantes dos conhecimentos humanos, diliciando-se por egual com as litteraturas grega, latina, hespanhola, franceza, italiana e alleman, cujas linguas falla e escreve, como se fossem a sua propria.

Não é esta opinião filha da lisonja, tão avessa a meu caracter, e nem do exaggerado espirito de nacionalidade, senão a de quantos sabios e lettrados nacionaes e estrangeiros teem tractado com o nosso imperador, e ahi estão os escriptos de mr. Ferdinand Denis, de D. Antonio Desiderio de Pascual (Adadus Calpe), as memorias de J. Arago,

[1] Vid. pag. 6 da obra acima citada.
[2] Vid. ob. cit., pag. 74.

as do viajante americano Fletcher, e as do sabio successor de Humboldt, Agassiz, que a robustecem, e mais o que vem nos opusculos que appareceram aqui em Lisboa refutando a diatribe anonyma a que me tenho referido mais de uma vez. Diz um d'elles: «o imperador não necessita das suas exhortações, pois ás eminentes virtudes politicas que o adornam, reune a de ser um dos monarchas mais estudiosos e mais instruidos do nosso seculo.»

O outro opusculo diz:[1] «Toda a imprensa da Europa, e da America republicana, e todos os escriptos a respeito do Brasil, são unanimes em collocar o sr. D. Pedro II no numero dos soberanos que mais teem honrado o throno.»

Mais adiante acrescenta:

«O sr. D. Pedro II é um principe magnanimo, illustrado e patriota.

«Varão admiravel, que sem o esplendor da corôa e o prestigio do nascimento, é o prototypo de todas as virtudes pessoaes! Elle póde assentar-se nas academias da Europa, e discutir nas linguas civilisadas sobre as sciencias exactas e as da philosophia racional e natural, sobre as sciencias sociaes e sobre a litteratura, porque conhece as mais bellas flores do espirito humano! Principe que triplica o tempo por sua actividade nos negocios públicos, e sua contínua presença em toda a parte.»

.....

«Soberano que afaga toda a sorte de talento; imperador que recebe e escuta o grande e o pequeno, o rico e o pobre com a mesma egualdade e benevolencia! Varão pio, e esposo e pae exemplar; coração caridoso como raros, pois que pouco, bem pouco possue, e nem procura amontoar thesouros.....

.....

[1] *O Brasil e o Paraguay, ou duas palavras á carta dirigida*, etc., pag. 6.

«Se similhante principe não é o modêlo dos chefes de estado, o que é que se deseja além d'isto?»

Ha tempos conversando com uma das glorias portuguezas, o sr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho (hoje visconde), a respeito das coisas do Brasil, e referindo-se elle á volta d'ellas á bondade com que fôra tractado no Rio de Janeiro pelo nosso imperador, disse-me, e hoje o confirma na seguinte carta com que honrou-me e cujos principaes topicos extraio, pedindo venia ao venerando e illustre poeta para o fazer:

.....

«Das eminentes qualidades do nosso grande homem como soberano philosopho e verdadeiro liberal, e das suas virtudes como homem, cidadão e pae de familia não ha para acrescentar nem diminuir ao que anda na boca de todo o mundo; outras excellencias, porém, o distinguem menos conhecidas talvez, mas com que todos esses avultados meritos se engrandecem ainda mais, e de que eu para dar público e solemne testimunho, ja em parte o fiz ao dedicar-lhe o meu drama *Camões*.

«Ahi lhe dirigia eu estes versos brotados da consciencia:

Se um destino um diadema em teu berço ha lançado,
d'esse don casual não me attrahe o esplendor:
tens mais nobre diadema! eterno! conquistado!
quem mede em ti o sabio, esquece o imperador.

«Este conceito em que eu tinha a sua magestade pelas insuspeitas informações que de lá me enviava meu irmão José Feliciano de Castilho, bom juiz em materias de intellectualidade e de erudição, e a quem o principe honrava com a sua familiaridade litteraria, este relevantissimo conceito foi-me plenamente confirmado quando annos depois, visitando o Rio de Janeiro, tive a fortuna de tractar pes-

soalmente com sua magestade: então reconheci, não sem admiração e internecimento, que o meio verso

.....esquece o imperador,

longe de ser encarecimento, como alguem se poderá figurar, antes peccava por diminuto, pois o primeiro que na intimidade estudiosa deslembrava a magestade era sua magestade mesmo, o imperador do maior imperio.

«Nas palestras, ás vezes de largas horas não contadas, em que seroavamos, verdadeiros devotos do estudo, n'um pequeno gabinete entre livros escolhidos, elle, meu irmão, eu e um dos eruditos dos mais intimos de sua magestade, ensittiam-se e descutiam-se tão desafogadamente as opiniões, que em nenhuma outra parte do mundo se encontraria talvez, como n'um d'aquelles cantinhos de um paço imperial, uma realisação tão verdadeira do que propria ou impropriamente se appellida — republica litteraria.

«O espirito liberal, que é um dos elementos constitutivos e essenciaes d'aquella grande alma, reforçado com o tracto quotidiano e intimo dos escriptores de todas as edades, mantinha ali em toda a sua pureza o mais razoavel e fecundo eclecticismo. O verdadeiro e o bello era o fito de todos; veneravam-se todas as grandezas intellectuaes do mundo preterito sem lhes immolar as do presente, e umas e outras, sem escurecer que as do porvir, melhoradas com tantas heranças, deverão fazer ainda maior vulto.

«Esta convicção, inimiga de todos os exclusivismos, esta philosophia tão mal comprehendida pelos fanaticos das diversas escholas, foi para mim um dos maiores attractivos d'aquellas honradas e desambiciosas conversações.

«Desejou sua magestade conhecer as minhas traducções ineditas de Ovidio e Anacreonte, e foi ahi que eu tive sobretudo occasião de apreciar os seus copiosos conhecimen-

tos nas lettras classicas e nas immortaes antiguidades. *Os amores* e a *Arte de amar*, foram examinados de verso a verso, ouvindo sua magestade os meus sem levantar os olhos dos de Ovidio, em cuja lingua é um dos sabedores mais profundos, e fazendo a cada passo os mais discretos commentarios sobre as elegancias e excellencias poeticas de cada um dos dois idiomas; sobre mil particularidades menos vulgares dos costumes romanos, gregos, e sobre mil outras circumstancias momentosas, nem sempre aventadas pelo vulgacho dos criticos.

«N'estas leituras, ou, para melhor dizer, n'este exame severo de obras que eu havia estudado com toda a individuação, é que verdadeiramente me appareceêra com o maximo brilho, abundancia de noticias archeologicas, a sagacidade, a profunda critica e o delicado gosto do nosso benevolo hospedeiro, qualidade para as quaes o estudo serio e constante não contribuira menos que a generosidade da natureza.

«Custa a crer como em tão poucos annos de vida, entre as mil distracções forçadas annexas á grandeza, sob a pressão da zelosa gerencia e dos cuidados gravissimos de tal imperio, póde sobrar tempo para tanto enthesoirar no espirito.

«Primar nas linguas mortas e em tantas das vivas, distinguir-se não só nas sciencias sociaes e politicas, obrigação primaria do officio de reinante, mas acompanhar nos jornaes e livros de todas as demais sciencias o omnimodo progressivo dos descobrimentos, dos inventos, das artes, da philosophia e da litteratura, eis ahi realidades de merito difficultosamente criveis para quem em grande parte não as presenciasse e que ao maïs obscuro cidadão grangearia em qualquer parte do mundo extrema veneração».

.....

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Depois de testimunho tão consciencioso e competentissimo não ha encarecimento possivel nem resposta mais formal a tudo quanto vem de desairoso no opusculo anonymo contra o nosso illustradissimo monarcha [1].

III

Não esmorecemos espavoridos da invasão do barbaro, antes inflamados pelo amor da patria voámos ás armas offerecendo resolutamente os peitos ás balas inimigas. Desde 31 de agosto que achava-se na presidencia do conselho de ministros o conselheiro Francisco José Furtado, espirito eminentemente liberal e amante do seu paiz, a que votava todos os seus pensamentos, seu coração e trabalho. Todos

[1] Com a estada de sua magestade imperial na Europa, desde 12 de junho de 1871 até 13 de março de 1873, conheceu-se que não havia exaggeração no juizo favoravel que d'elle formavam tantos homens illustres por seu saber e virtudes. Em quanto esteve encerrado voluntariamente no Lazareto, houve frequente e constante romaria de tudo quanto havia de mais eminente na sociedade portugueza. Os homens mais illustres nas sciencias, nas letras e nas artes, quer nacionaes ou estrangeiros, foram á porfia comprimentar e render preito e homenagem a quem era apregoado pela voz dos que tinham a dita de o conversar, como sabido nos diversissimos ramos de conhecimentos humanos. A muitos ouvi apregoarem a amabilidade do sr. D. Pedro II, e maravilhados todos do seu saber e vasta leitura, e da extraordinaria reminiscencia de que era dotado, conhecendo os homens e as coisas forasteiras. Em Inglaterra, em França, na Italia, por toda a parte, em summa, onde esteve, deixou de sua passagem as mais lisongeiras recordações. Mr. Ferdinand Dinis, escrevndo-me de Paris em 8 de maio, dando-me noticia de que estava tractando da reimpressão das plantas de Itamaracá e do Rio de Janeiro, executadas por Jacques Vaulx em 1579, remata sua estimavel carta por estas palavras: «J'y tiens infiniment; l'Empereur du Brésil ayant laissé ici les plus nobles et les plus aimables souvenirs». O *Times* occupou-se particularmente de noticiar-lhe os menores passos e dictos, e assim tambem publicaram-se algumas brochuras, umas sobre sua vida e outra relatando miudamente toda a sua viagem e festejos que se fizeram, apesar do mais rigoroso incognito e de instar para que o tractassem como um simples cidadão brasileiro.

os erros accumulados pelos ministerios anteriores foram crescendo para virem simultaneamente á luz, fazendo explosão quasi simultaneamente; foi a crise bancaria, que desfez como por encanto, foi esta guerra, contra a qual desenvolveu actividade e energia surprehendentes. Um dos primeiros actos d'esse ministerio foi negociar o tractado da triplice alliança com as republicas do Uruguay e de Buenos-Ayres para podermos ter passagem franca pelo territorio d'ellas, e fornecermo-nos de viveres e forragear a cavallaria. O conselheiro Furtado, confiado no patriotismo do povo brasileiro, aventou a idéa de crear corpos voluntarios, e nunca mais desistiu d'ella até que venceu a reluctancia da rotina e o decreto n.º 3:371, de 7 de janeiro de 1865, convocando *voluntarios da patria*, appareceu assignado por todo o ministerio, A nação correspondeu ao appêlo do govêrno e mostrou que não era infundada a esperança que n'ella tinha o honrado patriota. De todos os pontos do Brasil, ainda dos mais remotos, acudiam legiões de voluntarios da patria. Medicos, advogados, negociantes, empregados públicos, fazendeiros, estudantes, a mocidade, emfim, deixando as familias e os interesses, e trocando os commodos, a seguridade, os regalos e a placidez do lar domestico pelas fadigas e perigos da guerra, alistaram-se pressurosos e contentes nas fileiras marciaes. De seis mil homens com que começámos a campanha, vimos como por milagre engrossarem-se-nos as phalanges com trinta e cinco mil soldados, bisonhos sim, mas que em vez da experiencia e da disciplina traziam o enthusiasmo e a abnegação, em vez da obediencia passiva do soldado o expontaneo sacrificio do cidadão livre e esforçado patriota.

Oh! entranhavel e sancto amor da patria, digno de inveja e sem exemplo, que fez d'esses homens, amollecidos ao tracto e prazeres das cidades, e aos carinhos e blandicias da familia, endurecidos guerreiros!

Vêde esses voluntarios da patria e guardas nacionaes, d'antes tão precatados e esmerados de suas pessoas, agora avergados sob o peso das armas e dos petrechos, sem tecto que os abrigue dos rigores das estações, sem calçados que impeçam a humidade das hervas e das lamas, e dos ferimentos dos espinhos e das asperidades dos caminhos a magoarem-lhes e a rasgarem-lhes os pés, andando leguas a marchas forçadas, soffrendo fome, frio e sêde, ou quando não, alimentando-se apenas de um punhado de farinha e bebendo pouca e nauseabunda agua lodosa! Eil-os mal vestidos, mal nutridos, mal dormidos, alquebrados e acabrunhados das fadigas, mas intemeratos e impetuosos nos combates, disputando primazias de bravura aos veteranos, os primeiros a galgarem fossos e trincheiras, a vadearem rios e banhados, a escalarem barrancas e muralhas, arrostando a morte na saraivada de balas e metralhas que de todos os lados granisam sobre elles! Na frente d'esses heroes, a animal-os com o exemplo, estão o dr. Francisco Pinheiro Guimarães, o professor F. M. da Cunha Junior [1], e outros cidadãos, que nunca de antes manejaram armas!

Recalcados e batidos os invasores, de Curumbá, do forte Coimbra, de Nova Olinda e de outras posições de Mato-Grosso, de S. Borja, e de Uruguayana [2], no Rio Grande do Sul; levámos a guerra ao proprio territorio inimigo, pertencendo grande parte da gloria á nossa armada, se bem que lhe não ficassem a dever a cavallaria do Rio Grande do Sul, que reproduz a fabula dos minotauros, e é tão louvada por Garibaldi, que conserva da sua bravura

[1] O primeiro, lente da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, foi elevado a brigadeiro e é hoje deputado geral; e o segundo, hoje no posto de tenente-coronel, já exerceu o cargo de commandante de policia na provin. do Maranhão, d'onde é filho.

2 No cêrco d'esta cidade teve principal parte na acção e celebrisou-se o intrepido rio-grandense David Canavarro. Sua magestade o imperador assistiu a ella até que se ultimasse.

e destreza as mais avantajadas recordações; e a infanteria das provincias do norte, que não costuma deixar romper seus quadrados nem recua nos assaltos.

O dia 11 de junho de 1865 registrou nos nossos fastos uma das mais memoraveis batalhas navaes que não inveja a de Navarrino. A esquadra do Paraguay, mais numerosa em vasos e em gente, protegida de terra por baterias bem artilhadas, foi, comtudo isso, destroçada pela nossa no Riachuello, cobrindo-se n'ella de loiros o vice-almirante Barroso [1], que, conhecendo perdida a acção, tomou a resolução desesperada de practicar com o vapor de seu mando, o *Amazonas*, uma manobra que só costuma sortir effeito aos couraçados armados de esporão. Fazendo ariete da proa do seu navio de madeira, que então ainda não tinhamos monitores, foi successivamente de encontro a um e depois a outro e a outro vaso inimigo, conseguindo mettel-os todos a pique!

Destruida a esquadra inimiga, restando-lhe apenas alguns vapores e chatas, bloqueámos as Tres Bocas, tomámos a 10 de abril (1867) apoz renhido e mortifero combate a ilha que fronteia Itapirú, e d'ahi, debaixo de vigoroso e sustentado fogo que despediam as fortalezas e o exercito contrarios, não fraquearam as tropas invasoras. Os torpedos fizeram voar a mais de um navio; mas no termo de sete dias (17 de abril) conseguimos effectuar o desembarque e invadir o Paraguay, e isto sem represalias, fazendo sempre guerra leal e conforme aos principios modernos e ao espirito humanitario que vogam hodiernamente e se coadunam á nossa indole. N'essa assignalada victoria conhecida pelo nome de *Passo da Patria*, além de destinguir-se sobre todos o general Manuel Luiz Osorio (hoje marquez do Herval) registro com desvaneci-

[1] Hoje barão do Amazonas; mas teve a infelicidade de perder a vista.

mento um acto de temeridade, que só tem egual nas luctas da edade-média ou entre os fabulosos heroes de Ariosto, de Vasco de Lobeira e de Francisco de Moraes. Ao pisar terra paraguaya, avançou o intrepido Osorio acompanhado de doze homens de seu piquete, armados de lanças e do terrivel *laço*, e saindo-lhe ao encontro um exercito de trinta mil homens, não recuou! Cercado, enrostou-o placido, e dando cutiladas, que levavam a morte ás fileiras inimigas, rompeu por entre ellas até chegar em seu auxilio o exercito alliado.

Admoestando-o o nosso plenipotenciario, o ex.^{mo} sr. dr. Octaviano, (hoje senador) por tamanho arrojo, redarguiu-lhe de prompto o bravo general: «com um exercito de recrutas e paisanos cumpria jogar a vida e practicar até actos de loucura para dar o exemplo!»

Não é este o unico feito extraordinario do nosso general; pois em todas as conjuncturas arriscadas tem sempre dado assignaladas provas de destimidez de feição a exceder de muito a craveira commum dos bravos. Suas raras gentilezas de valor dão-lhe proporções taes que no futuro entrará nas lendas do povo, ou será um mytho.

Até aqui luctavamos com um exercito superior em número e meios, contra instrumentos e armas aperfeiçoados, d'ahi em vante se lhes junctaram a falta de viveres, a difficuldade de transportal-os, a cholera-morbus, a desynteria, as febres e a natureza ingrata e impervia, do terreno — aqui rios caudalosos e sem pontes, com margens alterosas e talhadas á pique, ali desertos e matas virgens sem estradas, além banhados extensos, tremedaes coalhados de tojos, e a cada passo uma fortaleza, um fortim, ou ciladas occultas nos desfiladeiros. Depois da victoria do Passo da Patria obtivemos a 24 de maio a de Tuyuty, renhida e pugnaz, e de que saíu vencedor o bravo dos bravos — o general Osorio. Em seguida caíu em nosso poder Curu-

zu, dando-nos estas victorias tanta confiança que emprehendemos levar de assalto e á escala vista a fortaleza de Curupaity. Pagámos bem cara essa afoiteza!

Fiados em informações falsas de transfugas, demos a Curupaity pouca importancia, suppondo-a mal fortalecida e as fôrças que a guarneciam compostas em parte de crianças, velhos e mulheres. Era ella, pelo contrario, quasi tão possante como Humaytá, e no dia 22 de setembro foi sacrificado ás cegas, quasi no principio da campanha, o melhor de oito mil soldados, incutindo esse revez o desanimo nas fôrças alliadas. Não foi, porém, essa a causa unica, ou antes a principal d'essa funesta derrota. A politica, por infelicidade nossa, introduziu-se nos negocios da guerra desde a retirada do gabinete de 31 de agosto, e o ministerio que lhe succedeu immolou muitas medidas importantes a essa deusa nefasta! O primeiro erro que commetteu o ministerio de 4 de maio de 1866 foi dividir em tres corpos os exercitos, cada um com o seu chefe. A falta de união e de um só pensamento, tão necessario principalmente em um plano de guerra, deu esse lastimoso resultado. O barão de Porto-Alegre arremetteu a fortaleza sem esperar pelo corpo do general Osorio, nem que a esquadra, commandada pelo valoroso almirante visconde de Tamandaré, manobrasse de concerto com as operações de terra.

Trouxe comsigo esse desastre a prudencia e a segurança. De Curupaity a Villeta vão cêrca de dois annos. Ainda que longo, não foi de todo esperdiçado esse trecho de tempo. Aproveitámol-o para construir estradas e pontes, e para organisar o exercito e instruil-o. Houve combates parciaes e recontros. Os inimigos tentaram por muitas vezes surprehender-nos, já em terra, já no rio Paraguay; mas sempre os repellimos com vantagem da nossa parte; e d'ahi em diante não teve o exercito alliado de lastimar um revez sequer. Se houve lentidão nas marchas, nunca o exer-

cito deixou de avançar, e uma vez ganha uma posição não houve mais cedel-a, nem recuar um palmo de terra conquistado.

Divide o sr. dr. Homem de Mello [1] em tres periodos esta campanha: o primeiro é o da invasão impetuosa e audaz de Lopez, e da nossa parte é a organisação resoluta e permanente do elemento militar e das fôrças de resistencia para nos oppormos aos exercitos paraguayos; o segundo é representado pelos quinze mezes de inacção no Estero Bellaco: periodo de disciplina e recomposição do exercito; o terceiro começa em julho de 1867 pelo movimento das tropas sobre o flanco esquerdo do inimigo. Acrescento a estes um quarto periodo, e que decorre da posse da capital do Paraguay até hoje; periodo de occupação completa do territorio e de reorganisação administrativa do paiz. Essa missão, cheia de perigos e de contrastes, está confiada no campo ao nosso principe, herdeiro presumptivo da corôa por seu consorcio com a nossa princeza imperial, e ahi tem elle mostrado uma bravura e actividade inexcediveis: a parte administrativa a cargo de nosso ministro de estrangeiros, o sr. conselheiro Paranhos que se tem havido com summa habilidade n'essa missão de si difficil e melindrosa [2].

Em movimento o exercito alliado caminho de Assumpção, importava apossar-se de Humaytá, formidavel fortaleza tida por inexpugnavel, e interposta, qual Adamastor, á marcha d'estes novos Gamas da civilisação, e que ameaçava

O ceu, a terra e o mundo.

Essa Sebastopol era a chave da campanha, e sem des-

[1] Vid. a *Biographia do barão do Triumpho.*

2 Hoje visconde do Rio-Branco e ha quasi quatro annos presidente do conselho de ministros.

truil-a toda a empreza era baldada. Começaram os reconhecimentos audazes e perigosissimos, prestando n'elles serviços relevantes e notaveis os generaes Osorio e Andrade Neves, até que a 19 de fevereiro de 1868 tomaram os alliados, guiados pelo marquez de Caxias (hoje duque), o reducto do *Estabelecimento*. A 22 de março (1868) occupámos Curupaity, e a 4 de maio o Chaco. Auxiliados tão efficazmente os movimentos da nossa esquadra, forçou ella a 23 de julho a passagem de Humaytá e tomou a fortaleza, não sem muito custo e luctando com mil perigos. N'essa acção gloriosa sobresaem o commandante da expedição, Delphim C. de Carvalho, o commandante do *Barroso*, Silveira da Motta, que foi o primeiro a passar por cima das correntes, e o primeiro-tenente Maurity, que no encouraçado *Alagóas* practicou prodigios de valor. Como Nelson em Copenhague, tambem desobedeceu á intimação do almirante, e com exito egual ao d'aquelle logrou apressar o triumpho da nossa briosa esquadra.

O cabo Tormentorio d'esses mares estava dobrado. Seguiu-se a evacuação de Humaytá e a fuga de Lopez para Tebicuary. Indo no seu encalço, obtivemos no Itororó a victoria de 6 de dezembro (1868), e seguimos para Tebiquary, d'onde o desalojámos. Refugiou-se o tyranno em Villeta. Fomos procural-o n'esses intrincheiramentos, e ainda ahi espingardeava prisioneiros, amigos e parentes, e, o que mais é, entes fracos e sem defeza! A victoria de 10 de dezembro de 1868 deu-nos posse de Villeta. Não havia, porém, clava de Hercules que decepasse as cabeças da hydra, sempre renascidas. Depois dos intrincheiramentos de Villeta, esbarrámos com os de Lomas Valentinas e de Angustura, ainda mais fortes e melhores artilhados.

Foram mortiferos os reconhecimentos das fortificações de Lopez. Os alliados perderam n'elles muita gente, mui-

tos officiaes distinctos, e isso prenunciava o que seria um combate formal. Os dias 21, 22, 23 e 30 de dezembro serão sempre por nós lembrados com mágua.

Renhida e desesperada foi a peleja: pendeu por último para os alliados, e colhemos a palma do triumpho. Os generaes e os officiaes dos exercitos alliados sustentaram a reputação adquirida nos outros combates. O general Osorio, ferido, não abandonou o campo, e o marquez de Caxias (hoje duque), apesar de doente e velho, assistiu e dirigiu até o fim esse combate de tantos dias. Depois de Lomas Valentinas fomos de triumpho em triumpho até occuparmos a capital inimiga. Tomado esse ponto principal do estado paraguayo, não saqueámos, não procurámos vingar-nos de quem quer que fosse; respeitámos as propriedades e fazendas inimigas, attrahimos as familias tresmalhadas e esfomeadas, démos abrigo aos foragidos, remedios aos doentes, alimentos a todos; deixámos aos habitantes, que se submetteram á ordem e ás leis, o campo livre para elegerem um govêrno provisorio, que já tem sido reconhecido pelas authoridades subalternas do proprio Lopez e por muitos habitantes da republica.

Lopez, fugitivo e ainda rodeado dos fanaticos que o seguem, acoita-se nas fortificações que tinha de antemão preparado nas inaccessiveis cordilheiras da parte montuosa do Paraguay. Até ahi o teem procurado as tropas alliadas, commandadas pelo destemido e valoroso principe brasileiro, continuador illustre da admiravel e sublime epopéa que gravámos nos campos do Paraguay. O joven e ardente general, no empenho afanoso de libertar o paiz d'esse monstro, não descança e nem se fórra a sacrificios de toda a especie. Auxiliado por Osorio, a despeito de seus ferimentos, por Camara (hoje barão de Pelotas), por Portinho e Victorino, tem marcado suas marchas por combates, e estes por victorias. De Caraguaty a Iguatemy, a S. Pedro,

são triumphos successivos, e isto annuncia que dentro em pouco hade Lopez exilar-se ou submetter-se.

Onde em todo esse periodo um successo da nossa parte que denote tyrannia, ambição de preponderancia e de conquista? Desafio para que apontem um acto de depredação, de vingança, de deshumanidade de um só de nossos soldados, que se teem portado n'essa lucta de cinco annos com a lealdade e brio que são apanagios da bravura, da generosidade e da justiça que nos inspira. A causa por que combatemos é civilisadora, é sancta, é nobre: ha pois empenho em conserval-a escoimada de qualquer nodoa.

Ninguem, de animo forro e despreoccupado, negará ao govêrno brasileiro a sua longanimidade para com esses visinhos turbulentos e ingratos, e o quanto tem caprichado em ceder a todas as exigencias dos alliados, procurando cumprir o tractado muito além do que foi n'elle estipulado, para que assim não achem motivos de queixa. Apostolos da civilisação, enviâmos nossos soldados com suas espadas e enthusiasmo patriotico a regenerar esse povo barbaro e fanatico, e a derramar sobre elle a luz que evangelisa e esclarece os espiritos.

A nossa missão é, pois, gloriosa e achâmo-nos pagos em demasia dos sacrificios de gente, de dinheiro, de repoiso e prosperidade para nosso paiz, se lograrmos fundar na America Meridional mais uma nação livre e civilisada, transformando o Paraguay de feitoria de rudes escravos, espesinhada e dirigida por um senhor cruel e duro, em uma republica regular, assentada em solidas bases, administrada com tino, e para a qual deve de luzir nos horisontes do futuro a prosperidade e o progresso de que já goza Buenos-Ayres. Expellimos d'esta republica um tigre —Rosas, e d'alli arrancaremos em breve uma hyena— Lopez.

Depois, enchem-nos ainda mais de ufania os resultados

grandiosos d'esta campanha por termol-a emprehendido e levado a cabo com os nossos sós recursos nacionaes, sem que nós ou os nossos alliados encorporassemos ás nossas fileiras mercenarios estrangeiros, nem officiaes e generaes que não fossem conterraneos, ou que tivessemos de antes adoptado por nossos filhos.

Ao terminar, seja-me licito repetir ainda uma vez que, no meio de nossos irmãos d'além-mar, que fallam a mesma lingua, que descendem do mesmo tronco, e sobre quem reflecte a gloria que irradia de nossos feitos de armas, como as suas façanhas dos tempos aureos do Portugal antigo são tambem nossas, devemos alevantar bem alto a cabeça e congratularmo-nos mutuamente pelos loiros e tropheus que nos advem d'esta campanha tão gloriosa, tão porfiada, tão cheia de episodios soberbos que hãode ainda ser devidamente avaliados, quando nos projulgar a imparcialidade dos porvindoiros.

Tenho fé.

Lisboa, 12 de fevereiro de 1870.

CONCLUSÃO

E a fé e o patriotismo salvou-nos! O nosso bravo general, verde nos annos, com o ardor e enthusiasmo que a bravura incute na mocidade, não havia obstaculos que resistissem a elle e a seus ousados companheiros. O tyranno dictador embrenhava-se cada vez mais pelos pincaros selvaticos das cordilheiras, e o exercito alliado dava-lhe caça onde quer que se entrincheirasse. O mez d'agosto de 1869 foi celebre pelas pelejas e victorias que alcançaram nossas

armas, sendo as mais memoraveis as de 12, travada em Peribubuy, e a de 16, em Ascurra. Perdeu-se por fim o rasto dos inimigos. Davam uns Lopez como refugiado na Bolivia, outros no Perú, e as nossas tropas batiam os matagaes intransitaveis do Paraguay, sem se lhes dar das privações de todo o genero que as assoberbavam e opprimiam. Arredadas das paragens que lhes podiam ministrar fornecimentos, padeciam fome e doenças. O bravo principe, dispensando toda a deferencia, compartilhava com o ultimo de seus soldados os soffrimentos que n'aquelles sertões pesavam sobre a nossa gente. Primeiro nos commettimentos, assiduo nas marchas, não dava ao corpo descanço nem o desejo de concluir essa tão demorada guerra era diminuido por tantos obstaculos. No mez de fevereiro de 1870 teve noticia de que Lopez occultava-se nos matos que avisinham o arroio Aquidaban. Dividido o exercito em tres columnas, para que cercasse por todos os lados o inimigo de modo que não podesse evadir-se, investiram os nossos contra o covil da fera do Paraguay. Coube ao inclyto brigadeiro Antonio Corrêa da Camara a fortuna e gloria de descobrir esse esconderijo, e foi tão bem concebido e executado o plano de sua alteza imperial o sr. conde d'Eu, que por mais que tentasse fugir o tyranno, topava sempre com gente nossa. O general Camara, assim que deu com as pégadas d'elle, dispoz por tal arte o corpo de seu commando, que, encontrando um piquete de cavallaria de Lopez, de atalaya na estrada, deu repentinamente sobre elle e o aprisionou. Poderam, todavia, fugir alguns soldados que seguiram a todo o galope para o acampamento de Lopez; mas a nossa cavallaria não se deixou ficar atraz e quasi que no mesmo tempo que chegavam esses esculcas, apresentava-se ella no arrayal inimigo. Oppozeram-se os seus para darem-lhe tempo á fuga; mas o nosso general, querendo poupar as vidas d'esses fanaticos e fazer-lhes co-

nhecer que toda a resistencia era inutil, despachou mensageiros, propondo a Francisco Solano Lopez que desistisse de seu louco intento, e se entregasse com as honras que lhe eram devidas antes do que correr imminente risco, tomadas como estavam todas as saidas. Na sua demencia a nada attendia o sanguinario dictador, senão que arrancando da espada, voltou-se contra um dos parlamentarios e tentou feril-o. Estacaram por algum tempo os soldados do brigadeiro Camara, aguardando a última resolução de Lopez; mas a final não houve outro remedio senão atacar a fôrça que o defendia. Na confusão da lucta ainda conseguiu fugir; porém reconhecido por um dos nossos, foi Lopez ferido por uma lançada, vindo a succumbir n'esse mesmo para nós assignalado dia 1 de março de 1870 na margem do arroyo Aquidaban. Com elle terminou essa formidavel guerra de tantos annos, que fez correr copioso sangue, levou o pranto e a desolação ao seio de innumeras familias, arruinou a fortuna pública e particular, estremecendo o commercio e ameaçando de morte a agricultura. N'esse dia tambem impedimos que o tyranno do Paraguay rematasse a ensanguentada serie de seus abominandos crimes com um que tornaria sua memoria mais polluta e execranda do que a de Nero, a quem tomára por modêlo. Elle que tinha já feito perecer na tortura e no supplicio Berges, um de seus mais intelligentes sequazes, e que tivera a habilidade de colorir seus actos e tornarem-lhe favoraveis os jornaes da Europa e dos Estados Unidos; Barrios, seu cunhado além de um dos generaes que mais o coadjuvaram; D. Venancio, seu irmão, e tantos outros homens proeminentes e prestadios, tinha sua propria mãe e a irman encorrentadas e com os corpos cheios de profundos signaes de sevicias. Quando nossas tropas atacaram esse acampamento de Lopez, libertando-as como a outras pessoas distinctas, confirmaram em lagrimas de reconheci-

mento que estavam destinadas todas ellas para uma das hecatombes do insaciavel e desalmado despota. Referiram egualmente outros nefandos crimes, que haviam sido perpetrados ou estavam a ponto de realisação. É este o monstro de perversidade, cuja morte alguns jornaes e até um deputado da nação portugueza deploraram![1]

Com a morte de Francisco Solano Lopez cessou a lucta, volvendo á patria os nossos exercitos tão reduzidos pelas balas, pelas doenças, pelas privações, pela fadiga e pela acção destruidora de um clima diverso do nosso, e entrou o Brasil nas vias de progresso, tão ardentemente encetadas, e um anno depois suas finanças permittiam que o parlamento brasileiro decretasse a humanitaria e civilisadora lei do *ventre livre*, abraçada e applaudida por toda a nação.

Nem por termos favorecido tão prodiga e desinteressadamente os nossos alliados, mostraram-se elles agradecidos e leaes para comnosco. Dois annos consumiram em balde os nossos diplomatas sem que houvessem conseguido dos governos argentino e oriental que concluissem comnosco ás bases de um tractado de paz e limites com a republica do Paraguay! Empoz tantas protelações, chicanas e tergiversações, resolveu o govêrno imperial obrar por si só, e enviou ao Paraguay o ex.^{mo} sr. barão de Cotegipe, que firmou em Assumpção os protocolos de 8, 9, 16 e 18 de janeiro de 1872, sem que estipulassemos imposições de guerra, como, com menos razão, teem usado outras nações, e ainda ha pouco a Prussia, nem tirassemos tão pouco a minima parcella do territorio visinho em beneficio de nossas provincias que lhe são limitrophes.

Não obstante tamanha lisura e lenidade do nosso proceder, quizeram os ingratos visinhos da republica argen-

[1] Vid. nota C no fim do volume.

tina perturbar tudo, dirigindo-nos seu ministro das relações exteriores, o dr. Tejador, a desrespeitosa nota de 27 de abril (1872), a que respondeu o ex.mo sr. conselheiro Manuel Francisco Corrêa, então ministro de estrangeiros, com muita dignidade e talento. Deram ao mesmo tempo os argentinos e orientaes, tão faceis em assomarem-se, expansão á sua colera e bravatas, injuriando-nos de um modo atroz no seu jornalismo. Reconhecendo, porém, nossos turbulentos alliados que conservavamo-nos em atitude calma e energica, conformaram-se á razão e assim enviaram o general Mitre ao Rio de Janeiro com plenos poderes para entrar em negociações com o nosso govêrno e compôr as divergencias que tinham elles proprios levantado. E de feito, foram, depois, terminadas essas negociações, principiadas com tão ruins auspicios. Encarregado o ex.mo sr. marquez de S. Vicente de tractar com o plenipotenciario argentino, deram-se reciprocas e satisfactorias explicações; e os tractados definitivos de paz, de limites, de entrega de criminosos e desertores, e de commercio, navegação e amizade, foram a 26 de março d'este anno assignados entre as altas partes contractantes, na cidade do Rio de Janeiro, estipulando-se n'elles que ficasse livre a cada uma das nações alliadas entabolar separadamente tractados que bem lhes convierem, sujeitos em todo o caso á approvação das outras. Assentaram mais em que o Paraguay indemnisará as nações alliadas da importancia dos gastos da guerra e damnos causados ás propriedades publicas e particulares, não vencendo a divida liquidada juros nos primeiros dez annos e d'ahi em diante 6 % ao anno, tendo cada uma a faculdade de fazer para o futuro maiores concessões, havendo a mais perfeita egualdade na amortisação das respectivas dividas. Apesar dos ajustes parciaes entre o Paraguay e cada uma das nações alliadas, ficará em pleno e inteiro vigor o compromisso de mante-

rem conjunctamente a independencia e integridade d'aquella republica, como fôra estipulado no tractado da triplice alliança de 1 de maio de 1865.[1]

Por este resumo reconhece-se ainda mais uma vez o espirito com que o imperio tem-se havido em todos estes negocios.

Os serviços prestados ao Paraguay cifraram-se, pois, da nossa parte, em desopprimil-o da mais odiosa tyrannia e quebrar aquella espessa crosta secular que lhe interceptava a luz que allumiava a porção livre da America, erguendo-o ao nivel dos outros povos; em aconselhal-o e em dotal-o de instituições sociaes, como tambem em protegel-o e soccorrel-o, quando o requisitar.

Quem conhece o espirito irriquieto d'estes povos, avaliará de certo os constantes sacrificios que o Brasil terá de fazer para acudir ao Paraguay nas conflagrações que o assolarem. Ainda ha pouco lá foram os nossos soldados ter mão ao façanhudo general Caballero, antigo acostado de Lopez, que rebellou-se contra o govêrno constituido, e ia amotinando o paiz. Valeram as tropas brasileiras que estacionam em Assumpção; pois que suffocaram de prompto essa rebellião antes que tomasse maiores proporções.

Paremos aqui, ufanos de sermos brasileiros; e para isto basta-nos relancear a vista para o que vae desde o fausto e memorando dia 7 de setembro de 1822. Hoje que commemorâmos esse glorioso dia, escrevo bem longe da patria estas linhas, como remate ao desaggravo que tracei ao correr da penna e com as primeiras impressões que me assaltaram o espirito. Encho-me, portanto, n'este momento de desvanecimento ao considerar no estadio que temos percorrido n'estes cincoenta e um annos, e nas brilhantes paginas e sublimes episodios que realçam esta

[1] Vid. na nota D, no fim da obra, esses tratados na sua integra.

guerra, d'onde nossas armas sairam victoriosas e nossos exercitos cobertos de explendidos laureis. Se os nossos soldados de mar e terra são dignos de admiração por sua bravura, disciplina e espirito humanitario e generoso, pela paciencia e civismo com que supportaram as maiores privações e contrariedades, sem nunca jámais afrouxarem, mostrarem-se insoffridos, ou sequer lastimarem-se, não menos o são os officiaes e generaes que os guiavam, em especial o joven e valoroso principe, que voluntariamente poz-se á frente dos exercitos alliados desde 1868, e cujos planos e tactica deram em resultado a conclusão d'essa aturada pugna. Se elles expozeram, comtudo, a vida e conquistaram immorredoiro renome nos campos de batalha, não menos quinhão de gloria cabe a sua magestade imperial pela obstinação com que nunca quiz ceder ás reiteradas advertencias de seus ministros, impressionados pelos clamores dos interesses egoistas dos que instavam energicamente pela paz. O augusto monarcha brasileiro, zelando a honra e brios nacionaes, e antepondo-os a seus interesses dynasticos, todas as vezes que se lhe propunha dar por terminada a guerra, aceitando propostas de pazes que nos eram prejudiciaes, declarando peremptoriamente que antes resignaria a corôa, do que assignal-as, mostrou claramente que primeiro que tudo é brasileiro e não cede primazias aos que se prezam de mais patriotas.

Lisboa, 7 de setembro de 1873.

A LITTERATURA BRASILEIRA

CONTEMPORANEA [1]

Por mais que o queiram negar praguentos e invejosos, tem a litteratura brasileira existencia propria e que se revela na sua opulencia, riqueza e fecundidade, e, melhor ainda, na sua physionomia tão peculiar, que lhe assignala um typo nacional e confere-lhe autonomia entre as demais. Suas tendencias, sua indole individual, sua côr local, tudo, emfim, o está provando.

Nova na dacta da sua emancipação, explora com enthusiasmo e ardente assiduidade as diversas provincias da arte, florindo e fructeando em todas ellas com renome para seus mais conspicuos cultores, cujas frontes não raro se ornam de explendentes e viçosas corôas. Causa-me, por isso, pasmo a ignorancia, que noto em Portugal, do nosso movimento litterario, e nem posso atinar com o motivo da

[1] Saiu pela primeira vez este trabalho em folhetins dos n.os 1974, 4979 e 4981 do *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 25 de maio, e 1 e 3 de junho de 1870. Foi outra desaffronta á nossa patria, ficando-me o pezar de não poder entrar mais detidamente pelas nossas coisas e citar os nomes de todos os eminentes escriptores e das obras que teem sido publicadas no Brasil n'estes últimos cinco annos em que estou ausente d'elle. Peço, portanto, desculpa aos que se doerem d'essa involuntaria exclusão, nascida em parte de minha falta de reminiscencia, em parte de não ter noticia d'ellas.

nenhuma curiosidade dos que aqui se occupam de livros e os amam.

Um dos nossos publicistas e prosador de subidos quilates, João Francisco Lisboa, a quem a morte veiu arrebatar em 1864, quando se propunha a enriquecer as lettras patrias com trabalhos de maior alcance, lastimando-se d'isso na *Revista Contemporanea* por occasião da biographia do interprete de Virgilio e Homero—Manuel Odorico Mendes [1] —attribuia esse desdem dos homens e das coisas do Brasil á prioridade de Portugal na dacta de sua existencia como nação, succedendo a este reino como aos homens provectos com os trabalhos e alvitres dos moços, e ao desalinho de estylo e erros de linguagem, defeitos de que adoecem alguns dos nossos escriptores; mas a mim me parece que se devem junctar a essas causas grande dóse de mal entendido amor proprio, como aconteceu por muito tempo á Inglaterra com respeito aos Estados Unidos, até que os norte-americanos levaram de vencida seus antigos colonisadores nos ousados commettimentos scientificos e litterarios, e nos descobrimentos com que teem assombrado o mundo, tornando-se tão notaveis nas lettras, nas sciencias, nas artes e nas armas que obrigaram a velha Europa a admirar seus grandes vultos e a nivelal-os aos d'ella. São hoje em dia colleccionadas nas bibliothecas da Gran-Bretanha e lidas pelos orgulhosos filhos de Albion e por todos aquelles que cultivam as boas lettras as obras de Fenimore Cooper, de Washington Irving, de Ticknor, de Bancroft, de Motley, de Smith, de Everett, d'Emerson, de Chaning, de Prescott e de outros sabios, historiadores, publicistas e poetas, cuja nomenclatura sería enfadonha e longa.

Creio, porém, que já é mais que tempo de se nos fa-

[1] Vid. *Revista Contemporanea de Portugal e do Brasil*, anno de 1862, n.º VII.

zer justiça, conhecendo e considerando nossa florescente e brilhante litteratura, que não merece ignorada e ainda menos negada, como ha pouco li com surpreza no *Livro de crítica* do sr. Luciano Cordeiro, e é isso que instigou-me a bosquejar este humilde protesto.

Diz o escriptor:

«Gonçalo Dias — que os brasileiros na sua monomania de terem uma litteratura, como se esta andasse demarcada pela geographia politica, o dão como poeta seu, como elle proprio julgava sel-o [1] (!).....»

Não é monomania, mas um facto real, inconteste e reconhecido por quantos escriptores de cunho e de verdadeira critica teem estudado e escripto sobre a nossa litteratura. Attestam-n'o o sabio allemão F. Wolf, author de uma conscienciosa e profunda obra — *Le Brésil litteraire*, M. Ferdinand Denis, Delaplace, e, finalmente, os que teem *senso para discernir e gosto para apreciar*.

Essa proposição de todo o ponto falsa, seria levada á conta de hecteroclito e original paradoxo, arriscado seguramente com a mira de tornar apontado seu author por se apartar da opinião mais corrente, se não denunciasse n'elle total ignorancia da nossa litteratura, dando d'isso mais um testimunho irrefragavel na citação errada do nome de Antonio Gonçalves Dias, poeta tão conhecido e festejado aqui, e de quem no entretanto não sabe nem o appellido, chrismando-o por sua alta recreação — Gonçalo Dias. Não se diga que foi lapso de penna, porque vem assim escripto nas tres vezes que o cita em passagens do seu livro diversas e distantes umas das outras, o que me induz a crer que se conhece o author dos *Cantos* é só de ouvida.

Não será, por certo, nosso o poeta *Gonçalo*, de que falla o sr. Luciano Cordeiro, mas o é o cantor dos *Tym-*

[1] Vid. pag. 278 do *Livro de crítica*.

biras, da *Tempestade*, de *Marabá*, de *Y-juca-pyrama*, do *Gigante de pedra* e do *Canto do guerreiro*. Esse sim, que tinha com toda a razão legitimo orgulho de ser filho do Brasil e estar filiado na sua nascente litteratura.

Mas podia esperar-se outra coisa do sr. Luciano Cordeiro, que se proclamou na *Revolução de Setembro* chefe da eschola a que chama satanica? Se leu Hegel, na traducção franceza, não o aprofundou, colhendo pela rama, um ou outro termo da phraseologia nebulosa d'Além-Rheno, e suppoz na sua filauciosa fatuidade que descobrira outro parafuso de Archimedes, e tomando-o por bordão, toca a dar pancada de cego a torto e a direito. Discipulo aproveitado de fr. Agostinho de Macedo, alistou-se n'essa sociedade, ainda bem que mui resumida, de internacionalistas da litteratura, que se esforçam por demolir os edificios mais solidos e que dão nome e gloria a Portugal, sem que possam talhar sequer uma pedra para outro que os substitua ou arremede. Assim, não respeita nem a edade, nem as reputações firmadas no consenso unanime das pessoas lidas de ambos os hemispherios onde se falla a lingua portugueza, e investindo contra os srs. visconde de Castilho, Alexandre Herculano, João de Lemos, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro, foi-os abocanhando, sem ao menos motivar com razões attendiveis suas acrimoniosas censuras.

Cavalleiro andante da litteratura, poz a trote largo o seu rocim, atravessou no pensamento o Oceano e cinistou a lança contra moinhos de vento. Ouviu fallar em Gonçalves Dias, e toando-lhe — *Gonçalo* — nome que nada tem de poetico — declarou ao mesmo tempo e em tom dogmatico o Brasil fóra da communhão litteraria de *auctoritate qua fungo!* Se os litteratos brasileiros quizerem que lhe levante o anathema, hãode vir cobertos de cinza e vestidos de sacco á presença do hypercritico transmontano a pedir-lhe com voz commovida e contricta a absolvição de

tamanha heresia, que talvez assim obtenham o *placet* para gozarem sem contestação e com socego da sua independencia litteraria.

Em que peze, todavia, ao sr. Luciano Cordeiro e a despeito de sua exclusão, temos litteratura propria, e dado que começasse a denunciar-se tal e a formar eschola á parte muito depois da nossa emacipação politica, não é menos constante o facto, tanto que já aspira a competir com a da antiga metropole em fecundidade, louçania, riqueza de imaginação, se é que na originalidade e ousadia não a vence.

Labora tambem em érro o author do *Livro de critica* quando affirma que a litteratura não anda de parceria com a divisão territorial. Outros costumes, outras indoles, outras idéas, o mundo exterior, o aspecto da natureza que circumda e fere o espirito do observador, dão a cada povo uma litteratura peculiar. Isto é uma verdade de simples intuição, inconcussa, reconhecida e observada até por qualquer mediana intelligencia; mas para dar-lhe authoridade insuspeita ahi está a opinião respeitavel de Humboldt, que no *Cosmos* affirma que *o clima, a configuração do solo, o aspecto da natureza, risonha ou selvatica, influem poderosamente nos progressos das artes e no estylo com que as suas producções distanciam-se umas das outras*». Na Asia ha differentes litteraturas, conforme as nações que a povoam, na Europa diversifica a hespanhola da portugueza, sendo as linguas aliás tão similhantes, a italiana da franceza, a ingleza da alleman, etc., apesar de se tocarem os territorios de alguns d'estes paizes, e de estarem proximos e relacionados entre si esses povos: outro tanto acontece entre os Estados Unidos e a Inglaterra, e entre o Brasil e Portugal. Se escriptores, filhos do mesmo paiz, da mesma localidade, que floresceram na mesma epocha, dissimilham-se, quanto ás suas obras, na fórma, na con-

textura, na ordem das idéas; se Walter Scott, Moor e Byron não teem parecença entre si, nem Goethe com Schiller, ou Klopstock, porque cada um tem sua individualidade, poder-se-ha recusar facto analogo quando mares, climas e natureza tão diversas nos separam?

O que ha de commum e serve de vinculo a ambas as litteraturas é a linguagem e a origem. Quanto aos affectos, ás paixões, ao que é emfim do dominio da objectividade, isso é partilha de todas as litteraturas, porque o é dos homens; mas o modo de avalial-os, de exprimil-os, de encaral-os, pertence a cada um individuo em especial.

Outro ponto de similhança que ha entre a nossa litteratura e a portugueza é a fonte onde vão beber — a eschola franceza — que contaminou e rege hodiernamente o gosto, como aconteceu na renascença com a litteratura latina. Os moldes onde vasam suas obras são identicos, se bem que os brasileiros, talvez por estarmos mui distantes da França ou porque tenhamos muita lição das litteraturas do norte da Europa, damos de mão com mais frequencia áquelles originaes.

Somos um povo essencialmente artista, e o sentimento do bello, as producções da arte brotam muitas vezes expontaneas entre nós, por instincto natural. Para que se aperfeiçoem e tenham o primor e a correcção que as possam tornar conhecidas e estimadas dos entendedores, só lhes falta maior desenvolvimento, mais impulso, protecção efficaz dos que dispõem de meios, e instrucção profissional dada em todos os ramos dos conhecimentos humanos com largueza e profusão; porque nos sobram convidativos estimulos á inspiração. Onde ha paiz que offereça mais sublimes antitheses, como já o fez notar um viajante francez? Tudo ali conspira para excitar e abalar a phantasia, por mais phleugmatico que seja o individuo: ao pé da placidez a agitação, do bello o horrivel! Ha ahi coisa que

se eguale em magestade e limpidez ao nosso firmamento puro, rutilante e esmaltado de myriades de estrellas? As nossas noites de almo luar, tão serenas e todas perfumes e harmonias não extasiam a alma de quem assiste a esse espectaculo encantador? Nas raras vezes que muda o nosso ceu de scenario e que atravessam por elle borrascas temerosas e violentas, fica pejado de grossas nuvens que o empanam de todo, mas que desfazem-se dentro em pouco em catadupas com a mesma rapidez com que se formaram. N'esse brevissimo espaço os ribombos dos trovões e o phosphorear dos relampagos succedem-se quasi sem interrupção, vindo augmentar a sublimidade d'esse espectaculo o sibilar furioso do tufão, como se um cataclismo imminente ameaçasse a terra; mas assim como se desencadeiam inopinadas as nossas tormentas, tambem esvaem-se ás subitas como por encanto, volvendo bem depressa os elementos ao remanso e regularidade da marcha dos phenomenos metereologicos, como se poderá conceber da pintura exacta que d'ellas faz Gonçalves Dias na sua bella poesia *A tempestade*.

Entre-se as nossas matas virgens tão densas e sombrias, que ficar-se-ha surpreso á vista de uma vegetação tão exuberante, de tantas variedades de plantas, exquisitas nos productos e nas fórmas, abraçadas umas por emmaranhados cipós, outras por delicadas parasytas: estas formando alfombras de verdura, aquellas ostentando-se altivos e gigantescos madeiros, tudo matisado de flôres e rescendendo fragrancias que embalsamam os ares e captivam o olphato. Aqui, em completo ermo, reina profundo silencio, além, ouvem-se os cantos e rumor das aves, umas de grandeza extraordinaria, outras excessivamente pequenas, como os mimosos colibris; estas que maravilham pelos matizes vivos e variegados de sua plumagem, outras pelo canto mavioso e plangente. Em certas epochas do anno derramam-se

por toda a parte milhares de phalenas notaveis pelo brilho e côres, de nestores, verdes como a esmeralda ou brilhantes como o diamante lapidado. Destoando d'este conjuncto delicioso e harmonico, ahi estão nuvens de insectos zumbidores e incommodos, e já aqui ou ali reptis medonhos na configuração e maleficos no veneno. Não são menos numerosos os quadrupedes de muitas especies e uteis ao homem.

Quadros não menos aprasiveis e assombrosos offerecem nossas dilatadas campinas tão floridas e nuas de arvoredo. As mais das vezes não alcança a vista mais aguda seus limites, similhando-se esse immenso lençol de verdura ao Oceano com suas ondulações e sussurro. Vêem-se retouçarem n'ellas centos de manadas de gados, que vivem e procream prodigiosamente sem outra direcção que seus proprios instinctos, e outro abrigo que os matos e o firmamento que os cobre; tendo comtudo só a temerem-se dos tigres e onças que os perseguem e pream, e cuja apparição amedronta os pegureiros ou quem viaja inerme n'essas solidões.

Cortam o territorio brasileiro vastos lagos e extensos e possantes rios, cujas margens apresentam todos os encantos das nossas florestas e mais os que lhes são proprios, além do murmurio das correntes que as beijam. Assim debruçam sobre as aguas, espelhando-se n'ellas, bosques de arvores corpolentas e seculares, d'entre as quaes distinguem-se grupos de bellas palmeiras. Quebram de longe em longe esse panorama verdejante as habitações de um fazendeiro, um povoado, uma villa. Nem todos os rios correm mansos: ha n'alguns caxoeiras que lhes embaraçam as correntes, formando ora quédas de agua alterosas. Se maravilha-se o observador ante a caxoeira de Paulo Affonso, espectaculo não menos grandioso offerecem-lhe o *Amazonas* e o *Mearim* nos fluxos das marés, entrando por elles com

extraordinario impeto e incrivel violencia, e causando esse estampido enorme conhecido no paiz pelo nome indigena de *pororocas*, e nas Indias pelo de *macaréos*.

Se das matas virgens, das campinas e dos rios passarmos para as costas que margeam o Oceano, surprehendem-nos por egual as bahias, algumas d'ellas amplas como golphos, semeadas de ilhas pittorescas e risonhas, a mór parte do tempo tão serenas e cristallinas que as brisas mal as enrugam, sendo raras vezes turbadas por vendavaes, quasi sempre terriveis e furiosos na sua explosão, como todas as manifestações da natureza intertropical. A todas estas scenas, que vão mal e desalinhadamente notadas, a todos estes contrastes e diversidade de objectos, acrescentem-se a tepidez do nosso clima, que favorece a imaginação, os costumes, habitos e trajos da nossa população hecterogenea e mesclada, que habita nossas fazendas e matos, que ahi achareis materiaes de sobejo para conceber obras de arte e formar uma litteratura riquissima e original. Veio não menos abundante e pouco explorado temos na raça indigena—n'esses párias, outr'ora senhores do territorio, com seus ritos e com suas luctas sangrentas. Investiguem-se a historia, as chronicas, as relações dos primeiros viajantes e as tradições coloniaes, que encontrareis episodios poeticos, romanticos e dramaticos n'essas lendas e crendices, nas missões e reducções, e nas entradas ou *bandeiras*. Dê-se por outro lado o colorido e relêvo convenientes aos costumes do nosso fazendeiro ou lavrador, do tropeiro, do vaqueiro, do pescador, dos escravos no labor e nos seus folguedos rudes, á similhança do que practicavam na Africa, que com todos esses elementos não temos que invejar ou pedir emprestado a extranhos.

Por esse pouco que ahi fica dicto, não se conhecerá por ventura que encerra o Brasil em si recursos fecundissimos

e poderosos para desenvolver e augmentar sua litteratura, tornando-a opulenta como nenhuma? Considerae só no muito que tem produzido n'estes poucos annos de vida propria para que não haja quem em boa e san consciencia possa fechar os olhos á evidencia e negar o movimento litterario do Brasil. [1]

Para que se não tenha por exaggerada e jactanciosa esta asserção, basta attentar-se em que, a despeito dos nullos e pouquissimos meios de educação intellectual que nos foram ministrados até a nossa independencia, contâmos ainda nos tempos do obscurantismo colonial muitos varões illustres por seu saber, lettras e engenho.

Não vae longe que o Brasil se emancipou da metropole em materia de litteratura: os mestres, os livros, as idéas iam na sua maioria de Portugal, e antes de 1823 todos os que se applicavam ás sciencias vinham estudal-as em Coimbra ou beber os rudimentos de instrucção nos collegios portuguezes. Demais, a tyrannia com que a metropole opprimia-nos no intento de conservar-nos submissos á tutela da mãe-patria, não soffria que alargassemos a esphera de nossas aspirações, e por isso esforçava-se por condensar-nos as trevas para que não lobrigassemos a luz. Por mais bem fundados que fossem nossos desejos de progredir, estacavamos contra a barreira colonial, e tinhamo-nos de contentar com as raras escholas públicas distribuidas com parcimonia pelas capitaes das provincias, reduzidas ainda

[1] A estes argumentos, postoque inconsistentes e imperfeitos, respondeu o sr. Luciano Cordeiro na pagina XIII do seu *Segundo livro de critica* com uma má creação e impertinencia á volta d'essa farta distribuição de improperios aos que censuraram seu *Livro de critica*. Fique, porém, s. s.ª descançado que não sairei a campo a esgrimir-me com tão atrabilario contendor, quer na imprensa, quer no terreno em que o sr. Manuel Pinheiro Chagas foi obrigado a infligir-lhe bem merecido castigo. Na nota E vae transcripto o artigo da *Gazeta do Povo*, que motivou a polemica que teve por desfecho a scena do Passeio Público do Rocio.

assim á leitura, ás quatro especies de contas e a uma ou outra classe de latim. Era-nos defezo, como é sabido, communicarmo-nos com os estrangeiros; mas apesar de todos esses obstaculos, os engenhos mais robustos vingavam e fructeavam, de modo que podêmos apresentar com desvanecimento nas sciencias o primeiro inventor do balão aereostatico — Alexandre de Gusmão (o padre *Voador*), o author da *Flora fluminense* (fr. Marianno da Conceição Velloso), José Bonifacio de Andrade e Silva, cujos conhecimentos scientificos foram aproveitados por algumas nações da Europa e apregoados nos *Annaes de chimica* de Fourcroy, Serra, Lino Coutinho, barão de Cayrú, o medico Mello Franco e outros não menos distinctos sabios. Na musica tivemos o conego José Mauricio, e nas lettras ahi estão os poemas *Uruguay* de José Basilio da Gama, *Caramurú* de fr. José de Sancta Rita Durão, nos quaes rastream-se, principalmente no primeiro, os delineamentos da nossa litteratura nacional, a *Assumpção*, de fr. Francisco de S. Carlos, a maviosa e incomparavel collecção d'essas lyras apaixonadas e repassadas de melancholica melodia que emparelham com as de Guarini: — a *Marilia de Dirceu*, de Thomaz Antonio Gonzaga. São tambem dos tempos coloniaes as poesias de Antonio José da Silva, que, na comedia, foi digno émulo de Gil Vicente, as dos dois Alvarengas, de Natividade Saldanha, de Euzebio de Mattos, de Claudio Manuel da Costa, de Gregorio de Mattos, que legou-nos chistosas satyras, as de Botelho de Oliveira, de Itaparica, de Eloy Ottoni, do visconde da Pedra Branca, do marquez de Paranaguá e de Americo Elysio (José Bonifacio), que, como Goethe, reunia em si aos dotes de naturalista, os de estadista e poeta, as do visconde de Caravellas (Alves Branco), de Titara, de Santos Reis, de Teixeira de Macedo, o poema descriptivo *Nitheroy*, do conego Januario da Cunha Barbosa, as de Quei-

roga, e, finalmente, as de Sousa Caldas, que, antecipando Chateaubriand, deu de mão nas suas odes e sonetos aos pastores e deuses da Arcadia, e, afinando a lyra pelo psalterio do rei-poeta, soube arrancar em uma linguagem verdadeiramente portugueza sons que lembram os psalmos. Contâmos na historia Rocha Pitta, e no genero em que La Rochefoucauld adquiriu tamanha celebridade, as *Maximas e pensamentos moraes* do marquez de Maricá, que, não obstante ter chegado aos nossos dias, nasceu e figurou sob o regimen colonial. E qual foi o primeiro diccionario da lingua portugueza e que tem chegado á sexta edição sem apparecer até hoje outro que se lhe avantage em todos os predicados que o recommendam? o de um brasileiro — o *Diccionario* de Antonio de Moraes e Silva. [1]

Parte do periodo em que quasi todos estes brilharam e enriqueceram as sciencias e lettras, estavam ellas em decadencia no reino de Portugal, a lingua inçada de gallicismos que a abastardavam, em quanto Caldas e os demais escriptores brasileiros afastavam-se d'esse dizer hybrido. Antes de Bocage e Filinto dão irrefragavel testimunho d'esse deploravel estado a *Fenix renascida* e os *Cristaes d'alma*, nos trocadilhos, conceitos e affectações alambicadas de seus versos, bem como os escriptos em prosa turgida, balofa, requintada e mesclada de estrangeirismo da maioria dos escriptores. Pouco se lhes dava a idéa: a fórma era tudo para elles, e assim patenteavam em seus trabalhos o mau gósto e semsaboria, o apoucado dos engenhos e a ausencia de instrucção d'esses adoradores da palavra, imi-

[1] O da Academia real das sciencias, de Lisboa, ficou, como dizia Garrett com muito chiste, no vocabulo *azurrar*. Quanto ao de Faria nem é bom fallar n'elle! Ha outros, imitações do de Moraes, e o de fr. Domingos Vieira, além de excessiva e escusadamente volumoso, vae-se imprimindo com tal morosidade, que só no cabo de quatro annos principia agora com a lettra M, tendo as demais occupado tres alentados tomos, recheados de citações escusadas e de enxertos damninhos.

tadores exaggerados de Gongora e de Mollina. Não ha, pois, parallelo entre a litteratura da colonia e a da mãe-patria: esta cede a palma áquella em todos os sentidos. Do seculo XVII até 1838 é, porém, a nossa litteratura um reflexo da portugueza—a Arcadia com seu Olympo e machina pastoril, os oiteiros, os sonetos bocagianos, as Anardas e as Marcias faziam as delicias da nossa sociedade lettrada. Foi só quando o sr. dr. Domingos G. de Magalhães appareceu com os *Suspiros poeticos e saudades*, e os dramas *Antonio José* e *Olgiato*, que operou-se entre nós uma completa revolução no gosto litterario e na nossa arte poetica e na dramatica. D'ahi dactam as primeiras conquistas para a nossa independencia litteraria, que Antonio Gonçalves Dias e o sr. commendador Manuel de Araujo Porto-Alegre completaram.

Fossem embora os versos do sr. dr. Magalhães inspirados na Europa, ao contemplar as ruinas do antigo mundo, e revelem muita leitura de Lamartine, nem por isso deixarão nunca de ser o grito de revolta—o violento rebate da eschola da restauração e o radioso despertar, em summa, da ante-manhan da arte brasileira. A mocidade estudiosa e livre de preoccupações recebeu de braços abertos e com enthusiasmo a boa nova, e, saudando cheia de jubilo essa aurora que despontava fulgurante no nosso horisonte, correu a alistar-se nas fileiras do novo Messias. Apoz os *Suspiros poeticos e saudades*, appresentou-se na estacada, paladino das novas idéas, o *Nictheroy*, revista litteraria redigida pelos srs. Magalhães, Porto-Alegre e Torres-Homem, corypheus da nova seita. Pouco depois cedeu o passo á *Minerva brasiliense*, maior em formato e em volume, desenvolvendo com mais amplidão e melhor os assumptos. Contava, além dos citados redactores, outros collaboradores de reconhecido merito.

D'esta tribuna da reforma e alforriamento litterarios não

se limitavam os sectarios a evangelisar unicamente com a palavra; davam tambem o exemplo, desbravando e arroteando o terreno. O sr. dr. Magalhães, no romance, no drama e na poesia, Sant'Iago e outros, em artigos de propaganda, e, mais que todos, o sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre publicando o poemeto *A destruição das florestas*. Essa eloquente imprecação contra o systema barbaro de lavoira, que ainda hoje persiste no Brasil, traça, bem como suas brasilianas, o scenario da natureza brasileira em quadros vigorosos e explendidos. Hoje acham-se todas essas producções colleccionadas em um volume com o titulo generico de *Brasilianas*, e podem ser apreciadas pelos que se deliciam com a boa poesia.

Alea jacta est: o campo estava explorado e a semente lançada. Não faltavam cultivadores, e o terreno fertil promettia abundantes messes, como de facto já as tem produzido.

Os lyceus, os collegios, as faculdades scientificas, modelados pelos melhores dos paizes cultos, são arenas onde se travam porfiados e brilhantes torneios da intelligencia. A nossa mocidade frequenta com preferencia a França e a Allemanha, e estuda com aproveitamento nos originaes os mais preconisados escriptores europeus e americanos, sendo-lhe familiares as mais arduas questões de philosophia transcendental e a litteratura alleman.

Passando agora a occupar-me em especial, embora perfunctoriamente, da litteratura brasileira contemporanea, indicarei de memoria apenas os nomes dos authores e de suas obras; visto que nem comporta a natureza d'este escripto [1] entrar em detido exame sobre cada um dos trabalhos citados, e é meu unico e principal fito rebater a falsa proposição de que não temos litteratura propria. Esta

[1] No folhetim do *Jornal do Commercio* de Lisboa.

resenha fará, se o quizerem, o officio de um jardim botanico onde se acham classificadas as plantas mais perfeitas e exoticas para que os naturalistas estudiosos as possam procurar; ou, usando de comparação mais modesta, vale tanto como o mostrador de um bazar onde se acham expostas á curiosidade e cubiça dos consumidores ricas e vistosas télas e joias de subido preço. Resenhemos, pois, em quadro synthetico as nossas riquezas litterarias.

Compete n'elle, como é de justiça, o primeiro logar ao sr. dr. Domingos Gonçalves Magalhães (hoje barão d'Araguaya), por ter sido o iniciador e chefe da nossa emancipação litteraria. Completando seus estudos em Paris, doutorou-se em medicina, mas não exerceu a profissão, preferindo a intimidade das musas e as investigações philosophicas aos dolorosos e cançados exercicios de Esculapio. Abraçou a principio a carreira administrativa, e, por derradeiro, a diplomatica, e hoje em dia occupa o importante cargo de representante do Brasil juncto ás republicas do Prata.

Vulgarisou-se em 1838 o seu volume de poesias *Suspiros poeticos e saudades*, impresso em Paris no anno de 1836. Foi acolhida a obra com enthusiasmo superior a toda a expressão, e para logo popularisou-se com rapidez, causando, como já o disse, uma revolução formal no gosto e na arte poetica. Se bem que o author siga as pégadas de Lamartine, não o imitou servilmente, sobrepujando-o no fervor das suas crenças e em uma robusta fé religiosa que nunca o abandona. Seus versos são valentes e magistralmante metrificados, ha bastante energia em suas expressões, elevação e philosophia em seus pensamentos por vezes originalissimos. A ode *Napoleão em Waterloo* tem a magestade e a alteza consoantes ao grandioso do assumpto. Na *Velhice*, na ode *Deus e o homem* e n'outras d'essa collecção, de cujos titulos me não recordo de momento,

não se mostra o poeta áquem dos merecimentos d'estas que aponto.

Seria incompleto o impulso e não iria por diante a reforma se não invadisse tambem o theatro. Os dramas *Antonio José, ou o poeta e a inquisição*, e *Olgiato* seguiram-se aos *Suspiros poeticos e saudades* e obtiveram lisongeiro acolhimento das nossas platéas. Não se entregou, porém, o lidador a vergonhoso ocio descançado nos tropheus adquiridos. Mais desapressado de encargos laboriosos, e sobresalteado pelo doloroso golpe da perda dos caros penhores do seu consorcio, deu-nos em 1858, com o titulo de *Mysterios* ou *Canticos funebres*, oito cantos, em que lastima a morte de seus filhos. Abundam n'essas poesias o misticismo e os principios philosophicos que tanto caracterisam sua musa; mas na *Urania*, outro volume de poesias, que publicou em Vienna d'Austria em 1862, muda de tom e canta o amor como elle o concebe—o amor puro e divinal. Entre as flores que matizam esse jardim, prefiro, pela sublimidade do pensamento e pelo conceito, *O hymno ao amor* e *Não sentes tu amor?* Precedeu n'esse mesmo anno a essas publicações a do poema *A confederação dos tamoyas*, que é urdido sobre a textura da alliança das diversas tribus d'essa raça, que, unidas aos francezes, oppozeram-se aos portuguezes, que procuravam assenhorear-se do Rio de Janeiro: as luctas e victorias d'estes e a fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro constituem os episodios d'esta epopéa. Vasto é o assumpto, bem escolhido e eminentemente nacional. Nos dez cantos, em que se divide o poema, ha mui bellas descripções e muita côr local para disfarçarem e desculparem de algum modo alguns versos duros e prosaicos, e a frieza e pouco movimento que se notam na invocação e nos lances amorosos.

O sr. dr. G. de Magalhães não é só poeta distincto, sua penna tambem tem-se occupado de assumptos historicos e

philosophicos. Nas paginas da *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brasil* ha memorias, que denunciam muita critica e investigação aturada e intelligente. No tomo X publicou a *Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão desde* 1839 *a* 1841, e no XXIII *Os indigenas do Brasil perante a historia*. Concorrentemente com estes trabalhos historicos déra á publicidade uma pequena dissertação philosophica — *Discurso sobre o objecto e importancia da philosophia*. Põe remate a estes escriptos em prosa o seu excellente tractado philosophico *Factos do espirito humano* (Paris, 1851), que foi logo traduzido em francez por mr. Chaucelle.

D'essa obra diz F. Wolf: «Prova o sr. Magalhães seus conhecimentos das philosophias antigas, escosseza, franceza, e alleman até Kant. Em suas investigações não é só eclectico, senão original e espiritualista, como antes nol-o mostraram suas obras poeticas.» *(Brés. litt.* pag. 167.)

Foram todas as suas obras reimpressas, vae em poucos annos, em Vienna d'Austria, formando oito grandes e nitidos tomos.

O sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, hoje nosso consul e aqui residente, amigo do precedente e enviado á França ao mesmo tempo que elle, afim de aperfeiçoar-se na pintura e estudar os ramos accessorios a uma arte em que se distinguira desde a edade juvenil, logo que terminou seus estudos, percorreu com o sr. dr. Magalhães a Italia e outros paizes da Europa, e foram depois arvorar ambos no Brasil o pendão da arte moderna e da nossa nacionalidade litteraria.

Estreiou-se como pintor em varios quadros que são ainda hoje admirados pela delicadeza e vigor dos toques, e pela viveza e originalidade de sua imaginação. O tecto do theatro de S. Pedro de Alcantara, preza das chammas, era sua obra prima e um monumento da arte brasileira. Ou fosse

porque não encontrasse animadora e decidida protecção, ou surgissem obstaculos á carreira que encetára, o certo é que trocou a brilhante e aprimorada palheta pela penna de poeta inspirado e imaginoso. Dotado de uma phantasia ardente e variada, assimilha-se a um vulcão incandescente a despedir chammas e lavas.

O seu *Colombo*, poema em dezenove cantos, [1] o confirma sobreposse, e mostra o seu muito estudo das coisas antigas do Mexico. Tudo ahi é deslumbrante, pomposo e maravilhoso.

As imagens explendentes, as descripções artisticamente traçadas, os pensamentos arrojados e originaes, encadeiam-se e succedem-se, prendem o leitor, enlevam-n'o e o arrebatam. As *Brasilianas*, collecção de poesias que publicou depois do poema, postoque já fossem de annos conhecidas por terem saído na *Minerva brasiliense*, no *Ostensor*, no *Iris*, no *Guanabára* e em outras revistas litterarias, dão a conhecer o poeta observador e philosopho. Precursor de Gonçalves Dias no *naturalismo* e na poesia subjectiva, não se inspira, comtudo, nos autocthones e nos seus ritos e costumes, senão nos dos homens civilisados, vivendo e luctando com a natureza virgem. O *tropeiro*, a *destruição das florestas* pelo machado e pelo facho vibrado pela mão do grosseiro escravo, os cantos das aves e as cascatas da Tijuca são outros tantos incentivos aos devaneios de sua imaginação phantasiosa.

A primeira vocação, as qualidades de pintor superam n'elle as de poeta; em tudo acha motivo para uma descripção, para um painel, e a maior parte das vezes com extrema felicidade, como no seu poema dos arredores de Napoles. N'elle tudo são relampagos e trovões, luz e bri-

[1] Impresso em Vienna d'Austria, editor Garnier, 1866, dois volumes in-8.º, e de que fez tirar alguns exemplares em papel velino.

lho; e se pecca por algum excesso, é pelo demasiado colorido. Não é menos apreciado o author do *Colombo* por suas poesias do que por suas *Comedias brasileiras*, ainda inéditas; mas uma das feições mais admiraveis do sr. Porto-Alegre, e que elle, em mal, pouco cultiva, é a satyra. O látego de Juvenal em suas mãos transforma-se em escalpello acerado que vae fibra a fibra dissecando os vicios da sociedade e expondo aos risos os defeitos de alguns homens que, pela intriga, pela lisonja e pelo cynismo teem conseguido occupar posições elevadas e que lhes não competem, chegando até ahi a colearem como torpes reptis. A sua *Lanterna magica*, jornal satyrico e caricato, que redigiu ha cêrca de vinte e tantos annos, o poemeto *O ganhador*, as *Memorias do tio Bonifacio*, de que foram publicados alguns fragmentos no *Iris*, revista litteraria de 1848, cujo redactor foi o sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, o *Kaleidoscopo*, inédito, são primores de critica aos homens e ás coisas do seu tempo.

O apurado atticismo, as phrases zombeteiras, o epigramma fino e certeiro são manejados com tanto chiste e habilidade pelo sr. commendador Araujo Porto-Alegre, que lhe cabe por sem dúvida primazia entre os que cultivam de presente o genero. Não é a chocarrice truanesca que provoca continuas gargalhadas, não é o *ridendum castigat mores* só por só: são verdades duras e picantes postas em relêvo por um estylo energico, sem ser mordaz; são eloquentes apostrophes sem descambarem em jeremiadas piegas. É da eschola de Paulo Luiz Courrier, de Cormenin e de Barthelemy.

Completa esta trindade de poetas summos, presos pelos laços da mais estreita amizade e de confraternidade sincera e sem a mais leve mescla de inveja, o primeiro lyrico brasileiro, o infeliz Antonio Gonçalves Dias.

Do berço ao tumulo nunca a desgraça o abondonou, pun-

gindo-lhe as mais jubilosas horas de seus triumphos de poeta com agudos e excruciantes espinhos!

Nascido de berço illegitimo e de origem mestiça, nas cercanias da cidade de Caxias, provincia do Maranhão, viram-se os paes obrigados a embrenhar-se com elle no secesso de uma floresta virgem para evitarem as consequencias dos incessantes tumultos que nos primeiros tempos da nossa independencia traziam em continuas convulsões aquellas paragens. Perdeu o pae quando se lhe tornava mais necessaria sua protecção, e vindo muito joven para Coimbra afim de cursar a faculdade de direito, faltaram-lhe a mór parte do tempo com as mezadas, o que o sujeitou a viver da amicissima caridade de alguns patricios, filhos da sua provincia natal. Uma vez bacharel em sciencias juridicas e de volta ao Maranhão, não achou na sua cidade de Caxias o acolhimento que esperava e de que era merecedor.

No Rio de Janeiro, para onde mudára a residencia, e a despeito das ovações e da auréola que lhe circumdava a fronte desde a publicação de seus *Primeiros cantos*, e de suas habilitações, só tarde obteve um logar na secretaria de estrangeiros, e depois de serviços honrosos e relevantissimos prestados nas variadas commissões que exerceu, já percorrendo as provincias do norte do Brasil para examinar o seu estado de instrucção pública, e os archivos das secretarias, dos mosteiros e das camaras municipaes, para n'ellas colher o que houvesse de mais importante para o archivo nacional; já visitando a Europa para fim quasi identico, e por último, fazendo parte da expedição scientifica, foi preterido na reforma da sua repartição por outros a elle inferiores a todos os respeitos.

Apaixonando-se loucamente por uma gentil donzella, em 1851, quiz esquecel-a, contrahindo laços matrimoniaes com a ex.ma sr.ª D. Olympia da Costa; mas nem assim póde delir essa paixão funesta, que lhe foi motivo de acer-

bos desgostos e a causa principal da cruel enfermidade que o trouxe á Europa.

Quando já antevia proximo o termo da sua angustiada existencia, desejou morrer ao pé dos amigos, e fechar os olhos á luz onde primeiro ella o allumiára. Partiu do Havre em um navio de véla, que foi soçobrar nas costas do Maranhão a 3 de novembro de 1864, soffrendo assim morte afflictiva, porque quasi moribundo e tendo-lhe a phtisica laringea tirado as fôrças, foi abandonado no seu beliche pela tripulação. Despedaçado o navio, não houve encontrar o cadaver, por mais esforços que eu empregasse para isso, tanto que tenho para mim que foi pasto dos vorazes tubarões que infestam as costas do norte do Brasil.

Seus versos lyricos são reflexo verdadeiro dos tormentos que lhe aculeavam a alma. Quem o visse sempre prazenteiro, affavel com todos, levando a condescendencia ao extremo de tomar parte nos folguedos alheios quando os mais tristes pensamentos lhe mortificavam o espirito, não poderá, por certo, conhecer quanta verdade ha, nem comprehender o que vae de sentimento profundo, de melancholicos acentos em suas bellissimas poesias.

Foram publicados os seus *Primeiros cantos* em 1846, sem que fossem precedidos de louvor noticioso nem seguidos de annuncios pomposos; que a excessiva modestia do poeta nunca consentiu pregões, antes fazia imprimir os seus trabalhos com o mais recatado silencio, de maneira que só vinha a saber-se d'elles quando andavam de mão em mão, festejados de todos e procurados do público com avidez e instancia. Assim succedeu desde os seus *Primeiros cantos*, que foram acolhidos com alvoroço e enthusiasmo superiores aos que obtiveram os do dr. Magalhães (barão de Araguaya); todos os jornaes da côrte, do sul e do norte do imperio applaudiram as producções do poeta e o acoroçoaram na carreira tão explendidamente encetada.

Veiu por acaso ás mãos do grande historiador portuguez, o sr. Alexandre Herculano, um dos exemplares dos *Primeiros cantos*; e esse escriptor severo, cuja rigidez de caracter se não dobra a affeições e empenhos prara transigir com quaesquer grandezas, teceu ao litterato brasileiro justos e merecidos louvores, e para logo o consagrou poeta.

Esse artigo da *Revista Universal Lisbonense* foi para Gonçalves Dias uma de suas mais estimadas corôas, e d'elle diz no prologo de seus *Cantos:* «Devo (ao artigo) a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria».

Considerava bastante honrosa uma simples menção do eximio escriptor, uma critica sensata; mas em vez d'isso, em vez de uma simples noticia do apparecimento de seu livro, dirigiu-lhe linhas de sincero elogio.

A immensa popularidade que rapidamente adquiriu, nem os louvores da imprensa estrangeira e das celebridades européas desvairaram o espirito de Gonçalves Dias; senão que foram incitamento para dedicar-se com mais afinco ao estudo e ao aperfeiçoamento de sua lucida e malcavel intelligencia, acrescentando a vasta erudição, que já possuia, com o estudo diuturno das litteraturas antigas e modernas, em especial da alleman e italiana, e de todas as materias concernentes ás litteraturas e á ethnographia, sciencia de sua particular predilecção.

Aos *Primeiros cantos* seguiram-se os *Segundos*, em 1848, e a estes os *Ultimos* (1851); testificando em cada um d'esses volumes que havia progresso e aperfeiçoamento n'aquelle maravilhoso instrumento com que Deus o mimoseára. Depois veiu a reunil-os em um só tomo, quando residiu por alguns annos em Dresde, dando-lhes o titulo de *Cantos* (1857), que contam já cinco edições européas e duas brasileiras. Basta cital-os para dispensar encarecimentos, e nem ha deter-me n'elles depois dos juizos fa-

voraveis de tão abalisados e competentes julgadores, taes como F. Wolf, Ferdinand Denis, e os srs. Alexandre Herculano, Innocencio, Lopes de Mendonça e Pinheiro Chagas, e entre nós brasileiros, os srs. dr. Macedo Soares, senadores Firmino da Silva e Octaviano de Almeida Rosa, dr. J. M. de Macedo e Sotero dos Reis.

Mencionarei ainda seis volumes in-8.° que publiquei depois da sua desastrada morte, e que constam de inéditos que pude com aturada diligencia colher entre seus livros que remetteu-me antes de partir de França, sendo comtudo para sentir que se perdessem com elle outros manuscriptos de mais valia que levava comsigo, e dos quaes se não apartava. Com vida tão preciosa foram tragados pelo Oceano ou subtrahidos por um sujeito de Alcantara, como está hoje quasi provado, o poema americano *Os Tymbiras*, de que só tinha dado á luz os quatro primeiros cantos como experiencia, e a *Historia dos jesuitas no Brasil*, em que tinha empregado muito cabedal de estudos. Seria talvez a melhor historia dos tempos coloniaes que viessemos a possuir; porque esses padres tomaram parte em todos os principaes acontecimentos da America portugueza até a dacta da sua expulsão. Outro trabalho que se perdeu, ou pára no Rio de Janeiro em mãos infieis, é o relatorio da expedição scientifica, escripto que tinha em muito, e onde patenteava seus copiosos e variados conhecimentos em sciencias sociaes e em biologia, e revelava seu portentoso engenho por uma feição tão alheia á sua indole. Devia trazer tambem comsigo a cópia da versão do original da *Naiva de Messina* e das outras traducções que publiquei no segundo volume de suas *Obras posthumas*, conforme os borrões que pude descobrir entre seus livros e papeis, sendo que muitos restaurei com excessivo esforço e paciencia.

No primeiro volume inseri algumas poesias lyricas que

pude alcançar. Predomina n'ellas uma singeleza de fórmas e de idéas que encantam. No segundo volume a collecção de suas traducções de varios poetas estrangeiros; no terceiro vem memorias historicas, publicadas na *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, e uma meditação em estylo biblico, em nada inferior á *Voz do propheta* e ás *Palavras de um crente*. É um poema inspirado pela sorte infeliz da escravatura e dos indigenas errantes—é um canto suavissimo e modelado pelo tom dos *Canticos dos canticos* e dos *Psalmos* de David. Ha mais n'este volume fragmentos de um romance escripto aos dezenove annos, quando cursava a universidade de Coimbra, alguns artigos insertos no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, etc. O quarto e quinto conteem os seus dramas *Patkull* e *Beatriz Cenci*, como os traçára em tempo de estudante, no mais acceso das contestações entre romanticos e classicos, e *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*, em que mostra as modificações que adoptára na arte com o correr dos annos e a experiencia. O sexto volume é cheio com a sua memoria *O Brasil e a Oceania*. Se nos anteriores se lhe descobre erudição muitissimo superior á sua edade, aqui desenvolve elle copiosa e surprehendente lição de tudo o que respeita ao complicado estudo das raças humanas, e leitura meditada das chronicas e relações sobre indigenas do Brasil e da Oceania. Entra miudamente em todas as questões, discute á saciedade certos pontos controversos, illucida dúvidas, esclarece obscuridades e offerece, por fim, ao homem est dioso e que se interessa por similhante assumpto um trabalho completo e conscienciosо sobre tão intrincada materia. Apesar de não terem os escriptos do illustre litterato soffrido a lima e a revisão de tão esclarecida intelligencia, e estivessem muitos d'elles condemnados ás trevas da sua gaveta, teem, todavia, o cunho do seu genio singular, e incutem ainda mágua mais

profunda áquelles que sabem avaliar a perda d'esse fecundo e prodigioso genio, e esperavam d'elle outras obras de maior merecimento, e, quando mais não fosse, a conclusão do poema *Os Tymbiras*, e outra edição mais completa do seu *Diccionario da lingua geral ou tupy*, para o qual possuia muitos subsidios, já coordenados [1]. Pretendia enriquecel-o com a grammatica e cathecismo, aproveitando-se para isso dos trabalhos de alguns jesuitas, modificados pelos estudos e pela judiciosa critica de quem era, como elle, tão sabedor e enfronhado em ethnographia brasilica.

Rematarei estas poucas linhas a respeito do nosso grande lyrico, tocando de passagem no seu poema americano de que publicou em 1857 os quatro primeiros cantos. Quem ha que tenha algumas tinturas dos costumes dos nossos indigenas, que haja observado a natureza do norte do Brasil, e saiba a lingua portugueza, que se não tome de grande admiração em vista de tanta riqueza de imaginação, pureza de linguagem, simplicidade e concisão de estylo? Que melodia e segurança de metrificação, que verdade no naturalismo, na côr local e nas soberbas descripções! Quem ler esses quatro cantos com aquella attenção que pedem, hade convir comigo que não desmereceria o poema, quando concluido, do nome do poeta author dos *Cantos*, e que n'essa obra os typos, o caracter, os costumes e ritos dos indigenas estão apropriadamente traçados, sendo a natureza brasileira, por assim dizer, photographada por mão de mestre, por colorista de finos quilates e observador perspicaz.

O assumpto não offerece campo desafogado e facil, nem molde bastante espaçoso para um poema épico; mas é n'isso que vae o talento artistico de Gonçalves Dias; porque com

[1] Consta-me por pessoa de inteiro credito que está retido em Alcantara o exemplar manuscripto da segunda edição do *Diccionario* e offerecem vendel-o por 200$000 réis. Que cynismo!...

os seus recursos intellectuaes e imaginação opulenta superou as difficuldades, e como Miguel Angelo soube affeiçoar o marmore para d'elle tirar o seu Moysés e a cupula de S. Pedro de Roma, Gonçalves Dias por esses cantos dos *Tymbiras*, que conhecemos, e por aquelles que tive a ventura de ler apenas esboçados, fico que levantaria um monumento eterno á litteratura brasileira, dando bases amplas e solidas á eschola que implantára.

Segue-se naturalmente a Gonçalves Dias, um dos nossos mais mimosos, sympathicos e fecundos engenhos, o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, que como romancista, como poeta, como dramaturgo, como publicista e como orador tem obtido immarcessiveis triumphos. Principiou a carreira das lettras quando cursava, em 1845, os bancos da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, estreando-se com o romance *A moreninha*, que teve grande aceitação, firmando-lhe desde logo e de vez a reputação de distinctissimo litterato, e não era para menos; porque não só se revelou com todos os predicados para o genero, como n'esse romance e em todos que se lhe teem seguido, reconhecem-se o ligitimo cunho e feições nacionaes — na concepção, nas idéas, donaires, maneiras de dizer do dialogo, e na descripção de nossos costumes. Vieram depois d'este, com o mesmo exito, e sempre na essencia brasileiros, os romances *O moço loiro*, *Os dois amores*, *Rosa*, *Vicentina*, *O forasteiro* e *A namoradeira*, *Um noivo e duas noivas*, *Nina*, *Romances da semana*, *As mulheres de mantilha* (romance historico), *Victimas e algozes*, eloquente protesto contra a escravatura e fiel pintura de seus vicios e males.

Para o theatro tem escripto os dramas *O cego*, *Kobé*, drama em cinco actos e em verso; as comedias-dramas *Luxo e verdade*, *Culto do dever*, *Amor e patria*, *Lusbella;* as comedias essencialmente brasileiras, *O phantasma branco*, *A torre em concurso*, *Novo Othelo*, *O primo da California*. etc.

Se nos dramas ha peripecias e situações commovedoras, nas comedias de costumes tem o author tanto chiste, tal viveza de dialogo, mostra tão fina observação, e as facecias cruzam-sa com tamanha naturalidade, que o riso nunca desampara o espectador; tambem por essas qualidades, que distinguem os trabalhos theatraes do sr. dr. Macedo, são todos elles mui applaudidos nos theatros brasileiros, onde sobem á scena com muita frequencia.

No genero de critica humoristica são dignos de leitura e teem justa voga *A carteira de meu tio*, *A luneta magica* e *Memorias de um sobrinho de meu tio*, onde os desvios dos nossos homens politicos e alguns achaques do systema representativo são descriptos ao natural e cobertos de apodos picantes e engraçados.

São egualmente estimados seus artigos politicos nos jornaes de que tem sido redactor, e os folhetins — A semana — que escreveu para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

Como orador parlamentar tem feito figura proeminente nas phalanges liberaes, sendo o seu discurso contra os jesuitas, por occasião de requerer o padre Janrard a concessão de terrenos para a ordem erigir templo e collegio, um dos mais notaveis e em nada inferior ao do sr. dr. Pedro Luiz. Poeta de imaginação florida, metrificador correcto e melodioso, tem dado mostras de seu brilhante e bem sorteado estro em diversas poesias lyricas que teem sido publicadas n'algumas revistas litterarias, entre outras, na *Revista Brasileira* e no *Guanabara*, cujo redactor foi com os srs. Porto-Alegre e Gonçalves Dias; mas onde se ostenta seu talento poetico em toda a sua luz e louçania é no poema *A nebulosa* — (Rio de Janeiro — 1857 — in-8.°) que consta de seis cantos e um epilogo. É elle baseado n'uma antiga lenda popular do Rio, que diz que sobre um dos rochedos mais alcantilados da bahia da capital do Brasil apparecia a deshoras, nas noites de luar, uma visão: era

uma feiticeira sempre joven e formosa, que, evitando a luz do dia, envolvia-se em denso e escuro nevoeiro, por cujo motivo a chamavam *Nebulosa*. Com seus sortilegios attrahia os viajores que imprudentes se abeiravam da *rocha negra*. Por ella apaixonou-se um desventurado trovador. É este o thema d'esse poema entremeado de ricos episodios, de soberbas comparações e de lances dramaticos, tudo dicto em versos tão cadentes e harmoniosos que arroubam, e fazem por si só, se não tivesse o author outros titulos, a reputação de um dos mais populares e festejados litteratos brasileiros.

O sr. conselheiro José de Alencar, publicista distincto, que ainda ha pouco foi ministro da justiça, tem conquistado por seu engenho e pelo conceber inexgotavel florentes loiros em todas as carreiras. É elle por egual publicista, poeta, romancista, dramaturgo e orador. Activo e fertil em produzir, nem por isso cança a sua imaginação ou afrouxa-se-lhe o pincel. Basta citar seus romances: *Guarany*, *Minas de prata*, *Iracema*, *Gaucho*, *Pata da gazella*, *Tronco do Ipé*, *Til*, todos nacionaes e modelados pelo *Derradeiro mohicano* e *Lago Ontario* de Fenimore Cooper, para se fazer uma idéa aproximada da fecundidade d'este grande talento. Avantaja-se elle aos mais na originalidade das imagens e nas pinturas das scenas da nossa natureza. Já li tambem d'elle uma amostra de poema nacional—*Os filhos de Tupan*, que a continuar e a terminar no elevado e magestoso ponto em que está debuxado esse fragmento, promette vida longa e prospera.

É pena que talento tão superior não se applique ao estudo da lingua, com mais interesse e sem prevenções. Por em quanto sua linguagem e estylo são descuidados, e por vezes deseguaes e frouxos; postoque sejam compensados esses senões pelas muitas bellezas que se encontram em suas obras, taes como a exactidão e firmeza de suas descripções,

o bem sustentado dos dialogos, e as observações adequadas á feição verdadeiramente brasileira d'esses trabalhos. Não careciamos de mais ninguem para formar uma eschola e pôr limites incontestes á nossa litteratura. Ha, por exemplo, no *Guarany* trechos que valem por si um livro, como a scena do tufão que arrebata e suffoca Pery e Cecilia, e a oração da noite no meio do ermo e do silencio imponente de uma floresta virgem.

Tem este infatigavel e fecundissimo escriptor dado á estampa muitos opusculos politicos e alguns romances da actualidade, com o pseudonymo de Senio. *Diva*, *Luciola*, *Cinco minutos* e *A viuvinha*, pertencem áquelle genero e não desmerecem da boa reputação que tem adquirido este afamado escriptor.

Na arte dramatica não carecia mais que o drama em quatro actos que tem por titulo *Mãe*, para que primasse entre os nossos dramaturgos selectos. Resume-se o entrecho d'elle no seguinte: uma mulata, liberta por seu senhor pouco antes que este fallecesse, e de quem tivera um filho, occulta esta ultima circumstancia, já para ficar junto d'elle velando-o como sua escrava, já para que o filho se não envergonhasse da sua origem, nem amaldiçoasse a hora de seu nascimento, sendo-lhe além d'isso amarga a existencia ou tolhidas as aspirações. Apaixona-se esse mancebo de uma nobre donzella, e para figurar na alta sociedade contrahe dividas, e d'ahi, perseguido por um credor implacavel, é compellido a vendel-a; porém, realisado o negocio, envenena-se a desditosa, e no momento de exhalar o derradeiro alento, sabe o filho da verdade. Entram então em lucta o amor materno e a abnegação com o sacrificio que ella fizera do direito do sangue, até que este vence e ultima-se o drama com este grito sublime com que pretende ainda negar a verdade: «Meu filho, eu não sou tua mãe!» É eminentemente dramatico este desenlace.

Tem escripto mais para o theatro as comedias *Demonio familiar*, *Azas de um anjo* e *Verso e reverso*.

Outro zeloso operario da litteratura nacional é o sr. Antonio G. Teixeira e Sousa. Os assumptos para seus poemas e romances teem sempre sido bebidos nas tradições brasileiras ou em algum facto memoravel da nossa historia. Antes do seu poema *A independancia* (poema épico em doze cantos—dois volumes), em que foi mal estreado, havia publicado outro: *Os tres dias de um noivado*, fundado em lendas de Cabo Frio, sua terra natal. No romance historico tem *As fatalidades de dois jovens*, *A Providencia*, *A aldeia de S. Pedro*, *O filho do pescador*, *Maria, a menina abandonada*, etc.

Ha outro poeta do mesmo appellido, o bacharel Joaquim José Teixeira, que se tem dedicado especialmente ao apologo, sem comtudo abandonar a poesia lyrica. Temos d'elle *Pensamentos moraes rimados*, *Camões* e outros poemetos.

Excede, porém, a estes Manuel Antonio Alvares de Azevedo, que morreu na flor dos annos, deixando lobrigar em suas poesias lyricas e em alguns fragmentos em prosa os amplos horisontes que abriria para a nossa litteratura.

Estudando com ardor as sciencias juridicas, em que fizera progressos e adquirira na faculdade de S. Paulo boa reputação; nas horas feriadas entregava-se com insistencia e fervor á litteratura e ás inspirações de seu genio poetico. Temos d'elle tres tomos—*Obras de M. A. Alvares d'Azevedo*, Paris, 1862, que foram colligidas e mandadas imprimir por seu pae. Sobrelevam ás mais, quanto a mim, *A cantiga do sertanejo*, *Crepusculo no mar*, *Se eu morresse ámanhan*. Enthusiasmado por lord Byron, Alfredo de Musset, Espronceda e Henrique Heine, cultivou essa eschola, em que, procurando tornar-se original, muitas vezes seguiu-os e não com muita felicidade. No entanto são admiraveis *O vagabundo* e o *Poeta moribundo*. Fazem hon-

rosa menção d'este nosso poeta e tecem-lhe louvores Lopes de Mendonça nas *Memorias de litteratura contemporanea* e Fernando Wolf.

Fallecendo ao Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva as brilhantes qualidades que seduzem o público e popularisam o poeta, sobram-lhe espirito laborioso, investigador, e fecundidade, e ahi estão suas producções em varios ramos litterarios que o comprovam. Tem produzido em poesia as seguintes obras: *Dirceu de Marilia*, *Livro de meus amores*, *Contos poeticos*, *Mosaico poetico*, *Canções americanas*, *Modulações poeticas*, *Flores entre espinhos;* e na arte dramatica: *Amador Bueno* (cinco actos e assumpto nacional), *Chapim d'el-rei*, no gosto do vaudeville francez; além d'estas obras, tem enriquecido as lettras patrias com *As brasileiras celebres*, e varias memorias historicas e geographicas, que ornam as paginas da *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brasil*.

Os Cantos fluminenses do sr. Machado d'Assis denunciavam já um primoroso poeta; mas as suas *Phalenas*, cinzeladas com mão firme, teem o sêlo do genio e dão a conhecer quão afeiçoado é aos bons modêlos antigos, em especial aos gregos.

O sr. Gonçalves Crespo já nos deu, dos bancos da Universidade de Coimbra, os primeiros fructos de seu engenho nas *Miniaturas*, quadros singelos, bem acabados, e de que prefiro as poesias que se intitulam *Alguem*, o *Rozario* e a *Tua carta*.

Na familia de Alvares de Azevedo, que toda ella cultiva as lettras, apparece um successor do joven poeta, tão prematuramente arrebatado á gloria, no sr. Joaquim Alvares de Azevedo, que veiu ha pouco acrescentar o nosso peculio litterario com um festejado volume de poesias.

Quantos talentos ignorados occultam-se na recatada modestia e pudor do bello sexo? Sem darmos primasias a

muitos d'esses talentos privilegiados, citaremos as ex.mas sr.as D. Nise F. A. Brasileira, escriptora de bons creditos, D. Narcisa Amalia, poetisa sem rival, onde se cultiva a lingua portugueza, pela fórma e pela substancia de seus versos, inspirados e imaginosos. Reune ella á muita instrucção, formosura e superiores prendas. Os *Cantos á beira-mar*, da ex.ma sr. D. Maria Firmina dos Reis, authora do romance *Ursula*, são uma feliz amostra do genio poetico d'essa escriptora maranhense.

O repertorio brasileiro tem crescido espantosamente n'estes últimos tempos. O drama, a comedia, a farça, o vaudeville, originaes, affluem aos nossos theatros, merecendo muitos d'elles os applausos das nossas platéas.

Além dos authores já referidos, é digno de especial menção o sr. dr. Pinheiro Guimarães, dramaturgo arrojado e cheio de recursos. No seu drama *Historia de uma moça rica* ha scenas mui originaes, em que os costumes brasileiros estão bem desenhados, e os caracteres bem desenvolvidos: ha n'elle vigor de phrase, brevidade no dialogo e peripecias mui verosimeis, dado que não seja este trabalho isempto do peccado original do modêlo francez, que transparece ainda melhor em outro drama do mesmo author—*Punição!*—Do sr. Quintino Bocayuva ha *Omphalia* e *Os ferreiros da maldição*, dramas mui bem acceitos do nosso público, mas que se resentem do mesmo mal. São tambem notaveis *Caetaninho*, por Paulo Antonio do Valle; *Januario Garcia*, pelo sr. conselheiro Martim Francisco de Andrade e Silva; *Tira-dentes*, por Candido José da Matta, que versam todos sobre assumptos nacionaes.

Na comedia em um acto, entre o vaudeville moderno e a farça antiga, não tem tido até hoje rival Carlos Martins Penna. Quem deixará de rir a bandeiras despregadas e se esquecerá nunca do *Judas em sabbado de alleluia*, do *Juiz de paz da roça*, do *Noivo em mangas de camisa*, e do

Noviço? Viveu pouco o author para desapressar-se de alguns defeitos que adquirira com a leitura do *Manuel Mendes*, do *Dr. Sovina* e de algumas das comedias de Molière, e que só os annos e o estudo poderiam corrigir.

Cultivam os brasileiros com predilecção a poesia: nas faculdades scientificas do Rio de Janeiro, de S. Paulo, da Bahia e do Recife ensaia a mocidade suas fôrças litterarias, fazendo apparecer suas juvenis producções em jornaes que veem á luz e desapparecem com os annos lectivos. Entre elles, todavia, mostra-se algum mais ousado que reune seus ensaios em volume, e d'elles não poucos bem acolhidos, taes como *Lagrimas e sorrisos*, do sr. conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrade e Silva, *Harpa gemedora*, do sr. Sousa Menezes, *Minhas canções* pelo sr. conselheiro João Silveira de Sousa, *Enlevos* pelo sr. dr. Franklin A. de M. Doria, *Rosas e goivos* pelo sr. conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, digno representante na tribuna politica de seus illustres ascendentes, os Andrades, que tanto figuraram no tempo da nossa independencia politica e no primeiro reinado e principio do actual. Guimarães Junior, Bruno Seabra, Joaquim Nabuco, Paranhos, Duarte de Azevedo (author dos *Francezes no Rio de Janeiro*), T. Ottoni, Salvador Mendonça, Couto de Magalhães, Pessanha Povoa e outros esperançosos e robustos talentos já conquistaram um nome no jornalismo politico e litterario. Muitos d'estes illustres escriptores anteriormente citados, teem chegado ás altas posições de deputados e ministros de estado, e outros figuram na carreira administrativa, de justiça e de diplomacia.

Que poeta ha ahi de imaginação mais ardente, mais atrevido nas idéas, mais eloquente na phrase do que Fagundes Varella, que enriqueceu já a litteratura patria com arrebatadoras poesias e preparou um poema *O christianis-*

mo nas selvas, que lhe ha de dar grande nome e collocal-o entre os mais celebrados poetas?

Seis grandes engenhos, e que muito promettiam, roubou-nos a morte ao desabrocharem suas portentosas faculdades: como Millevoye, Montfiatre, Gilbert e Ghatterton não chegaram ao seu completo desenvolvimento. Dutra e Mello, A. Franco de Sá, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Alvares de Azevedo, de quem já tractei, e ultimamente Castro Alves apenas balbuciaram o verbo ardente da inspiração. De Dutra e Mello possuimos alguns ensaios, de Franco de Sá um volume de poesias publicado ha pouco pela diligencia de um irmão. Ha n'estes trabalhos alguma originalidade, como nos de Alvares de Azevedo, e predicados perigrinos, apagando-se ao bruxulear tão formosas primicias, como o attestam, por exemplo, as poesias do primeiro, que teem traços de parentesco com as de Alvares de Azevedo, sem aliás filiarem-se, como as d'aquelle, na eschola de Alfredo de Musset.

Das *Primaveras* de Casimiro de Abreu, morto quando mal dedilhava na lyra, ha tres edições que provam quanto são lidas. Conhecidas aqui em Portugal, não me cançarei com fallar d'ellas, especialisando comtudo o *Canto do Jáo*.

Castro Alves, imaginação febricitante e arrebatada, dote de quasi todo o poeta, filho da Bahia, sua provincia natal, finou-se aos vinte e um annos, deixando-nos inéditos sete tomos. Genio precoce, não póde o involucro terreno resistir a tanta superabundancia de seiva. Astro brilhante, fulgiu, como meteoro explendoroso, no nosso firmamento litterario e prestes sumiu-se, deixando essa auréola que lhe marcará para sempre o espaço onde appareceu.

Junqueira Freire, contrariado na vocação, amortalhado no burel de noviço de um dos conventos da Bahia, quando os annos juvenis o impelliam para a sociedade que o convidava com seus attractivos e encantos seductores e seu

bulicio, borbulhando-lhe no peito o fervor das paixões e sentindo a phantasia de poeta a revocal-o para o convivio das musas, escreveú esse sentido pranto, cortado aqui e ali pela indignação, e intitulado *Inspirações do claustro*. Eis ahi paginas ardentes, que pintam os soffrimentos e attribulações que iam por esse espirito enfermiço: são doídas vozes de desespero, são raptos de um grande poeta!

Entre os historiadores temos o sr. dr. João Manuel Pereira da Silva, author do *Plutarcho brasileiro*, dos *Varões illustres do Brasil*, e da *Historia da fundação do imperio*. N'estes oito volumes in-8.°, ha muita erudição e estudo, e mereceu por isso louvores do sr. Pinheiro Chagas nos seus *Novos ensaios criticos*. O tempo que lhe sobra das investigações historicas e dos trabalhos parlamentares, applica-o o sr. dr. Pereira da Silva á litteratura amena, dando-nos já de si cópia no romance *Jeronymo Corte Real*.

O sr. dr. Ignacio Marcondes Homem de Mello desde os bancos academicos que tambem explora com muita consciencia e critica os dominios da historia patria. Ainda em S. Paulo publicou uma excellente analyse da *Historia geral do Brasil* do ex. sr. F. A. Varnaghen, depois escreveu biographias mui estimadas, e a *Constituinte perante a historia*, bem acabado estudo politico que já conta duas edições e que é como a introducção á *Historia da regencia*, que traz entre mãos.

Temos no ex.^{mo} sr. barão de Porto-Seguro (F. A. Warnaghen), author da *Historia geral do Brasil*, um infatigavel investigador de archivos e de documentos historicos.

O sr. conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, laborioso secretario do Instituto Historico e Geographico do Brasil, cuja *Revista* tem enriquecido com algumas memorias, é author de mais de uma obra didactica, entre outras de um *Curso de litteratura*.

Passando a registrar os nomes dos nossos publicistas e

oradores parlamentares, citarei apenas os dos srs. conselheiros Salles Torres Homem (visconde de Inhomerim), senador do imperio, como orador, financeiro consumado, estadista, e que outr'ora representou no jornalismo brilhante papel, e ainda hoje é um dos homens mais notaveis na arena politica; Zacharias de Goes e Vasconcellos, parlamentar sempre preparado para todas as discussões, argumentador illustrado e sagaz; Nabuco de Araujo, palavra fluente, versado como poucos em jurisprudencia, e por isso um dos mais respeitados na tribuna. São egualmente mui distinctos o sr. senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa, que na imprensa não fica inferior a Emilio Girardin, acrescendo que como este cultivou na mocidade a litteratura amena, e de presente goza no senado brasileiro dos fóros de um de seus conspicuos ornamentos, na plana dos seus mais apregoados membros. Se nos tempos da Constituinte, do primeiro imperador e até 1840 explenderam soberbamente e deixaram um rasto de luz que se não extinguirá nunca, soando ainda hoje os nomes de Antonio Carlos de Andrade e Silva, cuja voz eloquente foi ouvida com admiração nas côrtes portuguezas de 1820, de Alvares Machado, de B. Pereira de Vasconcellos, de Carneiro Leão (marquez de Paraná), e de Alves Branco (visconde de Caravellas), modernamente ostentaram-se, o visconde de Jequitinhonha, Rodrigues dos Santos e o senador Francisco José Furtado, luzes que se apagaram já. Não esquecerei um dos nossos parlamentares mais eloquentes, o sr. conselheiro José Bonifacio, que herdou as virtudes oratorias do tio, alliando demais á arrebatada inspiração, solidos e variadissimos conhecimentos. Na actual legislatura brilha tambem o orador rio-grandense Silveira Martins, que nas discussões mais arduas não se tem deixado eclipsar pelo brilho que despede de si o illustre parlamentar, o sr. visconde do Rio Branco. O senador

Fernandes da Cunha, e deputados pernambucanos Lobo e dr. Godoy, o fluminense o sr. dr. Pedro Luiz, não menos inspirado poeta, do que eloquente orador, são outros tantos luminares da nossa tribuna politica.

Não se tem adstringido o parlamento brasileiro á discussão das leis annuaes e de politica geral. Por mais de uma vez teem-se levantado em ambas as casas questões de direito público, de economia politica, e relativas a outros assumptos de egual importancia, e todas discutidas com proficiencia, e n'uma altura que fariam honra ás primeiras assembléas da Europa. Ainda ao tractar-se da proposta da abolição da escravatura, desde o parecer da commissão, encarregada de examinar o projecto, até a derradeira discussão no senado não houve descair: a materia era de difficil resolução, melindrosa e prenhe de perigos —os nossos representantes deram provas do seu saber e prudencia n'essa occasião. Quem deixaria de arrebatar-se ao ouvir tantos brilhantes discursos, quaes os dos srs. conselheiros Torres Homem (visconde de Inhomerin), visconde do Rio Branco, Alencar e Zacharias? O procedimento censuravel e criminoso de dois prelados reaccionarios e intolerantes teem ultimamente agitado o paíz e perturbado as consciencias. Os queixumes dos diocesanos de Pernambuco e Pará, ouvidos pelos representantes da nação, teem sido acolhidos no nosso parlamento e ahi discutidos com calma e sciencia os pontos religiosos e legislativos que se prendem á questão. Se o parecer do conselho de estado, elaborado em grande parte pelo abalisado jurisconsulto o ex.^{mo} sr. marquez de S. Vicente, dá nomeada aos nossos estadistas, os discursos dos srs. senadores, visconde de Sousa Franco, Octaviano, visconde do Rio Branco, e em especial o do sr. conselheiro Nabuco, no senado, e o do sr. Silveira Martins, na camara temporaria, são dignos da apreciação de todos os homens illustrados.

Antes de fechar esta tão incompleta lista dos nossos oradores, não posso deixar de render preito á memoria de Monte Alverne, d'esse ornamento do pulpito brasileiro, que, privado da luz exterior, ainda assim, quando prégava, commovia o numeroso auditorio, que sempre o escutava com admiração e prazer. Seu aspecto venerando, sua voz e gestos imponentes, tudo o tornava superior a fr. Francisco de S. Carlos e ao conego Sampaio, seus émulos na tribuna sagrada, e fazia lembrar o padre Antonio Vieira. Na *Revista Contemporanea* foi publicada uma biographia do illustre franciscano, devida á penna do insigne poeta o ex.^{mo} sr. visconde de Castilho, que o tornou vantajosamente conhecido aqui em Portugal.

Quizera citar pelas provincias do imperio os escriptores que, occultos em seus torrões naes, trabalham, todavia, com aproveitamento das lettras patrias; mas como não o posso fazer de momento e longe da patria, serei breve, contentando-me, com bastante pezar, de dar minguada noticia dos poucos cujos nomes acodem-me á memoria.

No Pará, além do orador, profundo e sabio financeiro, o sr. visconde de Sousa Franco, do talentoso orador e publicista, o sr. conselheiro Tito Franco de Almeida, do joven poeta Francisco de Vilhena Alves, author de um volume — *Manodias* — promettedores ensaios poeticos, applica-se a trabalhos historicos o sr. dr. Raiol, author dos *Motins politicos* (quatro volumes in-8.°), que mostraram n'elle incontestaveis dotes de historiador: narração facil e clara, estylo singelo, espirito imparcial, sem deixar, comtudo, de emittir juizo desassombrado sobre os acontecimentos e de analysal-os com critica verdaderamente philosophica. Um dos nossos mais instruidos prelados, o arcebispo da Bahia, conde de Sancta Cruz, pertencia pelo nascimento a esta provincia, e a illustrou com suas pastoraes e outros escriptos theologicos de mais momento.

Distingue-se o Maranhão de suas irmans pelo cultivo da lingua portugueza, pela vulgarisação de obras uteis e de instrucção popular, e, mais que tudo, pelos progressos e aperfeiçoamento da arte typographica, de que era fervoroso e intelligente operario Bellarmino de Mattos, cujos preciosos dias foram ha pouco ceifados pela morte, e que no esmero, correcção e elegancia das edições saidas da sua officina pedia messas e competia com os francezes e belgas.

Berço do primeiro lyrico brasileiro, Gonçalves Dias, do sabio mathematico dr. Joaquim Gomes de Sousa, do naturalista dr. fr. Custodio Alves Serrão, e do douto e fiel traductor das obras de Virgilio e das de Homero, que infelizmente jazem até hoje inéditas no pó do esquecimento [1], superabundam n'essa provincia talentos superiores e esperançosos.

D'entre as obras ahi publicadas individualisarei as do finado João Francisco Lisboa. Esses quatro tomos deleitam pelo estylo, pela critica fina e pela variedade de assumptos.

Dizia d'elle Lopes de Mendonça, por occasião de communicar ao publico de Lisboa a sua vinda a esta capital: «.....é tão notavel pela profundidade do pensamento como pelo primor da linguagem.....

«Não podiamos deixar de congratular o Brasil por contar, além dos poetas e prosadores que lá possue, o sr. João Francisco Lisboa, que classificâmos como um dos mais opulentos talentos que n'estes ultimos annos se tem produzido tanto n'um como n'outro paiz [2]».

O sr. Innocencio Francisco da Silva, na sua excellente

[1] Consta-me que cedo sairão dos prelos do Rio de Janeiro essas producções tão anciosamente esperadas, estando já impresso o volume que contém a *Illiada*.

[2] Vid. *Revolução de Setembro*, n.º 1:307 de 11 de julho de 1853.

biographia do sr. dr. D. G. de Magalhães, que saiu publicada na *Revista Contemporanea*, de 30 de setembro de 1864, assim se exprime a respeito d'aquelle celebre escriptor:

«O erudito maranhense, com a clareza de raciocinio e relêvo de phrase que lhe conferem jus indisputavel a ser tido por um dos mais primorosos prosadores da terra de Sancta Cruz.....

«Aos dotes da imparcialidade não vulgar, espirito penetrante e são juizo, que indispensavelmente se requerem na critica, era illustrado e reunia aos thesoiros de uma dicção copiosa, fluente, castiça, affeiçoada nas fórmas de Vieira, seu predilecto e mais perfeito exemplar.

«A morte que lhe sobreveiu e que por mais de uma razão deplorâmos, cortando de uma vez o fio de seus trabalhos, deixou um vacuo que se nos affigura difficil de preencher [1]. »

A Francisco Sotero dos Reis, intelligente e profundo latinista, esmerado sabedor das lettras antigas, e dos segredos da nossa lingua, que teve o raro merecimento de dedicar todos os instantes de sua longa existencia ao ensino da mocidade, coube a gloria de escrever o primeiro *Curso de litteratura portugueza e brasileira* [2] (cinco tomos), offerecendo-nos pouco antes d'essa utilissima publicação as *Postillas grammaticaes*, a *Grammatica portugueza* e a traducção dos *Commentarios de Julio Cesar*. Em todos esses escriptos manifesta muito saber, apurado gosto, conhecimento da philosophia e philologia da lingua e leitura dos classicos. Clareza, methodo e estylo chão e correcto, eis os principaes dotes de seus trabalhos litterarios. Nas *Postillas* e na *Grammatica* mostra perspicuidade e

[1] Vid. *Obras* de João Francisco Lisboa, 1.º tomo, pag. CLXXXI.

[2] O quinto e ultimo tomo está prestes a sair da typographia do *Paiz*.

esclarecido estudo da lingua, e n'ellas devassa e explica suas difficuldades, estabelece seguras, verdadeiras e positivas regras da nossa grammatica, adduzindo ao mesmo tempo e com judiciosa critica exemplos dos melhores classicos para affirmal-as com mais fundamento. Podia o author do *Curso de litteratura* florear e alindar o estylo com a mira na popularidade; quiz antes conservar-lhe a fórma primitiva de prelecções, dadas em um collegio da sua cidade natal a alumnos de pouca edade.

Foi companheiro d'este nos estudos e nas pugnas jornalisticas Manuel Odorico Mendes, que fez proeminente papel na politica e nas luctas de 1831. Dedicado de antes ao remanso da vida litteraria, escreveu algumas poesias de inestimavel preço, entre outras o *Hymno á tarde*, que vem em varias collecções, e sonetos que são modêlo de metrificação, conceito e correcção. Publicou depois mais algumas memorias litterarias, e as traducções da *Merope* e do *Tancredo*, de Voltaire, das obras de Virgilio, sob o titulo de *Virgilio brasileiro*, e tinha promptas as de Homero, que ainda não vieram á luz. Ha na *Revista Contemporanea* uma biographia d'esse litterato, escripta por João F. Lisboa com trechos encomiasticos dos srs. Figueiredo e conselheiro Viale, em que louvam as traducções latinas de Odorico Mendes pela fidelidade, pureza de linguagem e concisão, conseguindo resumir as phrases de modo a apresentar na sua versão menor número de versos do que contem cada canto do original virgiliano, sem que com isso se torne mais obscura ou infiel [1].

Entre as obras originaes de algum merecimento notam-se os *Versos* (um volume in-8.º), as comedias e o poema

[1] Remetto os leitores, que queiram ter noticia mais circumstanciada d'este insigne litterato e de Sotero dos Reis, para o *Pantheon Maranhense*, onde esbocei as vidas e occupei-me das obras d'estes dois maranhenses e de outros que se lhes emparelham em algumas qualidades.

Um coração de mulher, e ultimamente os *Quadros* do sr. J. M. Serra, d'esse engraçado e delicado folhetinista e poeta, que tem o talento de narrar factos triviaes com incrivel attractivo e de fazer versos maviosos e deleitaveis; ha mais *Os sonidos*, collecção de poesias lyricas, onde tambem se acha o poemeto *Clara Verbena*, o livro humoristico *Entre o ceu e a terra*, do sr. dr. Gentil H. de Almeida Braga (ambos com o pseudonymo de Flavio Reimar); o livro de poesias *As tres lyras*, dos srs. drs. Gentil H. de Almeida Braga, Antonio Marques Rodrigues e Trajano Galvão de Carvalho, que, se produzisse mais, deixaria invejavel reputação, sobretudo nas canções; pois que a *Crecila* é um typo no seu genero que nada deixa a desejar. Conta o Maranhão mais um volume de poesias de M. de Azevedo, as *Inspirações poeticas* e as *Maximas e pensamentos*, do sr. dr. Frederico J. Corrêa; a *Harpa selvagem* e os *Impressos*, do sr. J. A. de S. Andrade; o *Diccionario historico-geographico do Maranhão*, do sr. dr. Cesar Augusto Marques, que vae na segunda edição; os trabalhos do ex.^{mo} sr. senador Candido Mendes: as *Poesias* do sr. Tullio Belleza; as do sr. dr. Celso de Magalhães; o relatorio sobre a instrucção publica, do sr. dr. José Joaquim Tavares Belfort, e, por ultimo, a *Historia do direito romano*, que serve actualmente de compendio na faculdade do Recife, e a *Historia da independencia do Maranhão*, producções do ex.^{mo} sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, que representa condignamente sua provincia, o Maranhão, no parlamento brasileiro.

Não carece Pernambuco mais do que ter a faculdade de direito na sua capital para ser um dos centros litterarios; mas com grande pezar cinjo-me a mui poucos de seus distinctos filhos, por me não virem á mente os nomes de outros; mas não é já coisa somenos ter sido o berço de um orador sagrado como Moniz Tavares, de jurisconsultos e oradores parlamentares da plana de um dr. Urbano Sa-

bino Pessoa de Mello, ou de Maciel Monteiro (fallecido barão de Itamaracá), que aos muitos excellentes dotes oratorios reunia os de bom poeta, de quem ha sonetos tão bellos como os melhores de Petrarcha, de Camões ou de Bocage. Era o general Abreu e Lima respeitado pela franqueza, vehemencia e variada instrucção que apresentava nas polemicas. Incorreu, porém, um dia no odio dos jesuitas e este o acompanhou ainda além da campa, refusando-lhe o fanatico bispo D. Vidal sepultura em sagrado. Foi author de um *Compendio da historia do Brasil* e de muitos opusculos de contenda religiosa e politica. Não deixarei tambem em silencio os drs. Franklin Tavora *(Sempronio)* e Guimarães, e entre os que já não são d'este mundo os drs. Bandeira e Lopes Gama, author do *Carapuceiro*, e o bispo do Rio de Janeiro, D. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá, que escreveu o *Compendio de theologia moral*, primeiro no seu genero na lingua portugueza, e os *Elementos de direito ecclesiastico*, obra tambem muito recommendavel.

É a Bahia a terra das artes por excellencia. N'essa provincia raro é o que não toca um instrumento, ou pinta, ou esculpe imagens, ou faz versos. Não saberão os preceitos, mas teem o instincto, o sentimento do bello. Notam-se entre os seus poetas Francisco Moniz Barreto, affeiçoado na eschola de Bocage e como elle improvisador repentista; Agrario Menezes, que adquiriu boa fama, principalmente na arte dramatica; e o sr. dr. Rozendo Moniz, author dos *Vôos icarios*, collecção de poesias estimadas. Castro Alves tambem era filho da nossa antiga capital, e a maior parte dos nossos mais proeminentes homens de estado são bahianos.

Apontarei mais, no Ceará, o *Tractado elementar de geographia* e a *Estatistica* da provincia, do sr. senador Pompeu, as *Poesias* do sr. Juvenal Galleno, a obra sobre a in-

strucção pública do sr. conselheiro José Liberato Barroso. Ufana-se tambem esta provincia por ter visto n'ella a luz o sr. conselheiro José de Alencar.

O Piauhy, entre outros filhos privilegiados, conta o dr. Coriolano de Sousa Lima, cujas poesias posthumas com o titulo de *Impressões e gemidos* acabam de sair dos prelos de B. Mattos.

Minas-Geraes, celebre por seus engenhos, mostra com orgulho os *Cantos da solidão*, as *Lendas e romances*, *O capitão de Moquem*, etc., da inspirada penna do sr. dr. Bernardo Guimarães.

A patria dos Andrades, de Paula Sousa e de outros homens eminentes que ficam atraz indicados, tem na sua capital uma acreditada faculdade de direito, d'onde sairam tantas illustrações que teem honrado e honram o paiz com suas luzes e serviços. Singularisa-se a academia de S. Paulo pela dedicação com que se applicam ás lettras e ás sciencias os que a frequentam. As revistas litterarias que teem sido publicadas em diversas epochas por essa talentosa mocidade encerram artigos de muito merecimento e dignos de séria leitura.

O Rio Grande do Sul não tem produzido sómente esforçados guerreiros: a patria dos Osorios, dos Camaras, dos Andrades Neves ufana-se tambem de contar entre seus filhos os oradores Alvares Machado, Felix da Cunha, e hoje o eloquente tribuno Silveira Martins, poetas como o sr. M. de Araujo Porto-Alegre, e historiadores como o visconde de S. Leopoldo, author dos *Annaes da provincia de S. Pedro do Rio Grande*, de varias memorias, e fundador, com o conego Januario da Cunha Barbosa e o brigadeiro Cunha Mattos, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, d'essa florescente associação litteraria, que encerra em seu gremio os ornamentos da nossa litteratura, sendo as mais das vezes presididas suas sessões pelo proprio imperador

do Brasil, e que publica regularmente uma revista *(Revista trimensal)*, que conta já trinta e seis volumes, repositorio de memorias e documentos valiosissimos sobre a historia patria e sua ethnographia.

Dão incremento ao gosto litterario e amor á leitura as bibliothecas públicas da côrte e das capitaes das provincias, as populares, os cursos nocturnos, as associações e jornaes litterarios, os gabinetes de leitura, que em todas ellas offerecem copioso pasto aos estudiosos, que por modico preço se poem a par do movimento litterario que vae no mundo.

Se passâmos para a pintura, para a musica, deparâmos com celebridades que já teem nome europeu. O *Guarany* e a *Fosca*, do maestro paulistano A. Carlos Gomes, teem merecido enthusiasticos applausos na Scala de Milão, em Roma, em Paris, em Londres e em Madrid. Temos, além d'elle, Mesquita, Gorjão e Ricardo F. de Carvalho, que se avantajam aos demais musicos brasileiros. Os quadros da *Carioca*, *da batalha do Campo Grande* e outros, do pincel do sr. dr. Pedro Americo (parahybano), que se tem applicado tambem á philosophia e sciencias naturaes, o collocam entre os primeiros artistas da actualidade. Procuram seguir-lhe as pégadas o sr. Victor Meirelles (de Sancta Catharina) e outros artistas de vocação que já vão sendo considerados por seus felizes ensaios.

Outro ramo em que temos sobresaido e adquirido importancia é no jornalismo. Quasi que não ha capital de provincia que não tenha um diario de grande formato, e algumas d'ellas dois e tres, como o Rio de Janeiro, a Bahia e o Recife, sobreexcedendo a todos o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o *Diario de Pernambuco*, o *Jornal do Recife* e o da *Bahia*, que todos em noticias, informações seguras, variedade de assumptos, gravidade, formato, papel e typos, aproximam-se do *Times*, a quem tomam por modêlo. O jornalismo politico, os periodicos de menor for-

mato sobem a mais de duzentas publicações d'esse genero, e quando se aproximam as eleições geraes então enxameam, tornam-se praga, são de todas as dimensões e até de papel de côres diversas; sendo publicados não só nas muitas typographias das cidades importantes, como nas das secundarias, das villas e povoados ainda remotos.

Não me despedirei d'este assumpto sem lembrar que fazemos progressos mui notaveis nas sciencias, estudadas nas nossas faculdades e no estrangeiro. Na architectura temos hoje um Ferro Cardoso, na construcção naval Braconnot, Napoleão Level e Trajano, todos nacionaes e ainda jovens. Na jurisprudencia—os manuaes, os commentarios, o saccessores forenses pejam as bibliothecas dos que se dedicam á legislação, e os nomes dos srs. marquez de S. Vicente (Pimenta Bueno), de Teixeira de Freitas, de Furtado Mendonça, de Autrand, do visconde de Uruguay, etc., são respeitados como bons escriptores juridicos e tidos por authorisados na materia. Nossas estradas de ferro e telegraphos electricos são dirigidos por engenheiros nacionaes, e os muitos operadores e especialistas que ornam as sciencias medicas dão honra ao Brasil.

Essa vitalidade espantosa e fecundissima, esse movimento intellectual revelado por tantas publicações, não demonstram com evidencia a nossa propensão e aptidão ás lettras e a todas as manifestações do espirito humano?

É o progresso em fermentação que procura desenvolver-se, invadir e conquistar as fôrças naturaes, que são o apanagio da civilisação moderna em todas as suas fórmas, e nem ha paiz que esteja mais apto para recebel-as e adoptal-as do que o nosso.

E de feito, desprendido de preoccupações radicadas, com proporções gigantescas, com variissimos e abundantes elementos de riqueza e de engrandecimento, aberto a todas as luzes, só requer dos homens que o dirigem muito amor

patrio, dedicação excessiva, abnegação até o sacrificio de interesses, de paixões e de amor proprio. Derrame-se a instrucção por todas as camadas sociaes e dêem os homens illustrados impulso vigoroso a todas estas mólas, que o imperio de Sancta Cruz ascenderá á magnitude que lhe compete, e nem pareça lisonja banal esta prophecia do ex.mo sr. conselheiro Mendes Leal, quando n'estes termos se exprime nos *Bandeirantes:* «Esses elementos, utilisados pela liberdade commercial e fundados pela industria, (ao que acrescentarei — illuminados pela intelligencia), podem fazer do actual imperio o mais opulento paiz do globo.» (*Band.*, tom. III, pag. 53.)

São estes os votos de um sisudo e grave pensador; e tambem a opinião de outros portuguezes não menos cordatos e lidos. Grasnem, portanto, muito embora, as gralhas, esforçando-se na sua parvoa inveja por deprimir o Brasil, que a despeito das *Farpas*, do *Palhaço*, do *Diario da Tarde* e das caricaturas e asneiras bolçadas contra nós, o imperio americano, tranquillo na sua magestosa marcha, como o sol dispensa por egual seus raios beneficos, aviventando e aquecendo a tudo quanto é nado e vive n'este orbe, sejam Polinchinellos, Paschinos ou avejões, assim afaga o imperio até aos que se nos mostram ingratos e insistem em apodal-o.

Lisboa, 24 de maio de 1870

patrio, dedicação excessiva, abnegação até o sacrificio de interesses, de paixões e de amor proprio. Derrame-se a instrucção por todas as camadas sociaes e dêem os homens illustrados impulso vigoroso a todas estas molas, que o imperio de Sancta Cruz ascenderá á magnitude que lhe compete, e nem pareça lisonja banal esta prophecia do ex.mo sr. conselheiro Mendes Leal, quando n'estes termos se exprime nos *Bandeirantes*: «Esses elementos, utilisados pela liberdade commercial e fundados pela industria; (ao que acrescentarei — illuminados pela intelligencia), podem fazer do actual imperio o mais opulento paiz do globo.» (*Band.*, tom. III, pag. 53.)

São estes os votos de um sisudo e grave pensador; e tambem á opinião de outros portuguezes não menos cordatos e lidos. Grasnem, portanto, muito embora, as gralhas, esforçando-se na sua parvoa inveja por deprimir o Brasil, que a despeito das *Farpas*, do *Palhaço*, do *Diario da Tarde* e das caricaturas e asneiras bolçadas contra nós, o imperio americano, tranquillo na sua magestosa marcha, como o sol dispensa por egual seus raios beneficos, aviventando e aquecendo a tudo quanto é nado e vive n'este orbe, sejam Polinchinellos, Paschinos ou avejões, assim alaga o imperio até aos que se nos mostram ingratos e insistem em apodal-o.

Lisboa, 21 de maio de 1870.

QUESTÃO PHILOLOGICA

A PROPOSITO DA SEGUNDA EDIÇÃO

DA

IRACEMA

(Romance do sr. conselheiro José de Alencar) [1]

Amigo Themistocles — Recebi ha dias a *Iracema*, do conselheiro José de Alencar, com que houve V. por bem mimosear-me, pedindo-me ao mesmo tempo uma analyse ou coisa que o valesse para sair publicada no seu jornal. Agradeço-lhe de todo o coração o brinde por vir de quem tanto prézo e estimo, pelo que elle vale em si, e ainda mais por não conhecer d'antes, senão de nome, essa obra do nosso fertil e talentoso escriptor; mas rogo-lhe me dispense d'essa tarefa, pois que declino de mim tamanha responsabilidade, quando não fosse por conhecer pela leitura d'esse trabalho os irritadiços melindres do author, offendendo-se até dos menores e mais innocentes reparos, embora dictos sem animo deliberado de censura, senão de conselho, bastaria esta proposição do conselheiro Alencar: «Nada ha mais facil do que censurar a esmo, declarando peremptoriamente que um livro está cheio de incorrecções» (pag. 284), para encolher-me e fazer com que mudasse de intento, se o tivesse formado. Isto é uma ameaça de repto, e eu não quero entrar em lucta com quem quer

[1] Saiu nos n.os 77 e 78 do *Paiz* de 27 e 28 de maio de 1871.

que seja: fiquei cançado antes de tempo e ora aborreço o officio de paladino, e não quebrarei lanças por mais viva e legitima que seja minha crença, ou formosa a dama do meu culto.

Deploro, todavia, que quem tem dotes tão elevados para occupar um proeminente logar na nossa galeria litteraria, os embacie um pouco com nodoa que só na primeira juventude das raparigas bonitas se póde desculpar e tolerar.

Sabe, meu amigo, d'onde procede esse defeito? da falta absoluta de critica litteraria entre nós, não da critica de cenho carregado e de férula em punho, ou d'essa que procura na satyra, no ridiculo ou na chocarrice os applausos e acceitação de um público malicioso e dominado de inveja; mas de critica sensata, esclarecida, desapaixonada, independente e desinteressada, que, animando, aconselha com benevolencia e discrição; que apontando os erros applica-lhes logo o remedio: esta sim, que é luz que esclarece, crysol onde se afinam e depuram o bello e o correcto. Sem ella não podem as lettras, as sciencias e as artes medrar, desenvolver-se, opulentar-se, crear eschola e prestar serviços ás gerações venturas. Sem ella os achaques, os vicios e as más tendencias crescem, bracejam e suas raizes afundam-se, passando d'est'arte desapercebidos e derrancando o gosto. Não ha ahi Hercules que os possa depois extirpar, e são afinal transmittidos como sans doutrinas á mocidade inexperiente e inexperta, que os herda e os adopta. O mal cresce e alastra; é fôrça, pois, enxotarem-se do templo das artes os belforinheiros de lentejoilas e missangas.

O escriptor e o artista brasileiro encontram na sua carreira applausos e flores, ou a indifferença e os espinhos da inveja. São os neophytos acolhidos nas suas primeiras tentativas com artigos recheados de adjectivos lisongeiros sublimados pelo enthusiasmo ao exaggerado superlativo,

que os embriagam, os tornam vaidosos e os estragam, como crianças malcriadas; ou então os invejosos da gloria alheia os apedrejam, põem-lhes tropeços, impedem-lhes a marcha e fazem-n'os, corridos de si, mudarem de rumo e arrependerem-se do tentamen. Peior do que tudo isto: vae, não raro, o pobre escriptor principiante esbarrar de encontro ás trevas e ao silencio da indifferença, que, com o seu frio glacial, faz murcharem e fenecerem as mais viçosas e promettedoras esperanças!

Li o trecho que se refere ao que eu disse no folhetim — *Litteratura brasileira contemporanea* — publicado no *Jornal do Commercio* de Lisboa de maio e junho do anno passado e por V. transcripto no *Paiz* [1].

Não podia nunca suspeitar que essa phrase de simples advertencia, dicta por pessoa tão humilde e desconhecida, e arriscada como a medo entre tantos e tão cabidos louvores aos muitos dotes do nosso estadista e eminente litterato, podesse escandalisal-o a ponto de gastar quatro boas paginas do seu romance-lenda em refutal-a.

Quando escrevi esse desaggravo patriotico, ou antes protesto contra uma clamarosa injustiça que se nos fazia, negando em um livro que se intitula de *Critica* a autonomia e direito que tem o Brasil a um logar na grande republica litteraria, fil-o sem pretenção, no primeiro impulso e com o açodamento que me pedia o amor das nossas coisas e dos nossos homens. Devia esperar que pennas mais authorisadas tomassem a dianteira em causa tão sancta, se não estivesse desenganado d'isso pela amarga e triste experiencia. Quem é que se apresentou a rosto descoberto quando o oiro do despota do Paraguay pagava á imprensa para desapiedada e calumniosamente doestar-nos e inver-

[1] Refiro-me ao trabalho que vae atraz transcripto da pag. 187 a pag. 233 d'esta obra.

ter os factos? Fico que ainda hoje ninguem procuraria esclarecer o público europeu e repor a verdade, se não tivesse dado eu o exemplo. Se então não fiz tudo quanto estava pedindo e merecia o assumpto, ao menos o que cabia nas minhas fôrças e nas estreitezas de um jornal estrangeiro, de cuja condescendencia não devia abusar.

Agradeceria mais ao sr. conselheiro Alencar se mencionasse os nomes dos litteratos e fizesse uma ligeira analyse das obras que deixei de citar no meu artigo sobre a litteratura, prehenchendo essa lacuna involuntaria, que sou o primeiro a reconhecer. Com trabalhos d'esses acontece como com uma funcção ou despedida. Por mais cuidado que ponhamos para que não esqueçam convites ou visitas a parentes, amigos e conhecidos; quando está tudo terminado, ahi surgem queixas dos excluidos ou esquecidos, e quasi sempre motivadas.

Quando o meu negregado artigo, que tanto abespinhou o sr. conselheiro Alencar, corria já mundo, foi que reparei em ter deixado no olvido authores, uns de casa, e outros de boa nomeada; mas estou que, se leram esse escripto, terão perdoado a quem sem livros, em terra onde difficilmente se encontram obras de authores brasileiros, para os adquirir ou consultar, só limitou-se á sua memoria, e póde assim mesmo lembrar-se e citar os titulos de tantas obras e os nomes de seus authores, e isto em trabalhos para a imprensa periodica, que, como meu amigo melhor do que ninguem sabe, é coisa assim a modo de empreitada. Corta a gente uma porção de tiras de papel, põe-n'as diante de si sobre a meza, e como jornaleiro que traz empenho em acabar a tarefa, abaixa a cabeça e deixa correr a penna ao sabor dos pensamentos. As tiras vão-se succedendo umas ás outras. Não se dão treguas ao punho e aos dedos da mão direita, e á columna vertebral por mais que doam, nem á cabeça, senão quando está findo o labor.

Já não é coisa para censurar-se ou lastimar quando não entra n'ella o deliberado intento de atear algum odio ou entreter o fogo do altar da deusa-politica, — sacrificando suas vigilias e meditação a esse culto immeritorio, que consome fôrças e embota intelligencias, ennodoando tantas vestaes.

Se tivesse continuado com a serie de artigos, como dera a entender n'essa resenha ou antes catalogo que servia-lhes de introducção, teria certo emendado a mão, e assim m'o promettia a mim mesmo.

O sr. conselheiro José de Alencar, homem de talento e recursos, fez como o habil advogado que, quando o réo não tem defeza possivel, foge dos pontos da accusação e busca na chicana armas com que fatigue o contendor e vença o pleito.

Estylo frouxo e incorrecto, não é o *classico*, pesado e enfadonho, e nem carecia para exemplificar sua proposição adduzir dois trechos, escolhidos a dedo, um de fr. Luiz de Sousa e outro de Lucena. Concordo em tudo quanto diz com referencia ao estylo de certos authores classicos, que abusaram em demasia das conjuncções copulativas e dos periodos extensamente longos.

Mas quem jámais sustentou que estylo frouxo seja synonimo de estylo classico e quinhentista? Por ventura não escrevem com elegancia e energia, em linguagem vernacula e estylo terso, Garrett, A. Herculano, Castilho, Latino Coelho, Mendes Leal, Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Thomaz Ribeiro, Camillo Castello Branco, e tantos outros escriptores modernos, em Portugal, e João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, F. Sotero dos Reis, Octaviano de Almeida Rosa, no Brasil? Imitemol-os, pois, que iremos bem.

Sabe onde estão o estylo frouxo, e as incorrecções de grammatica? Estão na má construcção e urdidura irregu-

lar do periodo, na imperfeição e no incompleto d'elle, na impropriedade dos termos, na collocação abstrusa dos membros da oração, das palavras, dos complementos e das preposições contrárias á acção e ao que pedem os verbos, finalmente na amphibologia, nos neologismos escusados e oppostos á indole da lingua, na pontuação irregular, nas repetições ociosas, na falta de concisão, etc. A ausencia d'estes e de outros predicados, que são os *nervos* do estylo, afrouxam-n'o, o entorpecem e tiram-lhe toda a louçania, elegancia e energia.

Ora, aqui para nós, e não querendo ir mais longe, não lhe parece que ha ambiguidade n'esta expressão: «as tradicções dos Brasis e seus costumes»? *(Iracema)* Não faltará quem alimente dúvida sobre se «costumes» é complemento da palavra tradicções, ou se está com ella em relação de aproximação; e assim como este descuido do nosso afamado romancista, poderia citar outros que deparei na *Iracema*, se não receiasse abusar de sua paciencia, com a leitura d'esta que já passa das dimensões de uma carta commum. Não posso, comtudo, deixar de insurgir-me contra a falsa doutrina de que a lingua é outra no Brasil e que convém transformal-a para que se torne independente da portugueza!

Não nego que a lingua portugueza, riquissima até a sua edade de oiro, não tem acompanhado d'ahi em diante os progressos da humanidade e que ha summa difficuldade em exprimir hodiernamente coisas aliás vulgares e de uso commum. Para dizer o que hoje se passa, para explicar as idéas do seculo, os sentimentos d'esta civilisação, é forçoso innovar-se, e para isso, ser um genio profundamente lido e preparado nas linguas mortas e actuaes, como Garrett ou outros que tenham bases tão solidas e fundas como elle.

Nós, os brasileiros, viajâmos muito, educâmo-nos em

paizes muito adiantados, lemos e sabemos as litteraturas italiana, ingleza e alleman; temos pois visto e conhecemos mais objectos que os litteratos portuguezes. Seria, pois, duro que ficassemos estacionados, á espera de um *dixit*, sem exprimirmos nossas sensações por falta de vocabulos, nem empregassemos os termos de anthropologia, de botanica, de geographia, ou os communs da lingua tupy, que significam coisas nossas? N'estes casos não é só necessario, como licito, innovar. Então porque Vieira disse—*pocemas*, *taperas*, são admittidos e registrados nos diccionarios, e os nossos escriptores não podem empregar—*cuia*, *tiquára*, *meaçaba*, por menos classicas do que porcellana, esteira, etc.?

Já vê que sou razoavel; não ha negar que as linguas, como os costumes, os usos etc., se transformam e se modificam; mas aquellas lenta, gradual e insensivelmente, e não ex-abrupto, em tempo dado e quando se quer ou por decreto, senão por trabalho de seculos.

O modo de dizer da canção de Hermigues differe do de Azurára, do de Bernardim Ribeiro, e os d'estes do dos escriptores do seculo XV, bem como dos de hoje.

Quem escrevesse agora pautado em tudo pelas regras e construcção dos quinhentistas, causaria a mesma estranheza e hilaridade como quem se vestisse e se apresentasse em público de armadura completa, ou de calções e capa de côres variegadas, ou á moda do seculo de Luiz XIV, ponto por ponto.

Para sermos independentes basta formarmos nação á parte, com diversa organisação politica, não carecermos de Portugal para o nosso desenvolvimento; e quanto á lingua termos uma pronuncia mais euphonica, mais doce, mais suave, mais musical. Nenhum poeta nosso, como os portuguezes, rima *mãe* com *bem*, ou diz alguem com a gente ainda mesmo culta—*tambain*, *rediculo*, e no Minho—

bacca, *voi*, e *varão* por barão, ou *tchá*, *tchapeu*, como em outras partes.

Isto, porém, não nos authorisa a empregarmos a esmo e sem necessidade locuções novas, e ainda menos a desrespeitarmos a grammatica e contrariarmos o genio da lingua. Entendo, e creio que comigo pensa toda a gente de senso, que quando somos forçados a isso, importa saber a fundo a lingua, tel-a estudado com o espirito assaz esclarecido, como o fizeram Filinto, fr. Francisco de S. Luiz, Garrett, e Odorico Mendes, e ainda hoje assim o praticam os srs. visconde de Castilho, Alexandre Herculano e Latino Coelho. Sem termos os conhecimentos indispensaveis e muita lição dos bons classicos portuguezes, que pois somos descendentes de Portugal e fallâmos a mesma lingua, é loucura tentar emprezas taes, que só servem para o descredito de quem o faz. Deixemo-nos de innovações extravagantes, quando já é miseria, e grande, não sabermos usar das riquezas que herdámos, para melhor recorrermos e admittir tudo o de que precisâmos a fim de exprimir coisas ou novas ou inteiramente brasileiras.

Os Lutheros não se fazem e menos se impõem, apparecem com as circumstancias e são aceitos pela necessidade que ha d'elles.

Assim, a doutrina que proclama o sr. conselheiro Alencar, affirmando que «desde que uma palavra fôr introduzida na lingua por iniciativa de um escriptor, torna-se nacional» (*Irac.* pag. 251) é de todo o ponto falsa e perigosa.

A admittirem-n'a, em qualquer lingua, tornar-se-hia esta, no fim de certo tempo, algaravia barbara e inintelligivel. Subjeitar ao arbitrio de um escriptor, que, não raro por ignorancia, vá de encontro ás boas regras, a introducção de um vocabulo, ou modo de dizer improprio e barbaro, seria adoptar a confusão no modo de exprimir as idéas—um

mistiforio sem sentido. Onde a lingua é deficiente, onde ha necessidade de uma locução para expressar um termo technico de sciencia, de arte, de politica, etc., approvo que se adopte um forasteiro, procurando, comtudo, affeiçoal-o á indole, estructura e genio da lingua portugueza, mas vir sem fôrça de maior com um neologismo onde é ella copiosa e rica, só com o fim de dar a cada palavra muitos synonimos para o escriptor escolher o que lhe sôa melhor, é coisa intoleravel, e se póde contribuir para dar á phrase mais harmonia, torna-a ao mesmo tempo menos expressiva, sem elegancia, se é que a não deturpa.

Não quero que se sacrifique a idéa pela fórma; regeito a idolatria viciosa da phrase, imitando-se servilmente os classicos no estylo. Inspire-se, porém, o escriptor na phrase, na construcção, na vernaculidade consentaneas com a civilisação moderna, seja castiço no emprego adequado e proprio dos termos portuguezes de lei, que não haverá quem o incrimine.

Reprovo os puritanos pelo seu espirito acanhado e restricto, pelo systema severo, exclusivista e inquebrantavel, mas reprovo e conspiro-me ainda mais contra os dissidentes. Aquelles não fazem mal, são innocentes na sua perrice; em quanto que estes, pelo contrario, são demasiado nocivos; tudo estragam e destroem, desfigurando e emplastrando o que é bello, inimitavel, tido e havido por bom entre os homens cultos e de gosto.

Assim, não atino com o motivo que levou o sr. conselheiro Alencar a propôr innovações, taes como a da eliminação do artigo *o—a*, a que chama indefinido (*Iracema*, pag. 248), e a que os grammaticos appellidam com bastante acerto—definido ou determinado, e hoje mais philosophicamente o incluem no adjectivo determinativo, ao que parece porque o latim carecia d'elle, quando todas as linguas modernas o admittem, sem excluir o allemão e o inglez;

porque a franceza, a italiana, a hespanhola, com serem neo-latinas, não os dispensam. Se a lingua portugueza fosse acaso a unica originaria da latina, nem por isso podiamos escusar o seu uso, porque é elle um dos seus caracteres distinctivos, peculiar á sua indole. E que me dirá da proscripção do pronome reflexo—*se*, nos verbos transitivos, porque é *particula superflua, que zune em torno da phrase como uma vespa teimosa?* (Pag. 249.)

Quanto a mim não lhe aproveita o exemplo de alguns verbos usados pelos classicos na accepção, que o author chama de neutra, e que n'esse caso não podem levar o reflexo *se;* pois que é uma das singularidades do portuguez ter verbos, como *entrar*, *deparar*, *herdar*, etc., que podem ser tomados indifferentemente na significação transitiva ou intransitiva.

Não sei de que maneira se haveria com verbos, aliás essencialmente activos ou transitivos, como *matar*, *enroscar*, *reclinar*, nem como empregaria *suicidar*, etc. Quando a acção de taes verbos recair no proprio sujeito que a praticar, como o author da *Iracema* poderá exprimir-se sem o soccorro do reflexo—*se*, a menos que não adopte circumloquios que afeiem e enervem o periodo?!... E hade o portuguez proscrevel-o quando todas as linguas modernas não o dispensam por ser de uso necessario, indispensavel e frequente?

Não se subordina tambem o sr. conselheiro Alencar á regra grammatical e uso geral, que para evitar o hiato—*a a*—quando precede ao artigo *a* a preposição *a*, emprega a crase, contrahindo-as e reduzindo-as a um unico vocabulo, indicando a figura com o acento agudo. Oppõe-se ao que é inconteste, e quer aliás que se empregue esse signal orthographico na preposição *a*, quando se acha só, e assim a escreve até quando precede os infinitos dos verbos e nomes proprios, allegando que o faz no intuito de

evitar ambiguidades, e para o provar apresenta na pag. 240 do seu livro um exemplo, cujo sentido parece-me ficaria claro e desappareceria a amphibologia collocado o sujeito no principio da oração — *A brisa do mar derramando à tarde*, etc. Note-se mais que não aproveita o exemplo porque o — *a* — preposto á palavra *tarde* é artigo contrahido e não uma simples preposição.

É de mais a mais contraproducente o argumento do author, servindo tanto para o caso da preposição como para o do artigo contracto. Ainda mais, se a preposição — *a* — deve escrever-se, segundo quer, com o acento agudo, quando isolada, com maioria de rasão o deve quando se acha preposta ao artigo — *a* — formando com elle uma só voz aguda. Isto é tão claro que não ha vir-lhe com embargos.

O sr. conselheiro Alencar estabelece regras avêssas ao uso recebido e geral, mas não as segue na práctica por não estar firme n'ellas; tanto que as transgride frequentemente, como passo a notar, n'estas passagens: «*da* sua companheira» (pag. 46), «movimento *do* seu braço», etc.: — «tornaram a margem, enroscando-*se*» (se escrevesse *á* margem ficaria certo e pouparia uma ambiguidade), «chegaram *ás* margens do rio que nasce na quebrada da serra e desce a planicie», etc. (pag. 108.) — A falta de acento no — *a* — póde offerecer dúvida sobre se *planicie* é regimen directo do verbo descer. Mergulhou-*se* (pag. 58): era escusado aqui o reflexo, e assim como estes descuidos poderia apontar-lhe outros, como o de falta de uniformidade na orthographia, ora empregando o diphtongo — *ão*, *èo*, *io*, ora — *am*, *eu*, *iu*, nas terceiras pessoas de certos tempos dos verbos.

Por derradeiro nego que os escriptores da America Hespanhola ou dos Estados Unidos tenham feito, como assevera o author, uma lingua differente da ingleza e hespanhola, antes ao revez d'isso, foi pelo purismo da lingua-

gem que Fenimore Cooper, Washington Irving, Ticknor, Bancroft e Prescott, venceram o desdem britanico e conseguiram fazer-se ler e applaudir na orgulhosa Albion; e dos poucos escriptores argentinos e chilenos que conheço, não me parece que dissimilhem na linguagem da de Lope de Vega, Calderon e Cervantes!

Deixemos, pois, de vez essa monomania de crear um idioma brasileiro, e isto quando Sotero veiu aplanar-nos a estrada, doutrinando-nos, e facilitando-nos a applicação e o estudo da boa linguagem, para comprehendermos os classicos e darmos o devido apreço ás riquezas da lingua portugueza. Estudemol-a em commum, portuguezes e brasileiros, e tractemos todos de desarraigar d'ella tantas parasitas que a vão enfraquecendo, disformando e esgotando-lhe a seiva de vida, de modo a tornal-a ainda um dia cadaver. Se eu estivesse proximo do govêrno, ou tivesse administrado o imperio, como já succedeu ao sr. conselheiro Alencar, tiraria todos os annos das sobras do orçamento ou das eventuaes um pouco com que podesse mandar reimprimir os melhores classicos ou os mais admiraveis trechos d'elles para vulgarisal-os a mãos largas e por preços modicos ou quasi de graça por toda a parte do Brasil, para que se tornassem de facil accesso e de leitura diuturna ao povo, substituindo á *Princeza Magalona*, ao *Carlos Magno*, o *Palmeirim de Inglaterra*, a *Viagem do padre Godinho*, as *Perigrnações de Fernão Mendes Pinto*, etc.

.....

Considere-me, como sempre,

Seu amigo obrigado e attento venerador

Dr. Antonio Henriques Leal.

Lisboa, 16 de abril de 1871.

D. ANTONIO DA COSTA

E SUAS OBRAS

I

Portugal, na sua precoce caducidade, debate-se e estorce-se entre tantas difficuldades, e sem esperança de melhor futuro; porque não descortina no pesado e negro horisonte que o circumda luz redemptora a bruxulear-lhe, senão o abysmo para onde vae arrastando-se irresistivelmente até precipitar-se n'elle — até seu completo desbarato. Exhausto e fatigado antecipadamente pelo fanatismo religioso de mãos dadas com o despotismo que lhe esgotaram a vitalidade, jaz amortalhado nas ruinas de suas passadas glorias.

Tomou-lhe o corpo gangrena senil, e as fontes de riqueza pública minguam: a industria quasi nulla e a lavoira atrazada e rotineira não produzem tanto quanto o podiam; e o commercio, reflexo de ambas, vegeta e não tem o desenvolvimento preciso.

No meio do profundo abatimento moral que se observa em todas as relações d'esta sociedade gasta, a politica desceu ao nivel de vil mercancia: é um cahos onde estão confundidos e baralhados os principios; e os partidos, antes pequenos grupos que as ambições pessoaes levantam, para com elles chatinarem n'esse torpe mercado, congraçando-se hoje, para ámanhan se hostilisarem com frenesi,

sem fôrça para dirigirem a opinião pública. Os ministerios succedem-se como mutações de scenas em peça magica, e o parlamento é dissolvido a cada uma d'essas mudanças! A descrença e o desalento invadem e atrophiam tudo, e em tudo se manifestam, menos, felizmente, na litteratura. N'esse desconsolador descaimento, embora se esboroe o edificio social, florece ella viçosa e fecunda, destoando assim dos demais ramos seccos e podres da remora e da carcoma, qual robusto e gigantesco madeiro que tombasse na espessura de floresta virgem, impellido pelo continuo abalar dos seculos, mas que ainda assim reverdece-lhe um botão, que torna-se vergontea e d'ahi disparte verdejantes ramos, testimunhando que ainda ali ha vida.

Vem este phenomeno desmentir em parte a theoria corrente e quasi axiomatica de que a litteratura é a manifestação do estado de civilisação e prosperidade de uma nação; porque se ha um enxame de imitadores e plagiarios sem consciencia e probidade, tambem uma boa duzia de engenhos que afastam-se d'esse trilho vergonhoso.

E que brilhante cohorte de escriptores não ostenta desde 1834 este pequeno canto da Europa? Nas legiões libertadoras do immortal rei-soldado vinham dois denodados atheletas que com a penna e a espada tão bons serviços prestaram á patria. Vagueando em estranhas terras e comendo o pão amargo do exilio, cantaram saudades da patria agrilhoada pelo feroz despotismo que a maculava e reduzia á miseria. Do desterro voluntario vieram cheios de esperanças e ricos de idéas e projectos litterarios encontrar aqui outro irmão nas lides da penna e a quem a cegueira não consentira os acompanhasse n'essa perigrinação forçada ou nos campos, onde se renhiam pelejas fratricidas, mas que deram em resultado a liberdade. Eram esses tres engenhos tão ingentes que por si sós representavam uma litteratura. Não os animaria tanto a regeneração politica

como a litteraria. Missionarios da eschola christan, escalaram o Olympo, conseguindo com a victoria a quéda da Arcadia, libertando assim as lettras da mythologia, como haviam ajudado a afugentar do solo portuguez a usurpação, e a extinguir n'elle a tyrannia. Revolução incruenta e benefica foi essa que rebentou no dominio das artes, e em mal que durou pouco a effervescencia produzida por tão glorioso movimento!

Almeida Garrett, genio assombroso e ductil, que se dobrava a todos os generos litterarios, e que em todos fez innovações, vindo em todos aureolal-o o brilho dos triumphos, repoisa na mudez da campa. Com a doçura e o encanto d'aquelle estylo inimitavel traçava sem esfôrço e como que a folgar o poema, o drama, o romance, os versos lyricos, os discursos, os trabalhos academicos, amenisando e illuminando os assumptos, por mais ingratos e difficeis, com os raios brilhantes de sua intelligencia maravilhosa e sem rival. De sua palheta tirava côres mimosas e naturaes com que dava vida, explendor e galanice até ao que era arido e rude de si. Trabalhava quando os prazeres da sua vida tão airada lh'o consentiam, e mesmo assim é para admirar o muito que escreveu nas horas furtadas ás fraquezas e caprichos affeminados em que se lhe escoava a maior parte do seu tempo.

Ao lado d'esse vigoroso engenho que se enlevava nas vaidades e bulicio da sociedade elegante, e contrastando com elle, ostentava-se Alexandre Herculano, seu companheiro nos exercicios das armas e da penna, como tambem nos lances arriscados da vida aventurosa dos acampamentos. Sisudo pensador, e comedido nos prazeres, entregava-se todo ás vigilias estudiosas, devassando á historia seus mais reconditos segredos até então occultos. Acurvado sobre os codices e pergaminhos de remotas eras, examinava-os com dedicação e á luz da mais philosophica e

sagaz critica que conheço, para d'elles extrahir a verdade e nol-a offerecer n'aquelle estylo de bronze tão seu! Suas poesias, seus romances, seus ensaios dramaticos, seus artigos de polemica, resentem-se d'essa hombridade e rigidez de principios que nos enthusiasmam e admirâmos n'esse varão honrado e excepcional. Um dia, porém, chegou-lhe tambem a descrença, e o homem de fé robusta, e o historiador herculeo, ferido mortalmente do contagio geral, quebrou a penna, e trocando, como ha pouco o disse a um augusto visitante, a tinta pelo azeite, evita o contacto dos homens, e busca fazer do valle de Santarem uma Thebaida, contente da vida rustica e solitaria de sua quinta de Val-de-Lobos.

D'essa gloriosa trindade só resta na faina o sr. visconde de Castilho, que, firme no seu posto, alimenta com todo o ardor o fogo sagrado. Se lhe toucaram já a cabeça as neves dos annos, o espirito, sempre juvenil, não desfallece nem descança. Ha muito que se despediram d'elle as illusões e devaneios da mocidade, que se traduz em descantes amorosos e apaixonados, e dedilha ainda nas cordas de oiro de sua lyra pensamentos de outros que veste e nacionalisa com esses harmoniosos e cadentes alexandrinos que aclimou e a que dá voga. Assim vae elle, incansavel lidador, dando novas e não menos bellas fórmas aos primores de Ovidio, de Virgilio, de Anacreonte, de Molière, de Goethe, e, por último, pensa em Shakespeare, fazendo viçar e rebrilhar a este sol vivificador de Portugal as flores do Lacio, da antiga Grecia, de França, da Allemanha e da Inglaterra, que com os cuidados e nas mãos de tão amoravel e cuidadoso jardineiro não murcharam e nem sequer esmorecem do brilho e frescor nativos.

Quando mais floresceram e imperaram esses genios bem fadados havia muita esperança e fé, e uma seita, e um systema; os horisontes alargavam-se, então tudo rejuve-

nescia ao toque magico das crenças que dão vida e fôrça, e ajudam a sazonar mil variados productos da intelligencia humana. Eram para ver os commettimentos que logravam sem custo o termo de sua realisação a despeito da grandeza. N'essa epocha dominava o espirito e o enthusiasmo; que o materialismo não tinha ainda feito entrada nas lettras. As gerações litterarias que se tem succedido a estes tres illustres vultos, todas ellas reunidas, não offuscam seu renome, nem os vencem em pujança e alteza. Satellites não poucos d'elles da orbita franceza, aproximam-se no gosto, nas idéas, e até por muitas vezes na phraseologia dos escriptores do Sena São muitas as excepções, e longe de mim acoimar de plagiarios e de imitadores servis a um José Freire de Serpa Pimentel (visconde de Gouvêa), a um Rebello da Silva, a um Soares de Passos, a um Silva Gayo, a um Arnaldo da Gama ou a um Julio Diniz (Gomes Coelho), que com o grande tribuno — José Estevão — pertencem já á posteridade, deixando prematuramente a patria viuva de tão eminentes e insignes talentos.

Não é só a mão da morte que tem roubado ás lettras seus melhores cultores; que ahi está a politica, ardilosa sereia, a seduzil-os com seus perigosos artificios. Se um dia é Mendes Leal, é Andrade Corvo, é Pinheiro Chagas [1] que desertam e abandonam as pugnas litterarias para esterilisarem os engenhos, repotreados nas fofas poltronas de S. Bento, persistem, comtudo, na phalange activa, entregando-se com perseverança e convicção aos labores da

[1] É honrosa excepção o sr. Manuel Pinheiro Chagas, cuja assombrosa actividade concede-lhe o dom de uma quasi ubiquidade, para que não falte ás reuniões politicas, ás sessões do parlamento, ás da Academia real das sciencias, aos espectaculos publicos, e ainda assim não dá treguas ao pensamento e á mão para ser um dos escriptores mais ferteis d'este reino, como attestam seus artigos e folhetins em diversos jornaes, seus dramas e romances.

intelligencia, e procurando enriquecer as lettras—Thomaz Ribeiro, A. A. Teixeira de Vasconcellos, Innocencio Francisco da Silva, Julio de Castilho, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Theophilo Braga, José Silvestre Ribeiro, Ramos Coelho, visconde de Benalcanfor (R. Guimarães), Gomes Monteiro, João de Deus, Latino Coelho e tantos outros, uns já conhecidos e bem reputados na republica litteraria, outros inutilisados pelas enfermidades, como Gomes de Amorim e João de Lemos, ou fazendo vida á parte, como Antonio Pereira da Cunha, que de longe em longe recorda-se dos bellos dias da *Revista Academica* e do *Trovador* para modular no alaúde versos cuja boa metrificação e correcção da rima testimunham ainda o poeta que se inspirava ao sussurro das aguas do Mondego. Distantes d'estes e ainda na penumbra, despontam e deixam lobrigar-se, destacando-se de muitos philauciosos ignorantes, os representantes da nova geração de homens de lettras conscienciosos, promettendo conservarem o lustre da litteratura portugueza.

De entre os melhores engenhos que honram hodiernamente Portugal, especialisarei o sr. D. Antonio da Costa para dar brevissima noticia de suas producções, que talvez não sejam conhecidas da maioria dos leitores brasileiros; por isso que são dedicadas a uma ordem de idéas e de investigações que não agradarão pela ventura aos que estão habituados aos attractivos do romance e de outros livros do mesmo genero, apesar da utilidade real e boa doutrinação que se venha a colher d'aquelles, e em especial dos preceitos e conselhos salutares sobre o que ha de melhor e mais proveitoso para a instrucção popular. São esses os predicamentos que recommendam os principaes escriptos do sr. D. Antonio da Costa, e tambem os meritos que aprecio sobretudo e louvo n'elles.

Escriptor serio e todo dedicado ao progesso moral de seu

paiz, não se esforçou por captar a popularidade e os triumphos faceis, pondo peito sómente em ser util a seus compatriotas. Depois de ter ensaiado a penna em uma comedia, aliás bem desenhada, que tem por titulo e protogonista *Molière*, tem dado successivamente á luz *O christianismo e o progresso* (1868), *A instrucção nacional*, *A historia da instrucção em Portugal* (1871), e para fazer diversão a trabalhos tão serios, e render homenagem á memoria do amigo, cinzelou esse quadro commovedor que tomou por titulo o nome de sua figura principal — *José de Castilho, o heroe do Mondego* (1872), e já n'este anno veiu abrilhantar sua corôa com — *Tres mundos*, aprimorado livro de ensinamento e deleite, que subrepuja os mais que tem escripto. E o author d'estas preciosidades póde ainda enriquecer as lettras com obras de maior alento; que conta apenas quarenta e nove annos de edade.

II

Temos ante os olhos a primeira das producções acima citadas, *O christianismo e o progresso*, livro pequeno nas paginas mas substancioso nos conceitos, ameno na phrase e seductor pelas imagens que o ornam. As doutrinas de Michelet, de Gioberti, de Tomnaseo, de Julio Simon, e, sobretudo, as de Pelletan, no que teem de aceitaveis, não lhe são estranhas, antes adoptou d'ellas o que lhe pareceu são e verdadeiro, remodelando-as, affeiçoando-as e exornando-as a seu modo e segundo lhe indicou a sua esclarecida razão. De espirito eminentemente religioso e christão, não maldiz, todavia, o seculo, nem nega á humanidade sua marcha ascendente para a perfectibilidade, como o fazem os adeptos de Luiz Veuillot e de outros ultramon-

tanos de egual jaez, que no seu feroz e ridiculo beaterio procuram substituir Loyola a Jesus Ghristo, e as medonhas fogueiras do sancto officio á luz suavissima e acariciadora do Evangelho. Procedendo ao inverso dos sectarios do catholicismo jesuitico, é com as Escripturas por guia que descobre e prova da maneira mais logica e concludente, e a não deixar dúvidas, que a civilisação e o progresso, na sua expressão mais genuina e moral, são o resultado da religião sublime do Cruxificado — o effeito, em summa, cuja causa é o *Novo Testamento*; que congraçam-se, protegem-se reciprocamente e enlaçam-se estreitamente, logrando a humanidade d'esse amplexo e mutuo apoio a realisação práctica das leis generosas que emmanaram da boca do Divino Mestre. Tão perspicuos e naturaes são seus argumentos, que os menos lidos ou falseados pelas doutrinas dos modernos phariseus, não os poderão negar ou contrariar com ganho de causa.

Percorram-se essas cento e oitenta aprazíveis paginas, que com ellas se hão-de deliciar, avigorando e revivendo a fé e as crenças, que vão hoje em dia amortecidas pelo egoismo e pelo materialismo esterilisador.

Principia o author por descrever com traços magistraes e rapidos a discussão dos apostolos congregados em Jerusalem para assentarem nos meios de diffundirem pelo mundo a *boa nova*. Estão frente á frente o passado e o futuro; a reacção com os seus prejuizos e odios, e a revolução com suas reformas e o amor do proximo e o perdão das injurias; defrontam-se e travam combate os velhos principios e o progresso. Insistem Corynthо e os domais phariseus e mestres da lei em que se limite ao povo circumcisado a revelação e o ensino das maximas de Christo, como succedia com as de Moysés; contestam-n'os os apostolos estribados nas largas idéas humanitarias que haviam bebido, acabando por vencerem e quebrarem esse circulo de ferro.

Vae ser prégado e vulgarisado pelo universo o christianismo; todas as nacionalidades, todas as classes sociaes, todos os individuos, grandes e pequenos, ricos e pobres, poderosos e fracos, senhores e escravos, serão acolhidos, ouvidos, esclarecidos e bemvindos; que todos são eguaes e irmãos em Jesus Christo. A fraternidade e a egualdade pela religião — eis o primeiro passo da nova lei no fecundo e illimitado estadio do progresso, e é tambem seu primeiro marco miliario. As palavras de S. Paulo, que o author resume com tanto talento, são a confirmação d'estas eternas verdades.

D'ahi passa elle a estudar o homem, e mostra que é pelo conhecimento da immortalidade e pelo amor sem limites de seus similhantes que elle se eleva na sua propria consciencia e se aperfeiçoa, libertando ao mesmo tempo a mulher da vilan e abjecta escravidão que a opprimia até ali, para vir occupar o nobilissimo e sagrado logar de mãe e preparadora das gerações — missão que lhe compete na partilha dos direitos e deveres do genero humano. Nada ha a sobejar ou a perder-se n'esse capitulo escripto com toda a eloquencia e primor de penna tão adestrada como a do sr. D. Antonio da Costa.

Investiga depois as condições das frageis creaturinhas, d'esses esboços de homens. É com entranhavel prazer que se lê a descripção do berço e da familia, elementos aliás ignorados antes do christianismo.

«O pequenino assentado, diz o author (pag. 59), no colo de Christo, reclina a cabeça no seio do Mestre, e mal comprehende que aquellas palavras — deixae chegar a mim os pequeninos — são a revolução moral do mundo, as raizes da familia, o fundamento da sociedade, a constituição geral do direito humanitario».

. . . . . .

. . . . . .

Lastimando que ainda não esteja realisado em toda a sua extensão o direito dos pequeninos, conclue: (Pag. 61.)

«Formosa é a pagina dos pequeninos no Evangelho. Ali está um seio aberto a attrahil-os e a abraçal-os. Orphãos que choram ao desamparo, desvalidos sem tecto e sem pão, pequeninos que não podem trabalhar e que nem sabem pedir: quando virão os costumes e as instituições realisar em toda a verdade a palavra do Divino Mestre?»

Examinando mais adiante os difficeis problemas da riqueza e da pobreza sem essas imprecações e queixas que nada valem para o senso práctico, mostra o que foram os ricos e os desherdados da fortuna antes do Evangelho, e os beneficios que os últimos vão recebendo de dia a dia da caridade christan.

Passemos ao capitulo em que tracta do arrependimento, onde fica-se perplexo sobre o topico que se possa escolher d'elle para dar-se uma idéa d'esse mimoso bocado de prosa, porque tudo ahi é bom, é bello. Para que se reconheça, porém, que não exaggero, ahi vae um trecho:

«Erguia-se (pag. 82) nos risonhos arrabaldes da cidade de Nain o explendido castello de Magdalena. Era senhora d'elle a arrebatadora Maria, viuva de um d'entre os primeiros e mais ricos fidalgos da cidade. Joven, riquissima, formosa, todas as seducções realçavam aquella mulher. Tinha a ardente imaginação da oriental, que era; o espirito e a graça entremeados com esmerada educação. A electrica faisca dos olhos mais seductores juntava o encanto do mais enfeitiçador sorriso.

. . . . . .

. . . . . .

«O castello da formosa Maria Magdalena era reunião da nobreza e da elegancia de toda a Galiléa. Explendidos se ostentavam os festins n'aquelle palacio.

. . . . . .

«Estava a Magdalena na flor da mocidade e no auge da vida depravada, quando Jesus andava na sua doutrinação pela Galiléa. Dir-se-hia a peleja entre os dois principios. Levada pela curiosidade e pela fama do moço galileu, o unico assumpto das conversações n'aquelles dias, foi a Magdalena ouvir tambem um dos discursos de Jesus.

.....

«A attitude da multidão, a novidade da doutrina, a simplicidade da figura, a suavidade do gesto, o grito da verdade que o coração soltou, fizeram impressão tão viva na ardente imaginação da Magdalena, que no regresso para o castello vem já séria, absorvida em mil pensamentos; de fronte baixa e a alma n'um combate que nem sabia comprehender.

.....

«Vê-se entrar um vulto na vastissima sala, e cresce o espanto geral quando todos os olhos fixos n'elle reconhecem a grande prostituida. Era a estatua da afflicção a caminhar!

«Vinha ainda mais bella que de costume aquella mulher, mas trazia a formosura cortada por um traço de sentimento.

«Os cabellos, longos, cobrindo-a em redor, caiam-lhe soltos, como querendo roubar ás vistas de todos a mulher que sabiam tão peccadora. Envolve-a singela tunica sem outro adorno.

«Vem pallida. Arqueja-lhe o peito como se a alma quizesse precipitar-se d'elle. De olhos baixos, de fronte pendida, traz estampado no rosto um sentimento estranho até ali aos homens — a expiação pela dôr!...

«Caminha até o Redemptor no meio do pasmo geral de quantos conheciam aquella dama. Cae-lhe aos pés debulhada em lagrimas. Com as mesmas lagrimas lh'os lava, beija-lh'os e sobre elles esparge os aromas que levava. Os

gemidos não lhe consentiam pronunciar uma palavra sequer, e ali fica prostrada aos pés de Jesus a grande criminosa de Nain, reduzida a similhante estado pelo arrependimento.

.....

«.....e voltando-se Jesus para a criminosa, sem lhe fazer a menor reprehensão, sem lhe exprobrar o seu anterior comportamento pegando-lhe docemente no braço, diz-lhe com o sorriso da maior bondade: — levanta-te, mulher, todos os teus delictos te são perdoados, porque o teu coração está cheio de amor. Vae-te em paz.

«O mundo, representando a philosophia dos sabios, pedia para a criminosa o desprezo e o castigo. A lei de Jesus perdoava o delicto e regenerava a alma.

«A Magdalena saíu. Já de olhos no chão, mas levava sobre a fronte a corôa da regeneração moral. Não saía d'ali uma mulher. Saía sob aquelle symbolo — a humanidade remida pelo merito proprio e a sociedade reformada pelo christianismo.

«Se aniquilassem a criminosa, ella só representaria a depravação. Que bens produziria aquelle rigor? Declararam-n'a remida pelo arrependimento, e o que succedeu? Vae d'ali vender os bens, dota com elles os pobres, faz-se modesta; quando os discipulos abandonam o Mestre na perigosa noite, colloca-se á frente das mulheres, acompanha o desamparado aos tribunaes, segue ao Calvario, vae tapetando com lagrimas aquella rua immensa de agonia, abraça-se á cruz, unge-o no tumulo, visita o sepulchro, e fica symbolisando para as edades futuras a constancia na fé. A pena de morte vingava o crime simplesmente. A misericordia fazia rebentar do crime uma vida proveitosa. Assim considerado, o arrependimento apresenta-se-nos como um elemento moralisador de reformação.»

Que de poesia, de movimento, de philosophia christan,

colorido tudo com matizes de um maravilhoso pincel, se não deparam n'estes trechos, onde tão brilhantes imagens engastam-se n'um estylo e linguagem esmerados e elegantes!

A felicidade e a desgraça, a caridade, as instituições sociaes, a liberdade, o seculo XIX, eis ahi themas que estão desenvolvidos com a mesma arte e pedindo transcripção no que teem de bello; mas a proceder assim reproduziria quasi todo o livro, roubando aos leitores o prazer da novidade de ler por inteiro uma obrinha que deve ser guardada em todas as bibliothecas e adoptada nas escholas, servindo tambem de leitura nos collegios e seminarios que teem por uso fazel-a nas refeições. Julgo que substituiria vantajosamente esses repositorios de milagres e ascetismo, a que os jovens ouvintes não prestam attenção pelo tedio que lhes causam.

Fica-se, pois, inteiramente convencido com as muitas e excellentes provas que concatenou e os raciocinios que deduziu o author n'este escripto, que o christianismo foi e é o melhor e o mais permanente e efficaz instrumento do progresso. «Homem, mulher, creança, familia, escravo, pobre, infeliz, criminoso, instituições sociaes, receberam d'elle, como bem diz o sr. D. Antonio da Costa na conclusão d'esta obra, influencia directa.» E todas as idéas humanitarias que vão aperfeiçoando a sociedade teem a sua origem e as suas leis cardeaes nos Evangelhos.

III

É digno de louvor e bem merece de seus similhantes quem procura harmonisar o progresso com a religião christan, avivar as crenças e moralisar o povo, combatendo ao mesmo tempo o indifferentismo, o scepticismo e o materialismo pelo raciocinio, pela historia, pela philosophia, pela diffusão das boas idéas—na imprensa com o seu li-

vro, com o jornal; na tribuna, na eschola, com a palavra, e, sobretudo, com o ensino amoravel, acariciador e brando da mulher—da mãe—preparada para tão augusta e sancta missão, que ninguem melhor do que essa formosa metade do genero humano deve preencher; por isso que tem o coração aberto a todos os affectos generosos, e o amor immenso que guarda n'esse cofre inexgotavel, como que a está indicando para educadora da infancia. É ella que inicia e imprime n'esses espiritos fracos e amolgaveis os preceitos da moral e da religião.

Tal é o intuito da *Educação nacional*, consagração das idéas por que tem-se esforçado seu author e procura ver realisadas, como empregado superior da secretaria do reino nos relatorios por elle apresentados, quer como ministro da instrucção pública, pasta creada por sua iniciativa, e que exerceu com muito zêlo e inperturbavel dedicação. Encontram-se expostas n'esta interessante e util obra as idéas contidas nos decretos de reforma da instrucção pública, que expediu durante seu govêrno.

N'esse trabalho, dividido em quatro partes—primeira *Instrucção e educação*, segunda *Organisação e dotação da instrucção primaria*, terceira *O alumno*, e quarta *O magisterio*—consubstancia e discute todos os pontos que se prendem a assumpto tão complexo, encarando debaixo de todos os aspectos os multiplices problemas d'esse ramo de administração, o primeiro, de certo, por sua importancia e resultados. Tenta n'este livro affeiçoar practicamente ao seu paiz as instituições litterarias que teem contribuido em outros mais adiantados para diffundir a instrucção entre as massas populares. Não as apresenta, todavia, copiadas, senão que as modifica conforme lhe indicam sua robusta intelligencia e o seu muito estudo. Outros predicamentos encontro ainda n'este livro que o recommendam á leitura e meditação dos que se interessam por essas questões de sua

natureza tão momentosas e interessantes; que pois acharão n'elle pasto copioso á sua curiosidade e cogitação; sendo estes diversos assumptos tractados por elle com perspicuidade e ao nivel da civilisação e das necessidades do seculo.

Ainda mesmo para quem busca na leitura simples passatempo e desfastio ás horas de aborrecimento, ahi os deparará; que o author soube tecer com mão discreta ramilhete perfumado e cujos matizes disfarçam o que ha de arido e preceituoso n'esta materia tão intrincada.

Tracte elle muito embora da organisação do ensino, dos methodos, da educação physica ou moral, do subsidio ao professor, e da importancia que se lhe deve dar; que ahi vem de mistura com essas questões factos philosophicos e historicos de toda a ponderação, ou raptos de eloquencia e de poesia que a amenisam, e contundem as asperidades proprias. Para comprovar taes asserções bastar-me-ha trazer para aqui alguns trechos tomados ao acaso do capitulo II—*A educação da mulher*. Este por exemplo:

«Filha, esposa, mãe; que trindade personalisada no amor dentro da sociedade livre e amoravel que abre as portas do futuro!

«Filha—é a doçura do lar, uma gota de orvalho resplandecendo cada manhan ao abrir do dia domestico. Desenvolvidas pela educação todas as flores moraes de tão formoso ramilhete farão d'aquella menina uma futura dona de casa em qualquer das classes em que nasceu, herdando as virtuosas tradições de honra e de carinho na familia, e indo traduzir na casa, que ha de ser a obra de seu coração, o original da propria mãe aperfeiçoado por ella.

«Esposa e mãe; que horisonte lhe abre a eschola para ao depois transformarem n'ella a propria casa!

«Dizem que ha um poema no coração de cada virgem. Eu digo que ha um segredo no coração de cada mulher.

Mas, para que este segredo se descubra e produza resultados admiraveis, é que se torna indispensavel a educação. Neguem as flores á mysteriosa operaria dos favos, e vejam se ella poderá fabricar a doce industria dos campos. A eschola é para o coração da mulher o que a flor é para a intelligencia da abelha.

«É para a mulher o que o ar é para a aguia, que o rasga em demanda da immensidade. O ar não lhe dá azas, mas é indispensavel condição para o vôo.»

.....

«A mulher educada fundará no lar o seu reino do amor e do trabalho. Os corações que ali brotarem, ir-se-hão formando ao influxo d'aquelle coração supremo.....

.....

«A maternal eschola domestica não foi o grão esteril lançado entre os penedos. Eil-a, a infantil educadora, retrato vivo da mãe, a educar os irmãos mais novos, filhos agora d'ella, respeitando a que ainda na vespera lhes era companheira de folguedo; eil-a, servindo de exemplo aos irmãos mais velhos, arrimo do pae ancião, a providenciar tudo, a fazer milagres, e a ser (deixem-me proclamal-o) uma gloria da patria; porque é erro imaginar a patria que a sua gloria lhe provém só dos feitos de sangue, e não egualmente dos actos reconditos de abnegação e de trabalho que resaem das classes populares.

.....

.....

«Não é só uma questão moral este grande problema da educação feminina, é conjunctamente uma questão social e economica....»

D'ahi passa o author a resumir as idéas de Stuart-Mill sobre a emancipação absoluta da mulher e as oppugna com razões mui judiciosas, indicando a missão real e sublime da mulher na vida social.

«A educação social, diz elle, é o direito e a emancipação das feias, das intelligentes, das meigas e até das proprias bellas, quando chegue aquella hora tão certa como esquecida. É o direito universal da mulher. Eis a grande lei natural, porque a natureza apenas fez formosas a menor parte das mulheres, em quanto deu a todas intelligencia e coração; e de deixarem de estar exploradas estas duas verdades é que resulta a situação lamentavel da mulher.

. . . . . .

. . . . . .

«A resolução do problema não está na egualdade absoluta das duas condições e das duas missões, está exactamente na diversidade d'ellas....

«O homem tem por missão o trabalho scientifico e politico, a mulher o trabalho educativo e moral, e as duas missões reunem-se n'uma só, que é a missão completa da humanidade.»

Pede por derradeiro para ella a egualdade civil de que o codigo a esbulhou, e conclue: «Restituida ás mulheres a justa condição da absoluta egualdade civil que não se oppõe á sua natureza, nem á sua missão, eduquemol-as não só elementarmente, mas abrindo-lhes com o ensino complementar, conforme as localidades, a possibilidade de muitas occupações em que possam, solteiras ou viuvas, ganhar a vida: occupações artisticas, pedagogicas, industriaes, commerciaes, apropriadas ao seculo; eduquemol-as principalmente no sentido amplissimo de mães de familia (seu principal encargo), não só quanto á economia domestica, mas segundo os principios largos e sociaes que temos expendido.»

Nas suas preferencias da mulher para educadora e mestra da infancia, traz entre outras considerações as seguintes, que não sei quem com ellas se não conformará:—

«O ensino da puericia deve ser todo maternal, todo coração. Não trabalha ainda o raciocinio largo do homem, mas é já a aurora d'esse raciocinio. Se a instrucção primaria complementar deve pertencer ao professor, porque o desenvolvimento d'ella demanda conhecimentos mais adultos, não se dá esta razão na instrucção primaria elementar, cujo alumno ainda não está portas a dentro das sciencias.

.....

.....

«A razão por que a mãe é professora preferivel a outra qualquer mulher, é a mesma por que a mulher em relação a qualquer menino é professora preferivel ao homem. Ha mais similhança nas duas naturezas infantil e feminina. A innocencia, a curiosidade, a bondade, o sentimento, as lagrimas, os sorrisos e até a voz tudo se harmonisa na mulher e no menino. Todas as leis do coração levam o menino para a mulher e não para o homem; e que admira isto, se foi nas entranhas femininas que elle recebeu já uma ante-vida?.....

«Não é o homem professor da infancia senão com esforço desajeitado, como um alfaiate de lettras. É o professor a expressão typica da eschola antiga, aspera, e que tem por dogma o desconhecido e por arma a palmatoria. A mulher, e só a mulher, é que póde ser a expressão da eschola verdadeira, que tem por altar a verdade e por arma o sentimento. Já se disse o que era a eschola inaugurada pelo seculo XIX, meiga, alegre, intelligivel. Por isso, a eschola do seculo XIX ficará incompleta e impossivel em quanto não for entregue á professora.

«Ao inverso do homem, a mulher é que está no elemento proprio quando rege a eschola primaria. Melhor do que o homem, tem o segredo de exercer sobre os meninos o influxo moral que as crianças não sabem receber do rosto, do gesto, nem da voz masculina. A mulher tem

para as crianças o dom da insinuação natural, e consegue transmittir muito melhor do que o homem quanto sabe.»

N'este livro, propõe a final o author as bases de uma reforma natural e philosophica do ensino popular, modelada não por um ideal, por uma utopia, senão pelo que tem dado bons resultados nos Estados Unidos, na Suissa, na Inglaterra, na Prussia, na Belgica e na Hollanda; e como o fundamento do edificio indica a descentralisação do ensino primario, a eschola parochial, auxiliada pelo estado e pela iniciativa particular, gratuita e obrigatoria para todos, e com sua bibliotheca para illustrar, para facilitar e radicar o gosto pela leitura, completando-se essa instituição com a educação physica, pela gymnastica, para desenvolver e robustecer o organismo e conservar a saude; a educação politica, para que todos conheçam seus deveres e saibam fazer uso de seus direitos de cidadãos; e a educação profissional, para que assim a instrucção seja uma verdade benefica e util.

Não discuto, não entro em largas considerações, nem esmerilho algumas das proposições do author no que me parecem contestaveis: aceito-as; porque em these são as minhas, são de todos aquelles que investigam e aprofundam este assumpto que deve preoccupar a quantos presumem de amigos da humanidade, trabalham para as gerações vindoiras e desejam ardentemente reformadas as instituições de modo a desenvolverem os germens de civilisação, de prosperidade e das gerações por vir.

Hade magoar-se de certo o author por não o comprehenderem os seus e por desprezarem suas vozes e conselhos; mas nem por isso fraqueia ao peso da tarefa ou muda do trilho encetado com tanto enthusiasmo. Aquillo que não tem conseguido como empregado público, tenta-o tenaz e desassombradamente como escriptor.

É na verdade para louvar essa perseverança na propa-

gação do bem, apesar do indifferentismo, da incredulidade e da zombaria dos que o hão de apodar de *sonhador;* é que o coração do patriota e do philosopho humanitario pulsa com bastante fôrça para o impellir para diante, segredando-lhe palavras de animação e de louvor. Creia, pois, o illustre pensador que sua tarefa caridosa produzirá ainda um dia os resultados que se promette.

Dá-se, porém, maior injustiça e prova mais completa de ignorancia do que apellidarem de sonhador e utopista a quem se empenha por ver adoptadas em seu paiz as utilissimas instituições e boas práticas de outras nações mais adiantadas e onde teem ellas effeituado maravilhosos beneficios em proveito da instrucção, derramando luzes que vão espancar as trevas até nas mais humildes e lobregas habitações, morada do crime e da immoralidade, para transformar a fereza natural ao homem inculto em indole bondosa e exempla.

IV

A *Historia da instrucção popular em Portugal* é como que um complemento do trabalho de que tentei dar acima uma imperfeita noticia. Prescruta o author e vae com acurada e intelligente investigação rastrear no seu paiz a instrucção desde que a monarchia foi ahi fundada até hoje, descobrindo-a no seu elemento ainda o mais embryonario, seguindo-a depois nas tentativas indecisas, na planta que começava a despontar na terra, e depois na sua evolução já desimpedida e livre do ambiente viciado e pesado dos conventos.

Com o mesmo methodo, com o mesmo proposito e estylo com que escreveu as outras obras, soube n'esta es-

conder as dactas e as citações da legislação com imagens e conceitos que encantam e não deixam que o leitor sinta fastio ou perceba o que ha de enfadonho e sécco na materia: é qual charneca crestada pelo sol, e a que artista intelligente e engenhoso alfombrasse de um tapete de verdura e de flores para que os pés mimosos de gentil fada se não magoassem ao resvalar por sobre elle, nem se lhe annuviassem os olhos de tristeza com a vista da nudez d'esse panorama selvatico.

E nem por isso daixou elle de amiudear e discutir as mais escabrosas questões, como as luctas das universidades, as reformas do marquez de Pombal no que respeitaram a instrucção, os jesuitas no seu afan de monopolisar o ensino, o methodo portuguez (de Castilho), etc.

Não acho, comtudo, em toda esta obra assumptos que sejam tractados com mais profundeza, nenhuns que recreem tanto como os que se referem ás reformas do grande ministro portuguez, á instituição de Loyola, ás luctas que precederam e acompanharam o estabelecimento de uma universidade e os meios artificiosos empregados pela Companhia de Jesus para dominar tudo, só e sem competidores. Embora sejam escriptos com a brevidade que o plano da obra o requeria, mostram, comtudo, a mão segura e imparcial que os desenvolveu sob o verdadeiro aspecto critico com que devem ser analysados.

«Não processâmos, diz elle referindo-se ao leve esboço dos fins e constituição do jesuitismo; pegâmos sómente na base fundamental da ordem, e com ella sustentâmos que a instrucção nacional durante a dominação da Companhia de Jesus foi impregnada de um triste principio: a escravidão do pensamento, a sujeição da intelligencia.....

«Quem havia de suspeitar que o primeiro golpe no monopolio do ensino jesuita havia de ser descarregado pelas mãos do edificador de Mafra?

.....

«Ao pé do ensino dos jesuitas vem collocar-se outra fonte de instrucção protegida pelo rei: foi a congregação do oratorio, para a qual D. João v fundou o hospicio das Necessidades, que mandou considerar como o collegio principal do ensino público.

.....

«O ensino jesuitico viu no seu mar bonançoso de dois seculos rolar uma onda, que borrifou os pés do rochedo inexpugnavel. O olhar penetrante divisou que no rôlo innocente d'aquella onda se podia esconder uma tempestade.

«Vimos que a Companhia absorvia a instrucção superior, a secundaria e a primaria—educação nacional. Corria assim a historia da instrucção portugueza quando appareceu o marquez de Pombal.»

Considerando em outro capitulo a administração d'este estadista sem rival, diz:

«A administração do marquez de Pombal teve um caracter especialmente seu: foi a liberdade escrava, e o absolutismo livre. Abatendo o privilegio da classe elevada, o marquez libertou o povo; levantando as classes médias, como elemento politico e economico, sobre as columnas abaladas do poder ecclesiastico e da fidalguia. Se no paço era mais do que o rei, na rua veiu elle proprio abrir o botequim popular para generalisar a convivencia commum.

.....

«Tirada aos jesuitas a direcção do ensino público, a instituição immortal de 6 de novembro de 1772 organisou a instrucção primaria, sanccionando principios verdadeiramente liberaes. A instrucção popular nasceu n'aquelle dia.

«Para se poder avaliar a instituição, conheçâmos os pontos fundamentaes d'ella. Foram: a creação da mesa censoria, o concurso, o estabelecimento do ensino popular, a

instituição de uma eschola em cada centro local, a inspecção, a dotação do ensino e o principio educativo.»

Ha bastante que colher e meditar n'este excellente livro, seu author analysa e esplana tão variada materia, embellezando-a com arte para que sua leitura prenda aos que sabem poupar suas horas de estudo; pois que ahi encontrarão não só deleite, senão tambem muita coisa preciosa para enthesoirar em si.

V

Mostra-se o talento do sr. D. Antonio da Costa sob outro prisma na poetica narrativa dos feitos gloriosos e da vida singela de um mancebo que fulgiu breves momentos na radiosa constellação dos illustres filhos d'este pequeno reino, e no meio d'essa familia privilegiada pela aristocracia do genio da poesia e do amor de saber.

O prematuro e desgraçado passamento de José de Castilho, filho do illustrado e bem conhecido conselheiro, o ex.^{mo} sr. José Feliciano de Castilho, que ha annos nos honra com a sua presença e hospedagem não menos prestadia, quão preesclarecida, foi ensejo para o sr. D. Antonio da Costa escrever mais um precioso volume—*José de Castilho, o heroe do Mondego*. É uma corôa de goivos e saudades que offerece á inconsolavel e afflicta mãe do infeliz mancebo, é uma gratissima homenagem que todos os corações sensiveis lerão com o melancolico prazer que deixam phrases orvalhadas pelas sinceras lagrimas de quem sabe escrevel-as com o verdadeiro sentimento de profunda dôr.

Especialiso os capitulos em que o author narra o naufragio do brigue *Mondego* com todas as suas terriveis e

commoventes peripecias; já os innocentes e puros amores de dois adolescentes que tinham a alma ainda pura e toda povoada de illusões, como soe acontecer quando se manifesta essa paixão em corações inexperientes e singelos. É o livro todo elle um seguido idylio de que o titulo não desmente. Eis ahi incentivos que convidariam á sua leitura, se outras excellencias não viessem encarecer o valor d'este livro.

N'essa despretenciosa narrativa escripta com os sentimentos que inspiram o infortunio e a perda de uma nobre existencia cortada em flôr, quando já denunciava nas premicias de sua risonha primavera um vigoroso talento, alliado a um animo audaz e patriotico, ha muitos encantos que seduzem os leitores. Começa o retrato do heroe desde o berço e só o conclue quando a sepultura o esconde para todo o sempre. Vae o author surprehendel-o nos jogos infantis, n'esse mutuar innocente de carinhos e affectos no ninho materno, depois nos estudos e a bordo do brigue, em seus primeiros e vagos amores, na bravura intemerata com que affronta os perigos e arrisca por mais de uma vez a propria vida para salvar as dos seus similhantes, e por último no terrivel combate entre a vida e a morte, e de que esta saiu por derradeiro vencedora, arrebatando-o tão cedo á desolada familia, á patria e aos amigos.

Stabat-mater é o capitulo com que fecha o author esta breve e tocante biographia: — é a volta da consternada mãe a Lisboa. Levára o filho á ilha da Madeira com a esperança de procurar-lhe n'aquelle bemfazejo clima alentos que lhe prolongassem por mais algum tempo os enfermiços dias; porém a morte ahi o foi colher, e, desapiedada, arrancou-o dos braços de quem tanto o amava!...

VI

Tres mundos é o titulo da obra mais recente do sr. D. Antonio da Costa. Resenha eloquente e imaginosa de tres grandes epochas da historia da humanidade, percorre o author com aquelle espirito liberal, educado no profundo estudo das lettras, os mais memoraveis incidentes d'essas eras, mostrando muita erudição sem a ostentação pesada dos eruditos e pedantes, e revelando ao mesmo tempo que continúa na nobre missão que se tem imposto. Abre o livro inventariando as grandezas e miserias do imperio romano. Roma debatendo-se «em seu leito de perolas», como eloquentemente diz o author, vae descendo de despenho em despenho até o fundo do abysmo. Segue-a passo a passo e a observa nas thermas, nos festins explendidos ou voluptuosos, nas leituras públicas, nas luctas dos partidos, na sua litteratura. Esse mundo fulgurante, em cujas veias a riqueza e o luxo acarretavam com a corrupção a gangrena moral, esphacelava-se em pedaços, quando do extremo norte emergem hordas de barbaros que em tropel o accommettem e desmembram entre si. Similhante ao cauterio que queima e calcina as podridões de profundas ulceras, assim operou a invasão dos barbaros essa transformação, que propiciou a missão do christianismo. Esses povos, selvagens e ferozes, mas puros em seus costumes, foram auxiliares poderosos da diffusão e facil acolhimento da doutrina de Christo. Interposto assim a estes dois mundos o christianismo com suas leis de amor e de perdão, foi o balsamo regenerador que cicatrisou com a fraternidade e equidade tantas feridas que ainda sangravam. «O mundo christão, medianeiro da paz, deu, como diz o au-

thor, uma das mãos ao passado, a outra ao futuro, e, como em naufragio em que duas esquadras inimigas se mettem a pique, foi a seu bordo recolhendo de ambos tudo quanto se podia aproveitar de vida e de fôrça. Assim deve ser considerada a acção moral e civilisadora do christianismo na recomposição da nova sociedade.» (Pag. 342.)

São estas as theses escolhidas por este apostolo do progresso e da civilisação por meio da moral religiosa e do derramamento das luzes até ás infimas camadas sociaes.

Reconhece-se n'esta obra que o engenho do sr. D. Antonio da Costa progride e robustece-se com o trabalho — *vires acquiret eundo*. Cada nova obra d'este insigne escriptor é valioso documento do largo estadio vencido por elle no estudo, na meditação, na observação e na arte de escrever. Sempre rejuvenescido, não se lhe descobre o mais leve indicio de cançasso, antes novas e mais grandiosas idéas illuminam-lhe os escriptos, que são uma gloria para si e para a patria, a quem tanto estremece e esforça-se por erguer do abatimento em que jaz prostrada.

Suas descripções teem tanta vida e animação que por vezes esquece-se a gente que está lendo e imagina-se transportado áquellas eras, e vê passar por djante de si as figuras sympathicas de Plinio, de Virgilio e de Horacio, ou sente o coração oppresso quando acerta com a vista em Nero, em Caligula, em Atila ou n'outros flagellos da humanidade. O espectaculo das leituras públicas, das luctas dos gladiadores entre si, ou dos christãos com as feras, uma sessão do senado romano, a apreciação das lettras, das artes e dos caracteres são traçados pelo author com vigor e muita mestria, demonstrando um criterio, um bom gosto e bom senso litterarios discretos, dotes que recommendam este notavel trabalho.

N'essas encantadoras paginas em que elle faz a synthese de factos tão extraordinarios e animados, encerra em

cada breve periodo de seu estylo conciso uma idéa, uma imagem, uma comparação feliz. Assim, não ha que esperdiçar uma phrase sequer do que vae da pagina 81 a 91, onde são retratadas, não raro em duas palavras, as summidades litterarias e artisticas d'aquelles tempos, sobretudo quando pinta uma leitura pública feita por Plinio, em que se apresenta a mulher, a despeito de doente, e descobre-se, a final, o imperador Trajano, que honrava ás occultas esse espectaculo com sua augusta presença. (Pag. 104.) A historia romana de Tito Livio é «a patria dentro de um livro», Tacito «o despota do estylo», e seus *Annaes* «a cicuta em taça de oiro». A vassallagem que a poesia prestava a Augusto resume-a elle n'esta bella figura: «A musa latina caía aos pés do throno algemada de perolas.»

Depois de analysar como á fugida a litteratura latina e de enumerar os meios de que servia-se o imperio para desenvolvel-a, conclue: «Essa influencia abrangeu o circulo todo. As obras dos poetas e prosadores, a academia e as palestras no paço, os saraus das classes ricas, as recitações nos festins, as bibliothecas, os theatros com as suas representações comicas e mimicas, a leitura facilitada pelas officinas e pela industria dos editores, os jornaes, as leituras nos palcos e estabelecimentos públicos, os discursos nas praças formavam, finalmente, um complexo de educação e instrucção (apropriado ao tempo) de que saíam proclamados o despotismo, o esquecimento das idéas livres, a descrença, a lascivia, a quebra dos principios tradiccionaes em que se baseára a grande nação — a immoralidade, a miseria, o luxo, cada um d'aquelles elementos para cada uma das classes, e a reunião de todos para o corpo social.» (Pag. 114.)

A republica, fortalecida na crença, é posta frente a frente com o imperio materialista: «A republica, erguendo a cabeça para os deuses, foi o sol que resurgia; o imperio,

curvando-se na presença da materia, o astro que se eclipsava.» (Pag. 194.)

Excede a este o seguinte pensamento: «.....quando o ideal christão disse á fraternidade humana — ergue-te — disse-o ao trabalho, ás industrias, á vida social nos seus variados ramos, e o escravo, levantando-se, levantou o mundo comsigo.» (Pag. 242.)

O luxo, os costumes dissolutos e a degradação do povo romano no tempo do imperio são esboçados com admiravel primor: «Progredindo o reinado dos costumes lascivos e da corrupção geral em que ia gradualmente apodrecendo aquelle povo, cada vez mais saciado e cada vez mais insaciavel, confundiam-se as nacionalidades e classes.» (Pag. 163.)

Não desmerecem d'aquelles o seguinte trecho: « Aquelle sangue (o dos christãos) espargido ali, era o da fraternidade humana baptisando o progresso.» (Pag. 191.)

Vejamos agora o aspecto terrivel de Atila: «Quem ao ver aquelle homem, de côr bronzeada, cabeça grossissima, olhos pequenos, nariz achatado, um todo repugnante, diria que o mundo devia de ser preza d'elle? Pois tal o presentiria quem visse rolar n'aquellas orbitas ardentes o olhar penetrante do genio, no aprumado d'aquelle corpo a expressão do orgulho, e na largueza d'aquelle craneo a ambição de dominar primeiramente o mundo barbaro, para depois dominar o mundo romano. Atila, o typo do barbaro, era sonhador de imperios.» (Pag. 276.)

Não terminarei esta incompleta noticia sem transcrever o idylio da fraternidade, tão poetico e suave como os de Gesner:

«Era no arrabalde de uma das nossas povoações mais florescentes. A atmosphera estava tepida; ia-se pôr o sol. Por entre o arvoredo de espaçosa varzea uma ninhada immensa de avesinhas pipillava docemente como quem aguar-

dava; tão parecido com a esperança era o seu pipillar! Passado tempo, de um campo extensissimo, dividido por silvados e arbustos, vem uma nuvem de passaros chilreando. Ao verem chegar os paes, as avesinhas batem as azas de contentes. Ali gorgearam, grandes e pequenas. De repente, como que depois do festejo, levanta todo aquelle mundo, voando na direcção da seara, indo na frente uma tribu dos paes, no centro os filhos, e, por último, o resto das grandes. Uma das pequenas não pôde encher o vôo, canga, cae. Destacam então da rectaguarda duas aves, descem á terra, com os bicos pegam na pobre fatigada pelas azas, e de novo elevando o vôo juntam-se á turbamulta, que, parecendo commentar o caso, continúa a viagem aerea, deixando ali um exemplo d'entre milhões de exemplos despercebidos, que no decorrer dos seculos ainda mais demonstrariam a sublime harmonia da natureza.» (Pag. 307.)

Ao passo que patenteia n'este excellente trabalho litterario muita cultura substanciosa, põe á vista do leitor quadros magnificos ou traz uma reflexão, um conceito, um epigramma ou remoque adequado á actualidade para ensino ou escarmento dos seus conterraneos. É assim que se evangelisa um povo, offerecendo-lhe ao espirito leitura que convide pelo estylo e poesia, instruindo e aconselhando com preceitos e exemplos.

O sr. D. Antonio da Costa na altura a que já attingiu entre os mais litteratos portuguezes, aventurou-se com bons direitos a enriquecer tambem a lingua, introduzindo n'ella termos novos e apropriados como: — cleopatrisar, romanisar, — que por sua legitima paternidade devem de ser perfilhados e tirar carta de nacionalidade.

Notarão por ventura que não faço n'este estudo outra coisa mais do que mostrar o que ha de bom. Sou o primeiro a reconhecer que me fallecem qualidades para critico tal como o entendo; mas n'este trabalho não tive tam-

bem em mira senão manifestar a admiração que tributo ao author, em cujas idéas commungo por serem as de um liberal convicto e de um sincero christão. Como elle, creio na perfectibilidade do homem pela civilisação e pelo progresso, cujas bases teem seu fundamento nos Evangelhos, como foram prégados por Christo e por seus discipulos, que não no catholicismo dos jesuitas e de quantos reaccionarios folgam com as doutrinas dos *Syllabus*—d'essa negação de toda a liberdade.

No entretanto taxa-o de *fatalista* o sr. Luiz Garrido em uma avaliação que faz dos *Tres mundos* no 1.º número da nova serie do *Instituto* de Coimbra, e ainda insiste n'essa qualificação na polemica que se travou a proposito d'ella no *Jornal da Noite* [1] entre elle e o sr. Candido de Figueiredo.

Maravilha a insistencia da impugnação só porque o sr. D. Antonio da Costa fundando-se nas leis rigorosas da philosophia historica, admitte que a republica romana caiu, alluida pelos vicios e abusos que a arruinavam e não vencida pela espada do Cesar, como se o poder de um homem baste para fazer desapparecer uma instituição, quando constitua a vida e os sentimentos de um povo. Sou pela opinião do sr. D. Antonio da Costa e nem descubro em seus escriptos preferencias exclusivas pelas escholas que se disputam no terreno da sciencia historica; antes com mui sensata critica, permanece em um meio termo, esforçando-se sempre por acertar com a verdade, apoiado nas idéas de liberdade que seu espirito prefere e se manifestam em suas concepções.

Antes de concluir, vem de molde um protesto que a minha condição de brasileiro me está pedindo. Se na pagina 237 (capitulo VII) não adduzisse o author, entre sinceros

[1] Vejam-se os n.ºs 822, 830, 831, 842, 848, 855 e 862 do *Jornal da Noite* d'este anno (1873).

louvores á minha patria, um facto que depõe contra o nosso caracter e indole não teria que reparar em nenhuma das proposições d'este livro tão copioso em boas idéas e conhecimentos; mas já que toquei n'este ponto cabe-me aqui protestar a favor do proceder bondoso e caritativo dos brasileiros para com os escravos.

São excepções tão notadas e espurias esses senhores que «recommendam aos que tomam seus escravos de aluguer que lhes não concedam cama boa para os não acostumarem mal, e do reddito que lhes ganham os miseros nem um ceitil lhes repartem», que com toda a verdade declaro que nunca chegou ao meu conhecimento taes factos. Quer nas provincias que visitei, quer no Rio de Janeiro, onde residi seis annos ou na minha provincia natal, sei de senhores perversos; que o coração humano é por infelicidade propenso ao mal. Estou por isso persuadido que a pessoa que informou ao sr. D. Antonio da Costa do facto por elle relatado, não faltasse á verdade, mas a exaggerasse, generalisando-o. Contraponho, porém, a elle para resgatal-o milhares de exemplos de senhores que tractam seus escravos com tanta brandura e paternal carinho que edifica a quantos o presenceiam.

Em dezeseis annos de clinica tive muitas e muitas occasiões de admirar a incansavel e disvelada caridade com que algumas senhoras sacrificavam até suas noites á cabeceira de seus escravos accommettidos de enfermidades graves. Em geral marcam os brasileiros um salario razoavel a seus escravos sem lhes exigirem as sobras, nem o que grangeiam nas sestas e dias feriados. Dão-lhes tambem boa e farta nutrição, roupa, medico e tractamento prescripto por este. Dois sizudos escriptores estrangeiros confirmam estas asserções, Emilio Adet em um artigo da *Revue des deux mondes* de 1851, e M. Carlos Reybaud na sua obra *Le Brésil*, declarando este: «*qu'en aucun pays*

d'esclavage on n'est aussi doux que dans l'empire sud-américain».

A prova mais concludente da nossa indole branda e bom caracter está na maneira por que recebemos a promulgação da lei de 28 de setembro de 1871. Em quanto que nos Estados Unidos, n'esse paiz tão livre e tão adiantado em civilisação, pelejaram guerra sanguinolenta e exterminadora de cinco annos porfiados para imporem os nortistas aos do sul a abolição da escravatura, nós acolhemos por toda a parte — nas cidades como nos bravios sertões — com festas e contentamento a idéa de libertarmos os escravos, e cobrimos nossos legisladores de corôas e acclamações quando sairam do parlamento depois de decretarem que no Brasil seriam desde aquella dacta livres todos os nascituros que vissem a luz do dia em qualquer ponto da vastidão do nosso imperio. E a lei vae sendo fielmente executada. É que tambem essa idéa de muito popularisada e bem acolhida pela nação, já se ia manifestando nas constantes e numerosas manumissões, quer para solemnisarem os grandes actos festivos ou tristes da familia de possuidores de escravos, quer em massa e nas disposições testamentarias de alguns. Instigavam e auxiliavam essas humanitarias tendencias as associações manumissoras que se fundavam aqui e ali, os beneficios em theatros, e por meio de concertos, as subscripções, etc. Não ficavam só ahi as disposições dos brasileiros, senão que, quando as alforrias recaiam em crianças, ficavam e ficam ainda hoje estas em casa e sob a protecção de seus antigos senhores, que as alimentam, vestem e educam, fazendo aprender a alguns primeiras lettras, e a todos artes mechanicas ou officios que os habilitem depois a procurar por si sua subsistencia. É isto habitual antes mesmo da lei do *ventre livre*.

Em outro ponto distanciâmos vantajosamente dos americanos do norte — na distincção odiosa entre brancos e

homens de côr que elles levam a excesso, procurando entorpecer-lhes as mais justas aspirações, excluindo-os de certos empregos e de tomarem parte egual em recreios e gosos, vedando-lhes o ingresso em certos cafés e divisões dos espectaculos publicos. Nós, pelo contrario, nivelâmos os homens de côr a nós em todas as carreiras e actos da vida pública. Quem tem talento e probidade, desde o brasileiro de sangue misturado em quarta ou terceira geração até o de côr negra e retinta, póde applicar-se a qualquer genero de vida, certo de que se o ajudar sua boa estrella, chegará ao fastigio do poder ou da gloria; porque vê sentados na cadeira do professorado superior, na do parlamento, no conselho dos ministros, na alta magistratura, em elevadas posições do funccionalismo homens cujos traços physionomicos, tez e cabellos indicam assaz sua origem mais ou menos proxima da raça africana.

Logo que recebi o volume dos *Tres mundos* com que brindou-me a nimia bondade e delicadeza do sr. D. Antonio da Costa, escrevi-lhe n'este sentido uma carta a que dignou-se de responder-me em termos mui satisfatorios. [1]

Vá tão modesto e laborioso escriptor aproveitando tão utilmente seus ocios no estudo e resolução dos mais transcendentes problemas sociaes e na cogitação das questões que lhes são relativas, que assim contribue seguramente com valioso tributo para a litteratura do seu paiz em um genero pouco cultivado; posto que muitissimo aprazivel e fecundissimo em bons resultados.

Hade elle por certo continuar no benefico estadio que trilha com tanta segurança, demonstando nas successivas

[1] Vae a carta na nota F, no fim d'esta obra.

producções que não adoece da descrença ou da ambição politica que predominam com intensidade em todas as classes da sociedade portugueza.

Não procureis, todavia, n'esses escriptos as pompas asiaticas d'esses arabescos de estylo, nem essas phrases ôcas e sonoras que pela musica suave adormentam o espirito com o encanto de suas notas sem deixarem de si uma lição, uma idéa sequer: — vistas deslumbradoras de um kaleidoscopio artificioso que maravilham um instante e desvanecem-se rapidas, sem que fique d'ellas a mais tenue impressão. Não achareis n'elles, repito, esses artificios de que outros abundam, fazendo consistir n'isso o seu merito litterario. O sr. D. Antonio da Costa dispensa encobrir a pobreza de idéas e de conhecimentos nos adornos e arrebiques de phraseado superabundante; antes, pelo contrario, na sobriedade discreta das palavras, no singelo floreado do seu dizer transparecem suas doutrinas e os preceitos que deseja calar na opinião pública. Similham ás bellezas de uma paizagem risonha e animada pelos esplendores da natureza, vistos através de diaphanos e limpidos crystaes.

Não se diga que entre tanto brilho não haja máculas: — os mesmos pensamentos, as mesmas imagens e phrases encontram-se em mais de um logar, uma ou outra construcção, como esta por exemplo: «Oiro sem conta para luxo sem limite, o deus da moda.» (*Tres mundos* — pag. 54); mas são ellas tão levissimas e acham-se sobradamente remidas com tantas bellezas e coisas boas, com a elegancia e energia de seu estylo correcto, com a pureza da dicção, que tornavam-se necessarios esses escuros para que se destacassem os contornos e a luz, e betassem bem as côres de seus acabados quadros. Quanto a mim, os considero apenas como as sombras que dão relêvo e limitam o colorido vigoroso e inspirado de tão habil pincel.

Para aquelles que estão saciados de leituras futeis, para aquelles que fazem consistir todo o seu peculio litterario e passatempo n'esses romances inverosimeis e de moralidade mais que suspeita, como os de Ponson du Terrail, de Faydeau, de P. Zaconne, etc., e d'onde colhem só erros perigosos, indico-lhes este contra-veneno, que sobre ser salutar triaga, hade-os distrahir, deixando-lhes enceleiradas na memoria muitas coisas que ignoravam, muitas verdades, muito ensinamento proficuo, e sãos principios. Serão sementes lançadas, como que a descuido, no campo intellectual, para um dia germinarem, fructeando senão ricas messes, ao menos produzindo algumas flores viçosas, que lhes hãode esmaltar a imaginação.

Lisboa, 25 de julho de 1873.

IMPRESSÕES
DE
UM SERÃO LITTERARIO[1]

Ainda todo alvoroçado e tomado de ineffavel contentamento, não sei como começar esta e coordenar as idéas que me acodem de roldão e ainda sob as diversas e gratas impressões que desde hontem á noite embalam-me docemente o espirito!

Correspondendo a um amavel bilhete do sr. visconde de Castilho, em que convidava-me a comparecer á sua casa pelas sete horas da noite de segunda feira, 30 do corrente, para assistir á leitura que seu filho, o sr. Julio de Castilho, ia fazer do seu drama *Ignez de Castro*, fui dos primeiros a chegar; que a festas da intelligencia sou punctual. Acrescia mais, que era a esta aguilhoado pela curiosidade, e dizia de mim para mim: pois ha alguem que se lembre ainda de escrever sobre assumpto tantas vezes explorado? E foi completamente satisfeita esta, e as horas escoaram-se-me ligeiras ao ouvir essa leitura, sem que fosse despertado do enlevo em que tivera a alma embevecida, ou sentisse fadiga em tanto tempo de attenção. Vou,

[1] Esta carta, escripta ao sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, saiu em um dos n.os do *Paiz*, de que é redactor.

pois, tentar descrever-lhe desordenadamente as recordações que me deixou esse espectaculo, se der-me tempo para isso o vapor *Paraense*, que está de partida.

Mora hoje o cantor da *Primavera* e dos *Ciumes do Bardo* ao Rato, em um logar entre cidade e campo. Desde o fallecimento da estremecida esposa, que lhe foi companheira por mais de trinta annos, que os filhos e amigos lhe não consentiram ficasse n'aquella sua querida Tibur, que lhe rememorava tão ao vivo a acariciadora presença de sua amantissima e sancta esposa.

Já encontrei no salão, á espera de seus convivas, aquelle venerando e cortez ancião, cujo fervor ao trabalho e frescura de idéas fazem esquecer por momentos os vestigios de senilidade que os annos e o recente infortunio lhe vão imprimindo no corpo, que ainda assim recusa avergar-se a tanto peso.

E quem ha que não admire e louve esse infatigavel lidador a quem os setenta e dois annos ainda lhe não fizeram abandonar os instrumentos de suas glorias? Se hoje as paixões e devaneios da mocidade lhe não sorriem e enfloram a lyra, nem lhe povoam a imaginação de doces ficções e paixões amorosas, presta elle não menos relevantissimos serviços ás boas lettras, affeiçoando á portugueza, sem perderem as virtudes e sabor dos originaes, as obras primas de Ovidio, de Anacreonte e de Virgilio, o *Fausto*, de Goethe, e as principaes comedias de Molière.

Eil-o solícito a afagar todos os seus convivas, tendo um dicto benevolo para cada um e acolhendo-os com um sorriso que lhe occultava as tristezas que lhe moravam dentro.

A pouco e pouco foram acudindo os intimos do principe dos poetas portuguezes, e em breve estava completa a sua côrte, faltando apenas o conselheiro Mendes Leal, por doente, o nosso consul Porto-Alegre e Pinheiro Chagas, por au-

sentes em Madrid, onde foram á exposição das bellas-artes. Viam-se ahi congregados, entre outros, Bulhão Pato, D. Antonio da Costa, Julio Cesar Machado, Silva Tullio, Teixeira de Vasconcellos, Ernesto Biester e diversos parentes do poeta, tão bem sorteados nos talentos quanto unidos na amizade, e a final Antonio Pereira da Cunha, um dos poucos representantes d'aquelles gloriosos tempos de Coimbra em que floresceram Gonçalves Dias, Serpa Pimentel, Couto Monteiro, Xavier Cordeiro, Teixeira de Vasconcellos, João de Lemos, etc.

Antes de começar o serão teve o illustre visconde a demasiada delicadeza de convidar-me a que me assentasse junto a si no sophá em que estava. Rolou então a conversação sobre os homens eminentes e as coisas mais momentosas do Brasil, vindo a cair rapidamente, como era muito natural, na magna questão que ora commove e electrisa os corações verdadeiramente liberaes — a abolição da escravatura.

O thema era sobreposse attrahente e enfeitiçava o poeta humanitario. Com effeito, elle que se insurge contra toda a especie de oppressão e que libertou a infancia do despotismo do mestre, e quer a eschola e o ensino um passatempo recreativo e carinhoso, que derrame luz suave e illumine gradualmente os mais obtusos entendimentos, estava no seu elemento, e cheio de enthusiasmo repetia-me, pouco mais ou menos: «Sua patria acaba de dar ao mundo um dos mais brilhantes espectaculos e um dos mais sublimes exemplos de verdadeira civilisação. Cerrando heroicamente os ouvidos aos clamores de seculares preoccupações, atirou com um sôpro para o abysmo do passado, n'uma hora bemdita, como aquella em que Deus proferiu — *Faça-se a luz* — os grilhões com que os filhos da raça africana definhavam sobre uma terra amoravel, que dá tudo, e sob um ceu que ri sempre, unicos con-

demnados, entre um povo bondoso e livre, a peior enfermidade do que suar e padecer de contínuo — ao tormento de se não reproduzir, senão attestar pelos seculos fóra, miseria e escravidão aos filhos precitos de seus amores!»

Fomos, porém, interrompidos n'esse colloquio, tão delicioso a ouvidos brasileiros: davam oito horas, e por isso passámo-nos todos ao gabinete de trabalho do poeta. Era um vasto salão sem outros adornos mais do que estantes pejadas de livros e brochuras, e cobrindo quasi que literalmente as paredes desde o pavimento. Ali, defronte de uma mesa que se estendia de uma a outra extremidade d'esse aposento, eramos todos ouvidos, dominados de curiosa anciedade.

No primeiro renque de cadeiras sentavam-se a cunhada, a nora, as sobrinhas e as filhas do visconde de Castilho: eram espectadoras que vinham realçar o quadro por sua gentileza e esmerado cultivo da intelligencia. No centro estava o pae do heroe do serão, e os demais convivas promiscuamente espalhados, sentando-me eu perto do nosso ministro, o conselheiro Lisboa (hoje barão de Japorá) que ahi representava condignamente o imperio. No topo e centro da mesa, defronte do juiz severo, e mais competente que nós outros, apparecia a figura sympathica e modesta de Julio Castilho, mancebo de seus trinta annos, de estatura regular, rosto cheio, tez morena, olhos brilhantes e meigos. Era o reu d'este pleito litterario, que ia ser decidido por tão intimo tribunal.

Abre o caderno que tinha ante si e começa com voz tremula e commovida a leitura: — *Ignez de Castro*, drama em cinco actos. É a sua primeira obra de pulso e tomo. Cumpria pôl-a sob a egide de um anjo tutelar; dedicou-a, portanto, á memoria de sua adorada e virtuosa mãe. Tributo por certo mui digno de tão puro culto, e bastante para inspirar a benemerencia dos ouvintes, se a obra não

tivesse meritos muito mais subidos que motivassem nossos applausos.

Um assumpto tantas vezes aproveitado e repisado á saciedade na scena e fóra d'ella, com melhor ou peior fortuna, desde o inimitavel episodio dos immortaes *Lusiadas* até ás tragedias classicas de Antonio Ferreira e de Quita, e os versos, retumbantes da *Nova Castro*, de João Baptista Gomes, é ousadia grande vir com ellè de novo a terreiro, sem temer-se de confrontos e arrostando difficuldades sem conta! Só muito engenho e confiança em seus recursos, como os tem o author, o fariam abalançar-se e arcar resoluto com elles. Mas com os eloquentes documentos que produziu, foi além de uma defeza: saíu vencedor, provando que podia medir-se com empreza tamanha e tão arrojada.

Se o assumpto está gasto e por demais' conhecido, soube-o elle rejuvenescer e dar-lhe novas feições e outro colorido com sua intelligente palheta. Tudo ahi são estranhezas e novidades; e comtudo não discrepou um apice da verdade historica, e com essa luz por guia, seguiu passo a passo n'esse escabroso caminho, as tradições e as chronicas, conformando-se religiosamente á epocha nos typos, no trajo, nos moveis, e de alguma maneira na linguagem e até em muitas das idéas; aproveitando com raro talento e bom senso as circumstancias e factos que podiam favorecel-o ao architectar drama tão monumental.

Precede a cada acto um trecho do bellissimo episodio dos *Lusiadas*, servindo de argumento e thema para n'esses limites desenvolver o entrecho de tão feliz concepção. Lapidario illuminado pela arte, faceia esse brilhante com amor e intelligencia, dá-lhe mil fórmas, e tira de cada prisma todo o proveito que póde para que irradie em variadissimos cambiantes brilho e côres que seduzam e deslumbrem.

Logo na primeira scena do drama põe elle o espectador

ao corrente dos costumes e do modo de encarar as coisas n'aquelles tempos: são os cortezãos e as damas da rainha a descretearem na recamara do paço real e a ajuizarem do que occorria. Já ahi ha passagens dignas de reparo, bem como em todos os cinco gentilissimos actos, onde os versos harmoniosos, cadentes e tão naturaes e energicos luctam competencia com o entrecho sem artificios e inverosimilhanças, com os typos bem desenhados e correctos, com a estructura da phrase, com o modo de dizer, tudo vasado em molde perfeito e bem acabado, e como se fosse concebido no tempo do vencedor de Salado. O que ainda torna mais apreciaveis estes raros predicados é porque não ha nelles affectação ou indicio de que o poeta tivesse posto em contribuição o *Elucidario* de Viterbo, ou enxertasse termos obsoletos. Não ha mister para entendel-os recorrer a glosas ou commentarios. Este estylo, tão natural e exornado, faz lembrar a canção do Jau do drama *Camões* e as inimitaveis *Sextilhas de fr. Antão* do nosso Gonçalves Dias.

N'este drama, como já lhe disse, tudo afasta-se da estrada batida. As situações são outras, os caracteres taes como os descreveram os chronistas e os adivinhou o author. D. Pedro, mancebo enamorado, não é ainda o rei cru e justiceiro, cujo coração magoado anceia pela vingança e guarda rancor aos desapiedados assassinos da linda Ignez; mas, todo entregue aos folguedos proprios da edade e do seu temperamento, não pensa senão em seus amores, em caçadas e folias. D. Affonso IV, guerreiro prudente e rei cioso de seus direitos e prerogativas, só cura do lustre de seu throno e da prosperidade de seu povo, e por elles sacrifica seus affectos e todas as considerações humanas.

D. Ignez, ardente em suas paixões, como em quem girava sangue castelhano, não põe limites a seu amor, e sem calculos nem cuidados, dedica-se inteira a elle. É um

bello typo de mulher aquella nobre creatura. Pero Coelho é o refalsado conselheiro, o intrigante astucioso e perfido que de tudo lança mão para seus fins insidiosos; Diogo Lopes Pacheco não lhe é inferior, sobrepujando a ambos seu cumplice Alvaro Gonçalves. Se torcemos a vista d'esses typos ainda que repelentes—verdadeiros, descança ella com satisfação na figura nobre e leal do velho Almada, fiel e dedicado confidente dos amores do infante. Sustenta elle em todo o drama o seu caracter de varão honrado e previdente, que, sem lisongeal-o, sabe mostrar-se amigo do que lhe é superior. A rainha D. Brites, que estremece o filho, que o ampara e resguarda com aquelle amor sereno e illimitado de mãe, sem temer o desagrado do rei defende o infante e se desvela por sua sorte a ponto de proteger seus amores. Consegue á fôrça de rogativas, de razões e de blandicias, dobrar o inflexivel esposo e obter d'elle o perdão da desditosa Ignez. Está essa figura burilada com muito mimo e dignidade, e só parece que foi copiada do natural; que tinha o poeta na casa paterna modêlo bem acabado para isso.

Dos tres assassinos da linda Ignez, do *collo de garça*, fez o author instrumentos vendidos ao oiro de Hespanha, intrigando e influindo no espirito do rei e do povo ao sabor dos intentos da politica do reino visinho e rival. Acoita Diogo Lopes Pacheco, além d'isso, amor sensual e sem esperança a D. Ignez de Castro. Retalha-lhe o peito a furia do ciume, e já que não póde um dia pertencer-lhe a esposa de seu principe, quer ao menos afogar sua fatal paixão em sangue e cortar essa existencia, cuja felicidade era-lhe incessante tormento.

N'esta composição tão diversa das outras que se occupam d'esse lastimoso e tragico successo, D. Affonso IV, depois de ouvido seu conselho, que obedece cegamente ás inspirações dos tres intrigantes, resolve acabar de uma vez

com taes amores, que julga prejudiciaes á sua dynastía, mas cede de tão funesto proposito ás instancias de D. Brites, e mais do que a ellas, ás supplicas de Ignez, que toda debulhada em prantos apresenta-lhe os innocentes netos. Á vista d'elles hesita o duro monarcha; porém, ruge fóra o marulho popular, agitado adrede por D. Pero Coelho e Pacheco. Ignorando o infante namorado a borrasca que pairava sobre sua cabeça, lá se vae prear caças no Bussaco. Aproveita-se o tredo algoz da sua ausencia para introduzir-se na alcova de D. Ignez. Insta com a victima para que lhe satisfaça a paixão; ameaça-a, e quando vê de todo frustrados seus lascivos propositos, prepara-se para assassinal-a. Desolada e espavorida, a coitada e infeliz donzella chamava embalde por seu Pedro, e só lhe respondiam, cada vez mais fracos, os longiquos sons da bozina de caça do infante, até de todo perderem-se. Foi então consummado o nefando crime! Scena magestosa e commovedora é essa, e digna de pôr fecho a obra tão excellente.

Estes cinco actos que todos nós escutámos enlevados, eram só interrompidos, para servirem-se no fim de cada um d'elles refrescos ou chá, ou para dar descanço ao leitor, que n'esses intervallos fugia logo da sala e ia esconder-se no mais retirado gabinete da casa, evitando assim louvores merecidos que partiam do auditorio. Se alguns mais familiares iam no seu encalço, docil e agradecido ouvia-o attento, acatando complacente todos os reparos e observações que lhe faziam.

À medida que ia o mancebo lendo e animando-se aos bravos comprimidos que de toda a parte acudiam a cada conceito e belleza da tragedia, que n'elles abunda, illuminava-se a physionomia do venerando pae, expandindo-se-lhe por toda ella visiveis signaes de approvação e de extrema satisfação. Foi-lhe, por certo, balsamo consolador essa noite de triumpho para o filho querido, e confirma-

ção d'essas bem concebidas esperanças que lhe mitigam as tristezas do negrume perenne de seus olhos e das acerbas dores de tantos infortunios que o teem pungido!

Quizera-o, meu amigo, aqui, ao pé de mim, para palestrearmos e discutirmos ao esmerilhar e considerar este trabalho por todos os seus lados, afinando no crysol de sua critica todo o oiro de lei, que n'elle o ha, e muito; se bem que não seja isento de seus peccadinhos veniaes, como algumas scenas por demais extensas; porém, isso não desfeia quadro tão magnifico, e cujo effeito só poderá ser avaliado em scena, para então resumil-as o author.

Pelo pouco e mal que aqui deixo exposto, já deve comprehender que este drama sae muito fóra dos moldes communs das composições hodiernas, que sublimando os vicios de mistura com as virtudes, lisongeando as paixões do vulgo, electrisam os espectadores, ao passo que lhes envenenam o moral, commovendo-os com peripecias impossiveis que servem só para os atordoarem e fascinarem. Nem é tão pouco d'essas tragedias esculpturaes de Eschylo, frias como o marmore, antes conhece-se n'ella que o author, familiar ás lições e aos raptos de Shakspeare, vasou, comtudo, sua sublime concepção nos moldes de Schiller. E quem não hade applaudir toda essa urdidura bem tramada; a scena do primeiro acto, quando D. Pedro em rapidos e enthusiasticos traços descreve uma caçada; ou quando D. Brites, n'outra scena e acto explica ao filho o que é o povo? Que me dirão dos delicados e apaixonados dialogos de D. Ignez e de seu infante, ou das sentenciosas e graves palavras da rainha, quando discute com D. Affonso IV; da xacara hespanhola, em puro castelhano, que descanta a protogonista, e da vivacidade e chiste dos dois bobos do rei?!

Não é tudo isso bello, grande e nobre, e não vence a quantos dramas e comedias enxovalham hoje o theatro

portuguez, com rarissimas e não menos honrosas excepções?!

Quando vae o gosto depravado e a scena gafa das bachanaes de Offenbach e das inverosimilhanças de Sardou, arrastando vida ingloria e procurando attrahir enchentes pelo deslumbrante do scenario, pelo movimento e número dos comparsas, pelo ruido e apparato, substituindo a arte no que tem de simples, verdadeira e sublime pelas lantejoilas e belbutinas, pelos esgares e gritos descompostos, ou por essas semsaboronas e gastas declamações de philosophia rançosa, recheada de objurgatorias contra a riqueza; quando vae a imitação e o plagio desbragado por este pequeno mundo litterario, que é, apesar de tudo, onde este paiz mostra vida e opulencia, é maravilha e arrojo grande apresentar-se um escriptor ainda novo, que não tem um nome applaudido pelas turbas, e ainda não bemquisto do público, e a quem corre mais a obrigação rigorosa de respeitar um nome illustre que lhe hade ser algum dia herança invejada, e que lhe cumpre addir e engrandecer; é, repito, maravilha vir, evangelista precursor, com esse drama prégar doutrinas ainda desconhecidas e hastear afoito seu estandarte no campo da litteratura dramatica!

Aguardemos, no emtanto, que elle publique esse trabalho, como é de suppor que o faça, antes de o entregar ás provas do palco.

Julgo de mim que assim o deve fazer; por quanto para que ahi surta o desejado effeito, são precisos tres bons interpretes: um Rossi para o papel de D. Pedro, um Salvini para o de D. Affonso IV e uma Ristori para o de D. Ignez de Castro; que são todos da força d'estes. Se não fôr á scena, como a concebeu Julio de Castilho, mal irá d'essa obra prima, ai de tragedia tão bem auspiciada!

Sinto que meu amigo não tivesse a dicta de ouvir es-

ses versos lidos com tanta propriedade e enthusiasmo por seu inspirado author para lhe ficar, como a mim, a agradavel impressão, que conservo e que nunca mais se me varrerá da lembrança.

Adeus.

Lisboa, 31 de outubro de 1872.

Seu amigo certo e obrigado

Dr. Antonio Henriques Leal.

ADDITAMENTO
Á
PARTE SCIENTIFICA[1]

III

Carnes verdes[2]

PROJECTO DE LEI

Art. 1.º O govêrno da provincia é authorisado a contractar com qualquer emprezario ou companhia o fornecimento de carne verde para o abastecimento da capital mediante as seguintes vantagens e obrigação;

§ 1.º *Privilegio exclusivo* de quatro a doze annos, con-

CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

Art. 179.º

§ 22.º É garantido o direito de propriedade em toda a sua plenitude. Se o bem público, legalmente verificado, exigir o uso e emprêgo da propriedade do cidadão, será elle préviamente indemnisado do valor d'ella.

§ 24.º Nenhum genero de trabalho, de cultura, *indus-*

[1] Devia sahir este escripto em seguimento ao que versa sobre o *canal do Arapapahy;* mas pelos motivos que expuz na nota da pagina 71, occupa este logar das *Locubrações.*

[2] Ia na segunda discussão, na assemblea provincial do Maranhão, a proposta de lei com que começo este artigo, quando resolvi-me a escrevel-o, refutando-a. Via com desgosto e temor a aceitação com que era ella acolhida pelos habitantes da capital e maioria do corpo legislativo. Cegava a paixão a uns, a outros o sordido interêsse e a especulação; porém, muitos deixavam-se arrastar empoz a corrente por se não darem ao trabalho de reflectir um pouco ou de attentar na opposição que na assembléa faziam a esse projecto os deputados Sotero, dr. Gentil H. de Almeida Braga, dr. Antonio Marques Rodrigues e padre Mourão. Antevendo os innumeros males que emergiriam d'essa medida, moveram-me bem fundados receios a emit-

cedido na razão do menor preço por que a carne for vendida ao público, sendo o *maximo* do preço porque deve ser contractado o fornecimento—*o de cento e quarenta réis* por libra (pouco menos de meio kilog.)

§ 2.º Multa de cinco mil réis ao fornecedor por cada vez que faltar para perfazer o termo maximo de vinte e cinco rezes picadas diariamente, excepto nos dias do preceito quaresmal.

Art. 2.º Em quanto não se pozer em práctica o estabelecido no artigo e paragraphos antecedentes se cobrará, além do imposto provincial de dois mil réis por cabeça de gado que se picar, o de cincoenta por cento do excestria ou *commercio póde ser prohibido.*

§ 13.º A lei será egual para todos, quer proteja, quer castigue, e recompensará em proporção dos merecimentos de cada um.

—

Resolução de 16 de agosto de 1823, tornada extensiva a todo o imperio pela resolução de 15 de setembro de 1827.

1.º Que se não ponha mais a lanços o fornecimento das carnes verdes, e *que seja livre e franco todo o commercio de gado vaccum.*

2.º Que seja egualmente livre a todo o negociante ou creador de gado fazer cortar a carne para expor á venda com tanto que a rez seja morta, e a carne cortada nos logares para isso abaixo designados, *ficando em tudo livre*

tir francamente a minha opinião, conforme me dictava o bestunto. Entendendo, comtudo, que conhecido o author, perderia este escripto o desejado effeito, attribuindo-o os detractores a cortejo ou a dinheiro do poderoso marchante a quem desejavam prejudicar por inveja, ou o despresando os deputados provinciaes por vir de opposicionista, dei por mais acertado não o publicar na parte principal da *Imprensa* de que era redactor, mas como *communicado* e sob o anonymo, e assim appareceu no n.º 44 (não 41, como por engano o disse na nota acima referida da pag. 71 d'esta obra) de 1 de junho de 1859, quasi nas vesperas da terceira discussão do projecto e fil-o distribuir por todos os deputados. Parece-me que minhas idéas calaram no espirito da assembléa provincial, ao menos assim o ouvi a alguns que não suspeitavam quem fosse o articulista. Fosse como fosse, o que sei é que foi o projecto rejeitado n'essa discussão quasi por unanimidade de votos.

so de vinte réis, de setenta e cinco por cento do excesso de quarenta réis, e de cento por cento do excesso de sessenta réis, ou de mais, sobre cada libra de carne, cujo custo exceder a *cento e quarenta réis*.

Art. 3.º Por cada rez que for exportada para fóra da provincia, se cobrará o imposto de cinco mil réis.

Art. 4.º O govêrno fará um regulamento especial para a boa execução d'esta lei.

Art. 5.º Ficam revogadas todas as leis em contrario.

a venda da vacca como da vitella.

3.º *Que o preço da carne* seja livre, e a contento dos compradores, pendendo unicamente da conveniencia do mercado.

LEI DE 1.º DE OUTUBRO DE 1828

Art. 66.º, § 10.º Promoverão egualmente (as camaras municipaes) sobre a commodidade das feiras e mercados, abastança e salubridade de todos os mantimentos e outros objectos expostos á venda.....

abstendo-se absolutamente de taxar os preços dos generos, ou de lhes pôr outras restricções á ampla liberdade que compete a seus donos.

Em frente do projecto da lei do *maximo*, que taxa o preço das carnes verdes, colloquei acinte um dos mais sublimes artigos da nossa Constituição e algumas disposições legislativas que garantem a propriedade e liberdade do trabalho, e a egualdadade perante a lei: é um protesto solemne contra essa perversão do justo; que é tambem a negação dos direitos do cidadão livre — o despotismo, em fim, occulto com a mascara de affectada philantropia.

Se os patriarchas da nossa independencia, se essa pleiade veneranda; se o fundador do imperio que legou-nos uma das mais livres e perfeitas constituições do mundo, acordassem do seu eterno somno e observassem hoje a facilidade com que transgridem seus filhos um ou outro pre-

ceito da lei fundamental no dia em que as más paixões os assalteiam e desvairam, dando então bem triste documento da sua falta de gratidão e apreço a tantos beneficios, e do pouco que teem aprendido n'estes trinta e seis annos (isto em junho de 1859) do tirocinio de povo livre, que já nasceu embalado pelas alentadoras brisas da liberdade; se observassem, repito, essa tendencia para o arbitrio e o esquecimento de seus direitos, apregoando e propondo restricções a elles, certamente que sulcariam suas enrugadas faces lagrimas de sincero arrependimento de tantos sacrificios e vigilias aturadas, e se podessem, quebrariam, como Moysés, as taboas da lei.

É triste e desanimador que, quando na côrte surgem de todos os lados associações com o fito de manterem a Constituição em todo o seu purismo, instigando e advertindo por meio da imprensa, da tribuna e de representações os poderes politicos a que se mantenham em perfeito equilibrio, executando a carta constitucional dentro dos limites que ella lhes assignala, seja apresentado na assembléa do Maranhão, d'essa terra privilegiada com tantos talentos superiores, um projecto de lei que fere de frente a liberdade individual, e concorre tão efficaz e directamente para desacreditar cada vez mais a melhor conquista de 7 de abril de 1831—instituição que tem infelizmente n'estes derradeiros annos vivido vida ingloria de patronatos, de esperdiçamentos dos dinheiros das provincias e de discussões estereis, sobre irregulares e ás vezes acerbas e tumultuarias.

Condoi-me ao ler no *Publicador Maranhense* esse projecto: porque previ desde logo pelas feições da nossa assembléa, que seria approvada essa *esmola* funesta, que traz em seu seio a miseria e o opposto do que pretendem seus authores. Consola-me ao menos a idéa de que aquelles que estudam e possuem conhecimentos, teem erguido suas vozes n'esse recinto contra tal medida, notando-se entre es-

tés poucos o decano do jornalismo maranhense — o sr. F. Sotero dos Reis — segundo m'o referiram; porque ainda não compareci nas galerias da assembléa por faltar-me tempo para isso. Não tem, comtudo, até agora tomado a imprensa periodica o logar que lhe compete, discutindo tão importante questão, e é esse cogente motivo, já que se não apresentam mais respeitaveis e authorisados campeões, que leva o mais humilde soldado do jornalismo a combatel-a, posto que tarde, e com seus poucos recursos, para que, se pela ventura fôr convertida em lei, não digam os que hoje a applaudem, quando sentirem os seus irremediaveis inconvenientes, que não houve quem os esclarecesse, e protestasse contra tamanha iniquidade.

É rigoroso dever de todo o cidadão manifestar suas opiniões e servir de guia aos que por ignorancia caem em erros grosseiros. Compenetrado d'esta verdade, tentarei abrir os olhos ao povo, mostrando-lhe n'estas linhas que vae errada sua opinião, sendo o projecto de lei, que ora se discute, inconstitucional, injusto, iniquo, ineficaz e despotico, tendente a aniquilar um dos ramos mais importantes da nossa industria agricola — a creação dos gados.

O § 22.° do artigo 179.° da Constituição garante o direito de propriedade *em toda a sua plenitude*. Esta regra só tem uma unica excepção — quando o *bem público legalmente verificado* exige a desapropriação, e ainda n'esse caso é o proprietario préviamente indemnisado do valor da sua propriedade.

Não será atacar directa e positivamente o direito de propriedade obrigar o proprietario de gados a vendel-os por um certo e determinado preço, sem attenção ás leis economicas de offerta e procura do genero e a despeito das exigencias do mercado mui superiores a essa taxa?

Não será prohibir a livre troca e estabelecer a desegualdade na extracção dos diversos generos de producção?! O

bem público o exige, dirão os propugnadores da lei! Onde enxergariam elles ahi o *bem público?!*

Nos gritos descompassados do estomago revoltado contra os membros, n'essa imitação ao vivo do apologo de Menenio Agrippa; nas exigencias apaixonadas de uma parte da população da capital, que não comprehende o que é util, justo e legal? E a numerosa classe dos creadores, lesados na sua industria, e os negociantes de gados a quem usurpa-se a liberdade de troca, não pezam acaso na balança? E dada a hypothese que fosse essa medida *salvadora* reclamada urgentemente pelo bem público, foi elle, porventura, *legalmente verificado*, e á desapropriação seguir-se-hia a *indemnisação*, conforme estatue o § 22.º supracitado, para casos mui excepcionaes?

O § 24.º clara e manifestamente proclama a liberdade do trabalho, da cultura, da industria e do commercio. Não é, de certo, essa taxa uma negação irrefragavel d'esse direito e não tolhe completamente a liberdade de vender o creador ou o negociante um genero pelo preço que lhe convier?! Não é a taxa do *maximo* contrária a este artigo, e, portanto, muito e muito illegal?

O § 13.º diz que a lei é egual, quer proteja, quer castigue. Se a Constituição exige a perfeita egualdade ante a lei, por que é que taxaes a carne, e não o peixe, a farinha de mandioca, o arroz, a carne sêcca, o assucar, a manteiga, o azeite, o vinagre, que vendem-se por exorbitantes preços? Não será isto uma clamorosa injustiça, uma patente infracção da Constituição?

Ao passo que fixaes um preço á carne, deixaes que se permutem livre e desembaraçadamente os demais generos alimenticios. De modo que aquelles que os cultivam e traficam n'elles, vendem-n'os como bem lhes apraz, e teem a faculdade de os reputar conforme as fluctuações do mercado, em quanto que os creadores e negociantes de ga-

dos não poderão d'ora em vante aferir a carne por valores proporcionaes aos das demais substancias que se consomem!... Será isto o que quer e determina a Constituição? Não estará o § 13.º do artigo 179.º postergado pelas disposições do projecto em discussão? Persuado-me que nem os mais obdurados o negarão!

Esses que applaudem a taxa da carne gostariam que se marcasse um preço fixo e limitado para a farinha, para o arroz, para o milho, para o algodão, para o feijão, para o peixe, etc.? Achariam justo que houvesse taxa sobre os tecidos de algodão, sobre o calçado, arrendamento de casas e salarios de operarios? Pois a lei para ser egual, para ser justa, para produzir o resultado que d'ella esperam os esforçados defensores do *maximo*, deve de ser applicada a todos os generos necessarios á vida de nossos concidadãos.

A Convenção franceza assim o practicou, ella que vivia em um tempo anormal, que era uma dictadura revolucionaria.

Se é o amor pelo povo, se o desejo de felicital-o e encher-nos o estomago de carne barata, deveis convir que no nosso paiz não se vive essencialmente de carne, e que a pobreza não faz d'ella o seu principal alimento, mas de farinha de mandioca, de arroz e de peixe; logo, para serdes coherentes, para levardes o vosso principio humanitario a todas as suas consequencias, taxae todas as producções a fim de que não pague a pobreza esses alimentos por preços excessivos, quando venha a faltar carne nos talhos da capital.

Os nossos primeiros legisladores não se contentaram só com as disposições tão livres do pacto fundamental: parece que se lhes prefigurára que pseudos-philantropos procurariam mais de uma vez quebrantar os mais beneficos preceitos legaes, apregoando e propagando de proposito en-

tre os ingenuos e incautos falsas medidas de salvação pública, só com a mira na popularidade. Foi seguramente com esse louvavel pensamento que baixou a resolução de 16 de agosto de 1823 abolindo sem regresso os absurdos *lanços* do regimen colonial, e estatuindo em todos os seus artigos que *o preço da carne é livre, e todo o commercio de gado vaccum livre e franco.*

Não ficaram só n'isto os nossos paes; pois que na lei da creação das camaras municipaes tornam a recommendar que favoreçamos a agricultura, o commercio e a industria, *abstendo-nos absolutamente de taxar os preços dos generos ou impôr outras restricções á ampla liberdade que compete aos seus donos.*

Apesar de ter a Constituição proclamado, não me cançarei de o repetir, a livre permuta, e ordenado que se respeite e proteja a liberdade do trabalho, da industria, do commercio; apesar de ter corroborado e explicado essa doutrina tão clara com outras disposições legislativas, propõe em pleno meiado do seculo XIX, em 1859, uma assembléa eleita em virtude da liberdade, um projecto de lei, que, a passar, nos fará recuar para o tempo das arrematações, do monopolio e de outras oppressões de passadas e praguejadas eras.

Não carecem de analyse — o artigo 1.º do projecto e seus dois §§. Não me occuparei com demonstrar o absurdo e a illegalidade do *monopolio* por elles instituido; porque não haverá nem companhia, nem emprezario, que se abalance por preços na actualidade tão infimos a embarcar capitaes em um negocio tão precario como o do gado. Foi um mero luxo de arbitrio: quizeram ser consequentes comsigo mesmos. Quem propõe a lei do *maximo*, deve tambem aceitar o monopolio e proclamar exclusivo o genero taxado para quem o vender por certo e determinado preço. Nem mais, nem menos.

Quanto ao artigo 2.°, sobre ser uma infracção desbragada, não de uma disposição constitucional, mas de muitas, não soccorre nosso estomago tanto quanto presumem: o marchante póde ainda vender a libra (meio kilo) de carne por cento e sessenta réis, ou mesmo por duzentos, com tanto que pague ao thesoiro os vinte e cinco réis, ou o imposto proporcional ao excesso, por cada arratel. Ora, sendo o preço de cento e sessenta réis por arratel mais que vantajoso do que o de cento e quarenta réis, é natural o marchante o prefira, e ahi temos que a lei, em vez de prevenir a alta, não fará mais do que onerar inutilmente o consumidor com um imposto gravoso e de que estava até agora isento, e sem que para isso se pozesse tropeços á industria pastoril da provincia que definha, trazendo ao mesmo tempo a carestia a todos os demais generos de que a pobreza busca prover-se quando escasseia ou falta a carne de vacca nos talhos. Para similhante resultado, é rematada loucura incorrer em um crime, usurpando o direito individual.

A lei paraense n.° 108, de 1842, que foi arremedada pelos nossos legisladores no projecto em discussão, tem ao menos o merito de ser mais expressa e proteger os que se propozerem a vender carne pela taxa estabelecida.

Eil-a:

«Os fazendeiros, marchantes, ou quaesquer outras pessoas que vendem constantemente carnes verdes ao povo nos talhos até *cem réis, inclusivè* (em 1855 elevaram a cento e vinte réis), *ficam isentos de pagar direitos provinciaes* a que está sujeito o gado vaccum, etc.

«Quando, porém, venderem a mais de cem réis, até cento e vinte réis, pagarão os vendedores, além das *imposições estabelecidas*, mais dez por cento do que produzir cada rez; de cento e vinte até cento e quarenta réis mais vinte por cento, etc.»

Supponhamos por um momento que não temos uma lei suprema que é a arca sancta da nossa liberdade, que importa a todo o cidadão brasileiro adorar, obedecer e cumprir, e que em falta de disposições que assegurem o direito de propriedade, a cultura, a industria e o commercio, podessem os deputados provinciaes taxar a seu talante o preço das carnes verdes. Contribuiria ainda n'essa hypothese para o desbarato da industria pastoril na nossa provincia, que está de rastos e lucta com insuperaveis e constantes tropeços, sobre ser a medida prenhe de perigos e inconvenientes.

É lei economica mui commum e inquestionavel — que o preço de todos os productos tende a equilibrar-se. Se ha causas geraes que obriguem os generos alimenticios e os productos da industria a subirem de valor, todos procuram nivelar-se no movimento de ascensão, sob pena de gravar áquelle que tiver ficado estacionario, salvo se houver tal abundancia d'elle no mercado que venha a equivaler á carestia dos-outros.

Argumentarei com factos positivos e palpaveis, já que o appêllo para os mestres da sciencia, já que está a parecer-me que as proprias leis do paiz não aproveitam aos nossos legisladores.

Apresento em primeiro logar o seguinte resumo estatistico e comparativo dos preços que obtiveram diversos objectos em 1846 (epocha em que o arratel de carne foi elevado a cem réis) com os de hoje, em que elle é vendido por cento e sessenta réis. Estes dados são-nos fornecidos pelo *preço corrente da praça* que acompanhou o *Publicador Maranhense* de 10 de junho de 1846, e pelos que foram cotados na semana finda.

Os preços dos gados e de outros artigos foram-me ministrados pelos srs. Luiz Carlos Pereira de Castro, que negociou em gados de 1849 a 1851, Joaquim Antonio da

Silva Ferreira, e por outros cavalheiros dignos de egual fé e confiança e que se acham hoje retirados do commercio:

PRODUCTOS	PREÇOS		Augmento
	a 10 de junho de 1846	a 20 de maio de 1859	
Arroz em casca, alqueire	1$200	2$000	80 %
Farinha de mandioca, alqueire	1$000	3$200	220 %
Feijão, alqueire	2$000	3$500	150 %
Milho, alqueire	1$100	3$500	240 %
Azeite de carrapato, quartilho	300	1$000	333 %
Carne sêcca, arroba (15 kilog.)	2$000	7$000	210 %
Carne fresca libra (1/2 kilog.)	100	160	60 %
Rez refeita, na feira e a praso	11$000		
Rez de todo o tamanho na porta do curral, paga á vista	a 13$000	30$000	190 a 170 %
Coiros salgados, libra, (1/2 kilog.)	110	240	130 %
Cavallo fabrica	25$000	50$ a 60$	100 a 110 %
Operarios	—	—	—
Pedreiro, por dia	640	1$240	100 %
Carapina, por dia	640	1$240	100 %
Carpinteiro, por dia	1$000	3$000	200 %
Preço do escravo	500$000	1:300$000	115 %

É para notar que n'este quadro a farinha de mandioca, o arroz e o milho estão cotados, na tabella de 1846, pelo maximo de seu preço, porque tanto n'esses como em annos subsequentes, e até mui proximo á carestia geral que hoje padecemos, não ha quem se lembre de ter comprado farinha ou milho por mais de oitocentos réis, e o arroz por mais de novecentos; é digno tambem de reparo que o gado bem desenvolvido *(erado)* era offerecido pelo creador na feira, isto é, em um logar certo e aprasado, perto das sóltas, e pago pelos marchantes a praso (um terço á vista e o resto a um anno), em quanto que hoje para havel-o tem o comprador de derramar commissarios

pelo sertão, que vão compral-o na porteira do curral na Chapada, Barra do Corda, Pastos Bons, Carolina e centros do Piauhy, por mais de cento e trinta por cento do seu valor de outr'ora, a dinheiro de contado, e ás vezes adiantado por um anno, sendo quasi todos os pagamentos em prata e oiro, sem agio, ao passo que os marchantes não podem aqui obtel-os por menos de dez por cento sobre seu valor real. Ainda mais, esse gado que se vae comprar distante das sóltas é quasi todo garrotagem de dois e tres annos; logo com menos de um terço do péso que devia ter, e na jornada estramalha-se e morre, chegando a boiada ao seu destino reduzida de mais da quinta parte do que saira do curral sertanejo.

Para conhecer-se que não exaggero, extraio para aqui o seguinte, dos livros do sr. Luiz Carlos Pereira de Castro:

«1850 — abril, 2. — Comprei gado a Antonio Lopes & Irmãos: cento e noventa e cinco bois a nove mil réis, e duzentos e vinte e cinco a treze mil réis, metade da importancia a praso de seis mezes.

«1851 — abril 10 — Comprei a Faustino Fernandes da Silva duzentos e sessenta e sete bois a treze mil réis, metade á vista, metade a praso de um anno.

«Na mesma dacta quinhentos e quatorze bois a Antonio Lopes & Irmãos a dezeseis mil réis, parte á vista e parte a praso de um anno, gado muito graúdo e o melhor da feira.»

Para os preços actuaes temos o testimunho de todos os lavradores do interior, que compram a rez a trinta e cinco, trinta e seis, e até a quarenta mil réis. No Piauhy arrematáram-se este anno os gados fiscaes por vinte e oito mil cento e vinte réis cada cabeça, ao passo que ainda em 1854 foram vendidos a treze mil réis. Portanto, a média de trinta mil réis, que estabeleci em os meus calculos, é mais que razoavel.

Ahi estão algarismos que fallam bem alto e corroboram

meus assertos; ainda assim não cessam os partidarios da lei do *maximo* de exaltar os lucros fabulosos que do seu grangeio auferem actualmente os marchantes. Se o negocio de gados deixasse tão convidativos proventos, como é que em tempos que lhe eram mais propicios, como, por exemplo, em 1846, e em annos ulteriores, quando a rez era vendida refeita e com sete annos por preços modicos, a prasos, nas feiras proximas d'esta cidade; quando o vaqueiro, o cavallo, os alimentos eram adquiridos por muito menos, retiraram-se muitos d'esse trafego sem nenhuma fortuna e ás vezes com enormes prejuizos? Se então succedia isso, agora, que os gozos materiaes teem alargado sua esphera e com elles encarecido, de anno para anno, tudo o que é necessario á vida, que com o desenvolvimento do commercio, rapidez das communicações e facilidade de transacções, duplicaram e até centuplicaram todos os valores, é que quereis que fique immovel, ou antes que retrograde o de um genero precario e sujeito a mil azares e oscillações? Pretendeis com essa lei dar-nos carne barata, rompendo o equilibrio ao movimento commercial, impedindo que ella suba por egual ao nivel dos outros objectos? Engano fatal! Não regularisareis o que é de sua natureza vário, fluctuante, irregular. O que fareis com essa lei é seccar as fontes da industria pastoril, é reduzir á fome esta capital; porque não é possivel que os marchantes vendam carne verde por um preço que não compita com a alta dos mais generos, tendo de mais a mais contra si os inconvenientes já apontados, como o do gado minguado de tamanho, o escravo que conduz a boiada valendo o duplo, o vaqueiro percebendo maiores salarios, o cavallo fábrica custando hoje muito além do dobro, e o talho, outr'ora arrendado por trez mil réis e presentemente por dez!

Será possivel que a carne verde, que apenas subiu setenta por cento, desça d'ahi quando está abaixo da alta

geral de tudo quanto diz respeito á subsistencia, sem afugentar os capitaes e levar ao marasmo esse ramo de commercio?

Não argumenteis com os lucros que deixa a venda dos coiros e do sebo, que vos não aproveita essa tangente.

Se augmentaram os coiros de valor é devido a causas momentaneas, como a procura que teem hoje nos Estados Unidos, em quanto que o effeito da lei do *maximo*, que propondes, é permanente. Demais, é sabido que minguaram elles e muito, do seu antigo peso, pela razão, já allegada, de não terem sete e mais annos os bois abatidos, antes tres e serem quasi novilhos. Se outr'ora pesavam os coiros commumente trinta e sete arrateis, e alguns havia de quarenta, agora não afere-lhes a balança mais de vinte e seis a vinte e sete arrateis. Que sebo póde produzir uma rez que traz longa viagem, sem quasi nutrir-se e jejuando literalmente durante os dias que permanece nos curraes do matadoiro? As que saem gordas dos campos chegarão, quando muito, com quatro kilogrammas de sebo; porque é lei physiologica que o animal, a quem falta a alimentação, consome as partes gordurosas do tecido adiposo. Esse pouco sebo vae em pequenas parcellas com a carne que comprâmos, e o resto com os intestinos e demais orgams internos que constituem o fato.

Não vêdes que aberraes do principio da creação das assembléas provinciaes, que desacreditaes a instituição, decretando o absurdo e a injustiça como lei, commungando nas theorias socialistas de Proudhon com offensa clamorosa da sociabilidade e da liberdade?!

Não precipiteis essa importante questão do terreno da logica e da discussão calma para o odioso e repulsivo campo da personalidade e das recriminações improprias d'esse recinto, que deve de ser escoimado de odios e virulencias: — não é praça pública o areopago das leis!

Deveis dar o exemplo de cortezia e serenidade nas discussões, e em vez de favoneardes os desvios e ignorancia da plebe, que quando soffre, tumultua, entra em convulsão e exige só remedios empiricos e extremos, cumpre-vos restrictamente mostrar-lhe o seu erro, e com raciocinios ponderosos convencel-a, inclinando-a para onde estão seus legitimos interesses e bem-estar.

A carestia continuada e progressiva não depende de um, nem de muitos individuos.

O monopolio individual, que não assenta na lei, não resiste á acção do tempo, e se por momentos esforça-se por vencer, baqueia e sepulta-se na ruina do edificio monstruoso que tentou erguer. Mas onde esse phantasma de monopolio com que procuram os energumenos e especuladores assustar o povo? Qual o individuo que negociou ou negoceia em gados que se lhes fecharam as porteiras dos curraes ou os mercados da capital?

Não faço aqui a defeza de ninguem, nem advogo senão a nossa, a minha propria causa, como consumidor de um genero de primeira necessidade e que se vier a escassear ou a faltar, teremos de pagar a peso de oiro substancias, muitas vezes nocivas, de famintos que ficaremos.

Não procuremos desgostar com doestos e infamantes calumnias a quem grangeia sem ruido e honradamente uma fortuna adquirida com actividade e louvavel economia, sem prejudicar a ninguem, bemquisto pelas influencias de todos os partidos e sem intervir nas nossas desavenças politicas.

Longe de attribuirdes a causas tão futeis o mal que vae por toda a parte, procurae sua verdadeira causa na abundancia de moeda e n'outros motivos que actuam no mundo para produzirem a carestia.

Os salarios augmentam, o operario ganha o dobro, a fortuna pública e a particular cresceram, e a procura de todas as coisas não tem limites; d'ahi a sua subida rapida e gra-

dual, e a carestia, que está em equilibrio perfeito com os salarios e com os valores da producção, nivela-se com elles.

Por que é que em Inglaterra, em França, em Portugal e nos Estados Unidos todos os generos alimenticios estão por altos preços? Por que razão em Pernambuco vende-se a carne fresca a quatrocentos réis a libra, no Ceará, provincia essencialmente creadora, a duzentos e quarenta réis, na Bahia por quinhentos réis, na propria capital do Piauhy, que nos fornece gado, por cento e vinte réis, e em Caxias, juncto dos campos de crear, e onde quer os outros generos alimenticios, quer os salarios ou o arrendamento de casas são inferiores aos da capital, corta-se a vacca por cento e quarenta réis a libra [1]?

Encaremos, pois, a questão por seu verdadeiro aspecto. Essa lei vae entorpecer, crear estorvos, e, por fim, matar a fadustria da creação de gados, e trará como consequencia inevitavel a escacez e até a ausencia de carnes verdes do mercado, e a alça excessiva de todas as outras substancias alimenticias.

[1] Apesar de parecer anachronico apresentar aqui os preços actuaes dos mercados de carnes verdes de Lisboa e de outras paragens do reino de Portugal, serve, todavia, para o meu intento, que é o de provar a crescente e extraordinaria carestia dos generos alimenticios.

Vende-se actualmente em Lisboa o kilogramma da carne de vacca por trezentos réis (moeda forte), sendo o preço da rez de quarenta e cinco a cento e trinta e cinco mil réis, regulando o peso de cada uma de doze a trinta e seis arrobas (de cento e oitenta a duzentos kilogrammas). O kilogramma da carne de porco a trezentos e vinte réis, e o peso do animal de dez até dezoito arrobas, sendo o seu preço de trinta mil réis para cima; e o carneiro, que pesa quinze kilogrammas, pouco mais ou menos, custa dois mil e quatrocentos réis, e retalha-se a carne a trezentos réis o kilog.

Na última quinzena de novembro passado regulou o preço das carnes verdes no districto do Porto do seguinte modo:

Porto — custo da rez 140$000 a 230$000, e o kil. de carne 230 a 300 réis

S.to Thyrso — custo da rez 98$800, e o kil. de carne 240 réis.

Amarante — custo da rez 57$000, e o kil. de carne 230 réis.

Gaia — custo da rez 105$000, e o kilo de carne 240 réis.

Penafiel — custo da rez 168$000, e o kil. de carne 220 réis.

Crede que, pela popularidade ephemera de um dia, estaes fazendo um mau e arriscado jogo, contrário de todo em todo aos interesses do pobre e da provincia!

Outro deveria ser o vosso procedimento em uma tal conjunctura. Se o patriotismo vos fallasse n'alma, se amadurecesseis no pensamento essas idéas e considerasseis na sorte do creador de gado e na do pobre, em vez de virdes taxar esse genero, pear a sua livre permuta e obrigar o creador a desfazer-se de sua fazenda; porque a persistir n'esse trafego, depois da taxa, cavará sua propria ruina, estabelecesseis premios para os que melhorassem as raças bovinas pelo cruzamento, pela escolha e pela engorda; se fizesseis com que se creassem prados artificiaes desde o Cutim até o Guarapiranga para que as boiadas descançassem e se alimentassem n'elles antes de entrarem para o matadoiro; se legislasseis proporcionando meios para que se beneficiassem os naturaes, concedendo ao mesmo tempo favores ás companhias de pesca [1], ao emprezario ou companhia de navegação a vapor que se propozesse a conduzir para aqui diariamente as rezes mortas em Anajatuba; se decretasseis medidas repressivas e severas com o fim de refrear os ladrões de gado, sem que fossem lettra morta, antes cumpridas rigorosamente pelas authoridades policiaes com egualdade e equidade, sem attenção á jerarchia e influencia eleitoral ou monetaria do delinquente, bem mereceriam os nossos deputados provinciaes de seus committentes, e só assim appareceria no mercado da capital a abundancia de saborosa e succulenta carne de vacca, e com ella a baixa no preço dos outros viveres [2].

[1] Na primeira sessão da legislatura de 1866-1867 foi decretada a lei n.º 761, de 14 de junho de 1866, providenciando a este respeito; mas que não foi até hoje executada.

[2] Seis annos depois, na primeira sessão da legislatura provincial de que fiz parte, não me esqueci d'estas idéas e offereci á assembléa o seguinte projecto, que foi convertido na lei n.º 774, de 3 de julho d'esse mesmo anno:

Temos vastos campos de crear em Anajatuba, nos Perizes, nas Pombinhas, em Cantanhedes, no Iguará, em S. Bento, em Cajapió, todos proximos da capital; e em tempos não remotos existiam n'elles importantes fazendas de gado.

Hoje apenas aponta-se uma ou outra de pouco vulto, luctando com continuas epizootias e com o peior de todos os males — o roubo escandaloso e impune.

Esses campos, pelo nenhum beneficio, foram-se tornando maninhos e cobertos de matagaes, e o creador começou a tirar parcos juros de seus capitaes, e a desfazer-se do gado a ponto de ter d'elles quasi desapparecido.

Os poucos que persistem n'essa industria e arcam com todas essas eventualidades, e são obrigados a comprar cavallos, escravos, farinha de mandioca, corda, roupa, ferro, etc., por grossas quantias, não poderão reputar d'ora

Artigo 1.º Fica o govêrno da provincia authorisado a dispender desde já e nos subsequentes exercicios, da verba decretada para obras públicas, as quantias necessarias com os seguintes melhoramentos, em ordem a tornar mais regular e abundante o obastecimento de carnes verdes para o consumo dos habitantes d'esta cidade.

§ 1.º Mandará proceder ás obras necessarias nos campos de Anajatuba de modo que o gado vaccum encontre n'elles copiosas pastagens e abrigo seguro e salubre em qualquer das estações do anno, fazendo-se para isso, principalmente de inverno, com que se escoe a superabundancia das aguas pluviaes que ali accumulam-se, e de verão haja bebida sufficiente e facil para o mesmo gado.

§ 2.º Fará construir ali curraes em parte cobertos, casa de vaqueiros e outras accommodações apropriadas para feiras permanentes.

§ 3.º Fará outrosim limpar e reparar todos os annos as estradas que vão ter aos principaes centros de creação de gado e as que se dirigem para os campos das Pombinhas, de Cantanhedes e de Anajatuba.

Art. 2.º Estabelecidos que sejam esses melhoramentos, contractará o govêrno da provincia com a companhia de navegação a vapor do Maranhão, ou com outra qualquer, ou emprezario que se comprometta a transportar diariamente as rezes para o matadoiro d'esta cidade ou a carne já esquartejada para os talhos, conforme a experiencia melhor o aconselhar.

§ unico. Esta companhia ou emprezario empregará n'estes transportes nunca menos de dois barcos a vapor, offerecendo cada um d'elles ou

em vante seu gado por um preço em relação equipolente ao valor actual dos generos que compram para o costeio de sua fazenda, porque ha uma lei que lh'o veda. Vem o negociante ou marchante e diz-lhe: «o vosso producto foi taxado, e não nos permittem vender a carne por mais de cento e quarenta réis a libra, e por isso não vos podêmos pagar o boi senão por preço que nos deixe lucros correspondentes aos nossos capitaes e trabalho.»

O que acontecerá n'esse caso? O creador da provincia tractará de abandonar uma industria que o empobrece, vendendo os campos e gados para empregar os capitaes assim realisados em qualquer cultura que lhe garanta juros mais vantajosos. Os creadores do Piauhy irão procurar os mercados do Ceará, de Pernambuco e da Bahia, onde seu gado é muito melhor cotado. Por um lado desappa-

as barcas de reboque (se for assim feito o serviço) capacidade para nunca menos de cincoenta rezes ou para carnes verdes a ellas correspondentes.

Art. 3.º Por cada viagem de ida e volta perceberá a companhia de barcos a vapor ou emprezario até cem mil réis de subvenção, e no caso de falta de sua parte pagará de multa por cada vez a quantia de trezentos mil réis.

Art. 4.º No contracto que se lavrar com a companhia ou emprezario marcará o govêrno o maximo do frete por cada rez em pé ou esquartejada.

Art. 5.º Para auxiliar as despezas com os reparos e limpezas annuaes das estradas e campos, manutenção d'estes, subvenção á companhia de barcos a vapor e soldo á esquadra policial, será elevado, desde o dia em que forem postas regularmente em práctica estas medidas, a trez mil e quinhentos réis o imposto que actualmente percebe o thesoiro público provincial por cada cabeça de gado vaccum para o consumo.

Art. 6.º O presidente da provincia fará os regulamentos necessarios para a boa execução d'estas disposições, tendo muito em vista facilitar a concurrencia e cohibir o furto dos gados.

Art. 7.º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as authoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contém. O secretario do govêrno a faça imprimir e correr. Palacio do governo do Maranhão, em trez de julho de mil e oitocentos e sessenta seis, quadragessimo quinto da Independencia e do Imperio.

recerá aos poucos a creação da provincia, e por outro nossos visinhos não os offerecerão a quem lh'os paga mal.

Em poucos annos irá escaceando o gado no nosso açougue, as rezes mortas não corresponderão ao consumo, e muitos dias estará deserto d'ellas o nosso matadoiro. Os ricos, para que a carne não falte á sua mesa, farão ajustes particulares com os donos dos talhos, e em vez de pagarem-n'a a cento e sessenta ou duzentos réis a libra, pagal-a-hão clandestinamente na razão de trezentos réis ou mais a libra. Os pobres, aquelles que a lei quiz proteger, ficarão sem carne e reduzidos ao peixe sêcco e ao bacalhau, porém ainda assim caros; porque não podêmos contar com o fresco, que acode ao mercado raras vezes e com muita incerteza. Quando faltar, portanto, carne verde nos talhos, os dinheirosos farão concurrencia á compra d'aquelles generos, e da sua procura resultará necessaria e immediatamente a subida dos preços, vindo a pedir-se por elles exaggeradas quantias, como succede no Pará; e os pobres, que presentemente abastecem-se d'essas substancias com certa modicidade, ficarão fóra de combate; porque não poderão competir com as offertas dos mimosos da fortuna.

Quanto ao contracto para o fornecimento de carnes verdes, a experiencia de Pernambuco desacreditou-o: depois de vexames e não cumprimento das obrigações estipuladas, caducou de vez e já se não tracta ali d'isso. A taxa tem contra si, além das experiencias de algumas nações cultas, e das opiniões de economistas abalisados, o exemplo do Pará.

No número anterior d'este jornal (n.° 43) transcrevi as opiniões de dois illustres maranhenses (os srs. drs. F. J. Furtado e Fabio A. de C. Reis) que alli viveram e soffreram os resultados funestos da lei do *maximo*.

Passam-se semanas e mez em que não ha carnes verdes n'aquelle mercado. Então lança-se mão de tudo, e o preço

das gallinhas, dos ovos, do pirarucú, do bacalhau, da tartaruga sobe espantosamente, e o pobre não ha então valer-se senão do assahy!

Hoje, sem grandes sacrificios pecuniarios não poderão restabelecer ali a creação do gado em ponto de abastecer á farta a cidade de Belem. Obstinando-se os deputados paraenses no caminho errado e não querendo arripiar carreira, elevaram, comtudo, a taxa do *maximo*, e decretaram a seguinte lei: «O presidente da provincia fica desde já authorisado a dispender pelos cofres provinciaes *a quantia que fôr necessaria* para abastecer de carnes verdes o mercado da capital, pelos meios que entender convenientes, etc.»

A mais plena e concludente confissão da inefficacidade da lei do *maximo* está na promulgação d'est'outra com que a substituiram:

«O presidente da provincia garantirá desde já pelos cofres provinciaes setenta mil réis por cabeça de gado vaccum de dez arrobas, pelo menos, que fôr importado para esta provincia etc.

Quereremos um dia chegar á situação deploravel de onerarmos os cofres provinciaes com excessivos dispendios para prover o mercado da capital de carnes verdes, que tivessemos afugentado com uma lei iniqua e inefficaz?

Será digno de imitação este pernicioso exemplo de penuria e carestia da capital convisinha? Creio que até mesmo os authores do projecto, que ora se discute, se attentarem bem para esse quadro de miserias repudiarão a medida, que teem por salvadora.

Se passar agora á historia, acharei ahi bastantes factos que abonarão a improficuidade da lei do *maximo;* mas por brevidade só mencionarei dois.

No seculo XIV, no tempo em que reinava o feudalismo,

e o rei era senhor absoluto dos seus *servos*, Filippe o Bello, rei de França, conhecendo que a fome ameaçava os seus estados, taxou certos generos de primeira necessidade, comminando os contraventores severamente. A lei produziu effeito diametralmente opposto: dentro de algumas semanas os mercados foram pouco frequentados, e a carestia e a fome aggravaram-se. Caiu então o govêrno no erro, e fez baixar a seguinte ordenança:

«Filippe, pela graça de Deus rei de França, etc. Como para conjurar a tempestade commum e a necessidade actual, quanto á carestia do trigo, ervilhas, favas, cevadas, e outros grãos com os quaes a maioria do povo se alimenta, ordenámos então, estabelecemos e fizemos proclamar e prohibir no reino que nem um subdito nosso, sob pena de confisco de seus bens, ouzasse vender o trigo de melhor qualidade por mais de quarenta soldos, etc., de cujos estatutos e ordenanças contavamos proviesse ao nosso povo maior allívio e provimento, o que *não se tem realisado*.

«Para *que as coisas volvam ao seu antigo estado* cumpre abolir as ordenanças. Nós, para que com mor presteza seja o nosso povo soccorrido da penuria, *revogámos os preços que tinhamos estabelecido*, e temos ordenado que todo e qualquer cidadão que possua qualquer quantidade de grãos *possa vendel-o no mercado e pelo preço que bem lhe convier*, etc.»

Em um momento de crise alimenticia, quando estalava sobre a França o tremendo cataclysmo da revolução com toda a fôrça, viu-se a Convenção ameaçada pelo povo soberano, armado, e que irritado pela fome, reclamava a altos brados—*pão*. Ella, que exercia a dictadura em um tempo de convulsões, e não se temia de tomar medidas extraordinarias, não foi, comtudo, sem constrangimento que estabeleceu uma lei do *maximo*, taxando os generos de primeira necessidade.

Apesar de ser a sua vontade a lei suprema e a guilhotina o castigo dos contraventores, decretou o *maximo* com certas restricções, *indemnisando os prejudicados*, concedendo-lhes certos favores, e, ainda assim, nem bem chegára ao fim do anno, quando a 24 de dezembro de 1794 (4 nivose, anno III) reconheceu a inutilidade d'essa medida e revogou-a.

Vem de molde transcrever alguns trechos de tão memoravel revogação:

«Francezes, a *razão*, a egualdade, o *interesse* da republica *reprovavam* de ha muito a lei do *maximo*, e assim a Convenção Nacional revogou-a. Quanto mais conhecidos forem os motivos que dictaram esse decreto, tanto maior confiança deve elle merecer-vos. Ao tomar esta medida, não desconhece ella, comtudo, as difficeis circumstancias de que está rodeada; prevê que a *má fé se exforçará por persuadir a credulidade que todos os males causados pelo maximo são os effeitos de sua suppressão;* porém, vossos fieis representantes esqueceram esses perigos, e a nada mais *attenderam do que á utilidade pública.*

«Os espiritos ainda menos esclarecidos sabem hoje que *a lei do maximo aniquilará de dia a dia a agricultura e o commercio*.....

«É pois essa lei *desastrosa* que nos conduziu ao desanimo e ao abatimento. Considerações que já não existem para poderem no principio justifical-a; mas *uma carestia absoluta* teria sido a sua consequencia necessaria, se a Convenção, abrogando-a, não despedaçasse as cadeias que agrilhoavam a industria.»

Ante a sciencia, ante a lei, ante o exemplo de outras provincias, ante a historia, ante a razão e a logica não

póde sustentar-se esse projecto, que, convertido em lei, trará fatal e irremediavelmente comsigo em vez da barateza e da fartura a carestia e a escassez, e mais tarde o aniquilamento da creação do gado na provincia.

FIM

NOTAS

NOTAS

Nota A

...designam-lhe o nome. pag. 76

Foral de direitos passado a João de Barros

D. João etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que eu fiz ora doação e mercê a João de Barros, fidalgo da minha casa, e pera os seus filhos, pera elle todos seus filhos, netos, herdeiros e sobcessores, de juro e de herdade, pera sempre, da capitania de cincoenta leguas de terra na minha costa do Brazil, segundo mais inteiramente é contheudo e declarado da carta de doação que da dita terra lhe tenho passada, e por ser muito necessario haver hi foral dos direitos, fóros, tributos e cousas que se na dita terra hão de pagar, assi de que a mim e á coroa de meus regnos pertence, como do que pertence ao dito capitão por bem da dita sua doação, eu havendo respeito á calidade da dita terra, e assi ora novamente ir morar, povoar e aproveitar; e porque isto melhor e mais cedo faça, sentindo-o assi por serviço de Deus e meu, e bem do dito capitão e moradores da dita terra, e por folgar de lhes fazer mercê, houve por bem mandar ordenar e fazer o dito foral na fórma e maneira seguinte: = Item = Primeiramente o capitão da dita capitania e seus sobcessores darão e repartirão todas as terras della de sismaria a quaesquer pessoas de qualquer calidade e condição que sejam, comtanto que sejam christãos, livremente, sem fôro nem direito algum, sómente o dizimo, serão obrigados de pagar á ordem do mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo de todo o que nas ditas terras houver, as quaes sismarias darão da fórma e maneira que se contem em minhas ordenações, e não poderão tomar terra alguma de sismaria pera si, nem pera sua mulher, nem pera o filho herdeiro da dita capitania, e porém podel-a-hão dar a todos os outros filhos, se os tiver, que não forem herdeiros da dita capitania, e assi aos seus parentes, como se em sua doação contem. E se algum dos filhos, que não fôr herdeiro da dita capitania, ou qualquer outra pessoa, tiver alguma sismaria de qualquer maneira que a tenha, e vier a herdar a dita capitania, será obrigado do dia que nella sobceder a um

anno, primeiro seguinte, de alargar e trespassar a tal sismaria em outra pessoa; e não a trespassando no dito tempo, perderá pera mim a dita sismaria com mais outro tanto preço quanto ella valer; e por esta mando a meu feitor ou almoxarife, que na dita capitania por mim estiver, que em tal caso lance logo mão pela dita terra pera mim, e a faça assentar no livro dos meus proprios, e faça execução pela valia della: e não fazendo assi, hei por bem que perca seu officio e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valia da dita terra; = Item. Havendo nas terras da dita capitania, costa, mares, rios e bahias dellas, qualquer sorte de pedraria, perolas, aljofar, ouro, prata, coral, cobre, estanho e chumbo, ou outra qualquer sorte de metal, pagar-se-ha a mim o quinto, do qual quinto haverá o capitão sua dizima, como se contem em sua doação, e ser-lhe-ha entregue a parte que lhe na dita dizima montar ao tempo que se o dito quinto per meus officiaes pera mim arrecadar; = Item. O pau do Brazil da dita capitania, e assi qualquer especearia ou drogaria de qualquer calidade que seja, que nella houver, pertencerá a mim e será tudo sempre meu e de meus subcessores, sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar nas ditas cousas, nem em alguma dellas, lá na terra, nem as poderão vender, nem tirar pera meus regnos e senhorios, nem pera fóra delles, sob pena de que, quem o contrario fizer, perder por isso toda a sua fazenda pera a coroa do regno e ser degradado pera a ilha de S. Thomé pera sempre. E porém quanto ao brazil, hei por bem que o dito capitão e assi os moradores da dita capitania se possam aproveitar delle no que lhes hi na terra for necessario, não sendo em o queimar; porque, queimando-o, incorrerão nas sobreditas penas; = Item. De todo o pescado que se na dita capitania pescar, não sendo a cana, se pagará a dizima á ordem, que é de dez peixes um; e além da dita dizima, hei por bem que se pague mais meia dizima, que é de vinte peixes — um, a qual meia dizima o capitão da dita capitania haverá e a arrecadará pera si; porquanto lhe tenho della feito mercê; = Item. Querendo o dito capitão-mór e povoadores da dita capitania trazer ou mandar trazer pera si ou pera outrem a meus regnos e senhorios qualquer sorte de mercadorias, que na dita terra e partes della houver tirando escravos, e as outras cousas que acima são deffesas, podel-o-hão fazer, e serão recolhidos e agasalhados em quaesquer portos, cidades, villas ou logares dos ditos meus regnos e senhorios e em que vierem aportar, e não serão constrangidos a descarregar suas mercadorias nem as vender em algum dos ditos portos, cidades e villas contra suas vontades, se pera outras partes antes quizerem ir fazer seus proveytos, e querendo-as vender nos ditos logares, e meus regnos, e senhorios, não pagarão dellas direitos alguns, sómente a ciza do que venderem, posto que polos foraes, regimentos ou costume dos taes lugares fossem obrigados a pagar outros direitos ou tributos, e poderão os sobreditos vender suas mercadorias a quem quizerem e leval-as pera fóra do regno, se lhes bem vier, sem embargo dos ditos foraes, regimentos ou costumes que em contrario haja; = Item. Todos los navios de meus regnos e senhorios, que á dita terra forem com mercadorias, de que já cá tenham pagos os direitos em minhas alfandegas, e mostrarem disto certidão dos meus officiaes della, não pagarão na dita terra do Brazil direito algum,

e se lá carregarem mercadorias da terra pera fóra do regno, pagarão da sahida dizima a mim, da qual dizima o capitão haverá sua redizima, como se contem em sua doação. E, porém, trazendo as taes mercadorias para meus regnos ou senhorios não pagarão da sahida cousa alguma, e estes que trouxerem as ditas mercadorias para meus regnos ou senhorios serão obrigados de dentro de um anno levar ou enviar á dita capitania certidão dos officiaes de minhas alfandegas, do logar onde descarregarem, de como assi descarregaram em meus regnos, e as calidades de mercadorias que descarregaram e quantas eram; e não mostrando a dita certidão dentro no dito tempo pagarão a dizima das ditas mercadorias, ou daquella parte dellas que dos dictos meus regnos ou senhorios não descarregaram assi, e da maneira que hão de pagar a dita dizima na dita capitania, se carregarem pera fóra do regno, e se for a pessoa que não haja de tornar á dita capitania, dará lá fiança do que montar na dita dizima, pera dentro no dito tempo de um anno mandar certidão de como veio descarregar em meus regnos ou senhorios, e não mostrando a dita certidão no dito tempo, se arrecadará e haverá pera mim a dita dizima pera dita fiança; = Item — Quaesquer pessoas estrangeiras que não forem naturaes de meus regnos e senhorios que á dita terra levarem ou mandarem levar quaesquer mercadorias, postoque as levem de meus regnos ou senhorios, e que cá tenham pago dizima, pagarão lá, da entrada, dizima a mim das mercadorias que assi levarem, e carregando na dita capitania mercadorias da terra pera fora, pagarão assi mesmo dizima da sahida das taes mercadorias, das quaes dizimas o capitão haverá a sua redizima, segundo se contém em sua doação, e ser-lhe-ha a dita redizima entregue per meus officiaes ao tempo que se as ditas dizimas pera mim se arrecadarem; = Item. De mantimentos, armas, artilheria, polvora, salitre, enxofre, chumbo e quaesquer outras cousas de munição de guerra, que á dita capitania levarem ou mandarem levar ao capitão e moradores della, ou quaesquer outras pessoas assi naturaes como estrangeiros, hei por bem que se não paguem direitos alguns, e que os sobreditos possam livremente vender todas as ditas cousas e cada uma dellas na dita capitania ao capitão, e moradores, e povoadores della, que forem christãos e meus subditos; = Item. Todas as pessoas, assi de meus regnos e senhorios, como de fóra d'elles, que á dita capitania forem, não poderão tractar, nem comprar, nem vender cousa alguma com os gentios da terra, e tractarão sómente com o capitão e moradores della, comprando, vendendo e resgatando com elles todo o que poderem haver, e quem o contrario fizer, hei por bem que perca em dobro toda a mercadoria e cousas que com os ditos gentios contractarem, de que será a terça parte pera a minha camara e a outra terça parte pera quem os accusar, e a outra terça parte pera o hospital que na dita terra houver, e não o havendo hi, será para a fabrica da egreja della; = Item. Quaesquer pessoas, que na dita capitania carregarem seus navios, serão obrigados antes que comecem a carregar, e antes que saiam fóra da dita capitania, de o fazer saber ao capitão della pera prover e ver que se não tirem mercadorias deffesas, nem partirão assi mesmo da dita capitania sem licença do dito capitão, e não o fazendo assi, ou partindo sem a dita licença, perder-se-hão em dobro pera mim todas as mercadorias que carre-

garem, posto que não sejam deffesas, e isto porém se entenderá emquanto na dita capitania não houver feitor ou official meu reputado pera isso; porque havendo-o hi, a elle se fará saber o que dito é, e a elle competirá fazer as ditas diligencias e dar as ditas licenças; = Item. O capitão da dita capitania e os moradores e povoadores della poderão livremente tractar, comprar, vender suas mercadorias com os capitães das outras capitanias, que tenham providos na dita costa do Brazil, e com os moradores e povoadores dellas, a saber: de umas capitanias pera outras das quaes mercadorias e compras e vendas dellas não pagarão uns nem outros direitos alguns; = Item. Todo o visinho e morador, que viver na dita capitania, e for feitor ou tiver companhia com alguma pessoa que viva fóra de meus regnos ou senhorios, não poderá tractar com os brazis da terra, postoque sejam christãos; e tractando com elles, hei por bem que perca toda a fazenda com que tractar, da qual será um terço pera quem o accusar, e os dois terços pera as obras dos muros da dita capitania; = Item. Os alcaides-mores da dita capitania, e das villas, e povoações della, haverão e arrecadarão pera si todos os fóros, direitos e tributos que em meus regnos e senhorios per bem de minhas ordenações pertencem e são concedidos aos alcaides-mores; = Item. Nos rios da dita capitania em que houver necessidade de pôr barcos pera a passagem delles, o capitão os porá e levará dellas aquelle direito ou tributo que lá em camara for taxado que leve, sendo confirmado per mim; = Item. Cada um dos ditos tabelliões do publico e judicial, que nas villas e povoações da dita capitania houver, será obrigado pagar ao dito capitão quinhentos réis de pensão em cada um anno; = Item. Os povoadores, moradores e povo da dita capitania serão obrigados em tempo de guerra de servir nella com o capitão, se lhe necessario for. E notifico assi ao capitão da dita capitania, que ora é, e ao deante fôr, e ao meu feitor, almoxarife, officiaes della e aos juizes, e justiça da dita capitania, e a todas as outras justiças e officiaes de meus regnos e senhorios, e assi da justiça, como da fazenda, e mando a todos em geral, e a cada um em especial, que cumpram, e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar esta minha carta de foral assi e da maneira que se nella contem, sem lhe ser posto duvida, nem embargo, nem contradicção alguma; porque assi é minha mercê. E por firmeza dello mandei passar esta carta, per mim assignada, e assellada pelo meu selo pendente, a qual mando que se registe no livro de registo de minha alfandega de Lisboa, e assi nos livros da minha feitoria da dita capitania, e pela mesma maneira se registará nos livros das camaras das villas e povoações da dita capitania, pera que a todos seja notorio o contheudo neste foral, e se cumprir inteiramente. Dada em a cidade d'Evora a 11 de março. Pero de Mesquita a fez — anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1535. E eu Fernão d'Alvares, escrivão da fazenda e da camara d'El-Rey Nosso Senhor, e seu chanceller-mór a fiz escrever e a subescrevy.

D. João etc. Outra tal carta de foral, como acima, escripta, nem mais nem menos, a Ayres da Cunha, fidalgo da casa do dito Senhor, e feita em a dita cidade d'Evora pelo dito Pero de Mesquita no dito mez e era e subescripta pelo dito Fernão d'Alvares.

Chancellaria de D. João III f. 85 e 86.

Carta de privilegio de homisio concedido em beneficio da colonisação do Maranhão.

D. João etc. A quantos esta minha carta virem, etc., faço saber que vendo eu como muitas pessoas de meus regnos e senhorios andam continuadamente homisiados com temor de minhas justiças por delictos que commettem, e a mór parte dos ditos homisiados se ausentam, e vão viver a outros regnos, e por que hei por melhor e mais serviço de Deus e meu que os sobreditos fiquem antes em a terra de meus senhorios, e vivam, e morem nella, especialmente na capitania da terra do Brazil, de que ora fiz mercê a João de Barros, fidalgo de minha casa, pera que ajudem a morar, povoar e aproveitar a dita terra; por estes respeytos e por alguns outros, que me a isso movem, hei por bem e me praz que, de dia em deante pera sempre quaesquer pessoas de qualquer calidade e condição, que sejam, que andarem homisiados ou ausentes por qualquer delicto que tenham commettidos, não sendo por cada um destes quatro casos seguintes a saber: heresia, traição, sodomia e moeda falsa, que estes taes, indo-se para o dito Brazil a morar e povoar a capitania do dito João de Barros, não possam lá ser presos, accusados, nem demandados, constrangidos nem executados per nenhuma via nem modo que seja pelos casos que cá tiverem commettidos, até o tempo em que se assi foram para o dito Brazil, postoque já sejam sentenciados e condemnados a morte natural. E bem assi me praz que se os ditos homisiados, depois de assi estarem na dita terra do Brazil, e nella residirem por espaço de quatro annos cumpridos e acabados, quizerem vir a meus regnos ou senhorios a negociar suas cousas, que o possam fazer, trazendo certidão do dito João de Barros, ou de qualquer outro capitão da dita capitania, que pelo tempo for de como vem per sua licença, e que esteve na dita terra os ditos quatro annos ou mais tempo, e com a tal certidão poderão os sobreditos andar livremente e seguros em meus regnos e senhorios, e negociar o que quizerem por tempo de seis mezes sómente, que começarão do dia que chegarem ao porto ou logar em que desambarcarem, no qual tempo de seis mezes não poderão assi mesmo ser presos, accusados nem demandados pelos casos sobreditos, per que se foram pera a dita terra do Brazil, e elles porém não poderão no dito tempo entrar no logar do maleficio, nem em minha côrte e entrando este seguro lhes não valerá. E assi serão obrigados, tanto que chegarem ao porto e logar em que vierem desembarcar,

de se apresentar ás justiças do tal logar e cobrar sua certidão nas costas, da que trouxerem do dito capitão, em que declarem o dia e mez e anno em que assi chegarem pera que d'ahi em deante se comecem os ditos seis mezes. E porém aquelles que huma vez vierem do dito Brazil com a dita certidão e andarem em meus regnos ou senhorios os ditos seis mezes, tanto que se tornarem ahi pera o dito Brazil, não poderão mais tornar aos ditos meus regnos ou senhorios, salvo depois de passados outros quatro annos do dia em que chegaram ao dito Brazil, quando se assi pera elle tornarem, que cá tiverem andado os ditos seis mezes, e desta maneira poderão d'hi em deante de quatro em quatro annos vir as mais vezes que quizerem, e em outra maneira não. Notifico assi ao capitão da dita capitania, que ora é, e ao deante fôr, e aos juizes e justiças della e a todos os corregedores, desembargadores, ouvidores, juizes, justiças, e officiaes, e pessoas de meus regnos e senhorios pera que esta minha carta ou o treslado della em publica fórma fôr mostrada e o conhecimento della pertencer, e mando a todos em geral e a cada um em especial que em todo e per todo a cumpram, guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como se nella contem, sem duvida, nem embargo, nem contradicção alguma que a ello seja posto; porque assi é minha mercê. E por firmeza dello lhe mandei dar esta carta per mim assignada e assellada do meu sello pendente. Pero da Mesquita a fez em Evora a 11 dias de março anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1535. Fernão Alvares a fez escrever.

Chancellaria de D. João III, liv. 10, f. 86 verso.

Nota B

achava-se de todo conturbado..... pag. 118

Relatorio sobre o estado actual das Relaçoens entre Portugal e o Brazil, lido pelo Conselheiro Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros no Conselho de Estado na Sessão de 9 de Janeiro de 1824.

O Sistema Colonial havendo sido completamente abolido no Brazil desde o momento em que Sua Magestade se vio obrigado a transferir para aquelle Continente a Sede da Monarchia, e não havendo apparencia alguma de o poder restabelecer, nem projecto de tal intentar, parece que a Revolução Braziliense não deve atribuir-se sómente ás causas geraes que excitam sempre as Colonias chegadas a certo gráo de vigor e de madureza a levantarem o grito da emancipação, e a bandeira da Independencia. As causas imediatas da Insurrecção do Brazil, são 1.º o regresso de Sua Magestade

para a Europa, que restituindo a Portugal a presença do Soberano, offende a vaidade d'aquelles Povos, ainda quando deixa intactos os seus verdadeiros interesses. 2.º o espirito vertiginoso de inovação e de Democracia, o qual por huma singular inconsistencia do espirito humano, seduzio o pequeno numero de homens que domina naquelle Paiz huma multidão de escravos, e adquirio proselytos ao Carbonarismo naquella mesma classe que mais devera recear a propagação da doutrina do nivelamento politico. A estas causas primarias devem ajunctar-se outras de segunda ordem que influirão comtudo poderosamente para excitar fermentaçoens entre aquelles Povos; e são os Decretos das chamadas Cortes ordenando o regresso de S. A. R. o Principe D. Pedro a Portugal, e os demais Decretos, Manifestos, discursos etc. emanados d'aquella tulmutuoza Assembléa, que contribuirão não pouco a inflamar os espiritos e exaltar as imaginaçõens dos Brazileiros.

Desejando pois S. Magestade assim que recuperou o livre exercicio da Sua Autoridade, remover quanto possivel fosse os motivos ou pretextos da Insurreição Brazileira, na persuação de que a irritação causada pelos actos impoliticos das Cortes devia em grande parte dezaparecer pela aniquilação do partido que dominava naquella Assembléa; conhecendo que o interesse manifesto do Principe Herdeiro da Coroa se achava neste caso de accordo com o seu dever, pois não podia convir-lhe o triunfo do Jacobinismo, nem a mutilação da Monarchia, Julgou que convinha aproveitar-se esta occasião para substituir demonstraçoens de doçura e de conciliação aos actos hostis e as medidas violentas adoptadas pela assembléa revolucionaria, e em conformidade desse principio Ordenou que cessassem todas as hostillidades nas Provincias do Brazil, ainda ocupadas por Tropas Portuguezas. Removeo as restricçoens que estorvavam a livre communicação e Commercio entre os dois Paizes, abrogou todos os actos tão offensivos quão impoliticos do Governo passado, e mandou Commissarios Regios portadores de huma Carta Sua autografa, e munidos de Instrucçoens as mais latas, e generosas, para tratarem da Reconciliação.

Logo depois que S. Magestade adoptou estas Sabias Rezoluçoens acorreo a conveniencia de auxiliar por meio de negociaçoens oportunas a Missão dos Commissarios Regios: e de preparar o apoio effectivo, ou ao menos moral de algumas das principaes Potencias da Europa para o cazo provavel de que a negociação directa que em primeiro lugar convinha estabelecer sem intervenção alguma Estrangeira não produzisse immediatamente o dezejado effeito.

Receberão portanto ordem os Ministros de S. Magestade em Londres, Pariz, Vienna e Petresburgo (o cativeiro de S. M. Catholica não permitindo ainda então que se tractasse com a Hespanha) para sondarem as disposiçoens daquelles Gabinetes, aclarando assim quanto lhes fosse possivel, o nosso horizonte politico, e para lhes communicar as idéas moderadas de S. Magestade, e a tentativa pacifica que o mesmo Augusto Senhor acabára de praticar.

Sem demora vierão respostas dos Ministros das diversas Cortes do Continente manifestando a inclinação que havião encontrado nos Soberanos junto aos quaes se achavão acreditados para cooperarem ao restabelecimento da

legitima Authoridade de S. Magestade no Brazil, e a aniquilação do partido revolucionario que sufocado na Europa parecia renascer álém do Atlantico. S. Magestade o Imperador de Austria, bem que ligado por vinculos tão estreitos ao cheffe aparente da Insurreição Brazileira, não deixou de se manifestar com a mais nobre franqueza sobre esta questão importantissima de interesse universal de Direito publico, e de moral politica; e dezaprovou altamente a conducta de Seu Augusto Genro, recusando-se a receber debaixo de qualquer caracter official ou publico o agente Antonio Telles da Silva, que havia sido enviado á Sua Côrte para procurar de estabelecer communicaçoens Diplomaticas. O ponto mais essencial porém era penetrar as intençoens de Grãa Bretanha, pois que as boas disposiçoens da Austria, da Russia, e da França difficilmente poderião passar de meras declaraçoens officiaes, e quando muito se extenderiam até á promessa de não reconhecer a independencia do Brazil, emquanto S. Magestade Fidelissima lhes não desse o exemplo; declaração que talvez mesmo não fosse de grande importancia, porque se a independencia se estabelecesse, e consolidasse de facto, indispensavel seria o vir a reconhecel-a de Direito, e nenhum Governo consentiria entretanto na interrupção das Comunicaçoens Comerciaes com o Brazil, unica hostilidade verdadeira que este podia receiar das Potencias Continentaes da Europa.

Por um lado era de esperar que o Governo Britanico este antigo e firme alliado de Portugal, não patrocinasse huma insurreição tendente a dissolver a Monarchia Portugueza; a crear na America novos Estados rivaes da prosperidade Britanica, e a debilitar Portugal, tornando assim mais precaria a sua existencia politica, e mais pezada a garantia da sua independencia. Por outra parte a opinião de huma grande maioria da Nação Ingleza a favor da emancipação da America, os seus interesses Comerciaes do momento, e o dezejo de contrapezar á poderoza influencia que os ultimos acontecimentos da Hespanha hião dar a França, e as demais potencias conhecidas pela denominação de Santa Alliança; mais que tudo talvez, o amor proprio irritado do Ministro Inglez, que acabava de ver desmentidos todos os seus pronosticos na guerra e na Contra-Revolução da Peninsula, fazião duvidar com justa rasão da sinceridade da cooperação Britanica na Contenda entre Portugal, e a sua antiga Colonia. Com effeito desde as primeiras praticas que teve com M. Canning o Encarregado de Negocios de S. M. Rafael da Cruz Guerreiro, conheceo-se que o Governo Britanico se havia compromettido até certo ponto, com o do Rio de Janeiro: que Lord Amherst na sua passagem para a India fôra incumbido de algumas proposiçoens tendentes a deixar entrever a possibilidade do reconhecimento da independencia mediante alguma estipulação sobre o trafico da Escravatura; e que no fundo do seu coração os Ministros Inglezes não desejavão muito a reunião dos dois Reinos, ainda que sómente expressavão o convencimento da inutilidade de todas as tentativas para induzir os Brazileiros a reconhecer novamente a Soberania de S. M. Ha porém alguns motivos para suspeitar que a inclinação a favor do Brazil, tem diminuido no Gabinete de St. James desde a epocha da Restauração de S. Magestade, não só pelas continuas e bem dirigidas diligencias de Seus Ministros, mas sobretudo pela tendencia Republicana que tem tomado

a Revolução do Brazil, e que excita em Inglaterra sentimento de receio e rivalidade contra os Estados Unidos; que em segredo e incubertamente trabalhão n'uma Confederação geral da America; pelo conhecimento que se tem dado M. Canning do teor das Instrucçoens em toda a força do sentido, liberaes que levavão os Comissarios de S. Magestade; e emfim pelo receio que huma repulsa ou frieza excessiva da sua parte venha por necessidade a lançar-nos inteiramente nos braços das outras Potencias da Europa, e a desfazer uma alliança que elles considerão como essencia ao seu Sistema Europeo.

Nas primeiras entrevistas que o Conde de Villa-Real logo depois da chegada a Londres, teve com M. Canning, deu-lhe este Ministro a conhecer claramente que o Governo Britanico olharia com o maior ciume para a intervenção collectiva das Potencias Continentaes da Europa nas questoens das Colonias Americanas, e que qualquer passo d'esta natureza bastaria para induzir S. M. B. a reconhecer imediatamente a independencia das ditas Colonias. Depois modificou o Ministro Inglez essa declaração, como se vê no memorandum de huma importante Conferencia que teve M. Canning com o Principe de Polignac, Embaixador de França dizendo = que reconheceria a independencia se as potencias alliadas intentassem auxiliar á viva força, ou com ameaças de guerra as pertençoens da Hespanha. Como quer que seja, huma semelhante determinação bastava para fazer reconhecer o grave perigo que haveria se pela nossa parte reclamassemos a mediação de todas as Cortes alliadas, mas não pareceo o Ministro Inglez opor nenhuma objecção semelhante a idea que lhe indicou o Conde de Villa-Real de solicitar a mediação unicamente do Imperador da Austria, que na sua qualidade de mais proximo parente, parecia dever ser hum mediador bem aceito pelo Principe Real.

Em consequencia pois da informação que o Conde de Villa-Real deu do que havia passado com M. Canning, e depois de ouvido o Seu Conselho de Estado Determinou S. Magestade pedir officialmente a Mediação do Imperador de Austria, o que se efectuou por meio de huma nota que eu dirigi ao Barão de Binder, Seu Ministro n'esta Côrte, reservando-se S. Magestade a fazer uso d'esta mediação, quando as circunstancias o aconselhassem, depois da volta dos Comissarios Regios do Rio de Janeiro, e a empregar ao mesmo tempo a influencia do Governo Britanico que seria a unica efficaz para com a Nação Brazileira, assim como a de Austria parecia a mais adequada para com o Principe. N'este intervalo effeituada a libertação de S. M. C. começou a Corte de Madrid a querer que se adoptasse alguma medida geral ácerca das Suas Colonias da America, sem se prestar porém até agora, apezar das repetidas sugestões do Embaixador de S. Magestade em Madrid, a fazer algumas declaraçoens precizas sobre o grão de independencia administrativa e Comercial que Concederia ás Colonias quando as Recuperasse: declaraçoens que S. M. F. julga indispensaveis para obter os bons officios das Potencias Continentaes, e não se atrahir a decidida opposição da Grã Bretanha.

A primeira proposição emanada a este respeito da Corte de Madrid foi um Convite para S. M. F. assistir conjunctamente com S. M. C. a hum

Congresso que se dizia dever ter lugar em França, ou em Italia, e logo depois recebeo o Duque de Villa Hermoza Ordens para instar com este Governo afim que de acordo com o de Hespanha solicitassem a Reunião de hum Congresso ad hoc para tomar em consideração os negocios da America. A ambas estas insinuaçoens respondi por Ordem de S. M. evazivamente, porque nem parecia conveniente á vista das declaraçoens da Inglaterra parecer que hiamos solicitar hum Congresso para tractar da questão da America, e muito mais emquanto não recebessemos a Resposta da Corte de Vienna á reclamação Official da Sua Mediação, e ainda menos conveniente parecia emparelhar em certo modo o negocio do Brazil sublevado ha pouco tempo, e com o Principe herdeiro da Coroa á testa do seu Governo, com o das Colonias Hespanholas já separadas ha 15 annos da Metropole, e com governos mais ou menos consolidados. Rezolveu-se pois o Ministro Hespanhol a dirigir por si só, huma nota circular ás Grandes Potencias pedindo com effeito a Reunião do mencionado Congresso, e o Embaixador de França nesta Corte recebeo Ordem do seu Governo para Convidar S. M. F. não já a hir pessoalmente, mas a enviar hum plenipotenciario para assistir ás Conferencias que deverão ter lugar em Paris. O Convite recebido deste modo já não involve todos os inconvenientes do passo que o Ministerio Hespanhol nos queria induzir a darmos espontaneamente; pareceo porem necessario não o aceitar officialmente, em quanto não chegasse a Resposta tão dezejada de Vienna, que o Gabinete Austriaco provavelmente se não Rezolveo a dar sem consultar previamente as demais Cortes alliadas.

Tal he o estado em que se achão estas negociaçoens no momento da chegada dos Comissarios Regios a Lisboa, de volta de sua malfadada expedição: e só acrescentarei que depois de terem vindo as noticias do indigno Recebimento que se lhe fez no Rio de Janeiro, o Ministerio Inglez manifestou a maior dezaprovação de um tão dezuzado procedimento, e se prestou a instancias do Ministro de S. M. em Londres a mandar as Ordens mais pozitivas ao seu Consul no Rio de Janeiro para que aconselhasse fortemente a cessação das hostilidades, a suspensão de todas as medidas de vexação contra o Cõmercio e individuos Portuguezes, a restituição mesmo das prezas feitas contra toda a boa fé nos Portos do Brazil, e a expedição de algum agente acreditado a Europa para tratar da reconciliação dos dois Paizes. O Governo Britanico bem que informado dos passos dados para solicitar a mediação da Austria, mostra-se dezejozo, mais agora do que ao principio, de intervir como Mediador; e ainda que persiste em affirmar que não vê esperança alguma de induzir os Brazileiros a aceitar a Condição do reconhecimento da Soberania de S. Magestade, comtudo não parece recuzar-se a emprehender a mediação sem que seja preciso nem de huma parte nem de outra estabelecer desde o principio da negociação hum sine qua non: tãobem parece que se poderá demonstrar ao Ministerio Britanico que assistindo como S. M. F. deve necessariamente assistir, por meio de um plenipotenciario a qualquer Congresso, em que exprofesso se trate dos negocios da America, não se segue por isso que aceite a intervenção das Potencias Continentaes, as quaes tem todo direito de tomarem em consideração a grande questão da nova posição po-

litica em que a America se coloca para com todas as demais Naçoens: e que entretanto a reunião deste Congresso em nada deve estorvar a mediação da Austria unida com a da Inglaterra, se S. Magestade depois de recebida a resposta da Corte de Vienna, Houver por conveniente solicitar a união das duas Mediaçoens.

Depois d'esta exposição rapida do estado das Negociaçoens parece que a deliberação do Conselho de Estado, que S. Magestade se digna Consultar, poderia recahir sobre os pontos seguintes.

=1.°—Se no estado actual das nossas Relaçoens com o Brazil convem renunciar a toda a Negociação, e recorrer ás armas?

=2.°—Se convem mais conservar o sistema de paz e de moderação adoptado depois dos felices acontecimentos do mez de Junho, e negociar pela mediação só da Austria? ou da Austria unida á Inglaterra? ou das Potencias Alliadas com a indispensavel excluzão da Inglaterra? ou finalmente da Inglaterra só com exclusão das Potencias alliadas? e se deverá S. Magestade em todo o cazo mandar hum Plenipotenciario ao Congresso?

=3.°—Quaes devem ser as bazes da Negociação? se uma mera suspensão de armas e cessação de vexaçoens Cõmerciaes? ou exigir-se como sine qua non, o reconhecimento da Soberania de S. Magestade? ou qualquer outra baze que possa lembrar.

=4.°—Se conviria emquanto se negociasse suspender quaesquer tentativas para recuperar o Brazil em todo ou em parte por meio da força: ou se poderia combinar-se simultaneamente o emprego da força com o prosseguimento das Negociaçoens.

=5.°—Quando S. Magestade se dezenganasse de que nada se consegue pelos meios de conciliação, o que deverá fazer? Se ficar em inação tratando só de deffender as Colonias da Costa de Africa, etc.? ou tentar de ocupar alguma porção do Brazil? ou bloquear os seus Portos? o que deve fazer-se com a Tropa que está em Monte-Video? em que despezas nos involverá huma guerra? e como a sustentaremos?

Lisboa em 9 de Janeiro de 1824.

=Marquez de Palmella=

Nota C

....cuja morte alguns jornaes e até um deputado da nação portugueza deploraram! pag. 182.

O Paiz, do Maranhão, transcrevendo no seu numero de 14 de junho de 1870 o artigo que fiz publicar no *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 17 de abril, impugnando as idéas emittidas pelo sr. Castilho e Mello por occasião de discutir-se nas côrtes portuguezas uma proposta de congratulação ao Brasil pela conclusão da guerra do Paraguay, fal-o preceder d'estas linhas:

Congratulações ao Brasil

«Quando na camara dos deputados portuguezes o sr. Pereira de Miranda fez a proposta de que os nossos leitores teem conhecimento, e que foi unanime e calorosamente approvada, o sr. Castilho e Mello disse algumas palavras pouco justas em relação ao Brasil, ás quaes respondeu pelo *Jornal do Commercio* o nosso distincto comprovinciano o sr. Dr. Antonio Henriques Leal, que por sua saude ainda está em Lisboa.

«É com prazer que transcrevemos o seu artigo para que se saiba que esse illustre escriptor não faz, como tantos outros brasileiros, que vendo no estrangeiro, nos logares em que vivem, mal apreciadas as intenções do Brasil, calam-se como convencidos.»

É este o artigo:

O sr. Castilho e Mello e o dictador Lopez

Por occasião de apresentar o sr. deputado Pereira de Miranda nas côrtes, na sessão de 13 do corrente (abril), uma proposta de congratulação ao meu paiz por ter-se terminado a ruinosa e porfiada guerra do Paraguay, impugnou-a o sr. deputado Castilho e Mello, apoiando o adiamento até que a noticia fosse official. Foi prudente essa medida, e a discussão d'ella passaria sem reparo se este senhor deputado não empregasse expressões offensivas ás intenções e modo de proceder das tres nações alliadas, a despeito de serem tão conhecidos e comprovados pela publicidade que tem tido o tractado da triplice alliança e pelos factos que se vão reproduzindo todos os dias.

Parece lastimar-se o nobre deputado da morte do tyranno do Paraguay, como se fosse ella uma calamidade, e o dictador da estatura de Lincoln e de outros patriotas ou bemfeitores da humanidade, quando esse Hermodio dos nossos tempos se rebaixára ao hediondo papel de sicario avido de bebidas alcoolicas e de sangue humano. Não sei onde as sympathias por Lopez, quando se não póde apontar e nem o abonar por um só acto de bravura e heroicidade, rasgo de generosidade ou impetos de patriotismo e de abnegação pelo povo que trazia escravisado sob um despotismo sem limites; não consta que nunca se pozesse á frente de seus exercitos para dirigil-os e leval-os ao combate, senão que, acoitado no mais escuso e seguro de suas formidaveis fortalezas, d'ahi aguardava o resultado das pelejas que lhe offereciam os alliados. Era d'ellas tambem que ordenava os assaltos inopinados, as ciladas nocturnas e as emboscadas nas matas e desfiladeiros contra os exercitos alliados. Foi sempre esta a tactica e o systema que adoptou em toda esta lucta. Afóra d'isso, e como diversão ou por desfastio,

deliciava-se com o espectaculo horroroso d'essas frequentes hecatombes em que immolava não só os prisioneiros, mas seus compatriotas d'elle, amigos dedicados e prestimosos, seus parentes, e até os mais proximos — cunhados e irmãos! — e se no último dia de sua fatal existencia não poz remate a esse monumento de carniceria, tirando a vida á propria mãe, é que não aprouve á Providencia consentir em tão monstruosa e nefanda iniquidade.

Diz o sr. deputado Castilho Mello que *se não congratula pela morte de um homem que combatia pela independencia de seu paiz!...*

Hade permittir-me que conteste esta apreciação por inexacta e sem applicação ao dictador do Paraguay, e contrária aos intentos do Brasil e de seus alliados.

Admira que havendo espaço bastante longo para estudar-se e verificar os factos occorridos n'essa lucta de tantos annos, e quando os espiritos estão cabalmente esclarecidos de todas as occurrencias que respeitam a esta campanha, appareça na camara dos deputados da nação portugueza quem se mostre tão alheio a ella, dando ao mesmo tempo ao dictador virtudes que estavam bem longe de seu caracter e acções.

Para que Lopez combatesse pela independencia de seu paiz, importava que estivesse ella ameaçada; mas quer pelo tractado da triplice alliança, que é publico, e onde se estabelece com toda a individuação e clareza que será respeitada e conservada a integridade e autonomia do Paraguay, como pelos actos practicados pelos alliados em todo o decurso d'essa guerra, evidencia-se, sem a menor sombra de dúvida, que são e teem sido sempre os designios dos alliados alliviar essa infeliz nação do jugo ferrenho e tyrannico de Lopez, alforriando-a da mais atroz e ignominiosa escravidão, dando-lhe a liberdade, e com ella a civilisação, as idéas progressistas que ora predominam, e espancando-lhe, em summa, as trevas que anuviam-lhe os espiritos, preza do fanatismo e da superstição.

Ainda mais, não foram os alliados que emprehenderam esta guerra, mas sim Lopez quem a provocou, levado pela mais desvairada ambição de predominio na America do Sul e de augmento de territorio. Para realisal-a não escolheu occasião nem apparentou queixas ou pretextos que tivessem vislumbres de plausibilidade, antes sem declaração prévia e *ex abruto* apoderou-se, como ninguem ignora e já o demonstrei algures, do vapor *Marquez de Olinda*, que, descançado nos tractados de commercio e nas relações que entretinhamos com o Paraguay, navegava pelo territorio do dictador em demanda da capital da nossa provincia de Mato Grosso. Não se contentou só com a embarcação, aprisionou a tripulação, os passageiros, entre elles o presidente de Mato Grosso, varios empregados e familia d'estes, e roubou todos os generos e grossa somma do thesoiro nacional que existiam a bordo. Depois d'este acto de selvagem pirataria, invadiu as provincias limitrophes de Mato Grosso e Rio Grande do Sul, no nosso imperio, e a de Corrientes, na republica de Buenos-Ayres, incendiando as povoações por onde passava, e matando seus habitantes, que lhe não offereciam opposição, apresentando-se-lhe inermes e inoffensivos!

Foi então que o Brasil, alliando-se ás republicas do Prata, ameaçadas como nós, repelliu do nosso territorio e do argentino essas hordas de bar-

baros, e tractou de desaffrontar nossos brios e conjurar o mal commum, debellando um inimigo audaz, traiçoeiro, e que era uma ameaça constante e temerosa. Invadimos então por nossa vez o Paraguay. Não commettemos, porém, saques nem violencias de qualquer especie, antes respeitámos as vidas e as propriedades paraguayas. Fizemos sempre guerra leal e conforme aos preceitos humanitarios hodiernos, dando abrigo e alimento aos foragidos, protecção ás populações que se iam submettendo ás nossas armas, e logo que tomámos posse de Assumpção, capital do Paraguay, e de uma grande parte do paiz, tractámos *in continenti* de organisar a administração interior, dando livre passo ao povo para eleger um govêrno provisorio que substituisse a tyrannia e fizesse imperar as leis e a moralidade. D'ahi resultou que fossem adherindo á causa da civilisação e da humanidade as populações e as authoridades paraguayas constituidas pelo proprio Lopez.

Ao passo que assim procediamos, a fera não se comedia em seus excessos, senão requintava nas suas malvadezas. Uma vez terminada a guerra, os exercitos alliados teem evacuado o paiz, e por ahi se vê que não tractaram o Paraguay como conquista, nem perigou um momento sequer a sua independencia, para que fosse necessario defendel-a a todo o transe.

Poder-se-hia admirar a tenacidade com que se houve Lopez n'esta guerra, se não fosse movido unicamente pelo interesse proprio, com prejuizo do paiz, que, pela prolongação d'essa lucta devastadora, ficou aniquilado, extenuado e reduzido á miseria extrema, representando o commovedor e tristonho aspecto de um vasto cemiterio! Empoz as derrotas de Chaco, de Villeta, de Lomas-Valentinas e de Caraguaty, ainda porfiar na resistencia e não procurar uma paz que fosse honrosa e désse descanço ao povo, provava n'elle acanhamento de intelligencia, falta de tino e de senso, ou então tresloucado desvairamento. Lopez não combatia, pois, pela independencia do Paraguay, mas sómente para firmar seu dominio e engrandecer-se.

Houve, entretanto, outro senhor deputado que comparou o Paraguay á Grecia e á Polonia! Não soffrem parallelo os paraguayos com os gregos, que sacudiram o jugo da Turquia, menos ainda com os polacos, que tentam readquirir sua independencia e liberdade: a situação e as circumstancias são outras e diametralmente oppostas. Os alliados invadem para os libertar, protegem e defendem-n'os, não conquistam o paiz, nem os opprimem. Levam-lhes a liberdade, deixam-n'os eleger um govêrno nacional a sua escolha d'elles, em troca da tyrannia imposta pela fôrça, e transformam o Paraguay que era feitoria de escravos ou feudo de uma familia que só curava de explora-l-o — em nação livre no gozo de todos os direitos e funcções civis, como os demais estados regulares da America.

Ao terminar estas toscas linhas não me soffre o animo deixar de dirigir um voto de cordial agradecimento á redacção d'este jornal pelo artigo editorial de hontem (16), congratulando-se pelas últimas noticias do Brasil. São expressões de sincero enthusiasmo, nascidas do interêsse que tem sempre mostrado pela causa e prosperidade do joven imperio americano. Patenteia a redacção n'ellas que comprehende a confraternisação que deve de existir entre dois povos que descendem do mesmo tronco e que se ligam por interesses e recordações communs.

O Brasil cresce e medra, e tem diante de si um futuro immenso e risonho. Portugal deve estremecel-o como filho, lembrando-se que tudo quanto de bom, de grandioso, de prospero e de glorioso houver no imperio de Santa Cruz reflectirá sobre este reino, que debate-se em tantas difficuldades e goza dos fructos que seus filhos recolhem no Brasil.

Lisboa, 17 de abril de 1870.

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

(Do *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 19 de abril de 1870).

Nota D

chegaram ao accôrdo..... pag. 184

São estas as estipulações do tractado definitivo de paz:

Decreto n.º 4910 de 27 de março de 1872

Promulga o tractado definitivo de paz entre o imperio do Brasil e a republica do Paraguay

Tendo-se concluido e assignado em Assumpção, aos 9 de janeiro último, o tractado definitivo de paz entre o imperio e a republica do Paraguay: e achando-se este acto mutuamente ratificado, havendo-se trocado as ratificações n'esta côrte em 26 do corrente mez: Sua Alteza a Princeza Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II, ha por bem ordenar que o dito tractado seja observado e cumprido tão inteiramente como n'elle se contém.

Manuel Francisco Corrêa, do conselho de Sua Magestade o Imperador, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, o tenha assim entendido e expessa para este fim os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, aos 27 dias do mez de março de 1872, 51.º da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE — *Manuel Francisco Corrêa.*

Nós a Princeza Imperial, herdeira presumptiva da corôa, Regente em nome de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, por graça de Deus e unanime acclamação dos povos Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, etc.

Fazemos saber a todos os que a presente carta de confirmação, approva-

ção e ratificação virem, que aos nove dias do mez de janeiro de 1872, concluiu-se e assignou-se na cidade de Assumpção entre nós e Sua Excellencia o Sr. Presidente da Republica do Paraguay, pelos respectivos plenipotenciarios, munidos dos competentes plenos poderes, um tractado do theor seguinte:

Tratado definitivo de paz

Em nome da Santissima Trindade.

Sua Alteza a Princeza Imperial do Brasil, Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, de uma parte, e da outra a Republica do Paraguay, animados do sincero desejo de restabelecerem a paz sobre bases solidas que assegurem a boa intelligencia, harmonia e amizade que deve existir entre nações visinhas chamadas a viver unidas por laços de perpétua alliança, e evitem as perturbações que teem soffrido seus respectivos paizes, resolvendo as questões que deram origem á guerra, as que d'ella teem surgido, e consignando em estipulações expressas os principios que devem decidir as que no futuro possam surgir, fazendo assim impossivel, ou mui difficil, que se torne a empregar a fôrça como meio de dirimir suas questões, se infelizmente sobrevierem, resolveram com este objecto celebrar um tractado definitivo de paz, e para este fim nomearam seus plenipotenciarios, a saber:

Sua Alteza a Princeza Imperial do Brasil, Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, a Sua Excellencia o Sr. João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe, senador e grande do Imperio, membro do seu conselho, commendador da sua imperial ordem da Rosa, gran-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, da real ordem de Isabel a Catholica de Hespanha, e da de Leopoldo da Belgica, seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial.

Sua Excellencia o Sr. D. Salvador Jovellanos, Vice-presidente da Republica do Paraguay em exercicio do Poder executivo, ao Sr. D. Carlos Loisaga, senador da Republica.

Os quaes, depois de terem reciprocamente communicado seus plenos poderes, achando-os em boa e devida fórma, convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1.º Haverá desde a data do presente tractado paz e amizade perpétua entre Sua Magestade o Imperador do Brasil, e seus subditos, de uma parte, e a Republica do Paraguay e seus cidadãos da outra parte.

Art. 2.º Os limites do Imperio do Brasil com a Republica do Paraguay, serão ajustados e definidos em tractado especial, o qual constituirá acto distincto do presente, mas será assignado simultaneamente com este, e terá a mesma fôrça e valor que se d'elle fizesse parte [1].

Art. 3.º O govêrno da Republica do Paraguay reconhecerá como divida da mesma Republica:

1.º A importancia da indemnisação dos gastos de guerra que fez o govêrno de Sua Magestade o Imperador do Brasil, e dos damnos causa-

[1] Já foi ratificado.

dos ás propriedades públicas que se fixar na convenção especial de que tracta o artigo 4.º

2.º A importancia dos damnos e prejuizos causados ás pessoas e cidadãos do referido Estado.

Esta indemnisação será fixada na fórma do artigo 5.º

Art. 4.º Uma convenção especial, que será celebrada o mais tardar dentro de dois annos, fixará benevolamente o *quantum* das indemnisações de que tracta o 1.º número do artigo antecedente, á vista dos documentos officiaes; regulará a fórma do pagamento e as quotas do juro e da amortisação do capital; e designará as rendas que tenham de ser applicadas ao pagamento.

Art. 5.º Dois mezes depois de trocadas as ratificações do presente tractado, numear-se-ha uma commissão mixta, que se comporá de dois juizes e dois orbitros, para examinarem e liquidarem as indemnisações provenientes das causas mencionadas no 2.º número do artigo 3.º

Esta commissão reunir-se-ha nas cidades do Rio de Janeiro ou de Assumpção, conforme convierem os dois govêrnos.

Nos casos de divergencia entre os juizes será escolhido á sorte um dos arbitros e este decidirá a questão.

Se acontecer (o que não é de esperar) que uma das altas partes contractantes, por qualquer motivo que seja, deixe de nomear o seu commissario e arbitro no praso acima estipulado; ou que, depois de nomeal-os, sendo necessario substituil-os, os não substitua dentro de egual praso, procederão o commissario e arbitro da outra parte contractante ao exame e liquidação das respectivas reclamações, e ás suas decisões se sujeitará o govêrno cujos mandatarios faltarem.

Art. 6.º Fica estabelecido o praso de dezoito mezes para a apresentação de todas as reclamações que devem ser julgadas pela commissão mixta de que falla o artigo antecedente, e findo esse praso nenhuma outra reclamação será attendida.

A divida d'esta procedencia será paga pelo govêrno paraguayo, á medida que se for liquidando, em apolices ao par, que vençam o juro de seis por cento, e tenham a amortisação de um por cento ao anno.

A amortisação far-se-ha ao par e á sorte, podendo assistir ao acto o consul da nação reclamante que residir no logar em que for realisada a dita operação, e que houver sido para isso authorisado.

Art. 7.º Estando já pelos respectivos Estados declarado livre para o commercio de todas as nações a navegação dos rios Paraguay, Paraná e Uruguay, as altas partes contractantes reconhecem em principio e compromettem-se a applicar desde logo nas aguas de sua jurisdicção as clausulas relativas á navegação fluvial que vão exaradas no presente tractado.

Art. 8.º É livre para o commercio de todas as nações a navegação dos rios desde a sua foz até os portos habilitados ou que para esse fim forem habilitados pelos respectivos Estados.

Art. 9.º A liberdade de navegação para todas as bandeiras, de que tracta o artigo antecedente, não se entende a respeito dos affluentes (sal-

vas as leis ou estipulações especiaes em contrário), nem da que se faça de porto a porto da mesma nação.

Cada Estado poderá reservar assim esta como aquella navegação para a sua bandeira, sendo, comtudo, livre aos cidadãos e subditos dos outros Estados ribeirinhos carregar suas mercadorias nas embarcações empregadas n'esse mesmo commercio interior ou de cabotagem.

Art 10.º Os navios de guerra dos Estados ribeirinhos gozarão tambem da liberdade de transito e de entrada em todo o curso dos rios habilitados para os navios mercantes.

Os navios de guerra das nações não ribeirinhas sómente poderão chegar até onde em cada estado ribeirinho lhes for isso permittido, não podendo a concessão de um Estado estender-se além dos limites do seu territorio, nem obrigar de fórma alguma aos outros ribeirinhos.

Art. 11.º Os navios mercantes que se dirijam de um porto exterior ou de um dos portos fluviaes de qualquer dos estados ribeirinhos para outro porto do mesmo Estado ou de terceiro, não serão sujeitos em seu transito pelas aguas dos estados intermediarios a nenhum onus ou estorvo, nem a lei ou regulamento que não seja feito de commum accordo entre todos os ribeirinhos.

Fica entendido que a falta do dito accordo não poderá entorpecer de modo algum a liberdade d'essa navegação commum.

Os navios que se destinarem aos portos de um dos Estados ribeirinhos ficarão sujeitos ás leis e regulamentos particulares d'este Estado, dentro da secção do rio em que lhe pertencerem as duas margens ou sómente uma d'ellas.

Art. 12.º Cada govêrno designará outros logares fóra dos seus portos habilitados em que os navios, qualquer que seja o seu destino, possam communicar com a terra directamente ou por meio de embarcações miudas, para reparar avarias, prover-se de combustivel ou de outros objectos de que careçam.

Art. 13.º Os navios de guerra são isentos de todo e qualquer direito de transito ou de porto; não poderão ser demorados em seu transito sob pretexto algum; e gozarão em todos os portos e logares em que seja permittido communicar com a terra das outras isenções, honras e favores de uso geral entre as nações civilisadas.

Art. 14.º Adoptar-se-ha um regimen uniforme de navegação e policia, sendo os regulamentos feitos de commum accordo entre os Estados ribeirinhos, e sobre as bases mais favoraveis ao livre transito e ao desenvolvimento das transacções commerciaes.

Para esse fim serão convidados os ditos Estados para celebrarem uma convenção especial no mais breve praso possivel.

No entanto os Estados contractantes darão desde já cumprimento á primeira parte do presente artigo, confeccionando de commum accordo os regulamentos applicaveis na secção dos rios que lhes pertence.

Art. 15.º Se succedesse (o que não é de esperar) que por parte de um dos Estados contractantes se interrompesse a navegação de transito, o outro Estado empregará os meios necessarios para manter a liberdade da dita

navegação, não podendo haver outra excepção a este principio senão a dos artigos de contrabando de guerra e dos portos e logares dos mesmos rios que forem bloqueados: ficando sempre salvo e livre o transito geral para os portos de outros ribeirinhos que se conservem neutros com sujeição aos regulamentos de que fallam os artigos anteriores.

Art. 16.º O govêrno de Sua Magestade o Imperador do Brasil confirma, e o da Republica do Paraguay aceita os principios constantes da declaração do Congresso de Paris de 16 de Abril de 1856, a saber:

1.º O corso é e fica abolido;

2.º A bandeira neutra cobre a mercadoria inimiga com excepção do contrabando de guerra;

3.º A mercadoria neutra, com excepção do contrabando de guerra, não póde ser aprehendida sob a bandeira inimiga;

4.º Os bloqueios para serem obrigatorios devem ser effectivos, isto é, mantidos por uma fôrça sufficiente para vedar realmente o accesso ao litoral inimigo.

Art. 17.º O govêrno de Sua Magestade o Imperador do Brasil confirma e ratifica o compromisso que contrahiu pelos artigos 8.º e 9.º do tractado do 1.º de Maio de 1855 que celebrou com a Republica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay.

Consequentemente se obriga a respeitar perpetuamente por sua parte a independencia, soberania e integridade da Republica do Paraguay e a garantil-as durante o praso de cinco annos.

Art. 18.º Se acontecer (o que Deus não permitta) que sobrevenha alguma grave desintelligencia entre as duas altas partes contractantes, recorrerão ellas, antes do emprego da fôrça, ao meio pacifico dos bons officios de uma nação amiga.

A Republica do Paraguay, no interesse de assegurar-se os beneficios da paz, e considerando egualmente o compromisso que em seu favor aceita a outra parte contractante conforme o artigo antecedente, se obriga a proceder do mesmo modo acima estipulado em qualquer eventualidade de guerra que se dê em suas relações com as demais Potencias.

Art. 19.º Fica entendido que este tractado não prejudica as estipulações especiaes que Sua Magestade o Imperador do Brasil tenha celebrado com a Republica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay, nem ás que para o futuro forem celebradas sem quebra das obrigações que ora contrahe para com a Republica do Paraguay.

Art. 20.º O govêrno de Sua Magestade o Imperador do Brasil poderá, de accôrdo com o da Republica do Paraguay, conservar no territorio da Republica, ainda depois da data do presente tractado, a parte de seu exercito que julgar necessaria á manutenção da ordem e á boa execução dos ajustes celebrados.

Em convenção especial se fixarão o número d'essas fôrças, o praso de sua conservação, o modo de satisfazer-se a despeza occasionada, e demais condições que forem precisas.

Art. 21.º Os prisioneiros de guerra, que não tenham sido ainda restituidos a seus respectivos paizes, serão-hão immediatamente, assim por parte

do Brasil como do Paraguay, devendo as despezas do transporte correr por conta do govêrno a que elles pertencerem.

Art. 22.º O govêrno da Republica do Paraguay se obriga a mandar prender, e pôr á disposição do governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, os desertores de suas fôrças de mar e terra que se asylassem no territorio paraguayo por occasião da guerra e durante a permanencia das mesmas fôrças no territorio da Republica.

O govêrno de Sua Magestade o Imperador do Brasil usará da maior clemencia possivel para com os individuos que lhe forem entregues, e pelo menos commutará o maximo da pena em que tenham incorrido pela deserção, se esta fôr punida com pena capital, segundo a legislação brasileira.

Art. 23.º A troca das ratificações do presente tractado será feita na cidade do Rio de Janeiro dentro do mais breve praso possivel.

Em testimunho do que os plenipotenciarios respectivos assignaram o presente tractado em duplicata e lhe pozeram o sêllo de suas armas.

Feito na cidade de Assumpção aos 9 dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1872.

(L. S.) Barão de Cotegipe.
(L. S.) Carlos Loizaga.

Decreto n.º 4911

Tractado de limites [1]

Art. 1.º Sua Alteza a Princeza Imperial do Brasil, Regente em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, e a Republica do Paraguay, estando de accordo em assignalar seus respectivos limites, convieram em declaral-os, definil-os, e reconhecel-os do modo seguinte:

O territorio do Imperio do Brasil divide-se com o da Republica do Paraguay pelo alveo do rio do Paraná, desde onde começam as possessões brasileiras na foz do Iguassú até o Salto Grande das Sete Quédas do mesmo rio Paraná;

Do Salto Grande das Sete Quédas continúa a linha divisoria pelo mais alto da Serra de Maracajú até onde ella finda;

D'ahi segue em linha recta, ou que mais se lhe aproxime, pelos terrenos mais elevados a encontrar a Serra Amambahy;

Prosegue pelo mais alto d'esta Serra até a nascente principal do rio Apa, e baixa pelo alveo d'este até sua foz na margem oriental do rio Paraguay;

[1] O Decreto que confirma o tractado de entrega de criminosos e desertores é de n.º 4912, e da mesma data d'estes.

Todas as vertentes que correm para Norte e Léste pertencem ao Brasil, e as que correm para Sul e Oéste pertencem ao Paraguay.

A Ilha do Fecho de Morros é dominio do Brasil.

ART. 2.º Tres mezes ao mais tardar contados da troca das ratificações do presente tractado, as altas partes contractantes nomearão commissarios, que, de commum accordo e no mais breve prazo possivel, procedam á demarcação da linha divisoria, onde fôr necessario e de conformidade com o que fica estipulado no artigo precedente.

ART. 3.º Se acontecer (o que não é de esperar) que uma das altas partes contractantes, por qualquer motivo que seja, deixe de nomear o seu commissario dentro do praso acima marcado, ou que, depois de nomeal-o, sendo mister substituil-o, o não substitua dentro de egual praso, o commissario da outra parte contractante procederá á demarcação, e esta será julgada válida, mediante a inspecção e parecer de um commissario nomeado pelos governos da Republica Argentina e da Republica Oriental do Uruguay.

Se os ditos governos não poderem acceder á solicitação que para esse fim lhes será dirigida, começará ou proseguirá a demarcação da fronteira, da qual será levantado por duplicata um mappa individual com todas as indicações e esclarecimentos precisos para ser um d'elles entregue a uma, outro á outra parte contractante, ficando a esta marcado o praso de seis mezes para mandar, se assim lhe convier, verificar a sua exactidão.

Decorrido esse praso, não havendo reclamação fundada, ficará definitivamente a fronteira fixada de conformidade com a demarcação feita.

ART. 4.º Se no proseguimento da demarcação da fronteira os commissarios acharem pontos ou balisas naturaes, que em nenhum tempo se confundam, por onde mais convenientemente se possa assignalar a linha, fóra, mas em curta distancia da que ficou acima indicada, levantarão a planta com os esclarecimentos indispensaveis e a sujeitarão ao conhecimento de seus respectivos govêrnos, sem prejuizo ou interrupção dos trabalhos encetados. As duas altas partes contractantes á vista das informações assentarão no que mais conveniente fôr a seus mutuos interesses.

ART. 5.º A troca das ratificações do presente tractado será feita na cidade do Rio de Janeiro dentro do mais breve praso possivel.

Em testimunho do que os plenipotenciarios respectivos assignaaram o presente tractado em duplicata e lhe pozeram o sêllo de suas armas.

Feito na cidade de Assumpção aos nove dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dois.

(L. S.) BARÃO DE COTEGIPE.

(L. S.) CARLOS LOIZAGA.

Nota E

.... o artigo da *Gazeta do Povo* que deu origem a essa polemica que teve por desfecho a scena do Passeio Público do Rocio. Pag. 196

Appareceu no n.º 140 da *Gazeta do Povo* de 8 de abril de 1870, que então era redigida pelos srs. Manuel Pinheiro Chagas, Ricardo Guimarães (hoje visconde de Benalcanfor) e Ernesto Biester, o seguinte artigo:

Lettras e artes

«Referindo-nos ha dias a uma noticia publicada na respectiva secção da *Revolução de Setembro*, dissemos que julgámos ser ella do sr. Luciano Cordeiro. [1]

«Recebemos, publicámos e analysámos uma carta d'este senhor em que nos dizia, como os nossos leitores viram, que não era inimigo do sr. Pinheiro Chagas nem de pessoa alguma, etc., mas esqueceu-se de dizer se era ou não author da tal noticia, e parece-nos que era este o ponto principal, por quanto nós nos tinhamos dirigido pessoalmente a s. s.ª

«*To be or not to be*, é esta a questão. É ou não é. Se é, diga-o, uma vez que tomava a responsabilidade do que escrevia. Se não é, declare-o, e ficâmos satisfeitos com isso.

«Isto é simples e claro.

«Em quanto não vem essa declaração, diremos alguma coisa ácerca dos escriptos do sr. Luciano Cordeiro.

«Queixava-se s. s.ª da conspiração do silencio, e de outras coisas feias que, parece, lhe povoam de contínuo a mente.

«O que será então causa d'estes tristes effeitos que devem amofinar profundamente um aspirante á gloria?

«Será o mundo mau?

«Terão, os que estudam, receios de perder o logar que occupam? Estará o gosto pervertido? Será impossivel a critica n'esta terra?

«Mas o mundo não é mau, e só algum misanthropo o poderá affirmar; mas Eduardo Vidal appareceu e foi bem recebido, e era de verdes annos; mas Pinheiro Chagas, tambem na primavera da vida, não encontrou quem lhe contestasse o talento; mas Julio Diniz teve uma ovação explendida para as *Pupillas do sr. Reitor*, e era desconhecido, e não era de Lisboa, e não procurou padrinhos nem compadres, nem thuribularios; publicou o seu li-

[1] Era um elogio ao *Livro de Critica*, e como o sr. Luciano Cordeiro era o redactor da parte noticiosa da *Revolução*, não padece duvida que foi elle o proprio a elogiar-se!

vro, e ainda mesmo antes d'isso, quando aquelle formoso quadro de costumes apparecia em folhetins n'um *Jornal do Porto*, já aqui todos nós festejavamos a apparição d'aquelle sympatico talento.

«Repetimos, porque será que se nega ao sr. L. Cordeiro o que se concede aos outros?

«Diz s. s.ª que se tem dedicado á critica; mas ha critica e critica.

«Para ser bom critico é necessario uma intelligencia robusta, um estylo claro e facil, e uma grande somma de conhecimentos. Devemos accrescentar a isto a delicadeza, sem a qual é impossivel viver em sociedade. Franqueza não é synonimo de má creação, e por este lado o sr. Luciano Cordeiro poderá ser critico na Patagonia ou no paiz dos indios Comanches; entre nós, não.

«Se a vastidão dos conhecimentos se póde avaliar pelos escriptos, os do sr. Luciano Cordeiro fallam de muitos authores e citam muitos livros; mas a sciencia é de livreiro.

«Assim não é difficil escrever livros, e nós que não nos temos na conta de sabio, poderiamos só com os que temos, sem recorrer a bibliothecas, organisar volumes que deslumbrassem até as academias!

«A linguagem do sr. Luciano Cordeiro é mascavada, sem elegancia nem clareza, pedante e charlatã.

«A robustez da intelligencia pretende proval-a este escriptor resistindo aos conselhos da boa razão e do senso commum!

«E depois de tudo isto queixa-se de que não fazem caso d'elle, e de que não respeitam o estudo, a moralidade, a firmeza de caracter e mais qualidades que concorrem na sua pessoa!...

«O sr. Cordeiro ralha quotidianamente contra o elogio mutuo. Ora, diganos, o que será publicar no jornal a que pertence, ou na secção onde escreve, todos quantos elogios se fazem aos seus escriptos? O que será isto? Se não é elogio mutuo, é elogio proprio.

«O sr. Cordeiro julgou que o seu livro era manto de purpura para deslumbrar posteridades; enganou-se, porém, porque aquillo não passa de coberta de retalhos!

«No dia de juizo acontecer-lhe-ha, como disse o grande Miguel Angelo a respeito de uns quadros que viu, ficarão as folhas em branco e por aqui e acolá alguns borrões informes.

«O sr. Luciano Cordeiro disse algures mal do eminente escriptor que a França ainda chora: fallo de Sainte-Beuve.

«Pois entre Sainte-Beuve e o sr. Cordeiro ha a distancia que vae, na esculptura, d'um paliteiro das Caldas a um bronze de Ghiberti, ou de Benevenuto Cellini!

«Isto é que é a verdade; olhe, sr. Luciano Cordeiro, nós somos todos coração e innocencia.

«Vá ouvindo, e Deus queira que estas verdades lhe calem no animo affrontado e torturado pelas *judiarias*.

«*A critica é omnipotente e Luciano Cordeiro é o seu propheta. Crê ou morres. Fóra da minha egreja não ha salvação!*

«Eis aqui o que se lê todos os dias no noticiario do escriptor transmon-

tano, e, apesar d'isto, o *sol ainda illumina os sujeitos* que não reconhecem aquella doutrina. Sempre o sol é muito atrevido!

«E depois de escrever isto vem este senhor affirmar que não é inimigo de ninguem!

«Faça-se benzer, porque n'estas só cae quem anda nas mãos do demonio!

«Assim como a melhor agua de Colonia é a de João Maria Farina, assim tambem a melhor critica que se conhece entre nós é a do senhor noticiarista da *Revolução*. O sr. Luciano Cordeiro é o unico e verdadeiro João Maria Farina da critica.

«Abram o frasco e vejam. O *Paracho d'aldeia*, de Alexandre Herculano, é um *desfastio semi-pastoril!? O methodo escaceia na Historia de Portugal, e a synthese é geralmente esquecida pelo da analyse?*

«Isto é que é critica, e da fina, e Pinheiro Chagas não nos dá d'isto nos seus *livrinhos!*

«E observações d'estas enxamêam nos escriptos do sr. Cordeiro, e tudo isto acompanhado de accusações de *madraços*, de *bestuntos pecos*, de *petulantes*, de *desavergonhados*, de *infames* e *mentirosos*, emfim, o vocabulario completo d'aquelle frade ebrio e devasso chamado José Agostinho de Macedo!

«Vamos terminar, fazendo uma citação d'algumas palavras que o sr. Luciano Cordeiro escreveu a respeito do nosso distincto e elegante poeta o sr. Bulhão Pato.

«Vem ellas a proposito de nos dizer o sr. Luciano Cordeiro na sua carta que não é inimigo de ninguem.

«Eis as palavras que se seguem a uma apreciação do talento do author da *Paquita*:»

«*Outra coisa e peior, mais grave, o tem atrophiado tambem — enfermidade dolorosissima.*»

«D'esta critica é que o sr. Pinheiro Chagas nunca fez nem fará. Estas palavras tinham em França como consequencia certa um duello ou um processo por perdas e damnos. Em Portugal tem, como resposta e castigo, o desprezo do offendido.

«Quem escreve aquillo ou não tem senso moral e é um homem mau, ou então é idiota. Em ambos os casos a misericordia de Deus é infinita.

«E aqui está porque não se falla nos escriptos do sr. Luciano Cordeiro.»

Apesar de ser corrente que essa noticia era da penna do sr. Biester, desforçava-se o sr. Luciano do sr. Pinheiro Chagas na *Revolução de Setembro*, já com uma calumniasinha, já com um remoque ou epigramma ferino, dizendo por último que esse senhor recebêra quantia adiantada por conta de folhetins para o *Jornal do Commercio*, e a cujo compromisso nunca mais satisfizera! Saiu a redacção d'este jornal desmentindo formalmente similhante aleivosia. O *noticiarista* da *Revolução de Setembro* insistiu em affirmar o facto, dando por officiosa a affirmativa da redacção do *Jornal do Commercio*. Entendeu então o sr. Pinheiro Chagas que sua honra offendida exigia uma desaffronta mais completa e mandou desafiar seu aggressor, que não aceitando o repto, este fel-o sciente de que em qualquer logar público que o encontrasse dar-lhe-ia a lição que merecem os malcriados e calumnia-

dores. D'ahi em diante andava o sr. Luciano Cordeiro com um grosso bengalão munido de estoque, e nem isso lhe valeu para que o sr. M. Pinheiro Chagas não lhe escovasse o pello a bom escovar quando o encontrou na rua principal do Passeio Público. Deram os jornaes no seguinte dia noticia do facto e é de um d'elles que a transcrevo:

«*Incidente desagradavel* — Em consequencia da polemica que houve na imprensa entre o sr. Pinheiro Chagas e a *Revolução de Setembro*, entendeu aquelle senhor que devia encarregar os srs. Bulhão Pato e Zacharias d'Aça de pedirem explicações á redacção d'aquelle jornal.

«A redacção disse que o insultador fôra o sr. Luciano Cordeiro, e os amigos do sr. Pinheiro Chagas *declararam-lhe terminantemente que era sua opinião, e era de pessoas de provada honra, que nenhuma questão de pondonor se podia debater com o sr. Luciano Cordeiro* em quanto este senhor não se desaggravasse das affrontas que soffreu do redactor do *Diario Popular*.

«Impossibilitado, pois, o sr. Pinheiro Chagas de obter a satisfação que desejava, e encontrando hoje no Passeio Público o seu insultador, tirou-lhe uma bengala de estoque que levava, ficando o sr. Luciano Cordeiro com o ferro na mão, e quebrou-a aquelle castigando-o com ella! A policia interveiu e poz termo á justa correcção.

«Lastimando sempre estes incidentes desagradaveis, não podêmos, comtudo, deixar de reconhecer que são provocados quasi sempre por quem não medita sobre as palavras que escreve, ou não tem depois a coragem precisa para sustental-as!»

(*Jornal do Commercio* n.º 4970, de 20 de maio de 1870).

Nota F

....a que dignou-se responder-me em termos mui satisfactorios pag. 379.

A carta com que honrou-me o ex.mo sr. conselheiro D. Antonio da Costa, levando sua cortezia e delicadeza a ponto de escrevel-a da cama onde curtia as dores de um ataque de gotta, é do theor seguinte:

«Tive a maior satisfação em receber a carta de V. com data de hontem. Beijo-lhe as mãos pelas expressões tão benevolentes e tão amigas que V. me dirige a proposito do meu último livro — *Tres mundos*.

Agora, permitta-me V. que eu dê explicação ao reparo que V. teve a bondade de fazer, e que se refere á pag. 237 do meu livro. Estimo mesmo que V. me proporcione occasião de a dar.

Em primeiro logar cumpre-me dizer que n'essa mesma pag. 237 eu fiz á nobre nação brasileira a justiça de memorar o acto gloriosissimo e immortal que ella acabava de practicar decretando não só a liberdade do ventre desde logo, como tambem a facilitação de alforria para a escravidão que ainda

ficava existindo, e quanto folguei eu de fazer esta justiça a um povo tão irmão do meu, e com o qual a minha terra está ligada por tantos laços de tradição e de affecto.

Em segundo logar cumpre-me acrescentar que o facto a que me referi n'essa pagina era facto não de generalidade, mas de excepção, e a prova cabal e clara d'isto, é mesmo a expressão de que usei — ha senhores. — Esta expressão indica evidentemente que o author se refere só a alguns d'entre todos, e não á maioria, aliás dever-se-ia dizer — os senhores no Brasil — e não — ha senhores.

Ora, que em todas as classes respeitaveis ha excepções que o não são, é evidente; sem que essas excepções prejudiquem a respeitabilidade geral. Estou persuadido de que a immensa maioria de senhores, mesmo quasi a unanimidade, tracta com caridade os seus escravos. Quererá isto dizer que não haja alguns, por poucos que sejam, que deixem de ter com os seus escravos a caridade e mesmo o que o dever impõe? De certo que não. Não se lê, até uma ou outra vez nos jornaes, o caso de ser algum senhor morto ou ferido pelos seus escravos? De certo que esses factos, que uma ou outra vez se tenham dado, não podem ser attribuidos a serem esses escravos tractados com humanidade e com amor.

Finalmente, devo acrescentar que a passagem da dita pag. 237 foi meramente accidental, como referencia de exemplo casual em relação á epocha romana.

Não sei se tenho explicado bem a minha idéa, de que a minha referencia não era ao facto *geral*, mas só ao excepcional, e que, portanto, em nada implica não só á verdade da exposição que V. tão lucidamente apresenta na carta com que hontem me honrou, como a dedicação affectuosa, e o immenso amor que tenho sempre consagrado e continúo a consagrar á briosa nação brasileira.

Desculpe V. o desalinho d'esta carta, escripta ainda na cama, onde, como sabe, me acho retido por um ataque de gotta: e creia que me prezo de ser, com verdadeira e profunda estima,

Lisboa, 25 de maio de 1873.

De V. etc.

ANTONIO DA COSTA

BIBLIOTHEQUE SAINTE

INDICE

PAGINAS

ADVERTENCIA VII

SCIENCIAS

QUESTÃO MEDICO-FORENSE (a loucura instantanea e transitoria) 3
HYHIENE PÚBLICA (exame do cemiterio da Sancta Casa da Misericordia 23
QUESTÕES ECONOMICAS E ADMINISTRATIVAS.
I Os nossos indigenas 47
II O canal do Arapapahy 60
III Carnes verdes (additamento) 295

LETTRAS

TENTATIVAS HISTORICAS
I Os francezes no Maranhão 75
II A independencia do Maranhão e Salvador Corrêa de Oliveira 114
A GUERRA DO PARAGUAY 145
A LITTERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA 187
QUESTÃO PHILOLOGICA 235
D. ANTONIO DA COSTA E SUAS OBRAS 247
IMPRRSSÕES DE UM SERÃO LITTERARIO 283
NOTAS 320

BIBLIOTHEQUE

INDICE

PAGINAS

ADVERTENCIA VII

SCIENCIAS

Questão Medico-Forense (a loucura instantanea e transitoria) 3

Hygiene Publica (exame do cemiterio da Sancta Casa da Misericordia) 23

Questões Economicas e Administrativas

I Os nossos indigenas 47

II O canal do Arapahy 60

III Carnes verdes (additamento) 205

LETTRAS

Tentativas Historicas

I Os francezes no Maranhão 75

II A independencia do Maranhão e Salvador Corrêa de Oliveira 114

A Guerra do Paraguay 145

A Litteratura Brasileira Contemporanea 187

Questão Philologica 235

D. Antonio da Costa e suas Obras 247

Impressões de um Senão Litterario 283

NOTAS 320

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
7	31	absolver em	obsolverem
10	10	accessos	accesso
16	23	resultou-lhe	resultaram-lhe
23 nota	7	que	e
» »	8	e seus	a seus
25	2	inuquas	inoquas
29	13	uma a outra	uma e outra
31	5	sotapostas	sotopostas
32	28	tractadas	tractados
48	21	vae	veiu
»	23	frequencia,	frequencia;
59	6	*cupucins*	*capucins*
63	20	atravessado	atravessadas
76	1	que	de que
»	21	que	dos que
88	2	Rasilly,	Rasilly
93	7	e por excellencia	por excellencia
121	26	vente	ventos
131 nota	1	Bayona do Lago	Bayma do Lago
132	10	fortuga	fortuna
135	22	contribuiu	contribuiram
137	9	Tutroya	Tutoya
154	17	venha	venham
155	31	guarauy	guarany
170	15	ministerio,	ministerio.

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
181	26	tornarem-lhe	tornarem-se-lhe
187 nota	1	1974	4974
213	4	cruzam-sa	cruzam-se
221	6	doidas,	doïdas
222	7	prepardo	preparado
232	12	o sac	os ac
254	29	damais	demais
274	14	desmerecem	desmerece
303	9	que vantajoso	vantajoso

Deixo de apontar outros lapsos typographicos de menos importancia, taes como lettras dobradas e invertidas, e falta de accento nas palavras homographas; porque a perspicacia do leitor os supprirá.

OBRAS

DO

...QUES LEAL

...ão.

...a dos Jesuitas no Brasil —